

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA - PPGTE

ANA CLAUDIA CAMILA VEIGA DE FRANÇA

**INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS NO COTIDIANO, MEDIADA POR
SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA
2011

ANA CLAUDIA CAMILA VEIGA DE FRANÇA

**INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS NO COTIDIANO, MEDIADA POR
SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Maristela Mitsuko Ono

CURITIBA

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F814 França, Ana Claudia Camila Veiga de
Interação social de pessoas surdas no cotidiano, mediada por
sistemas de produtos e serviços de comunicação / Ana Claudia Camila
Veiga de França. — 2011.
254 f.: il.; 30 cm

Orientadora: Maristela Mitsuko Ono.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do
Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Curitiba, 2011.
Bibliografia: f. 224-243.

1. Tecnologia – Aspectos sociais. 2. Surdez – Aspectos sociais. 3.
Surdos – Meios de comunicação. 4. Comunicação. 5. Cultura material.
6. Acessibilidade. 7. Interação social. 8. Tecnologia – Dissertações. I.
Ono, Maristela Mitsuko, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do
Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia. III. Título.
CDD (22. ed.) 600

TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação Nº 342

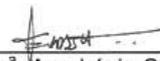
Interação social de pessoas surdas no cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação

por

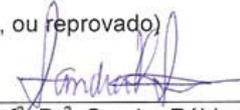
Ana Claudia Camila Veiga de França

Esta dissertação foi apresentada às 14:00 horas
do dia **25 de março de 2011** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM TECNOLOGIA, Área de Concentração – Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Interação, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A candidata foi argüida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO

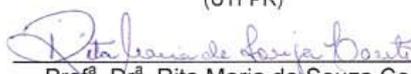
(aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado)



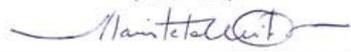
Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Santos Verdasca
Guimarães
(UTFPR)



Prof.^a. Dr.^a. Sandra Rúbia da Silva
(UTP - PR)

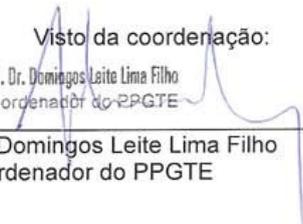


Prof.^a. Dr.^a. Rita Maria de Souza Couto
(PUC - Rio)



Prof.^a. Dr.^a. Maristela Mitsuko Ono
(UTFPR)
Orientadora

Visto da coordenação:



Prof. Dr. Domingos Leite Lima Filho
Coordenador do PPGTE

Prof. Dr. Domingos Leite Lima Filho
Coordenador do PPGTE



Mão feita por Ana Claudia França em parceria com a Escola Apás Curitiba para o Dia do Surdo 2010

Ao meu irmão Luiz Eduardo.

AGRADECIMENTOS

São muitas as estrelas que guiaram meu caminho durante esta jornada. Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigada por me acompanharem, disporem de tempo, partilharem de suas vidas e ideias. Agradeço sinceramente pela oportunidade de conhecê-los e de vivenciar momentos tão especiais.

Ao PPGTE, UTFPR e CNPq, pela oportunidade e auxílios financeiros que viabilizaram este trabalho.

Agradeço especialmente à Professora orientadora Maristela Mitsuko Ono, pela dedicação, competência, doçura, amizade e paciência infinita.

Ao meu irmão Luiz Eduardo, inspiração para minhas escolhas, que com amor, carinho e sinais me proporciona aprendizado contínuo.

Aos tradutores(as) e intérpretes de Libras, que com solicitude e competência me auxiliaram durante as entrevistas: Ana Paula Almeida, Eva Egevardt, Michelle Bernardi, Zorildo Alves Pinheiro, Fabiana S. do Nascimento e Lindamir Oliveira.

À Professora Luciana Martha Silveira, por conduzir meus primeiros passos no Mestrado, com gentileza e atenção.

Às Professoras Ana Lúcia Santos Verdasca Guimarães; Karin Lilian Strobel, Rita Maria de Souza Couto e Sandra Rúbia da Silva, pelas valiosas contribuições durante as bancas de qualificação e defesa.

Às pessoas surdas e familiares ouvintes que dispuseram de seu tempo e compartilharam experiências emocionantes: Iraci Suzin, Francieli Moresco, Elias Matias, Marcia Matias, Glauce Gonçalves, Ingeborg Strobel, Éden Veloso de Almeida, Josiane Poleski, Jorge Daniel Poleski, Josefa Poleski, Valéria Lemos Fernandes, Maria Florinda Lemos, Mauricio Fernandes, Elizanete Favaro, Dagoberto Rocha Fagotti; Mauricio Lima dos Santos, Rosani Suzin Santos, Emanuell Suzin

Santos, Fabiana S. do Nascimento, Washington do Nascimento, Majori Gallucci, Philippe Corrales de Oliveira, Elizabeth Gallucci, Daiane Ferreira e Vanessa Casali.

Às pessoas que me auxiliaram de alguma maneira durante a pesquisa. Especialmente à Arlete Zilli, Bruna Andrade, Daniel Simões e Luci Iachinski.

À Iraci Suzin, que prontamente disponibilizou inúmeras edições da Revista da Feneis para pesquisa e me auxiliou em diversos momentos.

À Escola Apás e à Feneis de Curitiba, que gentilmente cederam seus espaços para entrevistas.

Aos professores e colegas do PPGTE. Especialmente ao Professor Luiz Ernesto Merkle e Marilda Lopes Pinheiro Queluz, pela troca de ideias e incentivo e às queridas colegas Conceição Garcia Martins, Maureen Schaefer França e Renata Silva, pela companhia, conversas, risadas e apoio.

Aos colegas de docência do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da UTFPR, pelo apoio e incentivo. Especialmente às professoras Ana Paula França Carneiro da Silva, Carolina Daros e Gheysa Prado, que com prontidão compartilharam de tantos momentos de alegria e dificuldades.

Aos amigos, pela amizade sincera, compreensão, carinho e apoio. Especialmente à: Carolina Corção, João Afonso Correia Malinowski, Felipe Machado de Souza e Ana Luíza Campanholo.

À Karin Oertel Lee, amiga querida que gentilmente me auxiliou na revisão do *abstract*.

Aos meus pais, que com amor incondicional me proporcionaram experiências de aprendizado e crescimento, que me conduziram até o presente momento.

Aos meus avós, pelo amor e compreensão nos momentos de minha ausência durante a pesquisa.

Ao Augusto, pelo amor, compreensão, companheirismo, amizade, participação direta durante toda a pesquisa, em momentos de angústia e alegria, com paciência

interminável, carinho e dedicação, guiando meus passos amorosa e calorosamente. Obrigada pela prontidão com que aceitou participar de todas as entrevistas, filmando e fotografando, revisar inúmeras vezes a formatação e me amparar nos momentos em que o computador parecia estar contra mim.

Muito obrigada!

O desenho da sua vida constitui,
de certa forma, um poema.
Por sua singularidade.
Originalidade. Surpresa.

Paulo Leminski. Cruz e Sousa: o negro branco. p.66.

RESUMO

FRANÇA, Ana Claudia Camila Veiga de. Interação social de pessoas surdas no cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação. 2011. 254f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

A presente dissertação tem como propósito investigar como se desenvolve a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, identificando possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades de usos. O referido estudo segue uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza interpretativa. Os procedimentos incluem entrevistas semiestruturadas com pessoas surdas e ouvintes, bem como observação e questionário complementar. Considera-se que as pessoas surdas, muitas vezes consideradas como pertencentes a um grupo “minoritário”, podem sentir-se incluídas ou excluídas ao terem ou não acesso a determinados artefatos e sistemas da sociedade. A partir de discussões que envolvem tecnologia, sociedade e surdez, espera-se contribuir com futuros estudos que apontem possibilidades de transformações positivas e efetivas à sociedade, dentre elas, a inclusão social de grupos como o dos surdos, que, apesar de inegáveis conquistas, ainda têm acesso relativamente restrito à sociedade, seja mediante a cultura material, seja pela comunicação. Os resultados da pesquisa ressaltam a importância de se investigar com maior profundidade temas correlatos a esta problemática, incluindo-se o desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços de comunicação para surdos, e contribuições na identificação de requisitos para tal desenvolvimento.

Palavras-chave: Tecnologia e Sociedade. Surdez. Comunicação. Acessibilidade.

ABSTRACT

FRANÇA, Ana Claudia Camila Veiga de. Deaf persons social interaction on daily life mediated by products systems and communication services. 2011. 254f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

This research aims at investigating how deaf persons socially interact on daily life mediated by products systems and communication services, identifying possible difficulties/ facilities, interventions and/or particular uses. The research methodology follows a qualitative approach of interpretative nature. The procedures include: semi-structured interviews with deaf and hearing persons, as well as observation and a complementary questionnaire. Deaf people are generally considered part of a minority, and can feel included or excluded from society by having or not having access to certain artifacts and systems. Considering technology, society and deafness issues, this study aims to contribute with future studies that could possibly lead to positive and effective society transformations, including the social inclusion of groups, such as deaf, that although have reached important achievements, still have restricted access to society, either through material culture or communication. The results from the research emphasize the need for a deeper investigation of the issues related to this problem, such as product systems and communication services development, also contributing to identifying the requirements for its development.

Keywords: Technology and Society. Deafness. Communication. Accessibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aparelhos de som, televisão, DVD e videogame de Luiz Eduardo nas casas do pai e da mãe, respectivamente	23
Figura 2 - Luiz Eduardo e seu telefone celular	24
Figura 3 - Cartaz da Campanha Nacional da Saúde Auditiva	38
Figura 4 - Amy Winehouse e Carl Fredricksen na campanha “ <i>Hear the World</i> ”	39
Figura 5 - Quadro intitulado “Family Dog”, da artista surda Susan Dupor	51
Figura 6 - Mãos de argila sinalizando letras do alfabeto em Libras, produzidas por alunos da Apás, em 2009	51
Figura 7 - Esquema do modelo mecânico de comunicação	55
Figura 8 - Sinal da palavra “cooperar” seguido da sua representação correspondente na língua de sinais escrita (<i>SignWriting</i>)	59
Figura 9 - Capa e página interna do livro “Rapunzel Surda”, em português e <i>SignWriting</i>	59
Figura 10 - Capa da Revista da Feneis n. 27	72
Figura 11 - Localização das sedes da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - Feneis, no Brasil.	75
Figura 12 - Capa da Revista da Feneis	76
Figura 13 - Fatores que influenciam o processo do design	84
Figura 14 - Máquina de lavar e máquina de secar “Duet Sport”, da Whirpool, Estados Unidos	88
Figura 15 - Campanha auxiliar para telefone	89
Figura 16 - Destaque de Veloso e Filho (2010) sobre a importância de sinais visuais para pessoas surdas	91
Figura 17 - Placas indicativas em português e Libras da Escola Apás e Feneis Curitiba	92
Figura 18 - Benefícios proporcionados pela inclusão no âmbito empresarial	93
Figura 19 - Corneta acústica antiga	96
Figura 20 - Artigo “Orelhas falsas para surdos”	97

Figura 21 - Vaso de flores “receptáculo” e vaso de flores “receptáculo” em cena de uso	98
Figura 22 - Leque de abano com corneta acústica embutida	98
Figura 23 - Poltrona acústica que pertenceu a D. João VI	99
Figura 24 - Anúncio “Barulhos ajudam os surdos”	100
Figura 25 - Notícia “ Luz elétrica avisa datilógrafo surdo”	101
Figura 26 - Notícia “Sou muito surda, mas escuto”	102
Figura 27 - Símbolo internacional da surdez	103
Figura 28 - Símbolo internacional da deficiência e Símbolo indicativo de telefone com teclado	105
Figura 29 - Símbolos de acessibilidade propostos pela Graphic Artists Guild Foundation (GAGF), de Nova York	105
Figura 30 - Campanha publicitária do modelo de aparelho auditivo “Passion”, veiculada na internet	107
Figura 31 - Acessório da Nokia que viabiliza a utilização de alguns celulares por usuários de aparelhos auditivos	107
Figura 32 - <i>Surround Sound Eyewear</i> projetado por Industrial Facility para RNID..	108
Figura 33 - Personagem surdo da coleção de jogos educativos para surdos da Xalingo	109
Figura 34 - Capa da Revista da Feneis	110
Figura 35 - Campanha da Legenda Nacional	111
Figura 36 - Dicionário de legendas ocultas	113
Figura 37 - Folder do projeto “Videoteca - Cinema Nacional Legendado”	114
Figura 38 - Legendas ocultas no youtube e possíveis variações de tamanho e cor de fundo	116
Figura 39 - TeleLibras	118
Figura 40 - Notícia veiculada pela rádio CBN disponível em Libras na <i>internet</i>	119
Figura 41 - Anúncio publicitário do Box Telemar Inteligente	120
Figura 42 - Capa da Revista da Feneis n. 7	120
Figura 43 - Formas de comunicação mais utilizadas pelos surdos	122

Figura 44 - Serviço que permite receber e enviar mensagens de texto na Língua Brasileira de Sinais (Libras).....	124
Figura 45 - Esquema de funcionamento do aplicativo de celular FoneFácil.....	125
Figura 46 - Aparelho celular Nokia 7020 compatível com aparelhos auditivos	126
Figura 47 - Telefone celular Geemarc CL8200	126
Figura 48 - Dicionários de sinais da ASL.....	128
Figura 49 - VPAD	129
Figura 50 - Esquema de como funciona a Central de Intermediação de Comunicação (CIC) para pessoas surdas.....	130
Figura 51 - Informativo sobre o telefone público para surdos (TDD).....	130
Figura 52 - Adaptador e aparelho da Nokia compatível com TDD	132
Figura 53 - Despertador residencial e despertador portátil “lauden” para surdos e deficientes auditivos	133
Figura 54 - Projeto conceitual de anel relógio despertador	134
Figura 55 - Cena do vídeo “we love music, too. Music accessibility campaign”	135
Figura 56 - Cena do vídeo “ <i>We love music, too. Music accessibility campaign</i> ”	135
Figura 57 - Casa adaptada para o bebê surdo da Escola para Crianças Surdas de Rio Branco.....	136
Figura 58 - Banheiro da Escola Apás Curitiba, sinal luminoso alerta que o banheiro está ocupado.....	136
Figura 59 - Detalhe da Babá Eletrônica 900Mhz B1474 Fisher Price	137
Figura 60 - Funcionamento da CELIG.....	138
Figura 61 - Estrutura de perguntas do questionário	141
Figura 62 - Tradução e interpretação das perguntas do questionário para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).....	142
Figura 63 - Sede da Feneis, em Curitiba.....	150
Figura 64 - Estrutura geral do protocolo de entrevistas para pessoas surdas.....	151
Figura 65 - Estrutura do protocolo de entrevistas para familiares de pessoas surdas	152
Figura 66 - Pesquisadora, tradutora e intérprete de sinais e entrevistado surdo	154

Figura 67 - Mapa das relações sociais entre os participantes.....	157
Figura 68 - Grupos de surdos (as) mais frequentados, de acordo com a frequência com que foram citados	166
Figura 69 - Logomarca de associações e grupos de surdos brasileiras.....	167
Figura 70 - DVD's de Conteúdo religioso em Libras de Fabiana e Washington	170
Figura 71 - Esquema de comunicação de Éden.....	174
Figura 72 - Esquema de comunicação de Jorge	174
Figura 73 - Esquema de comunicação de Josiane.....	175
Figura 74 - Trabalho de conclusão de curso de Design de Majori - jogos educativos para crianças surdas	177
Figura 75 - Produtos considerados mais importantes para a comunicação, segundo participantes surdos (as) e ouvintes	179
Figura 76 - Celular de Josiane	180
Figura 77 - Telefone celular de Josiane, após mudança dos botões e peças externas	181
Figura 78 - Maneira como os participantes surdos (as) despertam pela manhã	183
Figura 79 - Relógio despertador vibratório de Valéria	183
Figura 80 - Washington e seu relógio despertador vibratório	184
Figura 81 - Valéria e seu TDD.....	186
Figura 82 - Preferência dos participantes surdos (as) em relação a legenda e janela com tradutor(a) e intérprete na televisão.....	187
Figura 83 - Iluminação com sensor de movimento	195
Figura 84 - Funcionamentos da campanha dos entrevistados surdos (as), de acordo com a frequência com que foram citados.....	196
Figura 85 - Washington comandando seu cachorro por sinais.....	196
Figura 86 - Campanha luminosa integrada a decoração da casa de Mauricio Santos e Rosani	197
Figura 87 - Aparelhos que já passaram por adaptações, de acordo com a frequência com que foram citados	198
Figura 88 - Aparelho de massagem utilizado por Mauricio Lima para adaptar aviso vibratório em babá eletrônica	199

Figura 89 - Lugares onde participantes surdos (as) costumam sentir falta de intérpretes, de acordo com a frequência com que foram citados	200
Figura 90 - Sistema de atendimento intermediado por painel luminoso	204
Figura 91 - Principais sugestões de artefatos, de acordo com a frequência com que foram citados.....	205

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produtos eletroeletrônicos considerados mais importantes no cotidiano dos participantes da pesquisa com questionário.....	145
Gráfico 2 - Percentual de familiares ouvintes que utilizam a língua de sinais	176
Gráfico 3 - Opiniões de familiares ouvintes acerca da língua de sinais	176
Gráfico 4 - Opinião dos participantes surdos (as) em relação ao TDD	185
Gráfico 5 - Percentual de barreiras em relação televisão.....	189
Gráfico 6 - Opinião dos participantes surdos (as) em relação ao aparelho auditivo	193
Gráfico 7 - Percentual de surdos (as) que já realizaram intervenções em aparelhos	197

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pergunta de pesquisa e temas decorrentes Fonte: Autoria própria	27
Quadro 2 - Fases da pesquisa	31
Quadro 3 - Fatores referentes aos conceitos de “surdo(as)” e “deficiente auditivo(a)”	37
Quadro 4 - Tipos de identidades surdas.....	52
Quadro 5 - Algumas das principais medidas oficiais e manifestações acerca dos direitos das pessoas surdas, ocorridas entre 1996 e 2002	71
Quadro 6 - Algumas das principais medidas oficiais acerca dos direitos das pessoas surdas entre 2005 e 2010.....	74
Quadro 7 - Levantamento das notícias anunciadas nas edições da revista da Feneis entre 2002 e 2008	79
Quadro 8 - Estratégias de acessibilidade propostas por Erlandson (2008).....	90
Quadro 9 - Estratégias de acessibilidade mais consideradas.	94
Quadro 10 - Serviços para pessoas surdas, oferecidos pelas operadoras Claro, Vivo, Oi e TIM.....	122
Quadro 11 - Questões relativas a barreiras de uso; adaptações e intervenções e sugestões de melhorias.....	146
Quadro 12 - Perfil dos participantes	156
Quadro 13 - Principais sugestões de artefatos identificados nos relatos dos(as) entrevistados(as).....	208
Quadro 14 - Sugestões de acessibilidade para produtos e serviços voltados a pessoas surdas	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico 2000 sobre a população surda no Brasil	66
Tabela 2 - Dados do Censo Escolar 2003 sobre surdos matriculados na rede de ensino do Brasil.....	66
Tabela 3 - Pesquisa sobre quais programas de televisão pessoas surdas gostariam que fossem legendados	112
Tabela 4 - Perfil dos participantes do questionário.....	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
ADAP	Associação dos deficientes auditivos, pais, amigos e usuários de implante coclear
ADAVIDA	Associação dos Deficientes Auditivos - Visuais
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
APÁS	Associação de Pais e Amigos de Surdos
ASC	Associação de Surdos de Curitiba
ASL	<i>American Sign Language</i> (Língua de Sinais Americana)
Art.	Artigo
BSL	<i>British Sign Language</i> (Língua de Sinais Britânica)
CBS	Confederação Brasileiros de Surdos
CCCS	Centre for Contemporary Cultural Studies
CEDOC/ Feneis	Centro de Documentação e Pesquisa em Libras e Cultura Surda da Feneis
CERTIC	Centro de Engenharia de Reabilitação em Tecnologias de Informação e Comunicação
CIC	Central de Intermediação de Comunicação
COFFITO	Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
CPL	Centro de produção de legendas
ECS	Escola para Crianças Surdas de Rio Branco
EFTA	Escola de ensino especial
Db	Decibéis
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
GAGF	Graphic Artists Guild Foundation
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILS	Intérprete da Língua de Sinais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
MEC	Ministério da Educação
MSN	<i>Microsoft Service Network</i>
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
P.E.N.	Poetas, ensaístas e novelistas
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
RNID	Royal National Institute for Deaf People
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SMS	<i>Short Message Service</i>
SULP	Surdos usuários da Língua Portuguesa
TDD	<i>Telephone Device for the Deaf</i>
TILS	Tradutor(a) e intérprete de Sinais
TS	Telefone para Surdos
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e
Cultura

UTFPR

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	24
1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	27
1.3 OBJETIVOS.....	27
1.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	28
1.5 ESTRUTURA GERAL DA DISSERTAÇÃO	32
2 PESSOAS SURDAS, CULTURA E COMUNICAÇÃO	34
2.1 CONCEITOS ACERCA DA SURDEZ: SURDO-MUDO E DEFICIENTE AUDITIVO	34
2.2 PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO	37
2.3 OUVINTISMO E ORALISMO	41
2.4 CULTURAS SURDAS: ESTUDOS CULTURAIS E SURDEZ	45
2.4.1 Conceito de cultura e diversidade cultural	46
2.4.2 Identidades surdas.....	49
2.5 COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS.....	54
2.5.1 Comunicação e cultura	54
2.5.2 A Língua de Sinais.....	56
2.5.3 Relações sociais.....	60
2.5.4 A importância do(a) tradutor(a) e intérprete da Língua de Sinais	64
2.6 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DE PESSOAS SURDAS NO BRASIL.....	65
2.6.1 Panorama atual dos surdos no Brasil	65
2.6.2 Direitos e políticas públicas referentes a surdos.....	67
2.6.3 Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a Revista da FENEIS.	74
3 RECURSOS TECNOLÓGICOS E SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO PARA PESSOAS SURDAS	80
3.1 CULTURA MATERIAL	80
3.2 DESIGN E ACESSIBILIDADE	83
3.3 SURDEZ EM DISFARCE: PRIMEIROS ARTEFATOS UTILIZADOS PARA COMUNICAÇÃO DE PESSOAS SURDAS	96
3.4 RECURSOS TECNOLÓGICOS E SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO EXISTENTES PARA PESSOAS SURDAS NO BRASIL E EXTERIOR	102
3.4.1 Símbolos internacionais de acessibilidade	102
3.4.2 Aparelhos auditivos.....	106
3.4.3 Recursos visuais de comunicação.....	109

4 INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS, MEDIADA POR SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO	140
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	140
4.1.1 Questionário semiaberto.....	140
4.1.1.1 Perfil dos participantes.....	143
4.1.1.2 Resultados	144
4.1.2 ENTREVISTAS	149
4.1.2.1 População de amostra	150
4.1.2.2 Protocolo de entrevistas.....	151
4.1.2.3 Entrevistas semiestruturadas filmadas.....	152
4.1.2.4 Triangulação dos dados.....	154
4.1.2.5 Perfil dos entrevistados.....	155
4.1.3 Interação social.....	159
4.1.3.1 Barreiras e facilitadores em sistemas de produtos e serviços de comunicação	178
5 SUGESTÕES DE MELHORIAS EM SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO	207
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	216
REFERÊNCIAS	224
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	245
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SURDOS E SURDAS	250
APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA FAMILIARES OUVINTES	252
APÊNDICE D - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	253
APÊNDICE E – SLIDES DA APRESENTAÇÃO	254

1 INTRODUÇÃO

Para pessoas surdas, a comunicação e o acesso à informação e ao conhecimento ainda é, comumente, uma forte barreira no cotidiano. Embora uma série de artefatos tecnológicos e sistemas de produtos e serviços já tenham sido desenvolvidos, cabe uma maior atenção sobre o modo como eles vem contribuindo, efetivamente, para a emancipação e autonomia dos sujeitos surdos, considerando-se e respeitando-se também a complexidade e diversidade de fatores culturais e sociais. Considerando-se tais produtos e serviços como parte integrante do processo de construção do conhecimento, é inquestionável sua relevância no desenvolvimento das pessoas e para o bem-estar da sociedade.

Levando-se em consideração perspectivas acerca de aspectos culturais e sociais da surdez elaboradas por autores(as) como Sacks (2010), Lane (1993) e Strobel (2008), assim como os direitos assegurados à pessoa surda no Brasil, a exemplo da Lei Federal 10.436/02 e do Decreto 5626/2005, esta pesquisa tem como objetivo identificar e analisar como se dá a interação social de pessoas surdas, mediada por sistemas de produtos e serviços, e possíveis dificuldades e facilidades proporcionadas, que podem promover a sua exclusão ou a inclusão, em diversas esferas da sociedade.

A pesquisa baseia-se, principalmente, no relato de experiências de pessoas surdas - variando em idade, nível de surdez, classe social e escolaridade. Procura-se, ainda, compreender como fatores culturais, experiências de vida, relações sociais e, mais especificamente, relações familiares, são influenciados e influenciam a comunicação entre pessoas surdas, em um mundo predominantemente “ouvinte”.

Seguindo uma metodologia com abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, com pesquisa quantitativa complementar, são também analisados diferentes pontos de vista de sujeitos ligados, direta ou indiretamente, à sede regional, em Curitiba, da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – Feneis. A Feneis Curitiba tem como principal objetivo o ensino e divulgação da Língua Brasileira de Sinais (Libras)¹; também conhecida como Língua de Sinais

¹ É uma das siglas para referir-se à língua brasileira de sinais: Língua Brasileira de Sinais. Esta sigla é difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - Feneis. (QUADROS, 2004, p. 8).

Brasileira (LSB)²; assim como a capacitação e profissionalização de tradutores(as) e intérpretes, tendo contato de parte representativa de pessoas surdas em Curitiba.

A escolha do referido tema de pesquisa justifica-se, além de pela sua relevância social e cultural, pelo contato da autora com a comunidade surda, tendo em vista que seu irmão, Luiz Eduardo, é surdo desde os três anos de idade. Acompanhando seu desenvolvimento, despertaram-se na autora curiosidade e admiração acerca da maneira singular do irmão em comunicar-se e relacionar-se com o mundo. Luiz comunica-se em Libras, não sendo oralizado³ (embora tenha frequentado fonoaudiólogos e escolas oralistas⁴), teve contato tardio, aos 10 anos, com a língua de sinais e outros(as) surdos(as). E, embora a surdez profunda o prive de uma definição qualitativa do som, gosta de usar aparelhos auditivos para assistir televisão, “escutar” rádio (Figura 1) ou até mesmo “falar” ao telefone (Figura 2), pois Luiz, embora saiba que não possa comunicar-se oralmente, ao saber que se trata de algum familiar ou conhecido, imediatamente coloca o telefone no ouvido e balbucia algumas palavras, manifestando seu desejo de se expressar e estabelecer comunicação.



Figura 1 - Aparelhos de som, televisão, DVD e videogame de Luiz Eduardo nas casas do pai e da mãe, respectivamente

Fonte: Foto de autoria própria.

² É outra sigla para referir-se à língua brasileira de sinais: Língua de Sinais Brasileira. Esta sigla segue os padrões internacionais de denominação das línguas de sinais. (QUADROS, 2004, p. 9). Nesta dissertação, optou-se pela utilização da sigla Libras, por ela ser mais conhecida e utilizada, além de ser o termo utilizado para referir-se à língua de sinais brasileiras nos documentos oficiais.

³ Termo utilizado para designar surdos e surdas que aprenderam a oralizar palavras e a realizar leitura labial.

⁴ Escolas que utilizam o método de ensino oralista focalizam no ensino da oralização das palavras e leitura labial.



Figura 2 - Luiz Eduardo e seu telefone celular

Fonte: Foto de autoria própria.

Instigada pelo comportamento do irmão frente a artefatos cotidianos de comunicação, a autora desta dissertação sentiu-se fortemente motivada a aprofundar-se em estudos e pesquisas acerca da interação entre surdos(as) e de surdos(as) com a sociedade ouvinte, relação esta que comumente é mediada por produtos ou sistemas de serviços, mas que envolve também relações familiares, a percepção do que é ser surdo por parte dos ouvintes, experiências particulares do indivíduo surdo, dentre outras questões. Outra motivação advém de sua formação na área de design, o que tem promovido uma atenção especial voltada ao desenvolvimento de artefatos para a sociedade.

A presente pesquisa almeja, assim, contribuir para uma compreensão mais ampla acerca da surdez, considerando-a não apenas como condição biológica, mas também cultural e social. Mais especificamente, busca identificar e analisar o modo como se dá a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, e propor recomendações para melhor adequá-los a elas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A surdez, condição muitas vezes reduzida à circunstância biológica, é também uma condição cultural, linguística e social, tendo imbricado em seus vários sentidos o olhar do “outro”, neste caso, dos não-surdos ou; como são comumente referidos, dos ouvintes. Este olhar, por vezes, está carregado de concepções

etnocêntricas, que acabam se refletindo em produtos e sistemas de serviços de comunicação voltados ou não para pessoas surdas. Quando tais produtos e serviços são engendrados sem a participação ou a consideração de sujeitos surdos no processo de concepção e desenvolvimento acabam, não raro, sendo incompatíveis com as necessidades sociais e culturais de pessoas surdas.

Segundo dados do Censo 2000⁵ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há no Brasil 5.750.805 pessoas com problemas relacionados à surdez, sendo que 519.460 estão na faixa de 0 a 17 anos e 256.884 entre 18 e 24 anos. No país, havia 56.024 surdos matriculados na educação fundamental; 2.041 concluíram o ensino médio; 344 no ensino superior, segundo o último Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/INEP) de 2003. Do total de surdos matriculados, somente 3,6% conseguiu concluir a educação básica. Há um afunilamento acentuado da população estudantil surda, à medida que o grau de estudo aumenta, o que ocorre principalmente devido às barreiras na comunicação entre alunos surdos e professores (REVISTA DA FENEIS, n. 30, 2006).

Tais estatísticas colocam a surdez e a deficiência auditiva como realidade expressiva da sociedade brasileira. Assim, a desconsideração quanto à forma de comunicação, de perceber o mundo e interagir com este do sujeito surdo pode levar a produtos e sistemas de serviços inadequados e ineficientes, quando não inexistentes, reforçando a exclusão social e cultural deste grupo.

Embora muitas soluções propostas estejam centradas na audição, é urgente o entendimento de necessidades reais, considerando-se as características biológicas em relação ao contexto geográfico, histórico e cultural no qual os sujeitos estão inseridos. Como afirma Laraia (2006, p. 19), “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação”, que está relacionado também com a forma como as pessoas são educadas e das experiências vividas, o que é bastante variável não apenas de um país para outro, mas até mesmo em uma única família. No caso de surdos (as), filhos (as) de pais ouvintes, a distinção está principalmente no uso de línguas distintas; a língua de sinais, primeira língua de parte significativa dos sujeitos surdos e que se caracteriza

⁵ No Brasil, o Censo Demográfico é efetuado pelo IBGE, a cada dez anos. O XII Censo Demográfico do país foi realizado a partir de agosto de 2010 e a divulgação dos primeiros resultados teve início em dezembro do mesmo ano. Informações referentes a pessoas surdas e deficientes ainda não foram divulgadas (CENSO 2010).

como forma de comunicação viso-espacial; e a língua oral. Assim, a incompreensão e ignorância em relação à comunicação de surdos (as) dentro do contexto familiar, escolar e em outras esferas da vida social acabam por comprometer o desenvolvimento psicossocial e o bem-estar da pessoa surda.

Surdos (as), usuários ou não da língua de sinais, estabelecem uma forma diferenciada de perceber e se comunicar com o mundo. Cabe observar que línguas de sinais são sistemas linguísticos, visuais e espaciais, intimamente vinculados à organização social e cultural. Como argumenta Woodward (2000, p. 15), “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”, e, embora seja um dos locais envolvidos, muitas vezes é considerado como o único, principal e determinante, seja pela condição de surdo ou ouvinte, pela cor, sexo, altura, dentre outras atribuições físicas e biológicas. Embora existam aspectos igualmente compartilhados da cultura, a construção da identidade se constitui a partir de diferentes experiências, sendo, portanto, multidimensional, complexa e diversa. As possíveis identidades dos sujeitos surdos, assim como a de qualquer sujeito, envolvem uma complexidade de questões que vão além da condição auditiva.

As pessoas surdas, assim como diversos grupos da sociedade, sentem-se incluídas ou excluídas ao terem ou não acesso a determinados produtos, serviços e informações. A comunicação e o acesso à informação e ao conhecimento são fatores de grande relevância para o desenvolvimento do ser humano, assim como para sua integração na sociedade. Portanto, compreender particularidades, necessidades específicas e formas de uso, apropriação e construção do conhecimento são também parte do processo da promoção da emancipação, independência e bem-estar dos sujeitos.

No âmbito de tantos recursos que possibilitam a interação e a comunicação entre as pessoas, como se desenvolve a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação? E, mais especificamente, quais são as possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades / requisitos de usos?

O Quadro 1 representa a pergunta de pesquisa principal e possíveis questões associadas:



Quadro 1 - Pergunta de pesquisa e temas decorrentes

Fonte: Autoria própria

1.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa focaliza a interação de pessoas surdas usuárias da língua de sinais em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, investigando surdos (as), amigos (as) e familiares, ligados, direta e/ou indiretamente, à sede regional da Feneis de Curitiba. São analisados também sistemas de produtos e serviços de comunicação oferecidos a pessoas surdas no Brasil e, em menor escala, em outros países.

A pesquisa compreende a análise cruzada de narrativas dos participantes da pesquisa, bem como a análise de produtos e serviços existentes, a fim de se atingirem os objetivos desta dissertação, listados a seguir.

1.3 OBJETIVOS

Diante da problemática apresentada, esta dissertação tem os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Investigar como se desenvolve a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação.

Objetivos específicos

- Contextualizar historicamente a situação de pessoas surdas no Brasil e exterior;
- Identificar e analisar os modos de interação entre pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação;
- Identificar possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades de usos);
- Identificar requisitos de uso de sistemas de produtos e serviços de comunicação voltados a pessoas surdas;
- Recomendar possíveis melhorias no desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços de comunicação voltados a pessoas surdas.

1.4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa, que trata de situações complexas e dinâmicas, segue uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, com pesquisa quantitativa complementar. A pesquisa qualitativa tem como finalidade explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão (BAUER; GASKELL, 2002). Os objetivos da pesquisa de caráter interpretativo são descrever e interpretar fenômenos do mundo, “em uma tentativa de compartilhar significados com outros” (MOREIRA, 1995, p. 31). Para tanto, os dados coletados pelos pesquisadores interpretativistas são usualmente verbais, mas também são utilizadas anotações de campo e transcrições de conversações (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 61).

Desta forma, visando atingir os objetivos desta pesquisa, propõe-se uma análise de diferentes pontos de vista em relação ao tema, mediante os seguintes procedimentos, além de revisão bibliográfica para a construção da fundamentação teórica: análise de produtos e sistemas de serviços voltados a pessoas surdas, análise do conteúdo da revista da Feneis relativo à divulgação de produtos e sistemas de serviços de comunicação voltados a pessoas surdas; questionários semi-abertos⁶; entrevistas semi-estruturadas⁷ e observação participativa⁸.

A **primeira fase** é composta pela revisão bibliográfica sobre o tema em questão, servindo como base para a fundamentação teórica da pesquisa, o desenvolvimento, a estruturação e a análise dos resultados da pesquisa de campo, tendo como objetivo a contextualização histórica da situação de pessoas surdas no Brasil e identificação dos principais fatores sociais e culturais que envolvem sua comunicação.

A **segunda fase** consiste no levantamento de conteúdo de anúncios e notícias de produtos e serviços de comunicação, direcionados a pessoas surdas, divulgados pela Revista da Feneis, com o objetivo de investigar recursos tecnológicos e sistemas de produtos e serviços existentes voltados à comunicação de pessoas surdas no Brasil e em outros países. A amostragem é do tipo intencional e não probalística, que consiste na seleção de casos ricos em informações, permitindo que o pesquisador “aprenda muito sobre questões essenciais para os propósitos da pesquisa” (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 175), vindo ao encontro dos objetivos propostos inicialmente. Foram incluídos na amostragem, artefatos e serviços anunciados na Revista da Feneis; produtos e notícias de periódicos antigos disponíveis em museus *online* de produtos médicos hospitalares e relacionados à cultura surda e *web sites* de empresas de produtos e serviços de comunicação, e

⁶ Incluem questões fechadas e abertas em que o respondente possui, respectivamente, opções de respostas preestabelecidas e discursivas. (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

⁷ Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 169) a entrevista semiestruturada caracteriza-se por partir de um protocolo que inclui os temas a serem discutidos, no entanto, estes não são introduzidos na mesma ordem ou da mesma maneira. De acordo com os autores, este tipo de entrevista “oferece uma oportunidade para esclarecer qualquer tipo de resposta quando for necessário”, considera-se a entrevista semiestruturada mais fácil de ser analisada do que a entrevista não estruturada, mas não tão fácil quanto a entrevista estruturada.

⁸ Tal procedimento refere-se à metodologia de observação participante. De acordo com Moreira e Caleffe (2006, p. 201), neste caso, o pesquisador interage com o mundo social dos participantes do estudo com o objetivo de “observar e tentar descobrir como é ser um membro desse mundo”. Segundo os autores, são feitas anotações que posteriormente são analisadas e classificadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

também projetos conceituais. Reportagens da coluna “Momento Surdo” a respeito da temática pesquisada, publicadas na Revista Nacional de Reabilitação Reação também foram consultadas.

A **terceira fase** compreende os procedimentos da pesquisa de campo realizada com pessoas surdas e familiares, com o objetivo de analisar diferentes perspectivas em relação ao tema, a fim de compreender os modos de interação entre pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, bem como possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e particularidades.

A partir da triangulação dos dados coletados, busca-se a identificação de requisitos de uso de sistemas de produtos e serviços de comunicação voltados a pessoas surdas, a fim de se recomendarem possíveis melhorias em seu desenvolvimento.

Os procedimentos metodológicos adotados nas fases 2 e 3 serão detalhados nos próximos capítulos, anteriormente à apresentação dos resultados de cada etapa, a fim de facilitar a leitura da dissertação.

Em síntese, a pesquisa organizou-se nas três fases detalhadas no Quadro 2:

PROBLEMAS		OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS
Como se desenvolve a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação?	FASE 1	<ul style="list-style-type: none"> Contextualizar historicamente a situação de pessoas surdas no Brasil e exterior; 	<ul style="list-style-type: none"> Revisão bibliográfica
	FASE 2	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e analisar os modos de interação entre pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação (identificando possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades de uso); 	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento do conteúdo relativo à comunicação da revista da Feneis Análise de produtos e sistemas de serviços disponíveis no Brasil
Quais são as possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades / requisitos de usos?	FASE 3	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e analisar os modos de interação entre pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação (identificando possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades de uso); Identificar requisitos de uso de sistemas de produtos e serviços de comunicação voltados a pessoas surdas; Recomendar possíveis melhorias para o desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços de comunicação voltados a pessoas surdas. 	<ul style="list-style-type: none"> Questionários semi-abertos Entrevistas com pessoas surdas, amigos e familiares Observação participativa Triangulação dos dados

Quadro 2 - Fases da pesquisa

Fonte: Autoria própria.

1.5 ESTRUTURA GERAL DA DISSERTAÇÃO

Os principais eixos teóricos desta dissertação referem-se à:

Cultura e identidade: Cuche (2002), Da Matta (1986), Hall (2005), Ono (2006), Rocha (1984) e Woodward (2000), dentre outros.

Surdez: Lane (1993), Padden e Humphries (2005), Quadros (2004), Sacks (2010), Skliar (2005), Strobel (2008), dentre outros.

Comunicação: Mattelart (2008), Martin-Barbero (1994), dentre outros.

Acessibilidade: Cassim et al (2007), Erlandson (2008), dentre outros.

Esta dissertação está organizada com base na seguinte estrutura:

- **Capítulo 1 (Introdução):** Apresenta o problema e a justificativa da pesquisa, a motivação da autora em realizá-la, bem como sua delimitação, objetivos e apresentação geral dos procedimentos metodológicos.
- **Capítulo 2:** A principal contribuição deste capítulo está em apresentar conceitos de surdez, cultura e comunicação, contextualizando-os dentro das relações sociais, de questões culturais e de identidades, além de apresentar uma breve contextualização da comunicação de surdos no Brasil, bem como um panorama acerca das últimas conquistas dentro das políticas públicas no processo de inclusão e acessibilidade de pessoas surdas.
- **Capítulo 3:** Focalizam-se, neste capítulo, fatores referentes à comunicação de surdos (as) mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, analisando-se alguns dos produtos e serviços disponibilizados a pessoas surdas no Brasil e em outros países, incluindo-se alguns exemplos de anúncios da revista da Feneis. Destaca-se a importância em se considerar e respeitar as culturas e as identidades surdas no desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços de comunicação direcionados a este público.

- **Capítulo 4:** Refere-se aos relatos de surdos (as), familiares e amigos (as), partindo de informações coletadas por questionário e entrevista semiestruturada.
- **Capítulo 5:** Apresenta sugestões de melhorias em produtos e serviços de comunicação, considerando o referencial teórico e os depoimentos dos(as) entrevistados(as).
- **Capítulo 6 (Considerações finais):** Apresenta os principais resultados da pesquisa de forma sintetizada, retomando os principais pontos abordados ao longo da dissertação, bem como suas limitações. Expõe também recomendações e sugestões para futuras pesquisas.

2 PESSOAS SURDAS, CULTURA E COMUNICAÇÃO

2.1 CONCEITOS ACERCA DA SURDEZ: SURDO-MUDO E DEFICIENTE AUDITIVO

O Ministério da Saúde⁹ define a surdez mediante o Decreto 3.298 (Art. 4º, 1999), que tem como objetivo regulamentar a Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispondo sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (BRASIL, 1999). Segundo o referido decreto, a surdez é categorizada em diferentes graus, que estão relacionados com a quantidade de decibéis que a pessoa é capaz de escutar.

deficiência auditiva - perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando de graus e níveis na forma seguinte:

- a) de 25 a 40 decibéis (db) - surdez leve;
- b) de 41 a 55 db - surdez moderada;
- c) de 56 a 70 db - surdez acentuada;
- d) de 71 a 90 db - surdez severa;
- e) acima de 91 db - surdez profunda; e
- f) anacusia¹⁰;

Já pelo Decreto 5.626 (Art. 4º, 2005), que regulamenta a Lei n.10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000, dispondo sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, a surdez é definida, levando em consideração fatores culturais, diferenciando os termos “surdo (a)” e “deficiente auditivo (a)”:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005, grifo da autora)

⁹ Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/sas/sapd/visualizar_texto.cfm?idtxt=22701>. Acesso em: 05 maio 2010.

¹⁰ “Perda de audição total” (FERREIRA, 2004, p. 127).

O referido Decreto foi muito importante para pessoas surdas usuárias da língua de sinais, já que o termo “deficiente auditivo (a)”, anteriormente utilizado, não leva em conta as diferenças linguísticas e culturais que podem envolver o sujeito surdo. Para Silva (2000a, p. 76), “além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística”. Assim, o significado da palavra surdo, mudo ou deficiente é construído também pela forma como tais conceitos se encontram vinculados histórica e socialmente à linguagem.

Dorziat (1999) apresenta concepções dos termos surdo e deficiente auditivo, apontando para as principais diferenças e possíveis consequências da utilização de ambos os termos, considerando importante a atenção em relação à utilização de cada termo, já que “podem ser um indicador importante para o entendimento do homem e da realidade que o cerca”, causando estigmatização e sentimento de inferioridade de determinados grupos.

O termo “surdo-mudo” é repudiado pelos grupos e associações de surdos e, segundo o portal da Feneis, “tem sua raiz na história, num tempo muito antigo quando a pessoa Surda estava condenada à mudez. Ser surdo significava automaticamente ser mudo, e pior, ser um Abandonado, Excluído, Desacreditado!”. Evidencia-se, desta forma, o caráter depreciativo e inadequado do termo e a importância de seu esclarecimento. Sacks (2010, p. 20) explica que os “surdos-mudos”¹¹ foram considerados “‘estúpidos’ por milhares de anos e considerados ‘incapazes’ pela lei ignorante – incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulante”, negando-lhes direitos humanos fundamentais.

É importante também investigar a forma como os termos utilizados para designar a pessoa surda vem sendo utilizados e propagados pelos meios de comunicação que, por vezes, ao fazerem seu uso inadequadamente, podem reforçar e promover a contínua desvalorização da cultura surda.

Dorziat (1999) explica que o termo “deficiente auditivo”, ainda bastante utilizado, tem sua origem conectada a uma questão patológica, e, sendo assim, ao considerar a “deficiência” como algo que precisa ser tratado e normalizado, este conceito tem como referência o termo “ouvinte”, que seria então o portador de uma

¹¹ Do inglês *Deaf and Dumb*.

audição “normal”. Assim, as definições de diferentes graus de surdez, em termos de decibéis, além de consideradas estigmatizantes, são também restritivas e reducionistas em relação à complexidade do sujeito surdo. Questões relacionadas à identidade, sociedade e cultura são reduzidas em tais “conceitos”, e para cada caso de “deficiência auditiva” existe uma recomendação que se trata de uma tentativa de normalização, fundamentada na questão biológica. No entanto, o sujeito surdo envolve uma complexidade de fatores que vão além dos aspectos médicos e patológicos e que circundam a surdez, sendo “necessário vê-los sob uma perspectiva sócio-cultural” (DORZIAT, 1999, p.1).

Qual termo seria, então, mais adequado? Segundo Dorziat (2009), a palavra “surdo” seria o termo mais apropriado e capaz de minimizar o processo de estigmatização das pessoas surdas, não focalizando em questões físicas ou biológicas, mas considerando o sujeito surdo em relação às suas particularidades e à condição linguística diferenciada, ressaltando-se que esta diferença não diz respeito a um modo melhor ou pior de se comunicar, mas diferente.

O surdo que se comunica por meio da língua de sinais possui um sistema linguístico próprio, e sua comunicação caracteriza-se por ser predominantemente visual. Assim, a utilização da palavra “surdo” leva em consideração seu contexto e sua complexidade, sem basear-se na dicotomia proporcionada pela oposição dos termos “deficiente auditivo x ouvinte”. O próprio termo “cultura Surda”¹² é comumente escrito com “S” maiúsculo, pois pretende designar a identidade do sujeito Surdo, definido por se comunicar por intermédio da língua de sinais e ter relação predominantemente visual com o entorno (SILVESTRE, 2007).

O Quadro 3 apresenta de maneira simplificada alguns fatores referentes a pessoas consideradas “surdas” ou “deficientes auditivas”. Ressalta-se que não há intenção em expressar tais denominações de forma generalista e/ou determinista, considerando-se a complexidade de fatores que compõem a cultura, comunicação e interação entre os indivíduos, mas sim apresentar algumas das características que envolvem tais conceitos.

¹² Vale lembrar que não existe “uma” cultura surda, mas sim uma diversidade de culturas surdas.

SURDO (A)	DEFICIENTE AUDITIVO (A)
Normalmente rejeita aparelhos auditivos.	Normalmente utiliza aparelhos auditivos.
Comunica-se pela língua de sinais, embora também possa ser oralizado e realizar leitura labial.	Comunica-se por leitura labial e oralização das palavras.
Participa de grupos de surdos em associações, igrejas, dentre outros. Estão inseridos na "cultura surda". Valoriza a interação entre pessoas surdas.	Está inserido na "cultura ouvinte". Normalmente possui pouco contato com outros (as) surdos (as).
Pode ser intermediado por tradutor (a) e intérprete da língua de sinais	Pode ser intermediado por intérprete oro-facial

Quadro 3 - Fatores referentes aos conceitos de "surdo(as)" e "deficiente auditivo(a)"
Fonte: Adaptado de DORZIAT (1999).

Considerando-se o sistema de comunicação como um meio simbólico que permite a troca de experiências, concepções de mundo, que dão sentido à nossa existência, é de grande importância refletir como os significados das palavras são veiculados e podem restringir ou abranger a complexidade que compreende os sujeitos. No caso dos surdos que sofreram um processo histórico de exclusão, sendo tratados como "deficientes" e incapazes, é imprescindível que um processo de inclusão contemple o respeito, a valorização, e mesmo o resgate de fatores importantes da surdez, como por exemplo, seu contexto social, linguístico, cultural e histórico.

2.2 PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO

Os surdos passaram por um processo histórico de tentativa de "normalização". Como visto no tópico anterior, este fato se deve em muito pela forma como o significado do que é ser "surdo" vem sendo construído e veiculado. Lopes (2007, p. 8) afirma que o conceito de surdez é algo inventado, construído culturalmente, pois assim tem sido produzido o sentido do que é "o normal, o

diferente, o anormal, o surdo, o deficiente, o desviante, o exótico, o comum, entre outros que poderiam compor uma lista infundável de sujeitos”. Assim, quando o surdo é entendido a partir do ouvinte, é como se nele estivesse “faltando” a audição. Tal concepção desta suposta “falta” pode conduzir sujeitos surdos a desenvolverem em si sentimentos de inferioridade e auto-depreciação, na medida em que, “definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa” (CUCHE, 2002, p. 184). Assim, a concepção de falta, deficiência e necessidade de uma suposta “normalização” pode se apresentar no interior de famílias de sujeitos surdos, refletindo-se também na auto-estima e na percepção que este tem de si mesmo.

Torna-se mais fácil entender a inventividade do que é ser surdo, ao pensar-se que é provável que todas as pessoas percam, com o passar do tempo, em maior ou menor grau, a capacidade de audição, visão e de flexibilidade das articulações e dos movimentos. Segundo a Campanha Nacional de Saúde Auditiva (Figura 3), promovida pela Sociedade Brasileira de Otologia, o zumbido é considerado o principal sintoma da perda de audição e, no Brasil, atinge em torno de 25 a 30 milhões de pessoas, sendo que a perda de audição é irreversível e pode ser total, dependendo da maneira como é tratada ao longo do tempo.¹³



Figura 3 - Cartaz da Campanha Nacional da Saúde Auditiva
Fonte: Campanha Nacional da Saúde Auditiva. Disponível em:
<<http://www.saudeauditiva.org.br>>. Acesso em: 28 set. 2009.

¹³ Disponível em: <<http://www.saudeauditiva.org.br>>. Acesso em: 28 set. 2009.

Internacionalmente, a campanha “*Hear the world*”¹⁴, coordenada pela empresa fabricante de aparelhos auditivos Phonak, também promove a conscientização acerca da saúde auditiva. Participam como embaixadores da campanha diversos artistas, atores e músicos como Amy Winehouse¹⁵ e até mesmo o personagem “Carl Fredricksen”, protagonista da animação intitulada “*UP – Altas Aventuras*”¹⁶, que é usuário de aparelhos auditivos (Figura 4). A campanha informa que uma a cada seis pessoas no mundo possui algum grau de perda auditiva, sendo a previsão para 2015 de que mais de um bilhão de pessoas possuam algum grau de deficiência auditiva. Considera-se uma das principais causas o aumento gradativo da poluição sonora, e a campanha aponta ainda como principal consequência do não tratamento o “completo isolamento social” da pessoa acometida pela perda auditiva (HEAR THE WORLD, 2010).



Figura 4 - Amy Winehouse e Carl Fredricksen na campanha “*Hear the World*”
Fonte: Disponível em: <http://www.hear-the-world.com>. Acesso em: 25 out. 2010.

A partir das informações fornecidas por ambas as campanhas, vale repensar o conceito de surdez, não somente como uma condição de um grupo de pessoas, mas uma possibilidade para grande parte da população, sendo que produtos e serviços de comunicação, que contemplassem as necessidades de pessoas surdas

¹⁴ Traduzido pela autora: “Escute o mundo”.

¹⁵ Cantora e compositora do Reino Unido.

¹⁶ Título original: “*Up in the air*”; dirigido por Pete Docter e Bob Peterson; 2009; EUA.

que se comunicam pela língua de sinais, beneficiariam parte expressiva da população com algum grau de deficiência auditiva. Mesmo o aprendizado e a utilização da língua de sinais poderiam beneficiar ouvintes que perdessem a audição ou parte dela ao longo da vida.

Perlin (2005, p. 69) explica que um dos motivos pelo qual a sociedade trata o surdo como um selvagem tem origem no mito que considera como sendo normal para os seres humanos ouvir e falar. Assim, pressupõe-se que a normalização do corpo, quando não se ouve e não se fala, é necessária. No entanto, existem inúmeros exemplos que contrariam esta lógica e evidenciam que a ideia de normalidade em si é construída culturalmente, sendo mutável e variável de uma sociedade para outra.

Sacks (2010) cita o exemplo de Martha's Vineyard, em Massachusetts - EUA. Por conta de um gene recessivo em ação pela endogamia, uma forma de surdez hereditária lá vingou por cerca de 250 anos, sendo que uma a cada quatro pessoas era surda. Sacks (2010) discorre que os surdos de Martha's Vineyard não eram vistos como "surdos", muito menos como "deficientes". Na verdade, em resposta ao grande número de pessoas surdas na comunidade, grande parte dos ouvintes sabiam a língua de sinais e se comunicavam sem problemas. Sacks (2010, p. 39) ressalta ainda que:

Os surdos de Martha's Vineyard amavam, casavam, ganhavam a vida, trabalhavam, pensavam, escreviam como todo mundo – não se diferenciavam em nenhum aspecto, exceto por serem, de um modo geral, mais instruídos do que seus vizinhos, pois praticamente todos os surdos da ilha iam estudar no Asilo Hartford – sendo com frequência vistos como os mais sagazes da comunidade. Curiosamente, mesmo depois de o último ilhéu surdo ter morrido, em 1952, os habitantes ouvintes tenderam a preservar a língua de sinais entre si, não meramente por ocasiões especiais (contar piadas sujas, conversar na igreja, comunicar-se de um barco para outro, etc.), mas de um modo geral.

Da mesma forma, Skliar (2005) relativiza a oposição maioria "ouvinte" versus minoria "surda", ao questionar que o próprio conceito de minoria parte de construções sociais. Por exemplo, segundo este autor, a língua de sinais americana (ASL) é a terceira língua mais falada nos Estados Unidos. No entanto, a ASL não possui o mesmo status das línguas orais, quantitativamente menos utilizadas, como o chinês ou o francês.

Estima-se que cinquenta mil surdos utilizam a língua de sinais britânica (BSL) na Inglaterra, quantidade aproximada do número de pessoas que possuem o gaulês como primeira língua¹⁷ (JONES; PULLEN, 1992). No entanto, as formas de organização política e educacional em torno das duas línguas são bastante diferentes, o que demonstra que nem todos os grupos considerados minoritários são tratados da mesma maneira (SKLIAR, 2005). Existe ainda o exemplo dos índios Urubus-Kapor brasileiros, que utilizam para comunicação uma língua de sinais, embora sejam majoritariamente ouvintes (FERREIRA-BRITO, 1993).

Tais exemplos permitem relativizar o conceito de “normalidade” que permeia a surdez, concedendo maior abrangência à concepção do que é ser surdo, bem como de sua diversidade e variabilidade, não apenas de uma sociedade para outra, mas no decorrer da história.

Os conceitos de ouvintismo e oralismo estão relacionados aos processos de normalização da surdez e serão discorridos no tópico a seguir.

2.3 OUVINTISMO E ORALISMO

Oralismo e ouvintismo, embora sejam conceitos relacionados entre si, são diferentes.

O método de educação para surdos que focaliza a oralidade e o aprendizado da fala, proporcionado por práticas fonológicas, é o oralismo. Este permaneceu como método principal de ensino a crianças surdas durante muitos anos e ainda provoca controvérsias.

O método oral de ensino consolidou-se durante o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, mais conhecido como Congresso de Milão, conferência realizada em 1880, que proibiu o uso de sinais como forma de educar crianças surdas (PADDEN; HUMPHRIES, 1988), em votação na qual os próprios professores surdos foram excluídos (SACKS, 2010). Para Skliar (2005, p. 16), porém, não foi uma decisão totalmente nova, já que o oralismo era uma ideia aceita no mundo inteiro e, apesar de oposições e resistências isoladas ao Congresso de Milão, tratou-

¹⁷ Numa situação bilíngue ou plurilíngue, a mais usada e mais bem dominada pelo falante na sua vida diária, e que pode coincidir, ou não, com a sua língua materna. (FERREIRA, 2004).

se não do “começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial”. No entanto, como colocado por Padden e Humphries (1988), após este episódio, adultos surdos, que até então tinham um papel pequeno na educação de crianças surdas, agora estavam ainda mais limitados. Para ser ter uma ideia da força do oralismo, em 1920, os Anais Americanos dos Surdos reportavam que as escolas para surdos tinham “o método de ensino oral como primeiro método de instrução”¹⁸, quando não como o único (PADEN E HUMPHRIES, 2005, p. 48).

O ensino da oralidade para pessoas surdas é considerado “um processo não-natural, sistemático, demorado e formal” (SÁ, 2006, p. 322). Sacks (2010, p. 35) ressalta ainda que a supressão da língua de sinais, aliada ao oralismo, acarretou “uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos surdos em geral”, cujas consequências são percebidas até a atualidade, uma vez que pessoas surdas continuam em grande medida privadas de sua própria língua nativa.

A repulsa em relação à língua de sinais teve como um de seus propulsores o trabalho do então notável linguista Edward Sapir, que descreveu, em seu livro “Language”, lançado em 1921, que a “linguagem” de sinais se encontrava na mesma categoria da linguagem utilizada pela ordem de monges que fizeram voto de silêncio, ou dos gestos utilizados na comunicação entre tribos diferentes que habitavam as planícies norte-americanas (SACKS, 2010). Porém, Sapir não fez análises profundas da língua de sinais, a fim de identificar se nela havia estruturas semelhantes a das línguas orais, além de ignorar o fato de que a língua de sinais é a primeira língua dos que a utilizam, não funcionando como complemento da língua oral, como é o caso do exemplo citado dos monges ou dos índios. (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 58).

No campo da psicologia, Myklebust (1964, p. 241) contribuiu com a perspectiva ouvintista, ao afirmar que:

A linguagem de sinais manual utilizada pelos surdos é uma linguagem ideográfica. [...] Essencialmente é mais pictórica, menos simbólica e como sistema recai principalmente no nível imagético [...] o homem não pode

¹⁸ Traduzido pela autora do inglês: “By the end of the century, the oral movement would overtake most schools for the deaf in the country, with nearly 40 percent of all deaf students reported to be educated in the oral method. By 1920, the number increased even more dramatically to 80 percent.” (PADDEN; HUMPHRIES, 2005, p. 48).

atingir o seu máximo potencial através de uma linguagem ideográfica, considerando sua limitação aos aspectos mais concretos da experiência.¹⁹

Myklebust (1964, p. 241-242) ressalta que, “presumidamente, para um homem evoluído, a linguagem de sinais se torna inadequada, não atendendo às suas necessidades”²⁰, argumentando que o comportamento do homem relacionado à linguagem tem evoluído e tomado várias formas, determinando, por fim, que “o sistema manual de sinais deve ser visto como inferior em relação à língua verbal”²¹. Tal percepção a respeito de uma forma de comunicação mais ou menos evoluída, conduzindo o ser humano à sua qualidade máxima potencial, assemelha-se às ideias presentes nas teorias do evolucionismo antropológico, em que predomina a noção da necessidade do progresso, o que, para Rocha (1984, p. 27), resulta no etnocentrismo “traduzido na sociedade do ‘eu’ como o estágio mais adiantado e a sociedade do ‘outro’ como estágio mais atrasado”, desconsiderando a complexidade que envolve as manifestações humanas.

Assim, é necessário relativizar, como afirma Rocha (1984, p. 27), pois, deste modo, “complexifica-se o ‘outro’ como objeto de estudo” e, “neste processo, a sociedade do ‘eu’ começa até a questionar-se a si própria”, sendo este não o único, mas um passo importante para a compreensão das diferenças.

Myklebust (1964), portanto, não é somente determinista, generalista e etnocêntrico em sua análise a respeito da língua de sinais, mas também não traz nenhum embasamento fundamentado em algum tipo de experiência ou observação de cunho científico. No entanto, suas ideias reverberaram em concepções reducionistas e etnocêntricas que perduram até hoje. Para Padden e Humphries (1988, p. 59), a revisão superficial de Myklebust a respeito da língua de sinais ganhou caráter científico mesmo sem analisá-la mais profundamente. Na época em que foi veiculada, não foi considerada de caráter infame ou duvidoso, mas tornou-se um padrão, e suas conclusões definiram os surdos usuários da língua de sinais

¹⁹ Traduzido pela autora do inglês: “*The manual sign language used by deaf is and Ideographic language [...] Essentially it is more pictorial, less symbolic and as a system is one which falls mainly at the level of imagery [...] Man cannot achieve his ultimate potential through and Ideographic language, inasmuch as it is limited to the more concrete aspects of his experience.*” (MYKLEBUST, 1964, p. 241).

²⁰ Traduzido pela autora do inglês: “*Presumably, as a Man evolved, the sign-gesture language became inadequate and did not meet his needs.*” (MYKLEBUST, 1964, p. 241).

²¹ Traduzido pela autora do inglês: “*The manual sign system must be viewed as being inferior to the verbal language.*” (MYKLEBUST, 1964, p. 242).

como menos humanos e incapazes, e o ser humano como sendo apenas capaz de atingir seu potencial máximo por meio da oralidade.

O ouvintismo, segundo Skliar (2005, p. 15), é uma forma de ideologia dominante, em que, a partir de um conjunto de representações dos ouvintes, “o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. E é com base nesta concepção que se percebe a pessoa surda como deficiente, legitimando práticas terapêuticas.

Este olhar sobre a surdez pode ser identificado no seguinte trecho que conceitua o termo “Surdez” na Enciclopédia Barsa, volume 14 (1995, p. 435):

A surdo-mudez é a prova incontestável da importância capital da função auditiva como base da integração da linguagem. O surdo congênito não adquire a capacidade de usar as formas linguísticas, sendo obrigado, para se comunicar, a lançar mão de recursos gestuais diversos dos empregados na comunicação acústico-oral. (...) O sistema mais usado é o oral, pelo qual o aluno aprende a interpretar a linguagem falada observando os movimentos dos lábios do professor, bem como palpando-lhe a garganta para, em seguida, procurar imitá-lo. A aprendizagem é difícil, exigindo, às vezes, anos inteiros para se conseguir ensinar algumas centenas de palavras. [sic]

Neste trecho, o surdo é narrado, a partir do padrão ouvinte, como sendo incapaz de adquirir uma língua, considerando-se ainda a comunicação pela língua de sinais mera utilização de “recursos gestuais”. O texto ainda propõe que “problemas decorrentes da surdez podem ser compensados, em certos casos, por meios cirúrgicos ou com o auxílio de aparelhos especiais (amplificadores)” (BARSA, 1995, p. 435), o que reproduz e reforça a perspectiva terapêutica da surdez, focalizando a deficiência e sua normalização.

Considerando-se que estas informações estão dispostas em uma Enciclopédia amplamente divulgada e que possui certa autoridade acerca do conhecimento, constata-se a possibilidade de noções equivocadas e etnocêntricas a respeito da surdez estarem presentes em diferentes meios de informação. E, neste caso específico, acaba por reforçar conceitos estreitos e reducionistas. Como argumenta Rocha (1984, p. 15), “aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos “outros” deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica dominante e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos”.

Uma das características do ouvintismo é centrar a surdez na sua dimensão clínica e terapêutica. Perlin (2005) explica que, normalmente, quando a família ouvinte possui uma pessoa surda, a informação predominante é a proferida por médicos e fonoaudiólogos. Embora o acompanhamento destes profissionais seja também importante, é necessário ponderá-las, balanceá-las diante de outras áreas, considerando o caráter complexo da surdez.

Sá (2006) aponta que a história da surdez é uma história de apropriações pelos ouvintes, e que novas tecnologias insistem em estabelecer visões colonialistas. No entanto, existem possibilidades de ressignificações e novas interpretações do sentido social e cultural da surdez, o que pode desvelar novos sentidos aos seus significados.

O entendimento da condição da surdez, não apenas como condição biológica, fundamentada na visão oralista e ouvintista, mas como diferença linguística e cultural é importante para o reconhecimento de sua complexidade, abrindo caminhos para a produção de novas acepções e representações acerca de pessoas surdas.

2.4 CULTURAS SURDAS: ESTUDOS CULTURAIS E SURDEZ

O campo de investigação denominado Estudos Culturais surgiu na Inglaterra em 1964, no Centre for Contemporary Cultural Studies – CCCS, com o propósito de pensar a cultura por uma perspectiva antropológica, especialmente com a intenção de utilizar a tradicional crítica literária de obras clássicas para as produções da cultura de massa e práticas populares (MATTELART; NEVEU, 2004), que até então não tinham sido consideradas legítimas o suficiente para tornarem-se objetos de estudo. O CCCS passou pela influência e orientação de diversos autores como Althusser, Gramsci, Foucault e Derrida. A considerável expansão dos Estudos Culturais do CCCS tem “propiciado o desenvolvimento de um campo importante e influente de teorização e investigação social” (SILVA, 2000b). Escosteguy (2001) destaca que, na América Latina, os Estudos Culturais tiveram desenvolvimento singular, mas também apresentando afinidades com o corpo teórico-metodológico

da Inglaterra, destacando-se como figuras-chave Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini.

O termo “Estudos Culturais”, segundo Edgar e Sedgwick (2003), pode ser entendido como uma maneira de se referir aos estudos da cultura de modo mais amplo, a partir de perspectivas diversas de compreendê-la e analisá-la, buscando compreender o contexto histórico e social em que o termo “cultura” possa estar inserido. Johnson (2004, p. 20) destaca que os estudos culturais têm como principal referência “o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação”, que produzem relações hierarquizadas e desequilibradas entre termos como, por exemplo, “alta cultura” das elites e a “não cultura” das massas.

O termo “cultura”, na perspectiva da antropologia, não se apresenta enquanto categoria rígida ou estanque, mas como um conceito que “pode nos ajudar a entender melhor o que acontece no mundo em nossa volta.” (DA MATTA, 1986, p. 121).

Os Estudos Surdos apresentam-se como ramificação dos Estudos Culturais, uma vez que objetivam estudar a surdez dentro das relações sociais, processos históricos e culturais, representações, práticas discursivas e relações de poder que caracterizam o contexto de pessoas surdas e ouvintes (SÁ, 2006). Skliar (2005, p. 5) destaca que os Estudos Surdos “se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença”, opondo-se ao conceito hegemônico de deficiência.

O tópico seguinte trata de conceitos de “cultura” e “diversidade cultural”, importantes para um melhor entendimento das culturas surdas.

2.4.1 Conceito de cultura e diversidade cultural

Williams (2007) cita diversos significados já atribuídos à palavra cultura, salientando a complexidade que a envolve. Dentre eles, pode-se destacar o da cultura entendida como cultivo ou cuidado com algo; desenvolvimento humano; civilização; distinção de classe e conhecimento (WILLIAMS, 2007). Na perspectiva

do evolucionismo social, por exemplo, entendia-se que havia culturas superiores e inferiores, além de um processo linear para se chegar de um ponto até outro no processo de desenvolvimento da humanidade.

Herder, durante século o 18, introduz novos significados da palavra cultura, questionando e contrariando a ideia de que existam culturas mais ou menos avançadas, argumentando ser preciso falar em culturas no plural, pois variam não somente entre diferentes nações e períodos históricos, mas também no interior de uma mesma nação (WILLIAMS, 2007).

É importante destacar, nos apontamentos de Williams (2007, p. 122), a variabilidade e complexidade que envolve o sentido do termo e a necessidade de uma “argumentação complexa sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um modo específico de vida, e entre ambos e as obras práticas da arte e da inteligência”.

Da Matta (1986, p. 123) afirma que, em Antropologia Social e Sociologia, a cultura é considerada “um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”. A cultura também é comumente utilizada para classificar e hierarquizar pessoas e grupos sociais, podendo gerar discriminação e condutas estigmatizantes. No entanto, desta forma, acaba-se reduzindo seu caráter dinâmico e complexo, levando-nos a crer, inclusive, que há manifestações de cultura “superiores” e “inferiores”, o que, além de ser um engano, tem gerado grandes problemas na sociedade, na medida em que promovem relações desarmônicas e desiguais.

Laraia (2006) apresenta os determinismos biológicos e geográficos como antigas e persistentes ideias que atribuem capacidades específicas a determinadas “raças”, ou consideram o ambiente físico como principal condicionador de uma sociedade. Tais ideias são contrariadas pela antropologia moderna, que entende que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação” (LARAIA, 2006, p. 19), que está relacionado também à forma como se dá o aprendizado não apenas coletivo, mas também individual das pessoas, bem como as suas experiências particulares.

A cultura é diversa e variável, não apenas de uma sociedade para outra, mas, inclusive, dentro de uma mesma família e ao longo da vida de cada pessoa.

Ao considerar-se determinando grupo ou padrão como parâmetro do que seria “normal”, desconsidera-se a diversidade existente entre os sujeitos e a

complexidade de fatores que envolvem os processos culturais. Rocha (1984, p. 18) ressalta que “nossas próprias atitudes frente a outros grupos sociais são, muitas vezes, repletas de resquícios de atitudes etnocêntricas”, e que, a partir delas, rotulamos as pessoas de grupos que consideramos diferentes, reafirmando estereótipos que, embora possam ser verdadeiros em certa medida, são incapazes de contemplar a diversidade de possibilidades da vida social humana. O etnocentrismo pode ser extremamente discriminatório e prejudicial à humanidade, sendo “responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais” (LARAIA, 2006, p. 72).

As abordagens antropológicas de cultura demonstram que o comportamento humano não tem em si nada que possa ser considerado essencial ou inato. As características biológicas, por exemplo, devem ser consideradas em relação ao contexto geográfico, histórico e cultural no qual estão inseridas.

No caso dos surdos, por exemplo, é imprescindível que sejam estimulados desde pequenos, pois podem apreender uma ou mais línguas, não sendo necessariamente a dos ouvintes, a exemplo da língua de sinais, desenvolvida a partir de características e requisitos próprios de comunicação. Como argumenta Sacks (2010, p. 10):

O estudo dos surdos mostra-nos que boa parte do que é distintivamente humano em nós – nossas capacidades para a linguagem, pensamento, comunicação e cultura – não se desenvolve de maneira automática, não são compõe apenas de funções biológicas, mas também tem origem social e histórica; essas capacidades são um *presente* – o mais maravilhoso dos presentes – de uma geração para outra. Percebemos que a cultura é tão importante quanto a natureza.

Nesta perspectiva, a relativização, abordagem que se contrapõe às concepções etnocêntricas, possibilita um entendimento mais abrangente das manifestações humanas, considerando-as dentro de seus contextos e em sua complexidade. Para Rocha (1984, p. 20), “relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença”.

Assim, para entender como pessoas surdas se relacionam com os artefatos é necessário também entender as culturas surdas, seus códigos e suas possíveis particularidades, lembrando que os surdos também partilham valores veiculados socialmente, independentemente da condição de ouvinte ou surdo. Botelho, por

exemplo, afirma: “por ser culturalmente semelhante, também conheço a opressão, sendo eu o sujeito que exerce ou que é objeto dela” (BOTELHO, 2005, p. 21).

Compreender as culturas de um ponto de vista mais amplo é, portanto, importante para interpretar as diferentes formas de manifestação da vida social humana, incluindo-se as das pessoas surdas, que fundamentam a construção de suas identidades, tratadas no subcapítulo a seguir.

2.4.2 Identidades surdas

A identidade, assim como a cultura, é um conceito também com diversas interpretações, debatidas por autores como Hall (2005), Silva (2000), Woodward (2000) e Ono (2006), dentre outros. Embora haja intrínseca relação entre os dois termos, cabe diferenciá-los. Segundo Cuche (2002, p. 178), “a cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente”. Enquanto a identidade permite escolhas e pode modificar a cultura, a cultura constrói-se em um contexto, sem estar-se necessariamente consciente da identidade. Um indivíduo não estará familiarizado a respeito de todas as dimensões e manifestações culturais de sua sociedade, pois “nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 2006, p. 80).

Assim como existe a tendência de se reduzir o significado da palavra surdo a um só, a identidade surda também costuma ser compreendida como algo único, rígido e limitado. No entanto, é impossível sustentar-se uma única identidade surda, pois, assim como há uma grande diversidade de identidades de pessoas ouvintes, há também de pessoas surdas (SILVESTRE, 2007). Ao estabelecerem-se comparações a partir do termo “surdo” e “ouvinte”, também se produzem relações dicotômicas que, além de não considerarem a diversidade e as nuances existentes em tais termos, também reforça o desequilíbrio entre seus significados históricos, sociais e culturais. Como interpretado por Sacks (2010, p. 17), o termo “surdo” pode ser considerado “vago, ou melhor, é tão abrangente que nos impede de levar em conta os graus de surdez imensamente variados, graus que têm uma importância qualitativa e mesmo ‘existencial’”.

Não raro, a experiência da surdez é retratada pelas artes visuais como forma de expressar, dentre diversas temáticas, conflitos em relação ao mundo predominantemente ouvinte. Susan Dupor²², por exemplo, explica como faz uso da pintura para expressar suas vivências:

Como uma artista Surda, estou constantemente explorando minha identidade como uma mulher Surda. Venho pintando dentro deste tema nos últimos dez anos, e minha perspectiva vem se modificando [ao] longo dos anos. Havia momentos em que eu transpirava minhas emoções, e outros em que eu quis celebrar a singularidade da cultura Surda e buscar as ironias de ser Surdo em um mundo de ouvintes. (DUPOR, 2010).²³

A obra intitulada "*Family Dog*"²⁴ de Dupor (Figura 5) representa uma sala, em que um garoto com o corpo recostado ao chão se encontra embaixo da mesa de centro e seis figuras de pessoas adultas estão sentadas em um sofá e no entorno com seus rostos desfigurados. Esta composição provavelmente representa o isolamento da criança surda em sua própria família e a falta de comunicação e compreensão tanto da criança em relação aos ouvintes, como vice-versa. Quando a surdez é compreendida por familiares ouvintes como deficiência, dificilmente há busca pelo contato com outras pessoas surdas. Quando o aprendizado da leitura labial e oralização não é bem-sucedido, a carência de comunicação e privação de conhecimento e informação pode trazer sérias consequências ao desenvolvimento intelectual, emocional e cognitivo do sujeito surdo. Assim, *Family Dog* representa em partes, a muitas vezes complicada relação entre surdos e ouvintes.

A identidade é, portanto, relacional, uma vez que depende da diferença, que se estabelece por marcações simbólicas relativas a outras identidades (WOODWARD, 2000).

²² Susan Dupor nasceu surda, vive em Lake Geneva, no estado de Wisconsin, nos Estados Unidos, onde mantém seu estúdio de pintura e leciona a disciplina de Artes na Wisconsin School for the Deaf. (DUPOR ART, 2010). Disponível em: <<http://www.duporart.com/profile/profile.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.

²³ Traduzido pela autora do inglês: "As an artist who is Deaf, I am constantly exploring my identity as a Deaf woman. I have been painting within this theme for the past ten years and my perspective has changed throughout the years. There were moments when I vented my emotions, and others when I wanted to celebrate the uniqueness of Deaf culture and seek the ironies of being Deaf in a hearing world." (DUPOR, 2010) Disponível em: <http://www.deafart.org/Biographies/Susan_Dupor/susan_dupor.html>. Acesso em: 25 out. 2010.

²⁴ Traduzido pela autora: Cachorro da família.

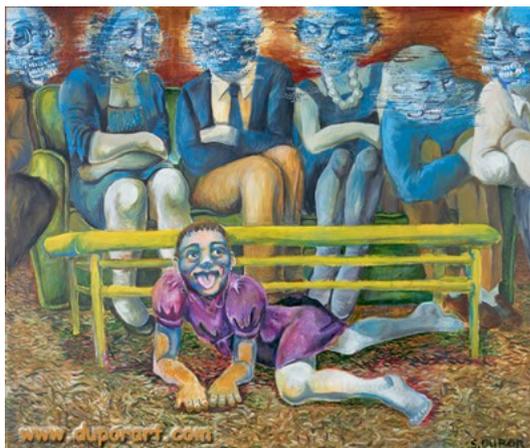


Figura 5 - Quadro intitulado “Family Dog”, da artista surda Susan Dupor

Fonte: DUPOR ART. Disponível em: <http://www.duporart.com/gallery/prints/familydog.html>. Acesso em: 25 out. 2010.

Notas: Tinta acrílica sobre tela; 56 x 57 cm; ano: 1991.

Strobel (2008) afirma que as artes visuais como teatro, cinema e artes plásticas são comumente utilizadas como expressão de identidades culturais surdas. A autora explica que “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de ‘olhar’ e interpretar a cultura surda”, manifestações de beleza, mas também de relações de opressão e discriminação (STROBEL, 2008, p. 66), o que não significa que outras temáticas deixem de ser representadas por sujeitos surdos.

A relação com a língua de sinais é assunto recorrente em representações visuais, como é o caso de algumas peças de artesanato de argila produzidas pelos alunos da APÁS de Curitiba (Figura 6) .



Figura 6 - Mãos de argila sinalizando letras do alfabeto em Libras, produzidas por alunos da Apás, em 2009

Fonte: Foto de autoria própria.

Perlin (2005) destaca algumas variações de identidades de pessoas surdas, a partir das diferentes maneiras de comunicação e relações sociais (Quadro 4):

IDENTIDADES:	CARACTERÍSTICAS
SURDAS	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação visual- espacial, uso da língua de sinais; • Apropriam-se da informação e do conhecimento pelo canal visual; • Participam de associações e grupos de surdos; • Participam da cultura surda; • Aceitam-se como sujeitos surdos.
HÍBRIDAS	<ul style="list-style-type: none"> • Surdos que nasceram ouvintes e com o tempo tornaram-se surdos; • Dependendo da idade em que ensurdeceram, já adquiriram a língua portuguesa escrita e oral; • A comunicação pode variar entre o uso da oralização e da língua de sinais; • Participam de associações e grupos de surdos; • Participam da cultura surda; • Aceitam-se como sujeitos surdos.
DE TRANSIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas surdas que mantiveram-se alheias a língua de sinais e a cultura surda até certa idade, não possuíam contato com outros surdos e a comunicação se dava exclusivamente pela leitura labial, oralização e português escrito; • Estão em momento de passagem de “identidade ouvinte” para “identidade surda”, aprendendo e aperfeiçoando o uso da língua de sinais; • Passam a participar de associações e grupos de surdos; • Passam a participar da cultura surda.
INCOMPLETAS	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas surdas privadas do contato com outros surdas; • Normalmente possuem uma imagem negativa a respeito da surdez, o que as leva a acreditar que a pessoa ouvinte é superior; • Há casos de pessoas surdas mantidas em cativeiro pela família, que desprovidas do convívio social tornam-se incapacitadas.
FLUTUANTES	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas surdas que não tem contato com a comunidade surda; • Seguem modelos de identidade ouvinte; • Desconhecem e/ou rejeitam a língua de sinais; • Não participam de associações e grupos de surdos; • Não participam da cultura surda; • Normalmente utilizam aparelhos auditivos e aderem a tentativas de normalização da surdez.

Quadro 4 - Tipos de identidades surdas

Fonte: Adaptado de PERLIN (2004; 2005).

Considera-se que tais características são variáveis e se inter-relacionam, pois, como ressalta Woodward (2000, p. 14) “as identidades não são unificadas”, havendo contradições no seu interior. A este respeito, Hall (2005, p. 80) reitera que as identidades “não são e nunca serão unificadas [...] porque elas são,

irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular).”

Padden e Humphries (1988) explicam que tais características ou “rótulos” variam em um mesmo indivíduo, de acordo com o contexto de uso. Os autores exemplificam que é possível uma pessoa surda se auto referir como “deficiente”, em um contexto político, e se desculpar pelo uso do mesmo termo entre a comunidade surda²⁵. A maneira de expressar as identidades surdas varia de acordo com o conhecimento e experiência de cada grupo, uma vez que significados são atribuídos culturalmente.

A identidade surda, assim como a de qualquer sujeito, envolve uma complexidade de questões que vão além do fato de ser surdo ou de se comunicar por meio da língua de sinais, pois a identidade se constrói culturalmente em relação às várias condutas sociais que uma mesma pessoa pode assumir e desenvolver. Os valores que são atribuídos à identidade são construídos simbolicamente com base na cultura e possuem, imbricados em si, relações de poder capazes de definir diferenças em relação ao outro e quem é incluído e excluído.

Cuche (2002, p. 183) explica, ainda, que a identidade não é estanque, e sim “se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”, em oposição à concepção objetivista que a define como original, permanente e impossibilitada de qualquer transformação. Nesta perspectiva, cabe considerar a identidade, assim como a cultura e a linguagem, como mutável, dinâmica e relacional, e, como afirma Cuche (2002, p. 192), “na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social.”

Hall (2005, p. 77) explica que, se existem tendências de homogeneização de identidades em decorrência da globalização, há, por outro lado, “uma fascinação com a diferença”, resultando em novas articulações entre “o global” e “o local”, “novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’”. Nesta perspectiva, Ono (2006) caracteriza o processo de globalização como causador de movimentos

²⁵ Padden e Humphries (1988) destacam que o termo “deficiente” não é adequado, pois pessoas Surdas discutem a surdez em termos de língua, história e cultura. Considerando-se os benefícios politicamente atribuídos aos “deficientes” e levando-se em conta que pessoas surdas vivenciam, historicamente, um contexto de exclusão, em comum com deficientes visuais, físicos, dentre outros, o termo deficiente pode vir a ser utilizado. No entanto, os autores consideram que, dentre a comunidade surda, sua utilização requer retratação.

tanto de integração, quanto de rupturas, com tendências coexistentes à homogeneização e à diversificação, convergindo com Lévi-Strauss (1970) acerca desta visão da sociedade. Strobel (2008) exemplifica que, em Buenos Aires, há a associação de surdos oralizados; nos Estados Unidos, a associação de surdos negros; no Brasil, a associação de surdos *gays*, dentre outras que mostram manifestações de diversas identidades surdas, não sendo, portanto, possível estabelecer padrões rígidos. Karnopp (2006, p. 99) salienta que:

ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem [...] esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. Há também movimentos de resistência que buscam fortalecer o que determinados grupos de surdos entendem como sua identidade. Os surdos passaram por um processo histórico de luta por direitos iguais aos dos ouvintes e emancipação perante a sociedade, direitos estes que ainda estão sendo conquistados.

2.5 COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS

2.5.1 Comunicação e cultura

Segundo Edgar e Sedgwick (2003), a comunicação, no âmbito dos estudos culturais, é a preocupação mais fundamental. Ao estudar um determinado processo de comunicação, é importante compreender também o contexto coletivo e individual dos agentes envolvidos, pois, como afirma Orozco (2007, p. 15), “a cultura é a fonte mediadora por excelência, mas também os contextos sociais particulares de cada grupo de audiência”.

Martin-Barbero (2002, p. 40) aponta como modelo mecânico de comunicação o sistema em que comunicar significa fazer uma informação chegar de um pólo a outro, sendo que ao receptor desta mensagem caberia apenas reagir aos estímulos enviados pelo receptor, tornando a recepção um lugar unicamente de chegada (Figura 7). Este modelo tradicional de comunicação foi proposto pelo matemático e engenheiro americano Claude Elwood Shannon, em 1948, conhecido como modelo formal de Shannon, que compreende a comunicação como sistema linear, entre ponto de partida e chegada, não levando em consideração “a

significação dos sinais, ou seja, o sentido que lhe atribui o destinatário e a intenção que preside à sua emissão” (MATTELART, 2007, p. 60).

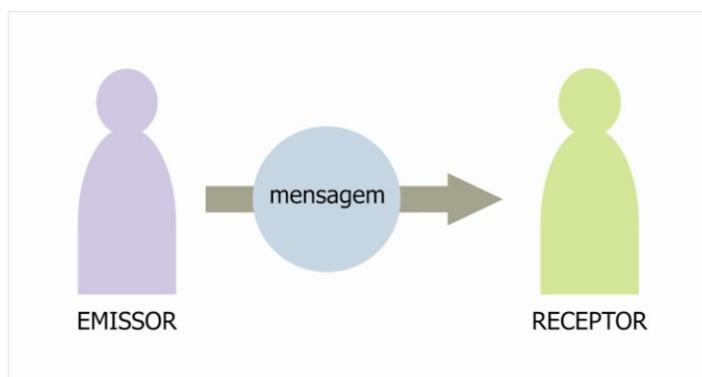


Figura 7 - Esquema do modelo mecânico de comunicação

Fonte: Autoria própria.

No entanto, no âmbito das ciências humanas, considera-se que a “complexidade da menor situação de interação que seja é tal que é inútil querer reduzi-la a duas ou mais ‘variáveis’ trabalhando de maneira linear”, sendo assim necessário conceber pesquisas em comunicação em termos de nível de complexidade e de contextos múltiplos (WINKIN, 1981 apud MATTELART, 2007, p. 60). Tais modelos conduzem a uma percepção mais complexa da comunicação, envolvendo diversos fatores: biológicos, sociais, culturais, econômicos, espirituais, dentre outros.

Considera-se que, dentro do processo de comunicação, há também a perspectiva do receptor em relação à mensagem, que relaciona seu conteúdo a enunciados ideológicos, culturais e simbólicos pertencentes ao seu próprio repertório. A construção da mensagem é complexa e dinâmica, variando de acordo com o momento em que é produzida e percebida/recebida. A maneira como a mensagem é compreendida depende não apenas de condições psicológicas e perceptivas, mas tal processo funcionará também de acordo com as condições culturais e sociais no qual ocorre.

A imagem, por exemplo, vincula-se a representações que, para fazer sentido, necessitam ser interpretados, significados. Sabe-se também que, quando as imagens são produzidas com elementos e/ou em contextos desconectados de referenciais culturais de determinado receptor, este poderá ter dificuldades para interpretá-la em conformidade com sua intenção inicial, possibilitando a produção de

novos significados acerca de seu conteúdo simbólico. O domínio dos diferentes níveis de códigos será então variável, não apenas segundo o sujeito, mas, também, segundo a sua situação histórica (AUMONT, 1990).

Laraia (2006, p. 52) afirma que “a comunicação é um processo cultural”. A tentativa de compreender e manipular os mecanismos da comunicação manifesta-se em diversas teorias propostas ao longo da história e, longe de fornecer resultados conclusivos, apontam para diferentes possibilidades e para a complexidade e subjetividade do processo comunicativo, sendo a cultura fator mediador de grande relevância, bem como as experiências individuais e sociais do receptor.

Portanto, a importância de se considerarem perspectivas interdisciplinares em pesquisas envolvendo processos comunicativos possivelmente reside no fato de que “uma democratização dos meios e de seu papel na democratização precisa de pesquisas para dar forma às demandas sociais de comunicação e de cultura, que passam pelos diferentes modos de desfrutar e de relacionar-se com a comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 1994, p. 54).

2.5.2 A Língua de Sinais

As diferenças linguísticas constituem, dentre várias características identificáveis em sociedades distintas, manifestações culturais (LARAIA, 2006). Para Sacks (2010), embora a língua dependa de características biológicas dos sujeitos para seu desenvolvimento, sua transmissão faz parte de um processo cultural, acompanhando histórias, visões de mundo e transformações de determinado povo. As línguas de sinais, assim como as orais, variam entre culturas distintas, na medida em que estas se modificam ao longo do tempo, acompanhando a dinâmica das transformações sociais, culturais, tecnológicas, dentre outras dimensões da vida.

Durante muito tempo, a língua de sinais foi considerada como incapaz de cumprir todas as funções de uma língua, sendo comumente entendida como mímica ou pantomima. Embora hoje já tenha sido provado o contrário, mediante estudos e pesquisas na área da linguística e neurolinguística, permanecem sendo divulgadas falsas ideias como a de que todas as línguas de sinais são “idênticas, dever-se-ia

criar uma língua de sinais internacional²⁶; são cópias visuais das línguas faladas; são mímicas, etc.” (SÁ, 2006, p. 108). A língua de sinais, assim como as línguas orais, serve para comunicar ideias complexas e abstratas, contar histórias, expressar sentimentos e transmitir conhecimentos.

Historicamente, foi negado a muitas pessoas surdas o acesso à língua de sinais, restringindo sua comunicação e interação com a sociedade. Cabe observar que ser deficiente na linguagem “é uma das calamidades mais terríveis”, pois é somente por meio da língua que é possível comunicar-se livremente entre semelhantes, adquirir e compartilhar informações e consolidar estado e cultura humanos (SACKS, 2010, p. 19).

Um passo importante para o reconhecimento da Língua de Sinais como uma língua dotada de uma estrutura gramatical foi o trabalho de William Stokoe, que, em 1960, publicou *Sign Language Structure*, que, segundo Sacks (2010, p. 118), foi o “primeiro caso de atenção séria e científica dada ao ‘sistema de comunicação visual dos surdos americanos’”.

Sacks (2010) relata também experiências conduzidas pela professora Úrsula Bellugi, durante a década de 1970, sobre a estrutura das línguas de sinais. Bellugi constatou que a língua de sinais se processa no hemisfério esquerdo do cérebro, utilizando as mesmas vias neurais necessárias ao processamento da fala gramatical, portanto, usuários da língua de sinais, embora possuam uma língua de natureza visual-espacial, apresentam a mesma constituição cerebral que usuários de línguas orais.

Posteriormente, outros estudiosos deram continuidade a pesquisas sobre a estrutura gramatical de diversas línguas de sinais. No Brasil, destacam-se linguistas como Ferreira-Brito (1995), Quadros (2004) e Felipe e Monteiro (2001). Assim, sabe-se que, como as línguas orais, a língua de sinais é constituída por mecanismos fonológicos, semânticos, sintáticos e morfológicos, tendo como principal característica seu caráter visual-espacial. Os sinais são feitos em um espaço delimitado à frente do sinalizador²⁷, assim, a morfologia e a sintaxe da língua de sinais se organizam neste espaço (QUADROS, 2004).

²⁶ Como é o caso do esperanto, “língua auxiliar de comunicação internacional, elaborada pelo médico Ludwik Lejzer Zamenhof e por ele divulgada em 1887” (FERREIRA, 2004, p.808).

²⁷ Emissor da mensagem na língua de sinais.

Como apontado por Sacks (2010, p. 78), “encontramos na língua de sinais, em todos os níveis – léxico, gramatical, sintático -, um uso linguístico do espaço: um uso que é espontaneamente complexo”, em múltiplas dimensões.

Imagina-se, não raro, que a língua de sinais seja composta majoritariamente por sinais icônicos, porém, como colocado por Strobel e Fernandes (1998, p. 4):

A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a Libras é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o “desenho” no ar do referente que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da Libras são arbitrários, não mantendo relação de semelhança alguma com seu referente.

Existem, então, tantos sinais icônicos quanto arbitrários. Cabe ressaltar que os sinais icônicos não são necessariamente óbvios. Por exemplo, ao se verem duas pessoas surdas conversando, para alguém que desconhece a língua de sinais, geralmente é bastante difícil entender do que estão falando.

Parte do desconhecimento da língua de sinais pode se relacionar com o fato de que pesquisas sistemáticas a respeito têm acontecido há menos de um século, tempo relativamente curto, se comparado à tradição de pesquisa das línguas faladas (QUADROS; PIZZIO, 2007, p. 49). Assim, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas e a necessidade de aprofundamento em relação aos processos de aquisição, à estrutura gramatical, dentre outros aspectos da língua de sinais, especialmente no Brasil, como salientam Quadros e Pizzio (2007), que consideram as pesquisas ainda escassas no país.

Destaca-se, ainda, o caráter linguístico da língua de sinais pela diversidade de línguas de sinais no mundo, que se constituem de formas diferentes, variando em contextos culturais distintos. Em um mesmo país também ocorrem regionalismos, variações locais, “sotaques”, da mesma maneira que ocorre com as línguas orais.

Em seu estudo, Myklebust (1964) destacou a impossibilidade de uma versão escrita da língua de sinais, o que confirmaria sua invalidade linguística. Esta suposição já foi contrariada, tendo em vista exemplos como o *SignWriting* (Figura 8), que consiste em um sistema de escrita da língua de sinais, criado por Valerie Sutton, em 1974, capaz de “transcrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais [...] do mesmo modo como o ‘Alfabeto Fonético Internacional’ é capaz de transcrever

as propriedades sublexicais das línguas faladas” (CAPOVILLA; SUTTON, 2010, p. 73).

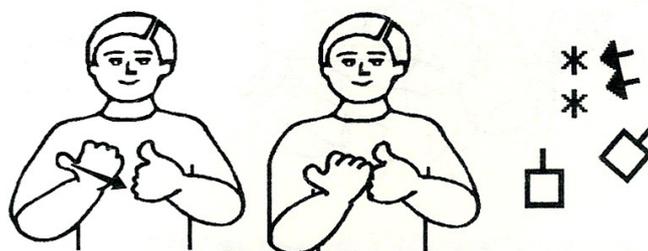


Figura 8 - Sinal da palavra “cooperar” seguido da sua representação correspondente na língua de sinais escrita (*SignWriting*)

Fonte: (CAPOVILLA; SUTTON, 2010, p. 675).

Já existem, inclusive, títulos de livros infantis que empregam tanto o português, quanto o *SignWriting*, além de recontar histórias clássicas a partir de personagens surdos como é o caso de “Rapunzel Surda” (2005, SILVEIRA et al) (Figura 9) e “Cinderela Surda” (2007, HESSEL et al).

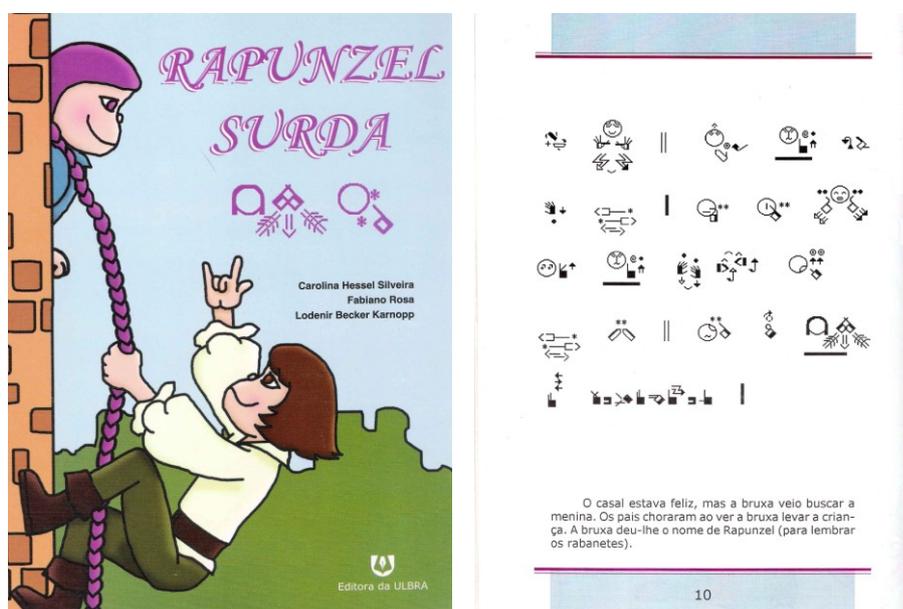


Figura 9 - Capa e página interna do livro “Rapunzel Surda”, em português e *SignWriting*
Fonte: Rapunzel Surda (SILVEIRA et al, 2005)

A língua de sinais é considerada a língua materna²⁸ e nativa²⁹ do sujeito surdo, já que sua comunicação, percepção e compreensão do mundo é predominantemente visual.

²⁸ A primeira língua que o indivíduo aprende. (FERREIRA, 2004).

De qualquer forma, como lembrado por Sacks (2010, p. 124) “Stokoe afirmara desde o início que os surdos deviam ser bilíngues (e biculturais), que deviam adquirir a língua da cultura dominante mas também, igualmente, a sua própria, a língua de sinais”. Daí a importância em considerá-la como a primeira língua da pessoa surda, tanto no processo educacional quanto em outras esferas da vida social. Sá (2006, p. 90) esclarece ainda que “uma educação bilíngue-multicultural não envolve apenas considerar a necessidade do uso de duas línguas, mas significa (...) ter como eixos fundamentais a identidade e a cultura”.

2.5.3 Relações sociais

As relações sociais, importantes para surdos (as) e ouvintes, podem ser determinantes no desenvolvimento social e emocional do ser humano. Como apontado por Edgar e Sedgwick (2003), acontecimentos e situações sociais são acrescidos de significado por meio da interação, da mesma maneira que identidade pessoal e realidade social são construídas. Desta forma, por meio das trocas sociais é possível dar sentido à própria existência.

No caso da família, o apoio pode ser significativo em relação à autoestima, desenvolvimento e emancipação da pessoa surda.

Pais surdos não raro esperaram que o filho (a) seja também surdo (a), sendo que, comumente, a surdez não é entendida como uma anormalidade ou defeito. Por outro lado, para pessoas surdas, poder-se-ia considerar que “o maior desvio é OUVIR” (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 41)³⁰, uma vez que não percebem a surdez como “a incapacidade de ouvir”.

Para a criança surda filho (a) de pais surdos, o aprendizado da língua de sinais acontece desde os primeiros anos de vida, sendo que a criança muitas vezes só passa a entender o conceito de surdo e ouvinte ao entrar em contato com a cultura ouvinte, dos amigos (as) da vizinhança, colegas da escola, dentre outros.

²⁹ Língua que identifica o indivíduo com uma cultura ou comunidade, e que geralmente coincide com a língua materna. (FERREIRA, 2004).

³⁰ Traduzido pela autora do inglês: “[...] for Deaf people, the greatest deviation is HEARING. (PADDEN AND HUMPHRIES, 1988,, p. 41).

Sueli Ramalho (2007), surda de uma família de pais, irmãos, tias (os), primos (as) e avós surdos (as), conta como entendia ser surda:

Desde pequena, eu achava que o mundo lá fora era deficiente e na minha casa eram todos “normais” (...) Por quê? Nós nos comunicávamos através da língua de sinais, através das mãos e eu ficava com dó das minhas amiguinhas vizinhas na rua todo mundo brincava e ninguém usava as mãos, só mexia com a boca. “Pai, mãe, por que ela não faz (gesticulando com as mãos)?” “Ah, porque ela ouve” “Mas que que é isso aqui?” (apontando para o ouvido). Pra mim ouvido era algo com a função de colocar somente o brinco. Sem função nenhuma pendurado na cabeça (...) eu fui ter a noção de que tudo faz barulho depois dos 17 anos. (RAMALHO, 2007)

Filhos (as) ouvintes em famílias de pais surdos podem perceber a surdez de forma bastante diferente do esperado por ouvintes.

Padden e Humphries (1988, p. 23) contam a experiência de Joe, um garoto ouvinte nascido em uma família de surdos que diz nunca ter se percebido ouvinte até os seis anos de idade, sendo que, até então, nunca suspeitara ser diferente de seus pais e irmãos. Os autores consideram que:

A crença comum é que existem certos acontecimentos imutáveis, tais como o som, que não precisam de tradução e podem ser conhecidos diretamente. Mas a história de Joe nos lembra que muito pouco não é filtrado pelos contornos mais extensos do dia-a-dia. O som não é uma entidade livre de interpretação, mas algo que emerge de dentro de um sistema de conhecimento. A pessoa não escuta simplesmente um trovão, mas é necessário que assimile o seu lugar e a relação com todas outras atividades do mundo, como reagir a ele, como falar sobre ele, como saber sua relação com outros sons.³¹

Ramalho (2007) conta que toda sua família de surdos esperava que seu filho fosse surdo, mas o menino nasceu ouvinte, o primeiro ouvinte em várias gerações:

Toda família esperava que ele fosse surdo normal. (...) Quando ele tava com 7 anos e foi pra escola ele falou “mãe, eu não quero ir na escola de ouvinte, quero ir na escola de surdo, quero ir na escola de surdo!” Ele chorava (...) Ele acabou frequentando a escola de surdo aonde meu irmão frequentava e aos poucos eu fui tentando tirar “filho, vai na escola de ouvinte e traga informações para esta escola de surdos”.

³¹ Traduzido pela autora do inglês: “*The conventional belief is that there are certain immutable events, such as sound, that do not need translation and can be known directly. One does not merely ‘hear’ thunder, but also must assimilate its place in relation to all other activity of the world, how to react to it, how to talk about it, how to know its relationship to other sounds.*” (PADDEN AND HUMPHRIES, 1988, p. 23).

De acordo com Pullin (2009), pessoas surdas não percebem a surdez como algo para ser curado, mas sim parte integrante da sua identidade, e, compreensivelmente, tendem a sentirem-se divididos acerca da possibilidade dos filhos herdarem geneticamente a surdez.

Em uma família de ouvintes, a reação à chegada de uma criança surda pode ser muito diferente. A criança é, muitas vezes, tratada como deficiente, a surdez é entendida como um problema a ser resolvido, e o contato com a língua de sinais acaba sendo tardio ou inexistente. Strobel (2008, p. 50) explica que: “Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito ‘não normal’ e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de ‘cura’ dessa ‘deficiência’”.

Gregory (1995, p. 106) afirma que muitos profissionais aconselham aos pais de crianças surdas que evitem a utilização de gestos na comunicação, alegando que o aprendizado dos sinais inibe o desenvolvimento da linguagem oral. No entanto, a autora pondera que dois fatores se contrapõem a esta crença: não existem evidências de que o uso de sinais inibe o desenvolvimento da língua oral e; sendo a oralidade de difícil aprendizado para crianças surdas, estas têm direito à língua de sinais como meio de comunicação (GREGORY, 1995).

O isolamento que começa dentro do próprio lar é, então, um dos maiores problemas, sendo que a criança acaba excluída do diálogo das refeições, encontros familiares e conversas do dia-a-dia. As informações passadas para a criança surda acabam sendo superficiais e resumidas, não cobrindo sua necessidade de compreensão e expressão. Como observa Strobel (2008, p. 51), “na maioria dos casos, com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, entendimento e da falta de noção do que é a cultura surda”.

Gregory (1995, p. 73), em uma pesquisa sobre a relação de crianças surdas com a família, constatou que o número de acessos de raiva de uma criança surda pode ser o dobro em relação a crianças ouvintes, isto em decorrência da frustração da criança em não conseguir se comunicar, o que a autora considera inevitável perante a política educacional que, na ocasião da pesquisa, focalizava somente a comunicação oral e nenhuma outra além desta.

Uma criança em um ambiente de familiares ouvintes, por exemplo, ao ver a mãe atender a campainha, não entende o motivo pelo qual esta abriu a porta e, ao

abrir a porta em outro momento, provavelmente não irá encontrar uma pessoa como aconteceu no caso de sua mãe. Se o telefone toca, algum familiar ouvinte atende e mexe os lábios, e para a criança surda esta é uma ação sem significado, já que, ao segurar o telefone ao ouvido, não irá escutar nada. Tais situações podem gerar frustração e falta de compreensão em relação aos acontecimentos ao seu redor, além do sentimento de possuir uma diferença negativa em relação à própria família.

Segundo Sá (2006, p. 127), “o aspecto que ressalta não é tanto o linguístico, o comunicativo ou o cognitivo, mas o aspecto identitário, pois os surdos, desde o nascimento, se deparam com uma série de construções identificatórias que se iniciam com as expectativas dos pais”. Estas passam a ser, muitas vezes, conduzidas pela orientação clínica, conferindo à surdez significados distorcidos como de deficiência e incapacidade, de tal forma que a própria criança possa ter gravemente prejudicado o desenvolvimento de sentimentos de pertença e autovalorização.

É comum a utilização de sinais “caseiros”, sinais “compostos por gestos e imitações, próximos da mímica”, que servem para designar pessoas, objetos e/ou situações, normalmente não compartilhados com a sociedade, mas utilizados no âmbito familiar (DALCIN, 2006, p. 194). Estes sinais, embora possam exprimir ideias e sentimentos, não configuram uma língua e portanto, podem não responder plenamente aos anseios de comunicação da pessoa surda.

Ramalho (2007) conta como a família lhe ajudou a lidar com o mundo ouvinte:

Eu fui educada numa família que fala assim, que preconceito não existe. Existem pessoas que não tem informação ou não sabem lidar com a situação. [...] Desde pequena, quando eu acreditava que tava falando, que meus pais me aplaudiam...depois mais tarde, depois de adulta, minha vizinha falou ‘Sueli, você não falava nada, você só berrava e grunhia sons ininteligentes’, quer dizer, mas se na época eu acreditava foi grande ajuda pra eu poder chegar até hoje como eu consigo falar. Na escola eu era motivo de chacota por parte dos colegas porque eu achava que tava falando, sempre converso sempre com as mãos [...] e as pessoas davam risada, eu chorava, chegava em casa “pai, mãe, eu não quero mais ir na escola porque todo mundo dá risada, fica tirando sarro, ganhei um papel, um desenho de um macaco, eu sou uma macaca porque macaco mexe muito. Meus pais falavam assim “pera aí, por que que você gosta muito de assistir o Charles Chaplin, 3 patetas ?” Filme-mudo, né? Nós adorávamos. Aí eu falei “ah porque ele me dá felicidade. “Ele não te faz rir?” “Sim” “Não te dá felicidade?” “Muita.” “Filha, você tá dando felicidade para os seus colegas que estão rindo de você, você é uma atriz.” Ah, aceitei. Então eu comecei a frequentar a escola, eles davam risada, mas com o tempo eu fui... esquecendo isso aí.

Os exemplos abordados neste capítulo enfatizam fatores culturais e sociais da surdez e sua influência na comunicação de pessoas surdas. Cabe ressaltar a importância do suporte e incentivo por parte da família no desenvolvimento da pessoa surda, bem como um maior entendimento e consciência da sociedade acerca das questões culturais que envolvem os sujeitos surdos.

2.5.4 A importância do(a) tradutor(a) e intérprete da Língua de Sinais

O(a) tradutor(a) e intérprete da língua de sinais tem papel fundamental na comunicação e interação social de pessoas surdas, na medida em que atua como mediador(a) entre “mundos”. Por toda a complexidade que envolve a Língua de Sinais, em diversas situações, o trabalho do(a) tradutor(a) e intérprete é indispensável.

Segundo Quadros (2004, p. 27)

O[(a)] intérprete está completamente envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação. Ele[(a)] processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o[(a)] intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos.

Em escolas, universidades, hospitais, lojas, dentre outros estabelecimentos públicos, a comunicação da pessoa surda depende sobremaneira da língua de sinais.

Sistemas de serviços, envolvendo tradutores(as) e intérpretes de sinais, fazem-se necessários para a inclusão social e cultural do sujeito surdo.

No Brasil, o Exame Nacional de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - PROLIBRAS certifica tradutores(as) e intérpretes profissionalmente pelo Ministério da Educação. O exame existe desde 2006 e, como argumentam Quadros et al (2009a, p. 23), tem como objetivo colocar em ação as proposições previstas pelo Decreto n. 5.626/2005, que regulamenta a chamada “Lei Libras”, a Lei n.

10.436/2002, e, embora não substitua os “cursos de graduação para a formação de professores de Libras e de tradutores(as) e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa que já começaram a ser oferecidos no país”, atende a uma demanda em curto prazo.

2.6 CONTEXTUALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DE PESSOAS SURDAS NO BRASIL

Gil (2002, p. 14) aponta que o fato do Brasil possuir um dos maiores índices de acidentes de trabalho e de violência urbana contribui expressivamente para o aumento de deficientes no país. Paralelamente, existe um crescente avanço em “termos de acesso à educação e progressos nas comunicações, na tecnologia e na informática, que têm ampliado as condições de participação das pessoas com deficiência no mundo do trabalho e na vida social”. No caso de pessoas surdas, que se comunicam pela língua de sinais ou por leitura orofacial³², as barreiras de comunicação restringem consideravelmente sua participação na sociedade. De acordo com o Censo Demográfico 2000, realizado pelo IBGE, mais de cinco milhões de pessoas possuem algum grau de deficiência auditiva no Brasil. Diante deste contexto, políticas públicas constituem ferramentas importantes no auxílio da promoção de acessibilidade. Nos subtópicos a seguir será discorrido acerca do contexto de comunicação de pessoas surdas no Brasil.

2.6.1 Panorama atual dos surdos no Brasil

O Censo Demográfico fornece informações geográficas, sociais e econômicas a respeito da população brasileira, norteadando o planejamento público e privado do país (CENSO 2010).

³² Trata-se da capacidade de entender a palavra oralizada por outra pessoa mediante leitura dos movimentos dos lábios aliado à expressão facial, também conhecida como leitura labial.

A Tabela 1 apresenta dados sobre a população surda, com base no Censo Demográfico 2000, publicado pelo IBGE.

Tabela 1 - Dados do Censo Demográfico 2000 sobre a população surda no Brasil³³

CENSO DEMOGRÁFICO 2000	
Total de SURDOS	5. 750. 805
IDADE: 0-17	519.460
IDADE: 18-24	256.884
TOTAL DE CRIANÇAS E JOVENS SURDOS (0-24)	766.344

Fonte: IBGE (2000).

A Tabela 2 apresenta dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), indicando o número de pessoas surdas que se encontram matriculadas no ensino básico e superior e quantas concluíram o ensino médio.

Tabela 2 - Dados do Censo Escolar 2003 sobre surdos matriculados na rede de ensino do Brasil

CENSO ESCOLAR 2003 (INEP)	
SURDOS MATRICULADOS NO ENSINO BÁSICO	56.024
ENSINO MÉDIO CONCLUÍDO	2.041
ENSINO SUPERIOR INICIADO	344

Fonte: INEP (2003).

³³ A forma de coleta dos dados para o Censo Demográfico foi questionada mediante Ato Público realizado em 21 de maio de 2010 na Avenida Paulista em São Paulo. O motivo da manifestação é a coleta de dados por amostragem, o que para a conselheira-suplente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo (CMPD-SP), Clarice Kammer Perl, significa que muitas pessoas com deficiência continuarão teoricamente sem existir (REVISTA SENTIDOS, 2010). O grupo de Surdos Usuário da Língua Portuguesa (SULP) também se manifestou a favor de um Censo específico para pessoas com deficiência em 2010, visando identificação mais precisa do perfil de deficientes no Brasil, bem como a proposição de políticas públicas que beneficiem de maneira mais eficiente esta parcela da população.

Percebe-se que, do ensino básico ao superior, há uma redução quantitativa demasiadamente grande. Se, das 766.344 crianças e jovens surdos apresentados pelo censo 2000, apenas 56.024 chegam a ser matriculados no ensino básico, ficam excluídos do sistema educacional aproximadamente 710.320 surdos. Dos 56.024 que conseguem estudar, apenas pouco mais de 3,5% conclui o ensino médio, e em torno de 0,6% inicia o ensino superior. O estudo apresenta ainda que 90% dos surdos que iniciam uma graduação o fazem em instituições privadas.

Embora ações nas décadas de 1980 e 90 tenham promovido a utilização da língua de sinais no âmbito escolar, historicamente, políticas educacionais de inclusão de crianças surdas têm focalizado o ensino da oralização e a terapia da fala, objetivando o ensino do português oral e escrito (QUADROS, 2009b).

Evidencia-se, assim, a condição excludente que as pessoas surdas ainda vivenciam no Brasil e a urgência em se tomarem medidas que contemplem mais amplamente suas necessidades específicas.

O próximo tópico trata de políticas públicas que vem sendo adotadas para promover a inclusão e acessibilidade de pessoas surdas no Brasil.

2.6.2 Direitos e políticas públicas referentes a surdos

Apenas recentemente, o Brasil teve avanços significativos no campo das políticas públicas voltadas à inclusão social de pessoas surdas. Embora a Lei que reconhece a língua de sinais oficialmente tenha sido regulamentada apenas em 2005, a luta pelo seu reconhecimento é antiga.

No âmbito internacional, destaca-se a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, divulgada em 1996, que foi produzida inicialmente no âmbito da organização internacional de Poetas, Ensaístas e Novelistas (P.E.N.) Internacional e posteriormente contou com o apoio de outras organizações, dentre elas, com o patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). A declaração, que se refere às manifestações orais e escritas da língua, não menciona as línguas de sinais, no entanto, reconhece que:

Partindo do princípio que a situação de cada língua é o resultado da confluência e da interação de uma multiplicidade de factores - político-jurídicos, ideológicos e históricos, demográficos e territoriais, económicos e sociais, culturais, linguísticos e sociolinguísticos, interlinguísticos - a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos considera que todas as línguas são a expressão de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções. (UNESCO Portugal)

Assim, a Declaração dos Direitos Linguísticos pode ser considerada como passo importante no reconhecimento e valorização internacional da diversidade linguística.

Segundo Quadros (2009b), no Brasil existe a falsa ideia de que uma segunda língua comprometeria a primeira, no caso, o português, tendência que prejudica a implementação de políticas linguísticas. No entanto, esta situação vem se transformando, sendo possível destacar um maior reconhecimento dos povos indígenas brasileiros desde 1988, o que tem promovido mudanças em relação às línguas indígenas, desde então, sendo que “várias escolas indígenas foram estabelecidas tendo a língua do povo indígena como a língua de instrução e o português como segunda língua” (QUADROS, 2009b, p. 216).

Em relação à Libras, já em 1999, o documento 008561/1999, intitulado “Que educação nós Surdos queremos”, foi encaminhado ao MEC/SEESP. O referido documento foi elaborado por pessoas surdas, a partir do Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para surdos, realizado em Porto Alegre, na UFRGS (REVISTA DA FENEIS, n. 23, 2004), e teve como principal objetivo reivindicar melhorias na qualidade de vida e acessibilidade à comunicação; seja mediante a fundação de escolas bilíngues; disponibilidade de tradutores(as) e intérpretes de sinais em universidades e demais serviços públicos, preservação e valorização do patrimônio, cultura e identidade surda; apoio a pesquisadores surdos (as); dentre outras.

Em 2000, o artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, já previa “a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação” (BRASIL, 2000). Embora ainda incipiente, haja vista a utilização do termo “linguagem de

sinais”, ao invés de “língua de sinais”, foi também medida importante para os surdos no Brasil.

Zovico³⁴ avalia que a acessibilidade ainda é percebida sobretudo como eliminação de barreiras físicas, mediante a inclusão de rampas e elevadores acessíveis a cadeirantes, por exemplo. No entanto, existem necessidades de pessoas cegas e surdas, que também devem ser consideradas.

O governo fundou essa lei de acessibilidade dentro das empresas, [e] as empresas pensaram, “nossa, o cadeirante vai vir aqui, então temos que fazer rampas, tem que ter um projeto, o banheiro”, toda questão do espaço físico adaptado pra mostrar que, “nossa, é bonito, nós temos acessibilidade”, já coloca a placa lá de acessibilidade dentro da empresa. Mas as pessoas não pensaram no braile, no telefone específico pra surdos [...] dos deficientes visuais, na questão do ruído; tudo isso é acessibilidade.

Dois anos depois, a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, conceituando-a não mais como linguagem, como havia sido feito anteriormente, mas como “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Além disso, esta Lei também foi responsável por incitar: o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais por parte do poder público e empresas prestadoras de serviços públicos; atendimento adequado aos portadores de deficiência auditiva por parte de serviços públicos de assistência à saúde; a inclusão da Língua Brasileira de Sinais como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, em seus níveis médio e superior (BRASIL, 2002). Assim, a Lei n. 10.436 foi considerada um marco, na medida em que foi capaz de abranger “as reivindicações, as novas conceituações, as necessidades e as expectativas de mudanças concretas de direitos sócio-linguísticos dos Surdos” (REVISTA DA FENEIS, n. 24, 2005). Na Revista da Feneis n. 14 (2002, p. 4), foi registrado o relato entusiasmado da filial da Feneis do Distrito Federal, em relação à aprovação do projeto de Lei 131/96:

³⁴ Informação oral: ZOVICO, Neivaldo. Direitos Humanos e Acessibilidade – Apresentação. In: I Seminário Nacional de Educação de Surdos da UFPR e I Seminário Estadual da Feneis-PR. Curitiba, 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

3 de abril de 2002 é um dia de festa, que marcará a história dos Surdos brasileiros. Conseguimos!!!

O Senado Federal aprovou por unanimidade o PROJETO DE LEI 131/96 referente à Língua Brasileira de Sinais.

A Comunidade Surda (que lotou o plenário, batendo recorde de público) festejou com muita emoção esta VITÓRIA de toda a comunidade Surda brasileira. [...] Durante o evento, foram apresentadas peças teatrais em Libras, com o objetivo de divulgar também a cultura Surda. O evento foi enriquecido pelas bonitas faixas colocadas na Esplanada dos Ministérios, que chamaram a atenção de todos os que por ali passavam, para as questões referentes ao Surdo. [...] O presidente do Senado, ao final, leu o texto de aprovação do projeto, complementando que este havia sido o projeto mais HUMANITÁRIO que o Senado havia aprovado nos últimos tempos.

Ressalta-se também o parágrafo único do artigo Art. 4º que destaca que a “Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2002), portanto, a lei promove a língua de sinais, mas também a modalidade escrita do português.

De forma sintetizada, o Quadro 5 apresenta algumas das principais medidas oficiais e manifestações acerca dos direitos das pessoas surdas, ocorridas de 1996 a 2002:



Quadro 5 - Algumas das principais medidas oficiais e manifestações acerca dos direitos das pessoas surdas, ocorridas entre 1996 e 2002

Fonte: Autoria própria.

Em dezembro de 2005, finalmente, o Decreto Federal 5626/2005 vem regulamentar a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000; ambos referenciados nos parágrafos anteriores. Embora tardiamente, esta medida teve e tem papel fundamental na garantia de comunicação e acessibilidade de pessoas surdas em várias esferas da vida social. O Decreto 5626 dispõe, por exemplo, sobre “a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor(a), instrutor(a) e tradutor(a) e intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular”, dentre outras disposições (BRASIL, 2005).

A Revista da Feneis n. 27 traz, na capa, uma chamada para a regulamentação da língua brasileira de sinais (Figura 10) e dedica dezessete páginas à notícia. Dentre as informações prestadas pela revista, consta que, até então, 79 países já haviam reconhecido a língua de sinais como língua, porém o Brasil foi o primeiro a fazer a regulamentação, destacando que o Decreto prevê a

inclusão da pessoa surda não apenas no sistema de ensino, mas também a sua inserção no mercado de trabalho e seu acesso ao sistema de saúde (REVISTA DA FENEIS, n. 27, 2006).



Figura 10 - Capa da Revista da Feneis n. 27
Fonte: Revista da Feneis, capa, 2006.

O Decreto Federal 5626/2005 ainda refere-se ao surdo como sujeito com perda auditiva que percebe o mundo por meio de experiências visuais; manifestando-se culturalmente, principalmente por meio da língua de sinais; conceituação esta que inclui, ao menos em parte, fatores culturais e linguísticos.

Levando em consideração que as políticas públicas servem como referência para garantir direitos a todos os grupos sociais e culturais, bem como na promoção de transformações na sociedade, o Decreto 5626/2005 traz à tona questões de grande relevância para a sociedade e, principalmente, para pessoas surdas.

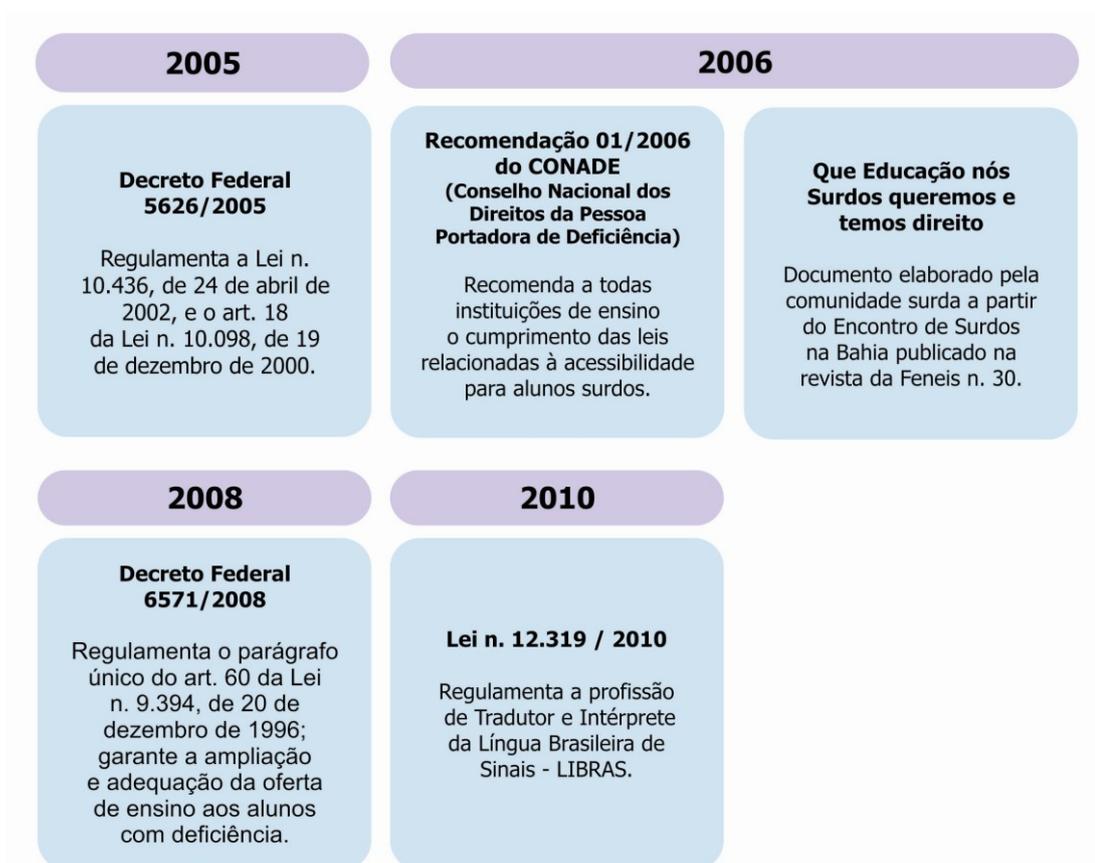
A despeito de estas reivindicações terem sido atendidas no âmbito legislativo, na prática ainda existem carências, e a efetiva implementação da Lei ocorre de maneira lenta. Em 2006, um novo documento, intitulado “A educação que nós, Surdos, queremos e temos direito”, foi elaborado a partir do Encontro de Surdos na Bahia, realizado na reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este documento foi também publicado na Revista da Feneis n. 30, também no ano de 2006. O referido artigo, ao qual o documento estava vinculado, chama a atenção para o que acontece na prática, principalmente no que diz respeito às práticas pedagógicas:

[...] há uma organização que implícita ou explicitamente valoriza o ouvir, o saber ouvir, o ser ouvinte, trazendo uma relação excludente entre os ouvintes e seus pares. As aulas não são apropriadas para o aluno surdo, são utilizadas apenas técnicas de memorização, apenas por verbalizações sobre o objeto a ser aprendido, de forma mecânica e descontextualizada. Não há recursos suficientes, nem sensível interesse para a realização de ações pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento cognitivo desses alunos, propiciando a todos os alunos contato com os objetos a serem aprendidos, utilizando apenas modelos para ouvintes [...] O que se pode perceber é que o processo de inclusão dos alunos surdos, nas classes regulares de ensino, não está acontecendo como preconizam as leis: o diálogo e o espírito crítico não são exercitados nos âmbitos escolares. (REVISTA DA FENEIS, n. 30, 2006, p.26).

Consta, entre as reivindicações: a reestruturação curricular pedagógica e a utilização de recursos imagéticos e visuais adequados às pessoas surdas; a implementação da língua de sinais nos currículos escolares; participação de pessoas surdas nos processos de discussão e implementação de leis, decretos, etc.; a garantia de acesso à cultura surda; a inserção, nos programas educacionais e telejornais, de legenda e janela de tradutor(a) e intérprete de Libras; o acesso aos recursos tecnológicos que auxiliem no processo de aprendizagem dos alunos surdos; e a garantia da presença do professor surdo, principalmente para o ensino da língua de sinais; dentre outras. (REVISTA DA FENEIS, n. 30, 2006).

Recentemente, em setembro de 2010, outra importante conquista para a comunicação de pessoas surdas, a Lei n. 12.319, trouxe a regulamentação da atuação do(a) tradutor(a) e intérprete da língua brasileira de sinais, o que significa que a profissão deverá ser exercida por profissionais devidamente capacitados e habilitados, seguindo os critérios da lei. Dentre as determinações, destaca-se o dever do(a) tradutor(a) e intérprete em zelar e respeitar a cultura surda, tendo conhecimento das “especificidades da comunidade surda”, atuando imparcial e fielmente aos conteúdos que lhe couber traduzir, de maneira honesta, livre de quaisquer preconceitos, sempre protegendo o direito de sigilo da informação recebida (BRASIL, 2010).

O Quadro 6 apresenta algumas das principais medidas oficiais ocorridas de 2005 a 2010:



Quadro 6 - Algumas das principais medidas oficiais acerca dos direitos das pessoas surdas entre 2005 e 2010

Fonte: Autoria própria.

Cabe ressaltar, porém, a importância de mudanças políticas serem acompanhadas pela difusão de informações e acessibilidade a estas, para que, junto com novas medidas na esfera legal, a consciência e o conhecimento da sociedade acerca da diversidade sejam também transformados, ampliados.

2.6.3 Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a Revista da FENEIS.

A Feneis é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, e que tem como principais objetivos a defesa dos direitos dos surdos no Brasil e a divulgação da

Língua Brasileira de Sinais (Libras), tanto para pessoas físicas, quanto jurídicas e órgãos públicos. A instituição também promove eventos que objetivam esclarecer e auxiliar quaisquer interessados acerca da cultura surda, como palestras, apresentações de poesia, *workshops*, dentre outras atividades, divulgando serviços, projetos e produtos de utilidade às comunidades surdas³⁵ do país.

A sede principal da Feneis está instalada na cidade do Rio de Janeiro, e as sedes regionais encontram-se espalhadas por diversos estados do Brasil, totalizando 11 escritórios regionais (Figura 11).



Figura 11 - Localização das sedes da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - Feneis, no Brasil.

Fonte: Autoria própria.

³⁵ Segundo STROBEL (2008, p. 31), entende-se que “a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes-membros de família, tradutores(as) e intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização”.

Considerando a Feneis como ponto de partida importante e a comunicação como uma das temáticas preponderantes desta pesquisa, foi feito um levantamento dos principais temas abordados em algumas edições da Revista da Feneis (Figura 12), publicação semestral da instituição, que, em 2009 já contava com 38 edições veiculadas. A revista trata de assuntos do interesse da comunidade surda, com notícias de âmbito nacional e internacional, tendo como objetivo principal informar surdos (as) acerca de projetos, leis aprovadas e/ou em andamento, cursos, oficinas, entrevistas, informações sobre o mercado de trabalho, eventos culturais, artigos acadêmicos, lançamentos de livros, dentre outros assuntos envolvendo surdos (as), tradutores(as) e intérpretes de Libras e familiares.



Figura 12 - Capa da Revista da Feneis
Fonte: Revista da Feneis, n. 36, 2008.

Com o lançamento da Revista da Feneis em 1999, buscou-se também um espaço de expressão para o surdo. A Revista da Feneis é a mídia que a comunidade surda, profissionais e familiares podem contar para imprimir as suas ideias, experiências e principais bandeiras. Como um desdobramento do antigo Jornal da Feneis, criando em 1994, a nossa publicação possui um teor informativo, mas também reflexivo, a fim de proporcionar ao leitor possibilidades de crescer nos assuntos pertinentes à surdez.³⁶ (FENEIS, 2010).

O levantamento das reportagens e chamadas da capa e conteúdo da Revista da Feneis delimitou-se a edições do período entre 2002 e 2008 (Quadro 7), tendo como objetivo a identificação de temáticas consideradas importantes para a

³⁶ Disponível em: <<http://www.feneis.com.br/page/revistafeneis.asp>>. Acesso em: 18 abr. 2009

Feneis e para a comunidade surda, principalmente aquelas relacionadas à interação social de pessoas surdas, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação. Embora revistas tenham sido consultadas, a amostragem focalizada mostrou-se suficiente para se ter uma noção geral do conteúdo da revista.

Chamadas da capa	N. da edição / Período / Ano	Notícias relacionadas a sistemas de produtos e serviços de comunicação para surdos(as)
<ul style="list-style-type: none"> • Não há chamada de texto, apenas a imagem de uma televisão com <i>closed-caption</i> 	n. 14 Abr-Jun / 2002	<ul style="list-style-type: none"> • SBT amplia em 2002 sua programação com Legenda Oculta / <i>Closed Caption</i> • É lançado Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais
<ul style="list-style-type: none"> • Dia do Surdo • Saiu a regulamentação da Libras 	n. 23 Jul-Dez / 2004	<ul style="list-style-type: none"> • Celular em Língua de Sinais • Libras ganha proposta de regulamentação • Projeto Saber auxilia integração dos surdos • Congresso Ibero Americano discute acessibilidade no turismo • Metrô de São Paulo oferece curso de Libras aos seus funcionários • Surdos pedem ampliação da rede de telefones especiais • INES oferece Curso de Reciclagem para Instrutores de Libras • Projeto de Lei prevê ensino de Libras em todas as escolas • Propostas de legendas
<ul style="list-style-type: none"> • Brasil é sede de encontro Latino-americano 	n. 24 Jan-Mar / 2006	<ul style="list-style-type: none"> • Laboratórios Aché oferecem atendimento especializado para surdos • CCBB debate Legendas Ocultas • Brasil Telecom disponibiliza Central de Atendimento ao Surdo • Curso para tradutores(as) e intérpretes de Libras em Porto Alegre • Site para surdos com a cara dos jovens
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendendo em Libras 	n. 25 Abril-Set / 2005	<ul style="list-style-type: none"> • Discurso de inclusão equivocado pode retroceder avanços em 100 anos • Educação que e nós surdos queremos

<ul style="list-style-type: none"> • Libras é realidade no país: MEC e Feneis celebram a regulamentação da Língua Brasileira de Sinais 	<p>n. 27 Jan-Mar / 2006</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Brasil regulamenta Libras • Entendendo melhor a comunicação com surdos: Feneis de Teófilo Otoni organiza 5º Simpósio de Surdos
<ul style="list-style-type: none"> • Cultura surda na arte de pintar: nas telas de Glauco, a expressão e a linguagem silenciosa fala a todos • CELES discute padronização e Curso intermediário 	<p>n. 28 Abr-Jul / 2006</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Programa para deficientes auditivos e visuais • Conade quer acessibilidade nos locais de votação • Closed Caption³⁷ • Língua de Sinais: a experiência em terra chilena • Torpedo Rybená: rumo à inclusão digital • Escola Municipal se destaca pelo ensino em Libras • UFRJ abre as portas para tradutores(as) e intérpretes de Libras/português • Línguas de sinais e inclusão educacional Educação inclusiva de surdos: panorama de Santa Catarina/Brasil e Espanha • Encontro discute curso intermediário da Libras: atividades do CELES ajudam a acompanhar e orientar processo educacional da pessoa surda • Agora, você tem direito de garantir a sua acessibilidade e comunicação. Solicite gratuitamente, a instalação do telefone público para surdos na sua cidade, através do formulário encartado. (anúncio)
<ul style="list-style-type: none"> • Uma nova Língua no vestibular: surdos fazem prova para o curso de letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina • Exame Pró-Libras proposto pelo MEC atesta conhecimento da Língua Brasileira de Sinais 	<p>n. 29 Jul-Set / 2006</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Agora surdos podem ligar direto para empresas que tem Central de Atendimento aos surdos – CAS (publicidade) • Encontro de Interpretes de Língua de Sinais em Santa Catarina • Instalação de aparelhos de telefonia pública • Por tradutores(as) e intérpretes na TV • Programa TCE na TV insere tradução simultânea de Libras • Vestibular em Libras • PROLIBRAS em janeiro • Legenda para quem não ouve, mas se emociona: uma luta de todos nós • Policiais Militares do Policiamento Ambiental de Birigui participam de cursos de Libras • Surdos estudam Pedagogia em Faculdade Batista: Projeto possibilita formação superior para deficientes auditivos • Qualidade no atendimento bancário ao surdo Ao lado da Feneis: banco do Brasil orienta correntistas surdos a respeito de movimentação bancária

³⁷ *Closed caption* ou legenda oculta, também conhecida pela sigla CC, é um sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão.

<ul style="list-style-type: none"> • Regulamentação da Libras na prática 	n. 30 Out-Dez / 2006	<ul style="list-style-type: none"> • Guardas municipais aprendem Libras em Rio das Ostras • Curso de Libras para funcionários de aeroporto em Curitiba
<ul style="list-style-type: none"> • Dia Nacional do Surdo • Espaço acadêmico: artigo destaca a importância da utilização de imagens no ensino de Libras para surdos • Karin Strobel lança livro sobre cultura surda • Finlandês surdo faz história na música 	n. 36 Ago-Dez / 2008	<ul style="list-style-type: none"> • Mostra de cinema no MAM – filmes legendados • Libras no museu • Feneis/BH promove confraternização e palestras • Feneis MG promove Libras

Quadro 7 - Levantamento das notícias anunciadas nas edições da revista da Feneis entre 2002 e 2008

Fonte: Autoria própria.

Identificaram-se como temas preponderantes das edições analisadas: uso e difusão da Libras; acessibilidade de produtos, sistemas e serviços; questões relativas a políticas públicas; tradutores(as) e intérpretes de Libras; inclusão no sistema educacional e atividades culturais relativas à comunidade surda. Esta etapa norteou o desenvolvimento das próximas fases da pesquisa de campo.

3 RECURSOS TECNOLÓGICOS E SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO PARA PESSOAS SURDAS

3.1 CULTURA MATERIAL

Considerando-se os valores simbólicos que envolvem a produção e consumo dos artefatos, entende-se a cultura material como um sistema simbólico capaz de refletir e refratar os valores de uma sociedade, integrando as relações humanas, dando sentido a questões relativas à identidade e às diferentes práticas sociais.

A partir dos artefatos disponíveis em uma sociedade, é possível identificar fatores culturais, sociais, políticos, econômicos, dentre outras dimensões. Conforme Denis (1998, p. 37), toda sociedade projeta “na sua cultura material os seus anseios ideológicos e/ou espirituais e, se aceitamos esta premissa, logo é possível conhecer uma cultura – pelo menos em parte – através do legado de objetos e artefatos que ela produz ou produziu”.

Como pontuado por Featherstone (1995, p. 36), “bens são usados para marcar diferenças sociais e transmitir mensagens”, integram as relações entre as pessoas, tornam-se mediadores de mensagens, transformam-se e são transformados pelas práticas sociais. Latour (2000) utiliza-se do termo “ator-rede” ao pressupor que as relações entre pessoas e objetos constituiriam redes intrinsecamente conectadas, nas quais os atores envolvidos seriam interdependentes, envolvidos por redes mais extensas, contextos sociais e culturais diversos. A partir desta perspectiva, mediações aconteceriam em diversas esferas do mundo social, mediante o estabelecimento de interações e inter-relações complexas.

Cabe aqui discutir os limites entre o que é técnico e o que é humano. Mauss (2003) utiliza o termo “técnicas do corpo” para refletir a respeito das diferentes maneiras pelas quais as pessoas fazem uso de seus corpos, seja para se comunicar, nadar ou caminhar, técnicas apreendidas e relacionadas a diferentes contextos culturais, sociais e históricos, relações de gênero, idade, dentre outros fatores. O autor considera que a técnica não está necessariamente relacionada à utilização de instrumentos, sendo que “o corpo é o primeiro e mais natural

instrumento do homem” (p. 407), constituindo objeto e meio técnico. McLuhan (1964), por exemplo, considera que os meios técnicos são extensões dos sentidos humanos e participam, de certo modo, da consciência e experiência dos sujeitos. Como afirma este autor, “o que chamamos de mecanização é uma tradução da natureza, e de nossas próprias naturezas, para formas ampliadas e especializadas” (p.76). Nesta perspectiva, entende-se que condutas motoras são partes integrantes da relação entre sujeitos e a cultura material.

Desta forma, as variações de significados da cultura material dependem, portanto, de uma rede de relações estabelecidas no âmbito social em que artefatos são interpretados (SANTOS, 2005), assim como as diferentes maneiras com que são apropriados e utilizados pelos sujeitos. Produtos da cultura material podem incluir ou excluir determinados usos e sujeitos. Mackenzie e Wajcman (1996, p. 5) argumentam que, “ao adotar uma tecnologia, podemos estar optando muito mais por fatores econômicos, políticos e mesmo culturais, assim como técnicos – do que pode parecer em um primeiro momento.”³⁸ As pontes de Nova Iorque, construídas por Robert Moses (WINNER, 1996), configuram um exemplo de como produções materiais materializam interesses específicos, sendo capaz de excluir determinados grupos da sociedade. Segundo o autor, Moses, arquiteto responsável por grandes projetos de engenharia de Nova Iorque entre os anos 1920 e 1970, construiu pontes e avenidas em Long Island, a fim de favorecer o uso de automóveis frente ao desenvolvimento do transporte público, restringindo o acesso de grupos sociais menos favorecidos a esta área da cidade, caracterizada pela presença de parques e praias.

Feenberg (1995), Pinch e Bijker (1997) salientam que usuários de determinado artefato podem interferir no seu desenvolvimento, a exemplo da concepção da bicicleta; que teve em sua produção a participação de diversos grupos sociais, dentre eles, homens, mulheres, pessoas que utilizavam a bicicleta somente para transporte, esportistas, os próprios engenheiros responsáveis pelo projeto, dentre outros. Trata-se de um modelo de processo não linear, sendo que os diferentes grupos sociais envolvidos possuíam diferentes necessidades de uso e diferentes interpretações a respeito do artefato, o que levou, conseqüentemente, a

³⁸ Traduzido pela autora do inglês: *In adopting a technology, we may be opting for far more – economically, politically, even culturally – than appears at first sight.* (MACKENZIE; WAJCMAN, 1996, p. 5).

soluções diversas em seu desenvolvimento. Os artefatos se constroem, então, por meio de complexos processos sociais, sujeitos a negociações, de modo “multidirecional e quase evolutivo de variação e seleção”; segundo Bazzo, Linsingen e Teixeira (2003, p. 131).

Tais soluções trazem à tona, muitas vezes, questões morais, que implicam em mudanças de atitude e comportamento, a exemplo das mulheres, que, até dado momento da história, não podiam vestir calças, ou até mesmo andar de bicicletas. À medida que se constatou o público feminino como de consumidoras em potencial, buscaram-se formas de possibilitar o uso da bicicleta pelas mulheres, levando-se em consideração implicações sociais e culturais presentes na época. Particularmente em relação à concepção da roda da bicicleta, por exemplo, nem todos os grupos sociais envolvidos em seu uso aprovavam um modelo mais veloz, o que também levou a soluções diversificadas, atendendo a diferentes interesses (PINCH; BIJKER, 1997). Portanto, há que se considerar as maneiras particulares como as pessoas intervêm e apropriam-se dos artefatos, bem como os diversos contextos de uso.

Feenberg (1995) argumenta como a intervenção dos usuários trouxe, em certos casos, modificações significativas em alguns artefatos. É o caso dos *Videotex* franceses, sistemas de informação computacionais que sofreram alterações, devido a ações de *hackers* que modificaram e se reapropriaram das funções para as quais esses artefatos foram primeiramente designados, reforçando a ideia de que, a partir da participação do público na produção tecnológica, é possível colaborar com o processo de democratização da tecnologia.

Denis (1998) considera a definição do termo “função”, do ponto de vista do Funcionalismo, estreita, na medida em que desconsidera o sistema de produção, circulação, consumo e contexto de uso dos artefatos. De maneira semelhante, Kasper (2004; 2007) ressalta o caráter normativo do termo “função”, que acaba excluindo usos diferenciados dos inicialmente previstos para determinado artefato.

Kripendorff (1995) e Kasper (2007) utilizam o termo *affordance*, proposto por Gibson (1986), para discorrer sobre as possibilidades de uso propiciadas pelas características de um artefato e contextos em que se insere. A interação entre sujeito e artefato é tida como relacional, uma vez que depende das características de ambos e “remete à nossa capacidade de interpretar o mundo a nossa volta” (KASPER, 2004, p. 5), em um contexto específico. Segundo Kasper (2007), o uso de determinado artefato é apenas uma parte de sua história, entre sua materialização e

destruição, relacionando-se tanto a suas características quanto à criatividade de quem o utiliza. Projetar a partir de *affordances* seria partir, não de especificação de funções, mas de outras características perceptíveis (KRIPPENDORFF, 1995), uma provável maneira de ampliar a margem para usos diferenciados.

Os artefatos, à medida em que mudam de contexto, adquirem novos sentidos (DENIS, 1998). Os significados que lhes são atribuídos estão sempre em trânsito (MCCRACKEN, 2003), sendo que perspectivas reducionistas e deterministas acerca de seus usos e significados não se aplicam à variabilidade e complexidade da vida de maneira geral.

Considera-se que nem todos os significados ou usos dos artefatos podem ser previamente estabelecidos pelos envolvidos na produção dos bens, uma vez que estes estão sujeitos a reapropriações e re-significações. Tais interferências e usos distintos referem-se à capacidade de bens materiais constituírem instrumentos de mudança, a partir da recombinação de significados existentes ou criação de novos significados, podendo funcionar como um discurso dentre pessoas de determinado grupo, ou ainda, entre este grupo e a sociedade mais ampla (MCCRACKEN, 2003), dentro e entre redes de atores diversas, conforme Latour (2000).

A diversidade cultural leva à reflexão acerca de como designers participam “no desenvolvimento da cultura material, que, por sua vez, influencia a composição do universo simbólico e o modo de viver e se relacionar das pessoas nas sociedades” (ONO, 2006, p. 47). Ao ignorar a forma como as pessoas fazem uso dos artefatos e possíveis necessidades e anseios particulares que possam emergir dessa interação, acaba-se perpetuando a inacessibilidade de determinados grupos sociais a determinados artefatos e sistemas correlatos, temática discorrida no subtópico a seguir.

3.2 DESIGN E ACESSIBILIDADE

Promover acessibilidade consiste em facilitar o acesso e a utilização de ambientes, produtos e serviços por quaisquer pessoas, independente do contexto no qual estão inseridas, suprimindo assim necessidades de diferentes grupos sociais.

Erlandson (2008) apresenta diferentes fatores que influenciam o processo de design, representados na Figura 13 e que ilustra o design como parte de um processo social, envolvendo fatores variáveis, capaz de materializar concessões e restrições do ambiente social, ao mesmo tempo em que o influencia e transforma (Figura 13).

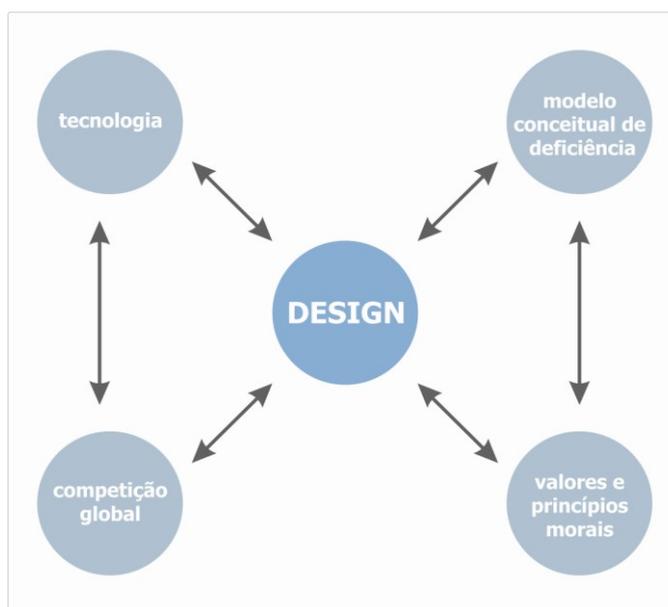


Figura 13 - Fatores que influenciam o processo do design
Fonte: Adaptado de ERLANDSON (2008).

Ressalta-se que, neste processo, o conceito de deficiência também está envolvido, sendo, portanto, importante compreender seus desdobramentos e dimensões histórico-sociais. Como destaca Erlandson (2008), a disponibilidade e utilização de tecnologias assistivas e de habilitação refletem-se em transformações do conceito de normalidade da sociedade. Pullin (2009), por sua vez, considera inapropriada a utilização de termos como “tecnologia assistiva”, por enfatizar demasiadamente a tecnologia ou o “design para pessoas com deficiência”, por sugerir que nenhum outro design seria adequado para pessoas deficientes de maneira geral. Cassim et al (2007) afirmam, ainda, que terminologias como estas têm aberto espaço para conceitos mais igualitários como “design universal”, “design para todos”, e “design inclusivo”, tendências significativamente reforçadas, devido às mudanças demográficas e de mercado.

Para Pullin (2009) não se trata de pessoas deficientes, mas de certas pessoas que são desabilitadas pela sociedade e, conseqüentemente, têm sua

participação social consideravelmente restringida. E o design pode assumir papel relevante neste processo, ampliando ou restringindo a acessibilidade de determinados grupos sociais a produtos e serviços, beneficiando ou prejudicando o meio-ambiente, dentre outros fatores.

No caso de sujeitos surdos, produtos e serviços centrados na fala e audição podem criar barreiras de acessibilidade, acarretando-lhes diferentes graus de dificuldades em seu cotidiano e na vida social.

Em termos legais, no Brasil, o Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004), estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e considera acessibilidade o condicionamento adequado para a utilização segura e autônoma de “espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação”, identificando quatro tipos de barreiras:

- a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;
- b) barreiras nas edificações: as existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo e no entorno e nas áreas internas de uso comum nas edificações de uso privado multifamiliar;
- c) barreiras nos transportes: as existentes nos serviços de transportes; e
- d) **barreiras nas comunicações e informações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação.**
(BRASIL, 2004, grifo da autora).

O capítulo VI, do referido decreto, dispõe especialmente sobre a acessibilidade aos meios de informação e comunicação, prevendo o acesso de pessoas surdas aos meios de telecomunicação pela subtítuloção por meio de legenda oculta e janela de tradutor(a) e intérprete de Libras, disponibilização de telefones públicos adaptados, centrais de intermediação de comunicação telefônica, dentre outros serviços especializados.

Cassim et al (2007, p. 13) esclarecem que leis têm o poder de assegurar direito ao acesso de bens, serviços e ambientes, independente da idade e capacidade do sujeito, concedendo aos consumidores que se sentirem discriminados a possibilidade de recorrer à lei, considerando-se que a “legislação é

parte de uma profunda mudança de atitudes e expectativas e terá um efeito a longo prazo nos negócios e no design”³⁹.

Destaca-se a necessidade de transformações da sociedade que promovam a inclusão e a maior abrangência de grupos sociais como o dos surdos, que, apesar de inúmeras conquistas, ainda têm acesso restrito a várias instâncias da sociedade. Como apontado por Cooper (2007), quaisquer decisões, em termos de design e tecnologia, causam impactos ambientais, sociais e éticos, sendo urgente a necessidade de diretrizes que contemplem uma abordagem holística voltada à responsabilidade social.

Além da concepção de acessibilidade, cabe observar os conceitos de usabilidade, design universal e design adaptável. Segundo Preece (1993, p. 131), a usabilidade é “uma forma de medir a facilidade com a qual um sistema pode ser aprendido e utilizado, sua segurança, efetividade e eficiência, e a atitude do usuário em relação a ele”⁴⁰.

Wiklund (1994, p. 7) explica que, por exemplo, se a indicação escrita do botão interruptor de um controle está em “bom e claro inglês” (referindo-se, aqui, a contextos de língua inglesa), a usabilidade aumenta, mas se, ao contrário, a terminologia tem sentido ambíguo ou é muito pequena para ser lida, a usabilidade é prejudicada.

O termo usabilidade envolve também a satisfação do usuário, que seria proporcionada mediante atribuições do produto, e inúmeros fatores, culturais, sociais, técnicos, dentre outros, podem interferir no grau satisfação de uso de determinado produto ou serviço.

Portanto, acessibilidade e usabilidade são conceitos que se inter-relacionam, mas são diferentes. Um filme brasileiro, por exemplo, poderia ter legendas em português para pessoas surdas, o que o tornaria acessível, mas se elas fossem apresentadas com letras muito pequenas e de pouco contraste prejudicariam sua usabilidade, em termos de legibilidade e leitura. Caso não houvesse legenda alguma, tornar-se-ia um produto inacessível para pessoas surdas.

³⁹ Traduzido pela autora do inglês: “*This legislation is part of a profound shift in attitudes and expectations and will have a long-lasting effect on business and design*” (CASSIM ET AL, 2007, p. 13).

⁴⁰ Traduzido pela autora do inglês: “*A measure of the ease with which a system can be learned or used, its safety, effectiveness and efficiency, and the attitude of its users towards its.* (PREECE, 1993, p. 131).

Design universal e design adaptável também são termos que envolvem concepções de acessibilidade e usabilidade.

O conceito de design universal pode ser compreendido, segundo Erlandson (2008, p. 17), a partir da possibilidade de uso por pessoas de diferentes habilidades, sem a utilização de adaptações. O Centro de Design Universal⁴¹ (2010) estabelece sete princípios para avaliação e aplicação do design universal⁴²:

1. Uso equitativo: produto/projeto útil e economicamente acessível a pessoas de habilidades diversas;
2. Flexibilidade de uso: possibilidade de uso por pessoas de diferentes preferências e habilidades;
3. Uso simples e intuitivo: uso e interface de fácil compreensão, independentemente da experiência, conhecimento, habilidade de linguagem do usuário;
4. Informação de fácil percepção: comunicação eficaz de informações, independentemente de condições ambientais ou habilidades sensoriais do usuário;
5. Tolerância ao erro (segurança): minimização de perigo e consequências adversas decorrentes de ações involuntárias ou imprevistas;
6. Esforço físico mínimo: possibilidade do produto/projeto ser utilizado de maneira eficiente e eficaz com mínimo de fadiga;
7. Dimensionamento de espaços para acesso e uso abrangente: tamanho e espaço apropriado para acesso, alcance, manuseio e uso independentemente do tamanho do corpo, postura ou mobilidade do usuário.

A máquina de lavar e secar “Duet Sport”, fabricada pela Whirpool nos Estados Unidos (Figura 14), por exemplo, apresenta alguns fatores que possibilitam maior flexibilidade de uso, como a possibilidade de utilização de pedestais que são acoplados de acordo com a altura de quem irá utilizá-las, diminuindo o esforço necessário para operar as máquinas. É também possível instalar uma máquina em cima da outra, quando o espaço é limitado (WHIRPOOL, 2010).

⁴¹ Traduzido pela autora, do nome em inglês: *Center of Universal Design.*”

⁴² No Brasil, o Instituto Brasil Acessível possui um projeto, lançado em 2007, para catalogação de produtos inclusivos relativos ao setor de construção, utilizando como critério os sete princípios do Design Universal. (BRASIL ACESSÍVEL, 2010).



Figura 14 - Máquina de lavar e máquina de secar “Duet Sport”, da Whirlpool, Estados Unidos
Fonte: Whirlpool. Disponível em: <http://www.whirlpool.com/content.jsp?sectionId=718>. Acesso em: 25 nov. 2010.

O termo design adaptável abrange “modificações feitas no design padrão, com o objetivo de torná-lo utilizável por um indivíduo, conforme a necessidade”⁴³ (ERLANDSON, 2008, p. 18), diferindo, então, do design universal, que não necessitaria, em princípio, de adaptações. Tais adaptações não são consideradas intervenções construídas pelo usuário, mas são, por exemplo, peças que podem ser compradas prontas e encaixadas ao produto, como é o caso de dispositivos que podem ser acoplados a certos modelos de telefone para aumentar o seu volume, conhecidas como campainhas auxiliares para telefone (Figura 15), utilizadas por pessoas com dificuldade de ouvir e em ambientes barulhentos, como restaurantes, casas noturnas, dentre outros, tornando, então, o produto acessível em determinados contextos.

⁴³ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “*Adaptable design features are modifications made to standard design for the purpose of making the design usable for an individual, as needed*”. (ERLANDSON, 2008, p. 18).



Figura 15 - Campanha auxiliar para telefone

Fonte: Tudomercado.com. Disponível em: <http://www.tudomercado.com.br/Telefonia-Fixa/Campanha-Auxiliar-Para-Telefone.view?id=1247432457205#imagenes>. Acesso em: 23 jun. 2010.

Erlandson (2008) propõe diversas estratégias de acessibilidade, referindo-se não apenas a surdez, mas deficiências como a visual, motora e cognitiva. Dentre elas, destacaram-se as estratégias apresentadas no Quadro 8, identificadas como soluções potenciais na promoção de acessibilidade em produtos e serviços para pessoas surdas, considerando fatores visuais e linguísticos.

ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE PROPOSTAS POR ERLANDSON (2008)	
ESTRATÉGIA	DESCRIÇÃO
Utilização de sinais multisensoriais	Propiciar sinais luminosos e auditivos, utilizar ícones, cores e símbolos, a fim de expressar a mesma mensagem por diversos meios.
Possibilidade de controlar a intensidade do sinal da mensagem	A pessoa deve ter a possibilidade de controlar a intensidade do sinal luminoso, auditivo e/ou vibratório, de acordo com seu desejo, conforme as condições do ambiente e requisitos de uso.
Alto contraste entre o sinal de mensagem e ruído visual ambiente	Este critério deve ser adotado, principalmente, no caso de não haver possibilidade de ajuste do sinal.
Projetar de forma que produto e/ou serviço sejam utilizados de maneira precisa	Botões maiores e sinais luminosos que indiquem quando determinado botão foi pressionado, por exemplo, podem facilitar o uso de produtos como controles remotos e aparelhos celulares.
Conhecer o contexto de uso de determinado produto e/ou serviço	Produtos e/ou serviços são utilizados e percebidos cultural e semanticamente. Considerando-se que as pessoas constroem seu repertório com base no contexto no qual estão inseridas, elementos podem contribuir na promoção de acessibilidade e usabilidade.
Utilização de sinais que informem status e resposta de determinada operação	Sem <i>feedback</i> das consequências de determinada ação sobre um produto e/ou sistema, a pessoa que o utiliza pode ficar frustrada ou cometer erros.

Mensagens na língua e formato da pessoa que está utilizando determinado produto ou serviço	Muitas vezes, isso significa a utilização de múltiplas línguas, sinais auditivos e luminosos, utilização de símbolos, ícones e imagens que possam ser claramente compreendidos, sendo que estes elementos podem ser combinados, a fim de ampliar a acessibilidade.
Utilização de um nível da língua apropriado	Em um manual de instruções, por exemplo, termos excessivamente específicos e um nível de linguagem que exceda o repertório/conhecimento do usuário em questão podem atrapalhar e restringir a compreensão do texto.
Fornecimento de múltiplas formas de envolvimento com produto e/ou serviço	São necessárias medidas que favoreçam e motivem a interação de diferentes pessoas com determinado produto e/ou serviço. Pessoas cegas, por exemplo, provavelmente precisam de Braille, surdas, sinais e assim por diante. Designers devem disponibilizar escolhas relacionadas à forma como diferentes grupos se comunicam, promovendo acessibilidade.
Possibilidade ao usuário de expressar-se de diferentes maneiras	Múltiplos meios de expressão permite que pessoas se comuniquem de diversas maneiras, seja mediante canal oral-auditivo ou visual-espacial.
Possibilidade de escolha da língua e modo de comunicação	A possibilidade de escolhas, em termos de comunicação e interação com produto e/ou serviço, permitem que pessoas de diferentes habilidades possam acessá-lo. É necessário o máximo de opções de línguas possível. O modo de comunicação pode ser mediante estímulo visual, sonoro, tátil, olfativo ou auditivo.
Garantia de que determinado produto e/ou serviço seja compatível com tecnologias assistivas	Aparelhos celulares, por exemplo, devem ser compatíveis com próteses auditivas, de maneira que haja menor interferência no uso simultâneo dos dois artefatos.
Evitar complexidade e excesso de informações	Designers devem projetar instruções e operações da forma mais simples e acessível possível.
Projetar de maneira a ampliar a acessibilidade de diferentes grupos sociais	As legendas ocultas foram inicialmente projetadas para pessoas com algum nível de surdez, no entanto, acabaram sendo percebidas como necessárias para ouvintes também, uma vez que as pessoas experimentam diferentes possibilidades de audição, de acordo com o ambiente onde se encontram. É importante que o produto e/ou serviço não esteja focalizado na deficiência, o que inclusive pode limitar sua aceitação no mercado, mas que apresente acessibilidade a diferentes tipos de habilidades. Processos e produtos devem evitar a estigmatização das pessoas que os utilizam.

Quadro 8 - Estratégias de acessibilidade propostas por Erlandson (2008)

Fonte: Autoria própria, com base em Erlandson (2009).

Identifica-se que a sinalização visual, importante para ouvintes, torna-se ainda mais relevante para pessoas surdas, que, muitas vezes, por exemplo, não têm

a mesma facilidade que ouvintes têm em pedir informações a respeito de localizações específicas, por exemplo. Dentre as 12 orientações destacadas por Veloso e Filho (2010) sobre como se comunicar com surdos⁴⁴, os autores ressaltam a importância de sistemas visuais de informação no cotidiano (Figura 16).



Figura 16 - Destaque de Veloso e Filho (2010) sobre a importância de sinais visuais para pessoas surdas
Fonte: (VELOSO; FILHO, 2010)

Heskett (2008) apresenta o exemplo das placas do sistema de trânsito de Honk Kong que incluem textos em inglês e chinês, uma vez que o país é bilíngue, ou seja, possui duas línguas oficiais. Em ambientes com alta frequência de pessoas surdas, incluir a tradução de informações do português escrito para a língua de sinais, mediante a utilização de desenhos ou da escrita de sinais, pode ser uma forma de ampliar o conhecimento a respeito do português e da língua de sinais por pessoas surdas e ouvintes, valorizar a Libras e promover acessibilidade. A Escola Após e a sede da Feneis em Curitiba, por exemplo, disponibilizam algumas das placas informativas internas em português e Libras (Figura 17).

⁴⁴ 1- Fale de frente, claramente e pausadamente com o surdo. Uma boa articulação dos lábios facilita a comunicação.; 2 - Não olhe para o outro lado ao conversar. O contato visual é importante na comunicação.; 3 - A leitura labial se torna mais difícil se você gesticula muito ou tem qualquer objeto na frente dos lábios; 4 - Ambiente claro e boa visibilidade são importantes para um bom atendimento.; 5 - Não é preciso gritar. Fale em tom de voz normal.; 6 - O surdo não pode perceber mudanças de tons ou emoções através da voz.; 7 - É preciso ser expressivo para demonstrar seus sentimentos.; 8 - Se você não entender o que uma pessoa surda está falando, não tenha vergonha em perguntar novamente e não perca a paciência.; 9 - Peça sempre para repetir e, se for preciso, escrever. O mais importante é que exista a comunicação.; 10 - Se precisar falar com uma pessoa surda, chame a atenção dela tocando em seu braço.; 11 - Não adianta chamar de longe.; 12 - Os avisos visuais são sempre muito úteis para a independência do surdo. Na falta deles, o surdo terá maiores dificuldades. (VELOSO; FILHO, 2010, p. 16-18)



Figura 17 - Placas indicativas em português e Libras da Escola Apás e Feneis Curitiba
Fonte: Foto de Autoria Própria.

Acerca do mercado de trabalho, Erlandson (2008) apresenta o caso da Fuji Heavy Industries Ltd.⁴⁵, empresa que, no projeto de acessibilidade e inclusão, partiu de quatro iniciativas: recrutamento de pessoas com deficiência; remoção de barreiras físicas; remoção de barreiras de mentalidade e, por fim, uma estratégia intitulada “inspiração”, que previa aulas opcionais de língua de sinais e um concurso de ideias de aplicação de acessibilidade. Tais iniciativas tinham como objetivo demonstrar que, uma vez eliminadas as barreiras, pessoas com deficiência poderiam executar as tarefas com total desempenho, além de envolver todos os funcionários nas transformações ocorridas. O projeto incluiu ainda aulas de língua de sinais para supervisores, seminários para todos os funcionários, independentemente da posição hierárquica, sobre design acessível e universal e depoimentos de funcionários a respeito de como as novas medidas de acessibilidade melhoraram seu desempenho.

Gil (2002) destaca que os benefícios que a inclusão de pessoas deficientes em uma empresa são inúmeras (Figura 18), uma vez que as transformações internas influenciam a vida das pessoas que trabalham dentro da empresa, bem como seus familiares, amigos e comunidade com qual a empresa se relaciona.

⁴⁵ Companhia japonesa que produz diversos produtos relativos a transporte, na qual a Subaru compõe a divisão automotiva.



Figura 18 - Benefícios proporcionados pela inclusão no âmbito empresarial
Fonte: GIL (2002)

No estado de São Paulo, 564 empresas criaram 21.905 novos empregos para pessoas com deficiência, de 2000 a 2001 (GIL, 2002). No entanto, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas no âmbito da promoção de acesso mais inclusivo em espaços públicos, escolas e empresas.

Quadro 9 apresenta uma síntese de estratégias de acessibilidade propostas pelo Centro de Design Universal (2002); CASSIM ET AL (2007); ERLANDSON (2008) e PULLIN (2009), bem como convergências entre estas.

Estratégias de ACESSIBILIDADE	AUTORES			
	CENTRO DE DESIGN UNIVERSAL (2002)	CASSIM ET AL (2007)	ERLANDSON (2008)	PULLIN (2009)
Flexibilidade de uso	x	x	x	x
Adaptabilidade			x	
Simplicidade	x	x	x	x
Compatibilidade com tecnologias assistivas	x		x	x
Utilização de sinais multisensoriais	x		x	
Utilização mensagens em múltiplas línguas	x		x	
Inclusão de pessoas idosas e deficientes no processo de desenvolvimento de produtos e serviços	x	x	x	x

Quadro 9 - Estratégias de acessibilidade mais consideradas.

Fonte: Autoria própria, com base em Centro de Design Universal (2002); CASSIM ET AL (2007); ERLANDSON (2008); PULLIN (2009).

Identifica-se que a maioria dos autores consideram a flexibilidade de uso como possibilidade de ampliação do acesso à produtos e serviços em diferentes contextos. O fator simplicidade é frequentemente mencionado e comumente relacionado ao desenvolvimento de interfaces consideradas intuitivas, de maior usabilidade. A adaptabilidade, embora não considerada dentro do conceito de Design Universal, é enfatizada por Erlandson como possibilidade relevante para maior abrangência de usuários. O fator compatibilidade é levado em conta pela maioria dos autores. A inserção de pessoas idosas e deficientes no desenvolvimento de produtos e serviços é considerada por todos autores referenciados.

Cabe observar possíveis restrições à implementação do design universal nos diversos contextos culturais, sociais, físicos, econômicos, dentre outros. Considera-se o processo de desenvolvimento de artefatos se dá a partir da negociação de interesses entre diversos grupos sociais, não existindo uma única forma de projetar um objeto, mas sim, maneiras diferenciadas de atender a grupos sociais distintos.

Ono (2007, p. 304) destaca que, “design para todos’ pressupõe a promoção do ‘acesso democrático ao mercado de consumo para todos’, sem ser discriminatório e prejudicial à qualidade de vida da sociedade”, não significando, no entanto, homogeneidade, considerando-se que “características, necessidades e anseios variam entre as pessoas”. Partindo de uma perspectiva semelhante, Pullin (2009) explica que fatores culturais envolvem barreiras de acessibilidade e devem ser levados em consideração, cabendo ressaltar que, no âmbito da diversidade de contextos, o conceito de “design universal” acaba oferecendo soluções – muitas vezes - contraditórias. Desta maneira, simplicidade, muitas vezes, não significa maior usabilidade.

Flexibilidade e adaptabilidade também são fatores destacado por Krucken (2009, p. 44), que considera que, em termos de projeto de design, é preciso levar em conta a complexidade das relações e possibilidades, “prevendo a necessidade de mudanças e incorporando o usuário como participante ativo da solução que será proposta”. Soluções, nesta perspectiva, seriam de caráter sistêmico e flexível, e o usuário atuaria como co-autor do projeto (KRUCKEN, 2009). Esta tendência é também apresentada por Krippendorff (1995), ao destacar a ampliação de participação de usuários, como é o caso de projetos de design aplicados a sistemas sociais e redes operacionais de computador programáveis pelos usuários, ambos exemplos oferecendo adaptações, de acordo com necessidades específicas.

Dentre as características do design, identifica-se justamente a materialização “de ideais, valores e conceitos, configurando-os através de objetos utilitários, correspondentes às mais diversas necessidades, demandas e anseios sociais” (COELHO, 2008, p. 63). Neste contexto, o designer assume papel relevante, uma vez que sua atuação “abrange atividades de planejamento, decisões e práticas”, que afetam direta ou indiretamente a vida das pessoas (ONO, 2007, p. 319).

3.3 SURDEZ EM DISFARCE: PRIMEIROS ARTEFATOS UTILIZADOS PARA COMUNICAÇÃO DE PESSOAS SURDAS

No Brasil, não há material disponível *online*, mas a Feneis mantém, em sua sede do Rio de Janeiro, o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC/Feneis) em Libras e Cultura Surda da Feneis; que ainda está com seu acervo em construção (REVISTA DA FENEIS n. 10, 2001).

Alguns museus *online*, como o *Hearing Aid Museum*⁴⁶, *Deafness in Disguise*⁴⁷ e o *Phisick Medical Antiques*⁴⁸, oferecem acesso a imagens de diversos aparatos utilizados para compensar a surdez.

“Cornetas acústicas” (Figura 19) funcionavam como amplificadores de som e são consideradas os antecessores dos aparelhos auditivos conhecidos atualmente. Foram desenvolvidos, inicialmente, no século 17 e consistiam, basicamente, em longas cornetas com uma das extremidades maior e a outra menor, que era posicionada próxima à orelha (TOEG, 1996).



Figura 19 - Corneta acústica antiga

Fonte: Phisick Medical Collection. Disponível em: <<http://www.phisick.com>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

A revista *Popular Science* também publicou, na reportagem intitulada “Maneiras mais novas e fáceis de realizar trabalhos domésticos”, sobre as “orelhas falsas para surdos” (Figura 20), que, segundo a nota do artigo, foram desenvolvidas

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.hearingaidmuseum.com>>. Acesso em: 23 set. 2009

⁴⁷ Disponível em: <<http://beckerexhibits.wustl.edu/did/index.htm>>. Acesso em: 23 set. 2009

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.phisick.com/zent.htm> - hearing>. Acesso em: 23 set. 2009

por inventor alemão inspiradas no gesto comum de pessoas surdas, que costumavam empurrar as orelhas para frente utilizando a mão, a fim de ouvir melhor.



Figura 20 - Artigo “Orelhas falsas para surdos”⁴⁹

Fonte: *Modern Mechanix*, ago. 1930, p. 29. Disponível em: <<http://blog.modernmechanix.com>>
Acesso em: 30 out. 2009.

O museu “*Deafness in Disguise*”, nome que poderia ser traduzido como “Surdez em disfarce”, apresenta uma coleção de artefatos que foram projetados para pessoas total ou parcialmente surdas. Tais objetos acumulavam mais de uma função, de modo que as cornetas acústicas pudessem estar camufladas em meio aos objetos cotidianos e integradas ao ambiente. Dentre poltronas, chapéus, leques, bengalas, cantis de água e bengalas adaptadas para o uso, figura o vaso de flores “receptáculo” (Figura 21), que podia ser utilizado como um vaso de flores e aparelho auditivo ao mesmo tempo, projetado para encontros sociais, com o objetivo de capturar simultaneamente a voz de diferentes pessoas. Segundo o museu *Deafness in Disguise*, o vaso foi projetado por F. C. Rein, por volta de 1810, e foi um dos primeiros modelos com múltiplos receptores. Observa-se que cada abertura é ricamente ornada com detalhes curvilíneos e dourados, sendo que o espaço central poderia servir tanto para colocar flores como também frutas. Evidencia-se a preocupação em disfarçar a presença do aparato auditivo sobre a mesa.

⁴⁹ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “*False ears for the deaf*” (MODERN MECHANIX)



Figura 21 - Vaso de flores “receptáculo” e vaso de flores “receptáculo” em cena de uso
Fonte: Deafness in Disguise: Concealed Hearing Devices of the 19th and 20th Centuries
(Washington University School of Medicine, St. Louis, Missouri). Disponível em:
<http://beckerexhibits.wustl.edu/did/index.htm>. Acesso em: 28 set. 2009.

Outro exemplar de corneta acústica disfarçada é o leque de abano, direcionado ao público feminino que utilizava este acessório. Segundo informações do Museu, a ilustração (Figura 22) está presente em um catálogo que o descreve como “um dos mais elegantes dentre os numerosos aparelhos auditivos disfarçados”⁵⁰, tendo sido bastante popular durante a década de 1800.



Figura 22 - Leque de abano com corneta acústica embutida
Fonte: Deafness in Disguise: Concealed Hearing Devices of the 19th and 20th Centuries
(Washington University School of Medicine, St. Louis, Missouri).

No Brasil, o imperador D. João VI (Figura 23) possuiu um trono acústico, desenvolvido especialmente para ele na Inglaterra, segundo o Museu Histórico Nacional⁵¹. O museu *Deafness in Disguise* afirma, ainda, que o trono seria provavelmente o artefato acústico de design mais engenhoso desenvolvido na época. Também atribuído à F. C. Rein, o trono foi utilizado pelo imperador aproximadamente entre 1819 e 1826, ano de sua morte, enquanto governava o

⁵⁰ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “This catalog illustration for an acoustic fan was described as “one of the most elegant of the numerous disguised aids.”

⁵¹ Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

Brasil. A poltrona do imperador foi equipada com um extenso aparato de recepção, localizado embaixo do assento. Os braços do mobiliário foram feitos ocios e representados pelas bocas abertas de dois leões, elaborados desta forma para funcionarem como receptores pelos quais o som era transmitido através de um tubo escondido no encosto. Segundo informações do museu, os visitantes deveriam ajoelhar-se à frente do trono e falar diretamente nas cabeças dos animais. (DEAFNESS IN DISGUISE). Pullin (2009, p. 107) comenta que este “ritual de subjugação era tão importante quanto a qualidade do som”⁵².



Figura 23 - Poltrona acústica que pertenceu a D. João VI

Fonte: Deafness in Disguise: Concealed Hearing Devices of the 19th and 20th Centuries (Washington University School of Medicine, St. Louis, Missouri); Museu Histórico Nacional.

A necessidade de esconder a surdez era provável consequência do seu significado social, da falta de um maior conhecimento a seu respeito e o sentido negativo ao qual, até a atualidade, vem sendo associada. Além disso, os artefatos apresentados nos referidos museus apresentam soluções focalizadas na falta de audição e que provavelmente serviam a pessoas parcialmente surdas. Dentre os diversos exemplares disponibilizados *online*, há pouca referência a pessoas totalmente surdas e que, provavelmente, acabavam restringidas do convívio social, por serem consideradas incompetentes e incapazes de se comunicar, conforme Sacks (2010).

O anúncio da Figura 24, atribuído à revista *Popular Science*, em setembro de 1933, nos Estados Unidos, promete recuperar a audição de pessoas surdas por

⁵² Traduzido pela autora do inglês: “*The ritual of subjugation was as important as the sound quality*” (PULLIN, 2009, p. 107).

meio de sons e ruídos elevados como explosões de dinamite, batida de ondas em rochas, dentre outros. Embora atualmente se saiba exatamente o contrário, que barulhos demasiadamente elevados provocam perda da audição, problema que atinge a população de um modo geral, sobretudo com o avanço da idade, o entendimento da surdez como uma deficiência que necessita ser tratada e “normalizada” ainda persiste.



Figura 24 - Anúncio “Barulhos ajudam os surdos”⁵³

Fonte: Modern Mechanix, set 1933. Disponível em: <<http://blog.modernmechanix.com/>>. Acesso em: 30 out. 2009.

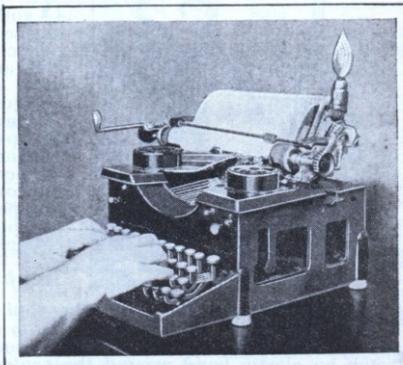
Há, embora escassos, exemplos de aparatos que faziam uso de recursos vibratórios ou luminosos. É o caso da máquina de escrever adaptada por um datilógrafo surdo que, segundo a notícia veiculada na revista *Modern Mechanix* (Figura 25), não conseguia ouvir a campainha da máquina que tocava cada vez que a linha estava chegando ao final. Então, adaptou uma lâmpada que acendesse a cada vez que o fim da linha estivesse próximo.

⁵³ Traduzido pela autora do original em inglês: “*Loud noises help the deaf*” (MODERN MECHANIX).

Electric Light Warns Deaf Typist

A NOVEL arrangement has been contrived by a typist who was unable to hear the warning bell of the typewriter announcing the approach of the margin line. Seven spaces before the end of the line a light flashes on and remains on until a new line is started. This is effected by a small switch attached to the post on which the bell rest is turned on or off by the carriage of the typewriter.

The light is mounted on the end of the carriage as shown.



Light turned on by a switch on the typewriter carriage warns deaf typist that the end of line is approaching.

Figura 25 - Notícia “Luz elétrica avisa datilógrafo surdo”⁵⁴

Fonte: Modern Mechanix, abr 1933. Disponível em: <<http://blog.modernmechanix.com/>>.

Acesso em: 30 out. 2009.

No entanto, predominam, nessa época, invenções que prometem a reversão da surdez, enfatizando sua importância determinante para uma vida plena e feliz. O modelo de aparelho auditivo da Zenith, denominado “*Miniature’ Hearing Aid*” (Figura 26), por exemplo, promete que a pessoa, por mais surda que possa ser, poderá ouvir até mesmo um suspiro. A própria chamada do anúncio propõe esta ideia, ao colocar a provável citação da moça da foto “Sou muito surda, mas escuto”⁵⁵, frase que demonstra um equívoco no conceito de surdez. Apela, ainda, para que “não se deixe a surdez aniquilar os prazeres da vida”⁵⁶, o que remete ao entendimento de que as pessoas surdas são privadas de prazeres da vida a que os ouvintes têm acesso.

⁵⁴ Traduzido pela autora do original em inglês: “*Electric light warns deaf typist*” (MODERN MECHANIX).

⁵⁵ Traduzido pela autora do original em inglês: “*I’m very deaf but I hear*” (MODERN MECHANIX).

⁵⁶ Traduzido pela autora do original em inglês: “*Don’t let deafness kill the joys of living*” (MODERN MECHANIX).



**I'M VERY
DEAF
BUT I
HEAR**

**Everything with My New
ZENITH® "MINIATURE"
HEARING AID**

Don't let deafness kill the joys of living. Let a Zenith home trial prove you, too, can even hear a whisper. Here's Zenith's amazing guarantee—if any \$200.00 hearing aid outperforms Zenith's newest, tiny, 6¼ oz. single-unit "Miniature" Radionic Hearing Aid in efficiency or economy, your *money back*—under our 10-Day Return Privilege. Only \$75.00 complete, ready to wear. For authorized Zenith Hearing Aid Dealer in your locality, consult your classified telephone book; or write us for complete coast-to-coast dealer list. Free descriptive literature on request. Address—

**Zenith Radio Corporation, Hearing Aid Division
Dept. 391, 5801 W. Dickens Ave., Chicago 39, Ill.**
*Makers of World Famous Zenith Radio,
FM and Television Sets*

Figura 26 - Notícia “Sou muito surda, mas escuto”

Fonte: Revista *Popular Mechanics*, mar. 1950. Disponível em:

<<http://blog.modernmechanix.com/2006/03/23/im-very-deaf-but-i-hear-everything/>>. Acesso em: 30 out. 2009.

O fato de tantas soluções propostas estarem centradas na audição indica que a condição da surdez, historicamente, tem utilizado a tecnologia como forma de normalização, entendendo a pessoa surda como deficiente e incompleta.

3.4 RECURSOS TECNOLÓGICOS E SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO EXISTENTES PARA PESSOAS SURDAS NO BRASIL E EXTERIOR

3.4.1 Símbolos internacionais de acessibilidade

No Brasil, é a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT é responsável por estabelecer critérios para a aplicação de produtos e serviços acessíveis. A NBR-15599 (2008, p. V) destaca que “a comunicação permeia a prestação de serviços: sem comunicação não há prestação de serviços”, sendo importante seguir critérios de acessibilidade, a fim de cumprir os requisitos previstos na lei de acessibilidade de 2000.

Destaca-se aqui a NBR-9050, que estabelece parâmetros técnicos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência em edificações, espaços, mobiliário e equipamentos urbanos, apresentando o símbolo internacional da surdez

O símbolo internacional da pessoa com surdez (Figura 27) “deve ser utilizado em todos os locais, equipamentos, produtos, procedimentos ou serviços para pessoa com deficiência auditiva (surdez)”, sendo que não deve haver nenhum tipo de interferência, modificação, adição ou estilização (NBR 9050, p. 20). No âmbito legal, o Art. 1º da lei federal n. 8.160 preconiza que

é obrigatória a colocação, de forma visível, do “Símbolo Internacional de Surdez” em todos os locais que possibilitem acesso, circulação e utilização por pessoas portadoras de deficiência auditiva, e em todos os serviços que forem postos à sua disposição ou que possibilitem o seu uso. (BRASIL, 1991).



Figura 27 - Símbolo internacional da surdez

Fonte: DETRAN-SP. Disponível em: <<http://www.detran.sp.gov.br/surdez/surdez.asp>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

O símbolo pode ser colocado no vidro traseiro e/ou dianteiro do carro, permitindo, por exemplo, que motoristas de ambulância, policiais, resgates, dentre outros, possam identificar que o condutor é surdo, utilizando então, sinais de luz como lanterna de faróis para chamar atenção do motorista, evitando possíveis mal entendimentos de mensagens e reduzindo as dificuldades de comunicação (DETRAN-SP, 2010).

Neivaldo Zovico (2008) explica que o símbolo surgiu quando a internet ainda não era muito utilizada e havia pouco conhecimento a respeito da surdez, sendo que muitos surdos não gostam do símbolo, que pode sugerir que há “falta” de audição ou

que “é proibido ouvir”, motivos pelos quais muitos surdos acreditam que o símbolo só se adequava a surdos oralizados. Neivaldo Zovico⁵⁷ explica que:

[...] os surdos são contra esse símbolo, por quê? Porque essa parte significa que não ouve, as pessoas estão preocupadas só com a orelha, “ele não ouve”, então ele tem um problema na orelha[...] já existe uma lei que já determinou qual será o símbolo internacional pra surdez, então não posso mudar, precisa que seja feito um congresso aonde os surdos se reúnam, discutam, discutam suas opiniões, aí sim [...] já existe algumas discussões a respeito, mas no Brasil existe essa lei que já foi fundada, que já determinou que esse é o símbolo da área da surdez. Parece que a preocupação é só com a questão da orelha, da fonoaudiologia, dos médicos examinando apenas a orelha, mas e a pessoa? O indivíduo surdo? [...] na verdade é importante que as pessoas saibam esse símbolo, “ah, eu tenho vergonha, eu não vou colocar isso, é uma bobagem”, mas por exemplo lá em São Paulo, tem muitos lugares que tem colado [...] por exemplo, a pessoa tá na rodoviária, tem o símbolo colado lá, então o surdo já fica lá, as pessoas que vão lá pra ajudar já sabem que aquele indivíduo é surdo, aquele sujeito é surdo. Também no carro do surdo é colado, não adianta a pessoa ficar buzinando lá atrás, ele já sabe que aquele indivíduo é surdo [...] a questão das sirenes, se eu sou surdo, como funciona? Precisa estar mostrando, colando atrás dos carros, pra que as pessoas compreendam que você é surdo.

Zovico (2008) explica, então, que, embora o símbolo possa gerar interpretações negativas, o que não impede de repensá-lo futuramente, é importante que seja utilizado e divulgado, uma vez que auxilia na comunicação entre surdos e ouvintes, evitando situações de desconforto e perigo.

Outros símbolos como o símbolo internacional da deficiência, que indica acessibilidade para todas pessoas com algum tipo de deficiência, e o símbolo de telefone com teclado ou telefone para surdos também são apresentados pela NBR-9050 (Figura 28).

⁵⁷ Informação oral: ZOVICO, Neivaldo. Direitos Humanos e Acessibilidade – Apresentação. In: I Seminário Nacional de Educação de Surdos da UFPR e I Seminário Estadual da Feneis-PR. Curitiba, 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

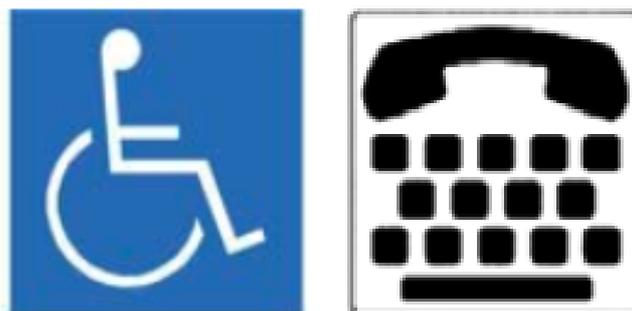


Figura 28 - Símbolo internacional da deficiência e Símbolo indicativo de telefone com teclado
 Fonte: NBR-9050 (ABNT). Disponível em: <http://www.mpdft.gov.br/sicorde/abnt.htm>. Acesso em: 23 nov. 2010.

Os símbolos da Figura 29 foram propostos pela Graphic Artists Guild Foundation (GAGF), de Nova York, e indicam: telefone para surdos, legenda oculta, serviço de tradutor(a) e intérprete, possibilidade de controle de volume do telefone e telefone compatível com aparelho auditivo.



Figura 29 - Símbolos de acessibilidade propostos pela Graphic Artists Guild Foundation (GAGF), de Nova York
 Fonte: GAGF. Disponível em: <http://www.graphicartistsguild.org/resources/disability-access-symbols/>. Acesso em: 23 nov. 2010.

3.4.2 Aparelhos auditivos

Os aparelhos auditivos são instrumentos amplificadores de som que podem ser utilizados atrás das orelhas, na orelha externa, no canal do ouvido, ou até mesmo na armação dos óculos ou preso à roupa (TOEG, 1996).

No subtópico anterior, acerca dos primeiros artefatos desenvolvidos para deficientes auditivos, foram apresentados diversos deles que tinham o propósito de disfarçar o aparelho amplificador de som. Atualmente, segundo Toeg (1996, p. 228), a miniaturização de aparelhos auditivos está em constante experimentação e pesquisa, sendo que podem ser tão pequenos que mal serão vistos por outras pessoas, o que, de certa forma, não se distancia da ideia dos amplificadores disfarçados mencionados anteriormente. Por outro lado, quanto menor o aparelho, maior a necessidade de precisão motora para manuseá-lo, menor o seu potencial, menos tempo a bateria dura, e maior é o seu custo (DALEBOUT, 2009).

É considerado o primeiro aparelho auditivo eletrônico o telefone⁵⁸. Em 1920, foi desenvolvida uma versão mais sofisticada que lembra os aparelhos mais atuais, mas foi em 1948, a partir de avanços técnicos e a invenção do transistor, que se tornou possível uma contínua redução de tamanho e peso dos aparelhos auditivos (TOEG, 1996). Após tantos aparatos “disfarçados”, modelos mais confortáveis e eficazes de aparelhos auditivos surgiram, notavelmente a partir da década de 1990, buscando-se, na medida do possível, a discreção na aparência e estética agradável.

A campanha publicitária do modelo “Passion”, da Widex, empresa dinamarquesa que comercializa próteses auditivas no Brasil, vem ao lado de uma bola de golfe, a fim de demonstrar o tamanho extremamente reduzido do aparelho (Figura 30). Além disso, a animação apresenta diversos relatos de supostos usuários do aparelho ao redor do mundo, como o de Pernille Sjöberg, da Noruega, que diz: “Os meus aparelhos Passion são de tal forma pequenos que muito dificilmente se conseguem ver”.

⁵⁸ A invenção do telefone, historicamente atribuída a Alexander Graham Bell, proprietário de sua patente, foi reconhecida pela *United States House of Representatives*, pela resolução n. 269, de 11 de junho de 2002, como sendo do italiano Antonio Meucci, que o denominou de *Teletrofono* e o demonstrou publicamente pela primeira vez em 1860.

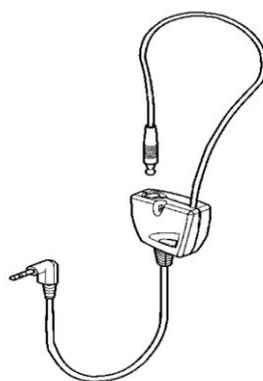


Figura 30 - Campanha publicitária do modelo de aparelho auditivo “Passion”, veiculada na internet

Fonte: Widex - Aparelhos Auditivos. Disponível em:

<<http://campaign.widex.com/flashcampaign/passion/pt/passionSite.html?lang=pt>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

Os aparelhos auditivos, mesmo quando utilizados por pessoas que escutam parcialmente, apresentam alguns possíveis inconvenientes. Nem todos são compatíveis com o uso de telefones, podendo acarretar interferências no som. A Nokia comercializa acessórios como a “Extensão Indutiva” (Figura 31), que amplifica o som com maior eficiência, ao mesmo tempo em que elimina ruídos de fundo, viabilizando a utilização de aparelhos celulares e aparelhos auditivos com interferência de ruídos reduzida.



Copyright © 2003 Nokia

Figura 31 - Acessório da Nokia que viabiliza a utilização de alguns celulares por usuários de aparelhos auditivos

Fonte: Manual do usuário - Nokia 2220. Disponível em: < <http://www.nokia.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

Pullin (2009) considera que, pelo contínuo investimento tecnológico, poucas mudanças ocorreram em termos de design, e a maior parte dos modelos de aparelhos auditivos se apresenta de maneira bastante conservadora. *Hearwear*, que poderia ser traduzido como “audição de vestir”, é uma ideia que se apresenta a partir de novas possibilidades de uso de aparelhos auditivos, não se restringindo a

pessoas surdas ou deficientes auditivas, pois parte do princípio que qualquer indivíduo poderia controlar sua audição, de acordo com sua necessidade. Pullin (2009) explica que o projeto foi uma proposta da Royal National Institute for Deaf People⁵⁹ – RNID, do Reino Unido, em que participaram 15 escritórios de design, responsáveis pelo desenvolvimento de diversas propostas conceituais, *dentre* elas, destaca-se o projeto intitulado *Surround Sound Eyewear* (Figura 32).



Figura 32 - Surround Sound Eyewear projetado por Industrial Facility para RNID

Fonte: Design Boom. Disponível em:

<<http://www.designboom.com/contemporary/hearwear.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Burkey (2003) explica que pessoas com surdez profunda não se beneficiam do uso de aparelhos auditivos, podendo inclusive ter sua saúde prejudicada.

No entanto, não é possível afirmar que pessoas surdas que se comunicam por língua de sinais, necessariamente, não utilizam aparelho auditivo, uma vez que há aquelas com níveis variados de surdez que gostam de utilizá-lo para perceber ruídos e, dependendo do grau de surdez, conversas e sons mais definidos. Portanto, seu uso deve ser considerado.

A linha de jogos educativos *Deaf Toys*, comercializado pela Xalingo⁶⁰, tem como objetivo propiciar atividades educativas, utilizando a escrita, a língua de sinais e temáticas referentes à cultura surda. O personagem surdo Kiro (Figura 33), presente em todos os jogos da linha, utiliza aparelhos auditivos e se comunica pela língua de sinais.

⁵⁹ Instituto Nacional Real para Pessoas Surdas [Tradução da autora].

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.xalingo.com.br/2010/brinquedos/>>. Acesso em: 25 nov. 2011.



Figura 33 - Personagem surdo da coleção de jogos educativos para surdos da Xalingo
Fonte: Folder promocional.

No entanto, cabe observar que aparelhos auditivos não substituem soluções visuais como o uso de legendas e recursos luminosos e vibratórios para promover a acessibilidade a pessoas surdas, discorridos a seguir.

3.4.3 Recursos visuais de comunicação

A Revista da Feneis trouxe, em 2002, capa (Figura 34) e artigo chamando atenção para o projeto de Lei que, na época, previa a obrigatoriedade do uso de legenda codificada por parte das emissoras de radiodifusão de sons e imagens, acrescentando crítica e ironicamente que, ainda “um dia, quem sabe, nas rodinhas de bate-papo do trabalho, o Surdo não vai ‘boiar’⁶¹ na conversa quando se discute o capítulo da novela das oito da noite anterior” (REVISTA DA FENEIS n. 14, 2002, segunda capa). Dois anos mais tarde, foi regulamentada a Lei que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004). Dentre as medidas, várias são referentes à inclusão de legendas ocultas e janelas de tradutor(a) e intérprete de sinais.

⁶¹ Gíria brasileira que se refere a: “Não entender; ficar na mesma”. (FERREIRA, 2004, p. 309).

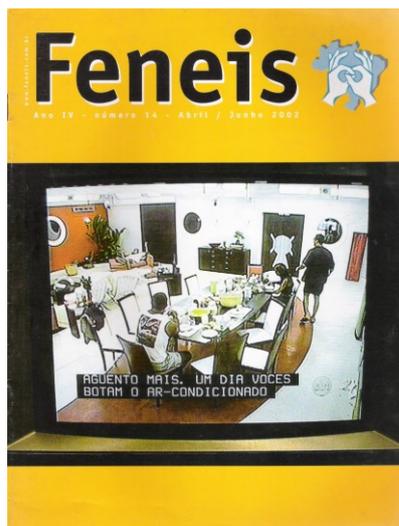


Figura 34 - Capa da Revista da Feneis
Fonte: Revista da Feneis, n. 14, 2002.

A Revista da Feneis n. 29 divulgou também a campanha “Legenda para quem não ouve, mas se emociona” (Figura 35) organizada pelo surdo Marcelo de Carvalho Pedrosa e que, segundo a matéria publicada, ganhou adesão de surdos e ouvintes de diferentes regiões do país, tendo como objetivo recolher o maior número possível de assinaturas, a fim de apoiar a aprovação do Projeto de Lei n. 1.078/2007, que prevê legendas nas exibições do cinema e teatro nacional, além de promover a conscientização das pessoas acerca dos direitos das pessoas surdas. Em depoimento à Revista da Feneis, o coordenador da campanha, Victor Hugo, declarou que

[...] queremos ter acesso ao lazer e à cultura assim como os ouvintes. Só deixaremos de lutar no dia em que os filmes nacionais tiverem legendas, no dia em que entendermos filmes e peças teatrais. (REVISTA DA FENEIS, n. 29, 2006, p. 15).



Figura 35 - Campanha da Legenda Nacional
Fonte: Revista da Feneis, n. 29, 2006, p. 14.

A televisão com *closed caption* é definida, segundo o Centro de Produção de Legendas (CPL) no Brasil, como “ferramenta destinada aos deficientes auditivos que transcreve, sob a forma de legendas, o áudio de diversos tipos de transmissões ao vivo ou pós-produzidas, como filmes, novelas, telejornais, programas de auditório etc.”. Já a janela de Libras possibilita “o acesso à informação na língua brasileira de sinais” (CPL).

Em uma pesquisa realizada no início de 2007, pelo CPL, com 500 surdos de diversas regiões do país, foram levantados os programas que os participantes gostariam que fossem legendados com *closed caption* (Tabela 3)⁶². Nota-se que os telejornais figuram em posições relevantes nas escolhas dos participantes.

⁶² Os programas jornalísticos foram destacados, a fim de ressaltar sua ocupação em posições relevantes nas escolhas dos participantes da pesquisa.

Tabela 3 - Pesquisa sobre quais programas de televisão pessoas surdas gostariam que fossem legendados

	TV Globo	SBT	Bandeirantes	Record
1º	Jornal Nacional 81%	Jornal do SBT 71%	Jornal da BAND 69%	Domingo Espetacular 62%
2º	Jornal da Globo 78%	Cine Espetacular 65%	Jornal da Noite 65%	Tela Máxima 62%
3º	Fantástico 76%	Domingo Legal 64%	Cine Band Clássicos 53%	Repórter Record 62%
4º	Globo Repórter 73%	Oito e meia no cinema 61%	Raul Gil 52%	Jornal 24h 60%
5º	Páginas da vida 68%	Tela de sucessos 61%	Cine BAND 49%	Cine Maior 59%
6º	Cobras e lagartos 66%	Aprendendo sobre sexo 61%	Canal Livre 49%	Super tela 57%

Fonte: Adaptado de CPL., 2007.

Disponível em: <<http://www.cpl.com.br>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

A revista da Feneis n.10 (2001) trouxe um pequeno dicionário explicativo da CPL sobre as legendas ocultas, contendo informações sonoras (Figura 36), que também são importantes para a compreensão do contexto das imagens. Desta forma, os sons também são transformados em informação de texto. Pessoas interessadas em receber a lista completa, segundo a reportagem, poderiam solicitá-la por *e-mail*.



PALAVRAS	DESCRIÇÃO	
Acelerando	Som produzido pelo aumento da velocidade de carro, moto.	[Acelerando], Vruuum, vruuum!
Afetado	Falar sem naturalidade; com fingimento .	[Afetado]
Alarme	Sinal sonoro para dar um aviso. Alarme de segurança, de relógio, de despertador	Trimmm! ou Bip! Bip!
Alvorço	Som produzido pela movimentação de muitas pessoas falando ou gritando ao mesmo tempo.	[Alvorço]
Apito	Som produzido por um instrumento também chamado apito.	Piuuu! Piuuu!
Aplausos	Som produzido pelo bater das palmas das mãos para demonstrar satisfação, agrado.	[Aplaudindo], [Aplausos]
Arfando	Som produzido pela dificuldade de respirar, soltando o ar.	Arf! Arf! ou Uf! Uf!
Assobio	Som agudo produzido pelos lábios (para cantarolar, chamar a atenção); por aves; pelo vento	[Assobiando]
Barulho	Som forte de origem diversas (coisas caindo, quebrando, muitos sons juntos, etc)	[Barulho de ...]
Batida	Som produzido quando duas ou mais coisas ou pessoas se encontram, se esbarram.	[Batida]
Batida na porta	Som produzido quando se bate com as mãos na porta para ser atendido	Toc Toc

Figura 36 - Dicionário de legendas ocultas

Fonte: Revista da Feneis, n. 10, abril/jun. 2001, p.27.

Embora mais programas tenham ganhado legendas *closed caption* nos últimos anos, a programação da televisão brasileira legendada ainda é escassa, segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) (2010), “A TV Globo é a rede que mais disponibiliza o *Closed Caption*. Cerca de 30% da programação possui a ferramenta. SBT e Record possuem cerca de 5 a 6 horas de atrações por dia que oferecem o recurso, e a Band, 4 horas diárias”.

A respeito das eleições de 2006, a revista da Feneis n. 29 (2006, p. 19) noticiou que, embora a Feneis tenha pedido oficialmente ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que obrigasse a veiculação de legendas durante o debate da Rede Bandeirantes, o ministro responsável não se manifestou, e o debate foi ao ar inacessível a pessoas surdas. A reportagem afirmou ainda que a resolução do TSE dispõe apenas sobre propaganda eleitoral, não fazendo menção a debates. A emissora Bandeirantes informou que aguardava decisão do TSE, razão pela qual não havia disponibilizado o serviço, isentando-se de qualquer responsabilidade.

Com relação ao processo eleitoral 2010, Zovico⁶³ (2010a) lamenta o não cumprimento da resolução 23.191, de 2009, que obriga a inclusão de legenda ou

⁶³ Neivaldo Zovico é consultor de acessibilidade para pessoas surdas e deficientes auditivos, coordenador nacional de acessibilidade da Feneis, colaborador da coluna “Momento Surdo” da Revista Reação e membro da equipe dos sites: <http://www.portaldosurdo.com> e <http://acessibilidadeparasurdos.blogspot.com>.

janela de tradutor(a) e intérprete de sinais, ressaltando que, quando existe uma das opções, esta não se apresenta de acordo com a norma NBR 15.290/ABNT, que aponta os critérios de acessibilidade para comunicação na televisão:

[...] as legendas que os partidos exibem são muito pequenas e sem nitidez para se ler, o texto rola muito depressa, impossibilitando a leitura. Falta a janela de intérprete de Libras, nenhum dos partidos incluiu a janela [...] no ano de 2006 alguns partidos já exibiram os dois recursos [...] as que foram incluídas eram janelas bem pequenas e quase transparentes, impossível de se entender [...] o importante de ter os dois recursos é atender as diferentes condições de surdez e de acesso à informação. (ZOVICO, 2010a, p. 35).

O projeto “Videoteca - Cinema Nacional Legendado” (Figura 37), patrocinado pela Petrobrás e realizado pela Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica (ARPEF), foi responsável pela legendagem de 60 filmes nacionais, utilizando *closed caption*, e distribuição gratuita de kits a 100 entidades filiadas à FENEIS. O folder do projeto explica que, além do ganho cultural para a comunidade surda, os filmes legendados auxiliam na aquisição e enriquecimento da língua escrita. Inicialmente, o projeto, que foi lançado em 2004, atendia somente ao Rio de Janeiro, mas, com a versão videoteca, foi possível estender o alcance da iniciativa.



Figura 37 - Folder do projeto “Videoteca - Cinema Nacional Legendado”
Fonte: Arquivo pessoal.

Até 2004, pessoas surdas não dispunham de recursos de acessibilidade no cinema nacional, demonstrando a falta de preocupação com esta questão por parte

dos produtores⁶⁴. Zovico (2010b, p. 40) explicita sua indignação pelo filme “Lula, o filho do Brasil”⁶⁵ não ter legendas para pessoas surdas: “o filme obteve grande sucesso de bilheteria, mas nós surdos ficamos frustrados por não nos ser permitido assistir como os outros brasileiros, ao filme que retrata a vida do presidente do nosso próprio país”.

A Revista da Feneis n. 23 (2004, p. 33) publicou uma matéria sobre propostas de legendas. O referido artigo relata a palestra concedida por Marcelo Camargo, representante da empresa Drei Marc, que também atua no segmento de tradução e legendagem para produções audiovisuais e, no ano de 2004, firmou parceria com a Feneis, que orientaria a empresa a fim de atender de forma mais eficaz às necessidades de pessoas surdas. Segundo Marcelo, o motivo pelo qual as emissoras de televisão não disponibilizariam a janela de tradutor(a) e intérprete em sua programação seria o alto custo deste serviço, sendo que as legendas ocultas se apresentariam como proposta de maior viabilidade. Evidencia-se, assim, que, muitas vezes, as necessidades de determinados grupos sociais acabam suprimidas pelas demandas mercadológicas e econômicas, cerceando o acesso à informação e comunicação dos sujeitos.

Atualmente, a Drei Marc ainda não oferece o serviço de janela de tradutor(a) e intérprete, mas, em seu *site*, comunica que mantém parceria com a Feneis e busca o aperfeiçoamento constante, em decorrência do desenvolvimento do mercado consumidor de pessoas surdas, ressaltando que as legendas trazem benefícios não somente para os espectadores que as utilizam, mas também para exibidores e patrocinadores, pela ação de responsabilidade social praticada. (DREI MARC, 2010).

Atualmente, o recurso de legendas ocultas está também disponível para vídeos do youtube (Figura 38). Por meio deste recurso, é possível inserir legendas que podem ser ativadas ou desativadas, e o tamanho do texto pode ser controlado por comandos do teclado, bem como a cor do plano de fundo, aumentando ou diminuindo o contraste do texto, de acordo com a preferência do usuário. O objetivo

⁶⁴ Recentemente, o filme Chico Xavier, dirigido por Daniel Filho, lançado em 2010, foi legendado em português. Alguns títulos infantis como “Cinegibi – Turma da Mônica 1, 2, 3 e 4” (2008) e “Xuxa Só para Baixinhos 10 - Baixinhos, Bichinhos e Mais” (2010) apresentam janela de tradutor(a) e intérprete da Língua de Sinais.

⁶⁵ Dirigido por Fábio Barreto; 2009; Brasil.

é ampliar a acessibilidade de pessoas surdas ou com problemas auditivos, possibilitando também a inserção de legendas em idiomas diferentes.

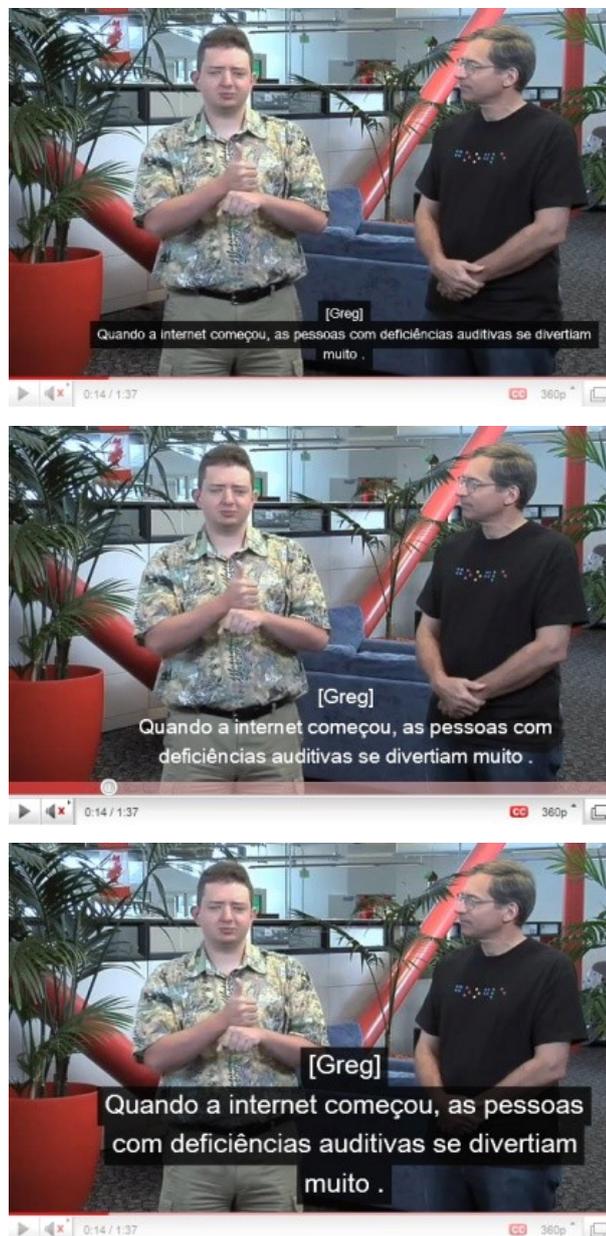


Figura 38 - Legendas ocultas no youtube e possíveis variações de tamanho e cor de fundo
Fonte: Youtube. Disponível em: http://www.youtube.com/t/captions_about. Acesso em: 15 maio 2010.

A flexibilidade de tamanho e contraste das legendas ocultas disponíveis no youtube pode atender também pessoas com baixa visão.

Embora muitos programas de cunho jornalístico sejam atualmente legendados, poucos são acessíveis em língua de sinais. E foi pensando em transpor

esta barreira que a ONG Vez da Voz criou o primeiro telejornal totalmente voltado para pessoas surdas. E, segundo seu portal, ele é

Feito por pessoas com e sem deficiência, o TeleLibras transmite as principais notícias do Brasil e do mundo. No estúdio, apresentadores de várias raças (negros, japônês, loira, morena) apresentam as notícias e chamam as reportagens externas feitas pelos repórteres com deficiência (Down, cadeirante, surdo e cego). (VEZ DA VOZ, 2010).

O TeleLibras inclui legenda, língua de sinais e audiodescrição⁶⁶ e pode ser acessado pelo portal desta ONG. A fonoaudióloga Cláudia Cotes, criadora do TeleLibras conta, em entrevista à Revista Istoé, que a ideia do jornal surgiu ao acaso.

[...] certa vez, ela soube por uma amiga surda que os deficientes auditivos não compreendem o noticiário de TV [...] Um dia depois do ataque do 11 de setembro, um grupo de surdos teria chegado à escola e perguntado ao professor o que eram aquelas torres atingidas por aviões. (RIBEIRO, 2010, p. 105).

Atualmente, o TeleLibras ultrapassou 150 edições e é exibido duas vezes por semana (VEZ DA VOZ, 2010). Outro diferencial do telejornal é que o tradutor(a) e intérprete de sinais não fica isolado na janela de tradutor(a) e intérprete, mas ao lado do apresentador (Figura 39). Um dos apresentadores do jornal declarou à Revista Istoé que, assim, “a gente não precisa mais pegar uma lupa para entender o que o intérprete diz” (RIBEIRO, 2010).

⁶⁶ Descrição visual por canal auditivo, que possibilita à pessoas deficientes visuais acesso à informações veiculadas por imagens. (SALWAY, 2007). Em vídeos, por exemplo, este recurso é geralmente inserido nos intervalos entre diálogos e descreve somente o que está acontecendo na tela, sem acrescer interpretações e/ou explicações a respeito. (ROBSON, 2004).



Figura 39 - TeleLibras

Fonte: VEZ DA VOZ. Disponível em: <<http://www.vezdavoiz.com.br>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

Em parceria com a Vez da Voz, foi lançado, em julho de 2010, o projeto da rádio CBN que disponibiliza algumas das notícias veiculadas na rádio em Libras, na internet (Figura 40). O projeto prevê a veiculação de assuntos diversos, com informações sobre política, economia, meio ambiente, ciência, cultura e esportes. Segundo informações do site, está é uma iniciativa inédita, e uma mídia, que era apenas acessível a ouvintes, amplia sua acessibilidade à comunidade surda na *internet*. Inicialmente, o projeto vem apresentando o boletim “Cidade Inclusiva”, veiculado em São Paulo, mas anuncia que pretende ampliar o leque de conteúdos. (CBN EM LIBRAS, 2010).



Figura 40 - Notícia veiculada pela rádio CBN disponível em Libras na *internet*

Fonte: CBN. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/vezdavoiz/home.htm>. Acesso em: 4 jan. 2011.

A janela de tradutor(a) e intérprete de sinais não é comum na programação televisiva, mas é um recurso que precisa ser considerado, já que as pessoas surdas possuem níveis diferentes de compreensão do português, algumas delas com dificuldades ou impossibilitadas de entender as legendas.

As legendas são necessárias não apenas para surdos, mas também para ouvintes. Erlandson (2008, p. 184) explica que o serviço de legendas *closed caption* teve inicialmente direcionamento aos telespectadores surdos, no entanto, “se tornou bastante comum, ao enfatizar o fato de que todos passam por experiências de dificuldades de audição em algum momento ou em algum ambiente”, como é o caso de ambientes barulhentos como restaurantes, bares, academias de ginástica, dentre outros, que geralmente utilizam as legendas ocultas⁶⁷.

Anteriormente aos telefones celulares, artefatos como *paggers* e aparelhos de fax foram comumente utilizados por pessoas surdas na comunicação. A revista da Feneis n. 25 (2005) traz na quarta capa o anúncio do produto “Box Telemar Inteligente”, capaz de enviar e receber mensagens de texto e *e-mails*. O texto da peça publicitária inclui a frase “este é o melhor gesto que a gente podia fazer pra você”, referenciando-se à língua de sinais, reforçando seu direcionamento aos

⁶⁷ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “*closed captioning [...] has become quite common, emphasizing the fact that everyone experiences hearing difficulties at some time or in some environments*”. (ERLANDSON, 2008, p. 184).

sujeitos surdos. O anúncio oferta ainda preços especiais para associados à Feneis que adquirissem o serviço (Figura 41).



Figura 41 - Anúncio publicitário do Box Telemar Inteligente
Fonte: Revista da Feneis, n. 25, 2005, quarta capa.

Atualmente, o telefone celular se apresenta como ferramenta de comunicação de grande relevância para pessoas surdas, já que permite a troca de mensagens de texto.

O uso do aparelho celular foi destacado na capa da Revista da Feneis n. 7, de 2000 (Figura 42).

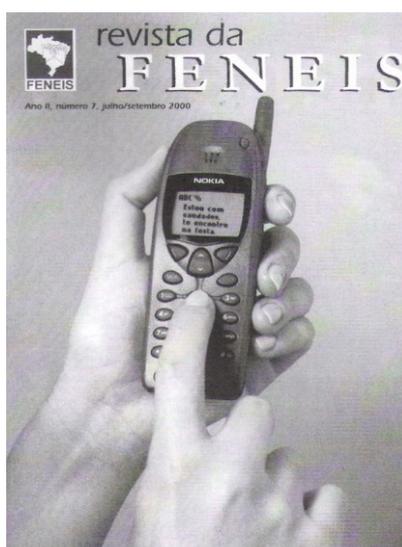


Figura 42 - Capa da Revista da Feneis n. 7
Fonte: REVISTA Feneis. Especial 15 anos - 1987-2002, n. 15, 2002, p. 13.

Também problemas referentes à usabilidade de telefones celulares podem ser constatados na sessão de “Cartas do leitor”. Uma leitora surda explica (REVISTA DA FENEIS n. 21, 2004, p. 7):

Às vezes fico na dúvida se a pessoa recebeu ou não a mensagem que envio pelo celular, pois o meu é Vivo e nem sempre recebo mensagem de texto da Claro, assim como a Tim não recebe mensagem de texto da Vivo. Acho que esse recurso deve melhorar, pois nós surdos precisamos ter tranquilidade quanto ao recebimento da mensagem [...] seria importante divulgar, por meio de um anúncio de TV, que podemos usar o celular e informar os ouvintes que é possível a comunicação com os surdos utilizando mensagens de texto [...]

Zovico (2010c) relata a pesquisa com 115 pessoas surdas, realizada pela Feneis durante a Reatech 2010⁶⁸, em que se constatou que cerca de 70% dos participantes preferem a utilização de mensagens de texto de celular, seguido por *chat* e *e-mail* (Figura 43).

O surdo utiliza muito o celular porque, quanto custa um celular? Uns 100 reais, 500 reais, varia o preço. O surdo utiliza muito a mensagem, a Oi, ela tem um projeto, uma proposta de mensagem pros surdos, o surdo paga 29 reais e tem direito a mil mensagens, então dá pra mandar um monte de mensagens. Os surdos precisam do celular, é algo muito utilizado, eu já fiz algumas pesquisas, não tem surdo que não tenha celular. Por exemplo, da onde eu trabalho, quem é que tem celular, eu fiz essa pergunta, e dentro da escola, é uma escola pública, gratuita, do governo, todo mundo disse “eu tenho, eu tenho” e o surdo já mostra pra mim “olhe, eu não conheço, muitas vezes utilizo, mas eu não conheço as palavras”, então o surdo precisa ser ajudado a conseguir melhorar na questão da língua portuguesa pra se comunicar melhor através do SMS. (ZOVICO, 2010c).

⁶⁸ IX Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade.

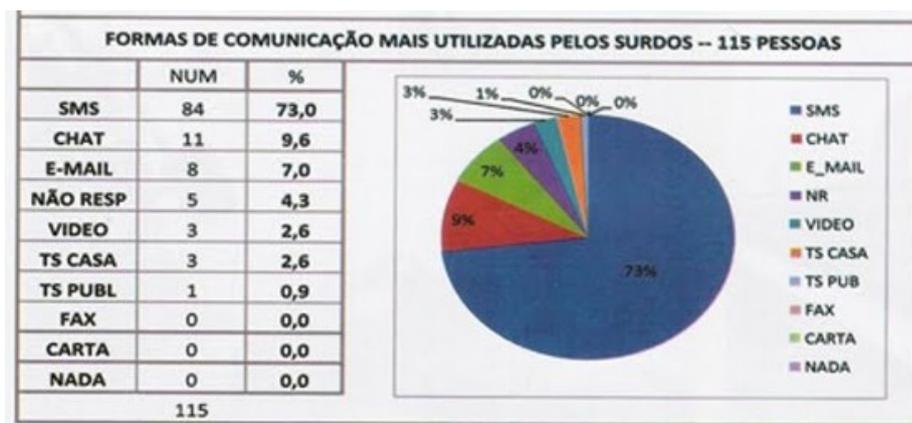


Figura 43 - Formas de comunicação mais utilizadas pelos surdos

Fonte: ZOVICO (2010c). Revista Reação⁶⁹ n. 75, jul./ago, p. 30.

No Brasil, as operadoras Claro, Vivo, Oi e Tim apresentam os seguintes serviços disponibilizados a pessoas surdas e deficientes auditivos (Quadro 10):

	Plano específico para surdos (as) e deficientes auditivos(as)	Desconto em pacotes de mensagens de texto	Serviço disponibilizado para o atendimento ao (à) consumidor (a) surdo (a) ou deficiente auditivo (a)
Claro	-	PACOTES DE TORPEDOS Pacotes de 20 a 2000 mensagens de texto, variando entre 35 e 81% de desconto	Telefone para surdos
Vivo	VIVO MAIS MENSAGEM Mensagens de texto por R\$ 0,19.	-	e-mail, chat
Oi	OI PRA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA E DE FALA 1000 mensagens de texto mensais por R\$29, 94	-	-
TIM	-	-	Telefone para surdos, mensagem de texto via celular, carta e <i>e-mail</i>

Quadro 10 - Serviços para pessoas surdas, oferecidos pelas operadoras Claro, Vivo, Oi e TIM.

Fonte: Claro, Oi, Vivo, TIM. Disponível em: <<http://www.claro.com.br>>; <<http://www.oi.com.br>>; <<http://www.vivo.com.br>>; <<http://www.tim.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

⁶⁹ A Revista Nacional de Reabilitação Reação é distribuída nacionalmente pelo correio à pessoas com deficiência, entidades, empresas e profissionais interessados, bem como educadores, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, dentre outros. Dentre as temáticas tratadas pela revista, encontram-se questões referentes ao mercado de trabalho, sexualidade, leis, esporte, educação, produtos e serviços, além de crônicas e entrevistas (REVISTA REAÇÃO, 2011).

Considerando-se a grande relevância do celular no dia-a-dia do sujeito surdo, ainda existem lacunas, em termos de ofertas de serviços. A empresa Oi, por exemplo, embora apresente pacote especial de mensagens para portadores de deficiência auditiva e de fala, não possui central de atendimento com recursos especializados. A TIM, embora apresente o atendimento especializado, não apresenta planos especiais que considerem necessidades específicas de pessoas surdas.

Em 2010, a Vivo veiculou na televisão um vídeo publicitário produzido pela Agência África, em que um casal trocava mensagens de texto pelo telefone celular, sendo um surdo e uma ouvinte (AFRICA, 2010). O vídeo anunciava justamente o serviço de mensagens e pacotes especiais e, além de trazer uma representação positiva do relacionamento entre surdos e ouvintes, mostrava os personagens se comunicando pela Libras, valorizando a língua de sinais. Considerando-se que há pouca inserção de representações esclarecedoras acerca da surdez na televisão, considera-se esta proposta relevante. O vídeo, veiculado também na *internet*, foi bastante elogiado na página de comentários. No entanto, por mais que o comercial pareça se endereçar, principalmente, aos sujeitos surdos, as informações auditivas veiculadas, simultaneamente às imagens do casal, não foram legendadas, limitando consideravelmente a acessibilidade ao conteúdo por parte de pessoas surdas. Além disso, o casal em questão se encontra em uma sorveteria, em que a moça ouvinte faz a mediação do pedido do namorado surdo, o que pode ser encarado como um reforço da dependência da pessoa surda em relação à ouvinte.

O *software* desenvolvido para celular Rybená (Figura 44) é um serviço que permite receber e enviar mensagens de texto na Língua Brasileira de Sinais, e, segundo informações do *site* da empresa, o desenvolvimento do Rybená se deu a partir da seguinte proposição:

[...] de dentro da própria comunidade de deficientes, de um sistema que permitisse a comunicação entre as comunidades deficientes, através do uso de tecnologia compatível com aparelhos telefônicos portáteis (celulares), capazes de incorporar tradutores para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecimento e síntese de voz [...] Até se chegou a iniciar o desenvolvimento de uma aplicação em Java que permitisse a comunicação escrita e bidirecional, entre emissor e receptor (*CHAT*). Posteriormente foi constatado que uma porcentagem pequena da comunidade surda tem compreensão adequada do português, e têm domínio fluente de Libras, e, portanto, não teria acesso a este *chat*. Dessa forma, a Solução Rybená tem evoluído para satisfazer as principais necessidades das comunidades às quais a tecnologia se propõe. (RYBENÁ, 2010).



Figura 44 - Serviço que permite receber e enviar mensagens de texto na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Fonte: Rybená. Disponível em: <<http://www.rybena.org.br>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

O(a) tradutor(a) e intérprete da língua de sinais tem papel fundamental na comunicação e interação social de pessoas surdas, pela complexidade que envolve o processo de tradução e interpretação. Vale observar, por exemplo, que a simples utilização de serviços como o Rybená não dá conta de traduzir e interpretar claramente determinada mensagem ou informação, assim como os tradutores automáticos de línguas orais também não se demonstram os mais adequados para a tradução de frases mais extensas ou parágrafos completos. Zovico argumenta que a ferramenta Rybená não oferece expressão facial suficiente para viabilizar a comunicação satisfatoriamente e, por mais que possa ser útil, não substitui o(a) tradutor(a) e intérprete de sinais⁷⁰.

Embora existam limitações em aplicativos como o Rybená, a valorização e inclusão da língua de sinais em recursos de comunicação são de grande relevância, uma vez que se estima que “dois milhões de brasileiros surdos não são alfabetizados em português e se comunicam exclusivamente através da Língua Brasileira de Sinais (Libras)” (REVISTA DA FENEIS, n. 28, 2006, p.14). Além disso, o serviço pode vir a ser utilizado como um dicionário eletrônico para surdos (as) e também ouvintes interessados em aprender sinais.

O Fone Fácil (BRAVA, 2010), por sua vez, é um aparelho desenvolvido por uma empresa pernambucana, atualmente em fase de testes e que possibilita a comunicação entre surdos e ouvintes a partir de um tradutor que converte a voz em texto e vice-versa (Figura 45). A empresa produtora ressalta que a grande vantagem

⁷⁰ Informação oral: ZOVICO, Neivaldo. Direitos Humanos e Acessibilidade – Apresentação. In: I Seminário Nacional de Educação de Surdos da UFPR e I Seminário Estadual da Feneis-PR. Curitiba, 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

do FoneFacil é garantir a privacidade e autonomia da pessoa surda, pois seu serviço não faz necessária a ajuda de pessoas intermediárias.



Figura 45 - Esquema de funcionamento do aplicativo de celular FoneFácil

Fonte: BRAVA (2010). Disponível em: <<http://www.bravaautonomia.com.br/fonefacil/>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

Zovico (informação oral)⁷¹ é cauteloso ao analisar as possibilidades do Fone Fácil, levando em conta eventuais problemas de reconhecimento de voz pelo sistema:

[...] por exemplo, amanhã eu tô doente, tô com gripe, aí o computador já não reconhece mais a minha voz, a voz do ouvinte, aí como que vai funcionar? [...] caso aconteça qualquer erro durante a percepção da voz, essa informação pode ser transmitida de forma equivocada. Precisa que sejam feitos mais estudos.

Segundo Erlandson (2008), a compatibilidade é um conceito extremamente importante para promover acessibilidade e consiste basicamente no fato de que produtos e serviços não devem criar barreiras ou tornar inoperáveis tecnologias assistivas⁷². No caso do aparelho auditivo, a transmissão de sinais de áudio muito

⁷¹ Informação oral: ZOVICO, Neivaldo. Direitos Humanos e Acessibilidade – Apresentação. In: I Seminário Nacional de Educação de Surdos da UFPR e I Seminário Estadual da Feneis-PR. Curitiba, 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

⁷² Segundo a Resolução 316 de 19 de julho de 2006, do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO (DOU n. 158, Seção 1, p. 79), que dispõe sobre a prática de Atividades de Vida Diária, de Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva pelo Terapeuta Ocupacional e dá outras providências, Tecnologia Assistiva é “qualquer item, peça de equipamento ou sistema de produtos, adquirido comercialmente ou desenvolvido artesanalmente, produzido em série, modificado ou feito sob medida, assim utilizados para aumentar, manter ou melhorar habilidades de pessoas com limitações funcionais, sejam físicas, mentais, comportamentais ou sensoriais” (COFFITO, 2006). Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/>>. Acesso em: 29 set. 2010.

altos causa interferências no seu funcionamento (ERLANDSON, 2008), o que pode comprometer parcial ou completamente seu uso.

A Nokia possui alguns aparelhos celulares compatíveis com aparelhos auditivos, como é o caso do Nokia 7020 (Figura 46), vendido nos Estados Unidos⁷³. Além disso, a Nokia possui um portal em inglês, dedicado aos seus investimentos em acessibilidade⁷⁴.



Figura 46 - Aparelho celular Nokia 7020 compatível com aparelhos auditivos
Fonte: Disponível em: < <http://www.nokiausa.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Os telefones celulares da Geemarc, empresa britânica, além de serem compatíveis com aparelhos auditivos, possuem alerta vibratório e alerta sonoro de volume extra. O visor e as teclas grandes também têm como objetivo atender requisitos de usabilidade de pessoas surdas, deficientes auditivas e idosas, permitindo que números e letras sejam lidos e teclados com maior facilidade (Figura 47).



Figura 47 - Telefone celular Geemarc CL8200
Fonte: Geemarc. Disponível em: <<http://www.geemarc.com>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

⁷³ O mesmo modelo vendido no Brasil, não possui compatibilidade com aparelhos auditivos.

⁷⁴ Disponível em: < <http://www.nokiaaccessibility.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Hersh et al (2003) apontam que sistemas de videoconferência seriam uma alternativa para a comunicação pela língua de sinais, por meio de linhas telefônicas. Os autores sugerem que, ao sistema de vídeo, poderia ainda estar inclusa a possibilidade de uso de texto para informações precisas como endereços ou números de telefone.

Atualmente, a *internet* supre, em certa medida, este tipo de serviço, e muitas pessoas se comunicam por meio de *chat* ou *webcam*, mas ressalta-se que nem todas as pessoas têm acesso ao computador e ao serviço de *internet*, o que poderia ser facilitado mediante políticas públicas de promoção à acessibilidade e inclusão.

Além disso, existe a questão da comunicação por sinais por meio do celular. Embora este serviço já tenha chegado no Brasil, ainda é de custo muito elevado e, conseqüentemente, pouco acessível à grande parte da população surda.

Um outro aplicativo interessante desenvolvido pela empresa *My Smart Hands*⁷⁵, especificamente para o aparelho celular *Iphone* da *Apple*, funciona como um dicionário da língua de sinais americana (Figura 48) com mais de 300 sinais, que não são apenas apresentados visualmente, mas explicados oralmente. Isto porque o aplicativo é direcionado a mães e pais ouvintes interessados em estabelecer comunicação com seus bebês que ainda não adquiriram a fala⁷⁶. No aplicativo, também é possível montar listas de favoritos, os sinais são separados por categorias e há um jogo de perguntas e respostas personalizável que pode ser ajustado em relação à quantidade e dificuldade das perguntas para testar os conhecimentos do usuário (MY SMART HANDS, 2010). Infelizmente, o aplicativo não possui legendas, e, embora possa contribuir na divulgação da língua de sinais, não está totalmente acessível aos próprios surdos que a têm como língua materna. No entanto, considera-se que pode vir a ser uma ferramenta útil para pais ouvintes que tenham

⁷⁵ Traduzido pela autora: Minhas mãos espertas. Companhia internacional de instrutores de língua de sinais para mães e pais ouvintes que queiram se comunicar com seus bebês antes de estes adquirirem a fala. Disponível em: <http://mysmarthands.com/Site/Baby_Sign_Language.html>. Acesso em: 18 nov. 2010.

⁷⁶ Cadjan (2007) explica que a comunicação por sinais entre pais e bebês pode ser benéfica para o desenvolvimento cognitivo de crianças ouvintes, pois faz uso de habilidades e tendências naturais e amplia as possibilidades de interação, possibilitando que se saiba, por exemplo, o motivo pelo qual a criança está chorando ou o que gostaria de comer. A autora ressalta que a língua de sinais americana, ASL, é a terceira mais utilizada nos Estados Unidos e caso a criança mantenha seu interesse pela língua, além de ampliar seus conhecimentos linguísticos e se destacar no âmbito escolar, pode fazer amizades na comunidade surda. Nos Estados Unidos existem livros e vídeos orientando pais ouvintes em como estabelecer comunicação com seus bebês através de sinais da ASL.

filhos surdos e estejam interessados em começar a aprender a língua de sinais. Pelo aplicativo estar integrado ao aparelho celular, o dicionário pode ser consultado em vários momentos do dia, e a explicação oral dos sinais pode facilitar o aprendizado de ouvintes, embora esta seja uma questão controversa entre a comunidade surda, que, de maneira geral, considera que a língua de sinais deve ser ensinada exclusivamente por surdos (as).



Figura 48 - Dicionários de sinais da ASL

Fonte: MY SMART HANDS.

A empresa britânica Viable oferece um sistema de produto e serviço de comunicação por meio de um aparelho denominado VPAD (Figura 49). Este, dentre várias funções, realiza videoconferência, possui sinal de chamada sonoro e luminoso e tela ampla, que permite melhor visualização. O sistema inclui uma central de tradutores(as) e intérpretes disponível 24 horas, responsável por intermediar as ligações entre surdos (as) e ouvintes. Se a pessoa desejar, por exemplo, marcar uma consulta médica, pode entrar em contato com a central, comunicar-se diretamente pela língua de sinais, e o(a) tradutor(a) e intérprete fará a mediação da conversa diretamente com o consultório médico. Este sistema oferece outros serviços como o “*videomail*”, que permite o envio de mensagens em vídeo por *e-mail* com maior facilidade. (VIABLE, 2011).



Figura 49 - VPAD

Fonte: VIABLE. Disponível em: <http://www.viable.net>. Acesso em: 2 jan. 2011.

Em relação aos telefones públicos e residenciais, no Brasil, a empresa Koller é responsável pela comercialização do Telefone para Surdos (TS), também conhecido como *Telephone Device for the Deaf* (TDD). A Koller, segundo informações do *web site* da empresa, é a única fabricante de telefones para surdos na América Latina, tendo sido a primeira a ter seus produtos homologados pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL).

Para que uma pessoa se comunique com outra, utilizando o TDD, é necessário que as duas possuam o aparelho. Mas também é possível utilizar a Central de Intermediação de Comunicação (CIC)⁷⁷, serviço acessado pelo número 142, gratuito por lei e que permite que, por meio de um TDD, a pessoa surda entre em contato com um ouvinte, por meio de um intermediário que irá mediar sua ligação. A pessoa surda deve informar o número para o qual deseja ligar, e o atendente irá passar todas as informações da conversa por texto (Figura 50). (KOLLER). Em suma, o processo de comunicação funciona da seguinte forma: o surdo acessa o serviço pelo número 142, informando pelo português escrito o número e nome de quem deseja se comunicar, e um intermediário ouvinte entrará em contato com o ouvinte e passará o recado da pessoa surda e vice-versa.

⁷⁷ Também conhecida como Central de Intermediação Surdo-Ouvinte (CISO).



Figura 50 - Esquema de como funciona a Central de Intermediação de Comunicação (CIC) para pessoas surdas

Fonte: Koller. Disponível em: <<http://www.koller.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

Em diversas edições, a Revista da Feneis publicou matérias relacionadas ao TDD, principalmente de empresas que foram aderindo ao serviço, bem como anúncios e informativos sobre o aparelho.

A Figura 51 traz o informe publicado na revista da Feneis n.29 (2006, quarta capa) sobre como solicitar gratuitamente a instalação do telefone público para surdos, destacando que, segundo o Decreto n. 5.296, de 03 de dezembro de 2004, no mínimo 2% dos telefones públicos devem ser adaptados para os deficientes auditivos.

Caros amigos surdos e ouvintes!
Agora, vocês têm direito de garantir a sua acessibilidade de comunicação.

Solicite, gratuitamente, a instalação do telefone público para surdos na sua cidade, através do formulário encartado.
INSTALAÇÃO GRATUITA

Decreto nº 5.296 de 03 de dezembro de 2004
Art. 49 - parágrafo 1º
No mínimo 2% dos telefones públicos deverão ser adaptados para os deficientes auditivos.

Shopping, Estrada, Faculdade, Seminário, Escola de Surdos

Documento exigido:
Solicitação, preenchida e assinada, indicando os locais públicos para instalação.

Os pedidos deverão ser encaminhados para a Feneis no seguinte endereço:
R. Padre Machado, 293 - Vila Mariana
São Paulo/SP - 04127-000
Para maiores informações: (11) 3081.5777

Apoio: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Figura 51 - Informativo sobre o telefone público para surdos (TDD)
Fonte: Revista da Feneis, n. 29, 2006, quarta capa.

A Koller disponibiliza também o sistema de serviço chamado Central de Atendimento aos Surdos (CAS), voltado para o atendimento de consumidores surdos e que recebe chamadas provenientes de TDD's públicos ou residenciais. A empresa oferece também capacitação de equipe de atendimento, abordando aspectos relativos à língua de sinais, comunicação, cultura e escrita de pessoas surdas. Empresas como Banco do Brasil, Itaú, Tam, Gol, dentre outros, já adotaram este sistema como forma de atendimento aos clientes surdos. (KOLLER, 2010).

A revista da Feneis traz notícias de empresas que aderiram ao serviço especializado, como, por exemplo, a edição n. 31, que anunciou o serviço de atendimento especializado ao consumidor surdo disponível na Total Linhas Aéreas, possibilitando a obtenção de informações de voos, tarifas, disponibilidade de assentos, efetuação de reservas, expressão de sugestões e dúvidas. De acordo com a revista: " Os atendentes foram treinados por um professor especializado e estão aptos a oferecer comodidade e conforto aos clientes que ligarem para este número" (REVISTA DA FENEIS, 2007, n. 31, p. 7). A central de atendimento ao surdo da empresa aérea Varig também foi divulgada pela revista da Feneis n. 35 (2008).

Nos Estados Unidos, o serviço de intermediação telefônica para pessoas com deficiência auditiva ou da fala também está previsto pela lei e torna obrigatório o oferecimento deste serviço 24 horas por dia, durante toda a semana (ERLANDSON, 2008). Para Erlandson (2008), as diretrizes legais de usabilidade e acessibilidade, deste modo, trazem implicações ao desenvolvimento de produtos e serviços voltados à comunicação, que necessitam assim ser compatíveis com os procedimentos operacionais do TDD.

A Nokia possui alguns aparelhos celulares e adaptadores que podem ser conectados ao TDD (Figura 52), permitindo a utilização de mensagens de texto durante uma chamada:

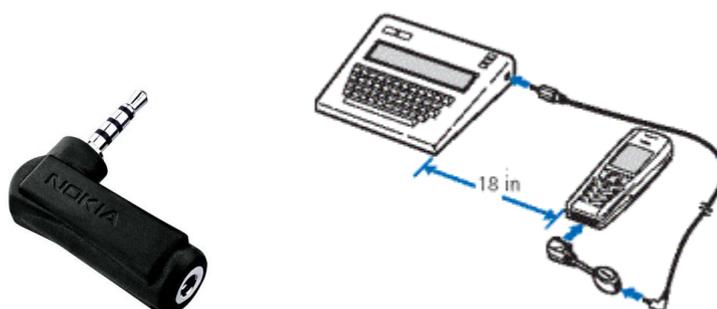


Figura 52 - Adaptador e aparelho da Nokia compatível com TDD

Fonte: Nokia Accessibility. Disponível em:

<<http://www.nokiaaccessibility.com/textphones.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Zovico (2010c) considera a utilização de TDD's, no serviço de atendimento ao consumidor, ultrapassado, considerando que:

os surdos não possuem, não utilizam este aparelho. Estamos em grande evolução da tecnologia que é o SMS, em que os surdos pagam uma mensalidade menor, e também existe o atendimento por chat online para surdos que possuem computador ou laptop [...] o Ministério Público Federal já está cobrando a Anatel o Regulamento para fazer o uso de mensagens no caso de serviços de emergência. Está é uma comunicação muito importante, porque os surdos sempre estão com os seus celulares e podem comunicar a qualquer momento [...] É lamentável que a Anatel ainda não reconheça a comunicação de surdos por mensagens de celulares. (ZOVICO, 2010c, p. 30).

O autor ainda afirma que, atualmente, a grande maioria de vendas de TDD é destinada a empresas para a constituição de *call centers*, no entanto, dificilmente uma pessoa surda vai até um lugar público em que o TDD esteja disponível para fazer uma ligação, o que tem levado ao abandono gradativo dos telefones públicos para surdos. Para Zovico (2010d), o celular seria a ferramenta mais adequada para atender à pessoa surda:

Com o atendimento por SMS, quando o surdo estiver [...] na estrada, com problema no carro pode enviar a mensagem SMS para o auto-socorro, ou ainda, em caso de acidente, avisar a ambulância e pedir socorro [...] Em Portugal, a polícia implantou em 2008 o serviço "SMS Emergência" para que os surdos possam enviar SMS em caso de emergência, e nós já estamos no ano de 2010 e ainda não reconheceram a comunicação dos surdos brasileiros. (ZOVICO, 2010d, p. 38).

Zovico⁷⁸ exemplifica uma situação cotidiana de consumo que pode se tornar um transtorno para pessoas surdas:

Os empresários precisam sempre estar atentos pra estar ajudando a melhorar a acessibilidade. A acessibilidade nos fóruns também, o surdo tem problema, vai preso, o juiz lá precisa ter um interprete pra conseguir fazer essa comunicação. Precisa também as pessoas aceitarem o surdo [...] Por exemplo, eu sou casado, minha esposa linda, eu abro o jornal, olho lá “nossa, tem uma geladeira baratinha, hoje tá na promoção”, e a mulher: “então vamos, vamos lá comprar direitinho, nossa geladeira já está velha, precisamos mudar, comprar uma nova”, “então vamos”, pegamos o carro, fomos lá, 30 km de viagem, conseguimos, beleza, nossa [...] semana que vem vai chegar, fico todo feliz na expectativa que ia chegar a geladeira nova. Quando chegou, a minha esposa: “ai que geladeira linda, vamos ver, agora vamos mudar tudo, vamos limpar certinho, trocar as comidas da geladeira, quando colocamos, o motor não funcionou. Colocamos, tiramos da tomada, arrumei a lâmpada, e não funcionou. A minha esposa: “ué, não funcionou! E agora o que eu vou fazer?”, “espera aí um pouquinho que eu vou ver”, chamei o meu vizinho, na verdade, não o conheço muito bem, meu vizinho é novo [...] minha esposa vai lá, “então, amanhã, no teu trabalho avisa, pergunta se tem algum amigo que pode estar ligando pra empresa pra avisar que a geladeira tem um problema”, “tá, mas eu não posso que o meu chefe é bravo, vou lá ficar pedindo pra telefonar por outras questões”, aí vou lá e peço pro meu amigo, e meu amigo diz “não, não vou ligar pra ninguém”. então, o surdo, na verdade, ainda tem uma dependência do ouvinte.

A Koller também comercializa relógios despertadores vibratórios, havendo apenas uma opção de despertador residencial e portátil (Figura 53), em branco e prateado.

Com um design moderno, possui *display* digital de fácil visualização e oferece 2 opções de despertar: por vibração e alarme sonoro. A unidade móvel vibratória pode ser colocada embaixo do travesseiro, e no horário programado, vibrará em pulsos de 2 segundos. (KOLLER) [sic]



Figura 53 - Despertador residencial e despertador portátil “lauden” para surdos e deficientes auditivos

Fonte: Koller. Disponível em: <<http://www.koller.com.br/novosite/produtos-para-surdos.html>>. Acesso em: 15 set. 2009.

⁷⁸ Informação oral: ZOVICO, Neivaldo. Direitos Humanos e Acessibilidade – Apresentação. In: I Seminário Nacional de Educação de Surdos da UFPR e I Seminário Estadual da Feneis-PR. Curitiba, 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

O projeto conceitual de relógio despertador vibratório (Figura 54) desenvolvido pelo designer chinês Fandi Meng é voltado a casais que despertam em horários diferentes e se incomodam com o barulho do despertador do (a) parceiro (a), mas seu desenvolvedor também chama a atenção para a possibilidade de uso por pessoas surdas. O projeto ganhou um prêmio de design no *IF Concept Award* 2008.



Figura 54 - Projeto conceitual de anel relógio despertador

Fonte: Fandi Meng Design. Disponível em: <<http://www.fandimeng.com/neirong/work1.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

A americana Ann Marie Bryan, surda participante do programa de televisão “*American Inventor*”, produziu uma jaqueta musical, capaz de reverberar vibrações sonoras pelo corpo de quem a utiliza. Embora muitos pensem que pessoas surdas não possuem capacidade de “ouvir” música, exemplos como este mostram que existem diferentes possibilidades de percepção do som⁷⁹. A invenção de Ann Marie manifesta também o desejo de inclusão e acessibilidade.

Embora a jaqueta proposta não tenha vencido o concurso, Jade lançou a “Campanha pela Música Visual”⁸⁰, em que produz alguns vídeos de música de cantores conhecidos interpretadas pela *American Sign Language* (ASL) (Figura 55 e Figura 56).

⁷⁹ No Brasil, as edições da revista da Feneis n. 9 (2001) e 26 (2005) também apresentaram a relação entre música e surdez nas experiências do dançarino e coreógrafo surdo Cacau Mourão, que foi bolsista de grandes escolas de dança de São Luís do Maranhão e Rio de Janeiro como a Cia de Dança de Carlinhos de Jesus e do grupo Surdodum, grupo musical de surdos e ouvintes de Brasília. Uma reportagem sobre Marko Vuoriheimo, primeiro rapper surdo finlandês, também foi noticiada na revista da Feneis n. 36 (2008).

⁸⁰ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “*Visual Music Campaign*”.

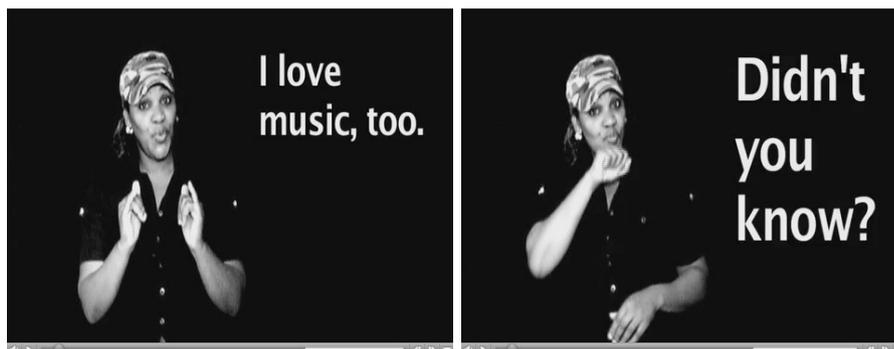


Figura 55 - Cena do vídeo “we love music, too. Music accessibility campaign”

Fonte: Jade Films and Entertainment. Disponível em:

<<http://www.jadefilm.com/vmpcampaign/musicaccessibility.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

Nota: Legendas: “Eu também amo música”; “Você não sabia?”⁸¹.



Figura 56 - Cena do vídeo “We love music, too. Music accessibility campaign”

Fonte: Jade Films and Entertainment. Disponível em:

<<http://www.jadefilm.com/vmpcampaign/musicaccessibility.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

Nota: Legendas: “Nós queremos acesso igualitário ao mundo”; “nós precisamos de produtos tecnológicos para entrarmos no jogo”⁸²

No âmbito doméstico, a Escola para Crianças Surdas de Rio Branco (ECS) apresentou, em 2009, o que seria um “Ambiente de Estimulação do Desenvolvimento para Surdos” (Figura 57), espaço que simula uma casa e é destinado aos alunos e familiares atendidos pela escola. O ambiente inclui relógio despertador vibratório, babá eletrônica, telefone para surdos no quarto dos pais e vídeos de desenhos infantis em línguas de sinais, considerando a comunicação e cultura visual da pessoa surda (ECS, 2009). Destacam-se as paredes internas baixas, possibilitando e facilitando a comunicação entre pessoas em cômodos diversos.

⁸¹ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “I love music, too”; “Didn’t you know?”.

⁸² Traduzido, pela autora, do original em inglês: “We want equal access to the world”; “We need technology products for us to get in the game”.

O espaço, voltado para alunos de zero a 2 anos e 11 meses, oferece as condições adequadas de comunicação com a criança surda, como sinalizadores visuais: em cada cômodo há uma luz colorida, dessa forma, quando a luz se acende, a criança sabe, por exemplo, se a mãe ou o educador, está lhe chamando na cozinha ou na sala. Muitos dos itens específicos para os surdos são soluções simples e econômicas, desta forma a casa traz equipamentos como um despertador vibratório e sinalizadores de campainha. (ECS, 2009).



Figura 57 - Casa adaptada para o bebê surdo da Escola para Crianças Surdas de Rio Branco
Fonte: Disponível em: <<http://www.surdo.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

Sinais luminosos podem ser inseridos em diferentes contextos. A Escola Apás, por exemplo, possui nos banheiros sinal luminoso que acende cada vez que a lâmpada interna é acionada, indicando que o banheiro está ocupado (Figura 58), recurso útil a pessoas surdas e ouvintes em locais públicos:



Figura 58 - Banheiro da Escola Apás Curitiba, sinal luminoso alerta que o banheiro está ocupado
Fonte: Foto de autoria própria.

As babás eletrônicas consistem em artefatos muito importantes para os pais surdos, e, de maneira geral, costumam apresentar sinais sonoros e também

luminosos, como é o exemplo da babá eletrônica da *Fisher Price*, apresentada na Figura 59, capaz de emitir sinais luminosos diferenciados de acordo com o nível de barulho; um ou dois pontos de luz para barulhos superficiais; três ou mais para sons intensos.

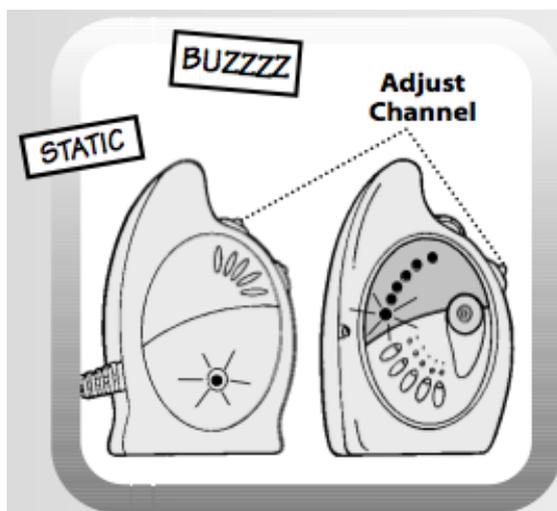


Figura 59 - Detalhe da Babá Eletrônica 900Mhz B1474 Fisher Price

Fonte: Mattel. Disponível em:

http://origin.service.mattel.com/us/product_detail.asp?id=B1474&Ntt=B1474&Pn=9&Brand=Fisher-Price+Babygear&Cat=Monitors. Acesso em: 10 nov. 2009

Outro serviço que se apresenta como uma alternativa possível para ampliar a acessibilidade de pessoas surdas é a central de tradutor(a) e intérprete. Em São Paulo, há disponível para as pessoas surdas, desde 2009, a Central de Libras, tradutores(as) e intérpretes e Guias-Intérpretes (CELIG), projeto, atualmente, em fase de testes. Segundo informações do site da prefeitura de São Paulo (2010), o serviço consiste em terminais de computador e *webcam* instalados em diversos pontos do serviço público municipal, permitindo que a pessoa surda converse à distância com tradutores(as) e intérpretes da língua de sinais. Os(as) tradutores(as) e intérpretes transmitem as informações ao atendente ouvinte presente no local da chamada, facilitando a comunicação. Ao longo de 2010, foram instalados 56 pontos de atendimento em Bibliotecas Municipais, Escolas Municipais de Educação Especial (EMEE), no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência (CMPD), entre outros, abrangendo todas as 31 subprefeituras.

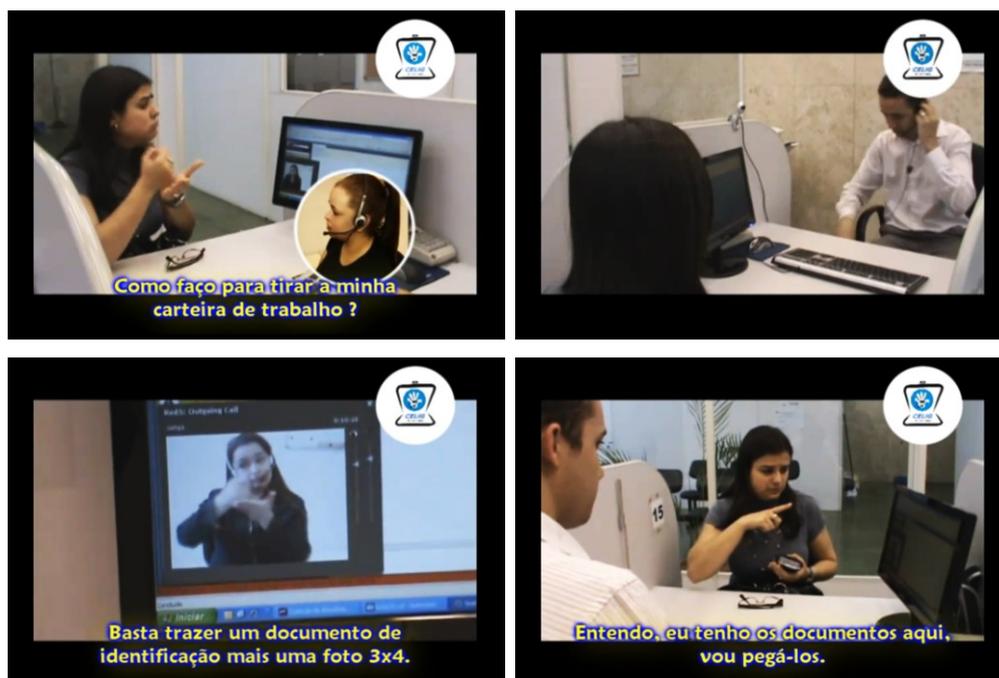


Figura 60 - Funcionamento da CELIG

Fonte: Prefeitura de São Paulo.

A prefeitura de São Paulo prevê que o serviço continue a ser incorporado a outras unidades do serviço público municipal, priorizando o sistema de saúde e ainda a possibilidade de guia-intérprete para acompanhar surdocegos em órgãos públicos.

Outra iniciativa recente foi da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que disponibilizou todo o edital do processo seletivo para Libras em uma série de vídeos que podem ser acessados pela *internet* a partir do *site* do núcleo de concursos da UFPR (NC-UFPR, 2010), tornando esta etapa mais confortável para surdos (as) que não dominam o português plenamente.

Dentre as edições consultadas, observou-se que a revista da Feneis noticiou iniciativas empresarias como instalação de telefones públicos para surdos, cursos de Libras para funcionários e treinamentos especiais. A Fundação Oswaldo Cruz, por exemplo, de acordo com informações publicadas na revista da Feneis n. 32 (2007), tem conseguido melhorar a qualidade de vida de seus funcionários surdos e incentivar a busca por aperfeiçoamento profissional, por meio de um sistema de reconhecimento e promoção: “A ideia é promover os surdos quando há vacância de um cargo, desde que estejam preparados [...] o resultado disso foi imediato. Cerca de 70% dos surdos da instituição voltaram a estudar” (MELLO, 2007, p. 18). Além disso, a empresa já promoveu cursos de informática para seus funcionários surdos e

cursos de Libras, obrigatórios para todos funcionários representantes do setor de recursos humanos (MELLO, 2007).

Outros treinamentos foram noticiados, como: cursos de Libras para funcionários do aeroporto de Curitiba (REVISTA DA FENEIS n. 30) e do metrô de São Paulo (REVISTA DA FENEIS n. 23), que tiveram como objetivo qualificar os profissionais que trabalham no atendimento ao público.

A revista da Feneis n. 29 também apresenta uma reportagem sobre atendimento bancário ao surdo, relatando um treinamento especial promovido pelo Banco do Brasil e pela Feneis aos correntistas surdos, esclarecendo informações a respeito de movimentação bancária, modalidades de conta, empréstimos, tarifas, dentre outros serviços prestados pelo banco mediante o auxílio de tradutor(a) e intérprete. (MELLO, 2006).

A partir dos referidos exemplos, considera-se que os artefatos e sistemas de serviços interferem nas relações sociais, materializam e promovem o acesso ou a restrição a determinados grupos, podendo ou não contribuir no processo de inclusão e acessibilidade de pessoas com necessidades específicas. Cabe lembrar que tais especificidades de uso não são necessariamente relativas a essas pessoas, podendo fazer parte, eventualmente, da vida de qualquer indivíduo.

Existem muitas lacunas a serem preenchidas, em termos da acessibilidade a produtos e serviços para pessoas surdas. Campanhas, alarmes de incêndio, legendas, dentre outros serviços, ainda são insuficientes para garantir a inclusão e acessibilidade de maneira satisfatória.

Cabe ressaltar que tais produtos e serviços devem ser pensados também em termos de usabilidade, havendo a necessidade de pesquisas mais aprofundadas, e que preferencialmente incluam pessoas com diferentes necessidades de uso no decorrer do desenvolvimento do sistema de serviço e/ou produto, a fim de que requisitos de uso sejam atendidos da melhor maneira possível. Questões relacionadas à usabilidade geralmente são tratadas em cursos de ergonomia, interação homem-máquina e design industrial, mas a usabilidade ainda tem sido considerada “tipicamente do ponto-de-vista de pessoas não-deficientes”⁸³, de acordo com Erlandson (2008, p. 47).

⁸³ Traduzido, pela autora, do original em inglês: “Usability concerns are generally covered in courses on human factors, man-machine interfaces, and industrial design, but usability is again typically from the non-disabled point of view.” (ERLANDSON, 2008, p. 47).

4 INTERAÇÃO SOCIAL DE PESSOAS SURDAS, MEDIADA POR SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO

A terceira fase do desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo principal investigar como ocorre a interação entre pessoas surdas no cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação (identificando possíveis dificuldades, intervenções e/ou particularidades de uso, bem como recursos tecnológicos disponíveis e utilizados), bem como contextualizar os discursos em relação a questões familiares e sociais envolvidas no processo.

O envolvimento de pessoas surdas e familiares foi imprescindível para identificar requisitos de uso dos produtos e sistemas em questão, a fim de sugerir possíveis melhorias para o desenvolvimento de produtos e serviços de comunicação inclusivos.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos adotados, nesta fase, compreendem duas etapas principais: aplicação do questionário semiaberto bilíngue, com pessoas surdas, e entrevista semiestruturada, com pessoas surdas e familiares ouvintes.

4.1.1 Questionário semiaberto

Para se estabelecer um primeiro contato com possíveis participantes da pesquisa, elaborou-se um questionário, utilizando-se um serviço online do Google⁸⁴, denominado Google Docs⁸⁵, que permite gerar e enviar formulários com perguntas abertas, fechadas ou semiabertas. Nesta etapa, participaram surdos (as) usuários

⁸⁴ Empresa desenvolvedora de serviços *online*.

⁸⁵ Pacote de aplicativos *online*. Inclui editores e compartilhadores de texto, planilha e apresentação.

de internet, de diferentes idades e cidades do país, que se dispuseram a contribuir com a pesquisa. O referido questionário foi enviado a diversos grupos de *e-mails* de surdos (as), especialmente a associados e vinculados à Feneis, dentre outras instituições e associações de surdos.

Esta etapa pretendeu abranger questões fechadas relativas ao perfil do participante, como idade, gênero, profissão, escolaridade, estado civil; dentre outras. Questões fechadas acerca das interações sociais também foram incluídas, como, por exemplo, perguntas relativas aos amigos e familiares, assim como o envolvimento em grupos e comunidades de pessoas surdas, preferências e interesses em realizar modificações em eletroeletrônicos que já possui, sempre abrindo à possibilidade de justificar o motivo. A estrutura básica do questionário pode ser sintetizada por meio do quadro da Figura 61:

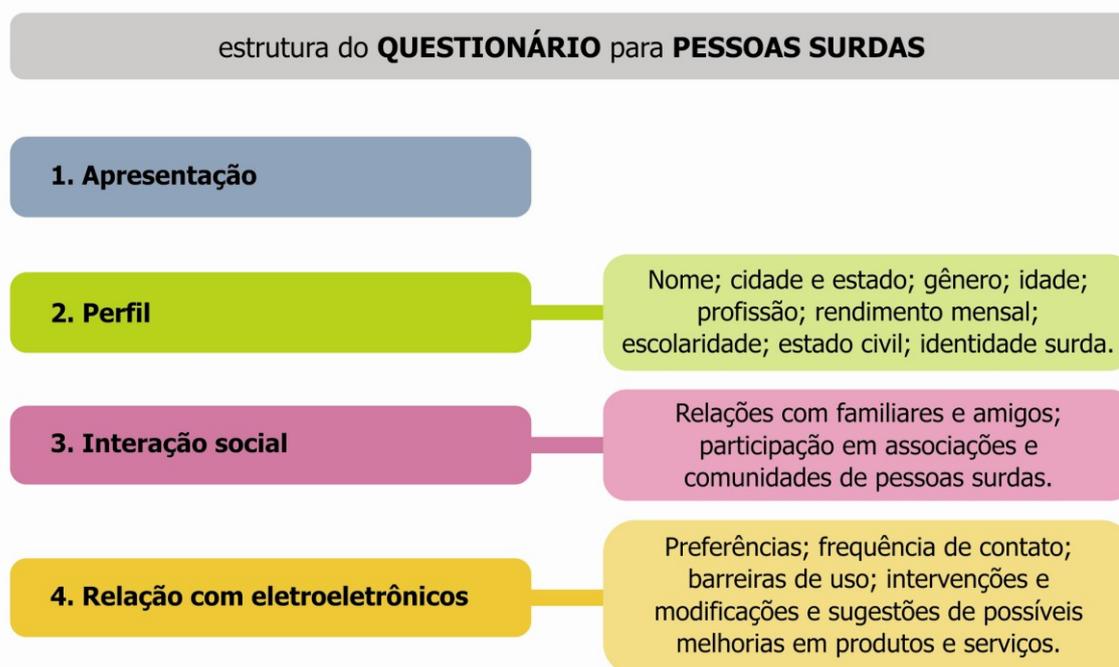


Figura 61 - Estrutura de perguntas do questionário
Fonte: Autoria própria.

Uma das limitações do questionário é que ele não possibilita um maior aprofundamento na coleta de informações, pois não há um entrevistador para interpretar ou explicar o significado das questões (MOREIRA; CALEFFE, 2006). O questionário, porém, serviu como apoio complementar a coleta de dados, fornecendo subsídios para a compreensão de aspectos considerados importantes

para surdos (as), em relação ao tema da pesquisa, e contribuindo expressivamente na elaboração do protocolo de entrevista semiestruturada que viria a ocorrer posteriormente.

Outro diferencial desta etapa foi a tradução e interpretação das questões e instruções do questionário para a Libras, realizada pela tradutora e intérprete Eva Egevardt, visando a uma melhor compreensão das perguntas e a um questionário inclusivo e bilíngue (Figura 62), respeitando-se a diferença linguística e o fato de que muitos surdos possuem, por diversos motivos, níveis diferentes de compreensão da língua portuguesa. Cada pergunta foi acompanhada, então, de um vídeo em Libras correspondente, que poderia ser acessado a partir da própria página do questionário. Os vídeos foram enviados para o site de internet conhecido como Youtube⁸⁶, que permite que seus usuários compartilhem vídeos no formato digital.

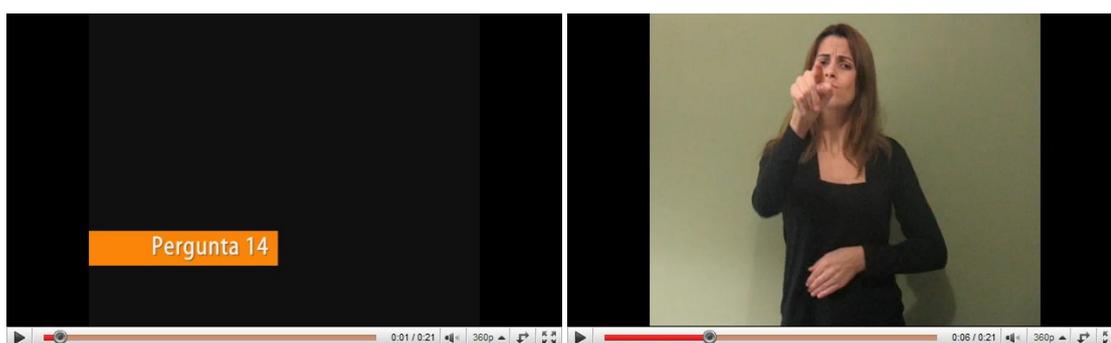


Figura 62 - Tradução e interpretação das perguntas do questionário para a Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Fonte: Autoria própria.

Nota: Na imagem à direita, Eva Egevardt, tradutora e intérprete de Libras.

Sendo parte das perguntas de múltipla escolha, os participantes precisavam apenas assinalar a opção desejada. No entanto, as respostas discursivas foram enviadas em português escrito, e a fluência dos participantes foi, conforme esperado variável, com mais ou menos dificuldade em elaborar respostas. De maneira geral, as respostas discursivas puderam ser compreendidas e foram de grande importância na identificação de experiências mais específicas, envolvendo comunicação, e foram aprofundadas posteriormente, na entrevista mediada pelos(as) tradutores(as) e intérpretes da língua de sinais que auxiliaram neste processo.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 07 mar. 2010.

A última questão proposta foi “O que achou deste questionário bilíngue?”. Nem todos os participantes responderam, mas algumas das respostas apontaram a importância da inclusão da língua de sinais nesta etapa, ainda que somente nas perguntas e instruções:

S1⁸⁷: Muito bom. Facilita para os surdos responder claramente. Também ajuda os surdos a conhecer e aprender o português. Já que, no Brasil, tem duas línguas oficiais, os surdos também precisam aprender o português, [...] como os ouvintes a Libras.

S2: Muito legal, É gostoso responder essas questões. Se tiver outros questionários e curiosidades, pode me mandar pelo e-mail [...].

S3: Isso eh importante para surdos, pois tem duas línguas!

S5: Achei legal que muitos surdos não conhecem português escritas.

S6: Achei interessante, é uma novidade. É importante descobrir a cultura surda e comunidade

S7: Adorei, as perguntas foram bem relacionadas a nós mesmo. Gostei do tema da sua pesquisa, espero que você tenha muito sucesso e possa conseguir realmente nos ajudar com as invenções tecnológicas. Fantástico, gostei de participar dos seus questionários.

O questionário foi bem recebido e aceito pela comunidade surda, que elogiou a inclusão da tradução e interpretação das perguntas em Língua de Sinais, permitindo, na opinião de alguns entrevistados, melhor compreensão das perguntas e do próprio português, o que, para surdos (as) que possuem a Libras como primeira língua, é muito importante.

4.1.1.1 Perfil dos participantes

Nesta etapa, foram totalizados 49 participantes de diferentes idades e cidades do país, cujos percentuais de participação estão apresentados na Tabela 4.

⁸⁷ No caso do questionário, os participantes da pesquisa serão identificados como “S + número” para preservar as identidades, sendo “S” equivalente à “Surdo (a)”.

Tabela 4 - Perfil dos participantes do questionário

ESTADOS DE PROCEDÊNCIA								
RS	SC	PR	SP	RJ	MG	PE	CE	GO
8%	12%	51%	16%	2%	4%	4%	2%	2%
SEXO								
feminino				masculino				
64%				36%				
IDADE								
Menos de 18		20 a 24 anos		25 a 39 anos		40 a 59%		
4%		36%		44%		16%		
SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA								
Surdo (a)		Surdo (a) / oralizado (a)		Deficiente auditivo (a)		Deficiente auditivo (a) oralizado (a)		
42%		42%		4%		12%		

Fonte: Autoria própria

Considerando-se que a amostragem da pesquisa encontra-se em Curitiba, considerou-se satisfatória a porcentagem de surdos e surdas paranaenses – 51% - que se disponibilizaram a responder o questionário. Cabe ressaltar que, em geral, pessoas com diferentes graus de perda auditiva, que se consideram surdas, utilizam a língua de sinais como forma principal de comunicação, correspondendo a 84% dos participantes do questionário.

4.1.1.2 Resultados

O questionário foi importante para compreender quais artefatos cotidianos são considerados mais importantes pelos participantes em questão, bem como possíveis facilidades ou dificuldades no uso de determinados produtos ou sistemas de serviços, mediadores ou não, da comunicação.

Uma das questões solicitou que os participantes assinalassem os cinco produtos eletroeletrônicos mais importantes em seu cotidiano, e, dentre as diversas opções⁸⁸, as sete mais escolhidas foram (Gráfico 1):

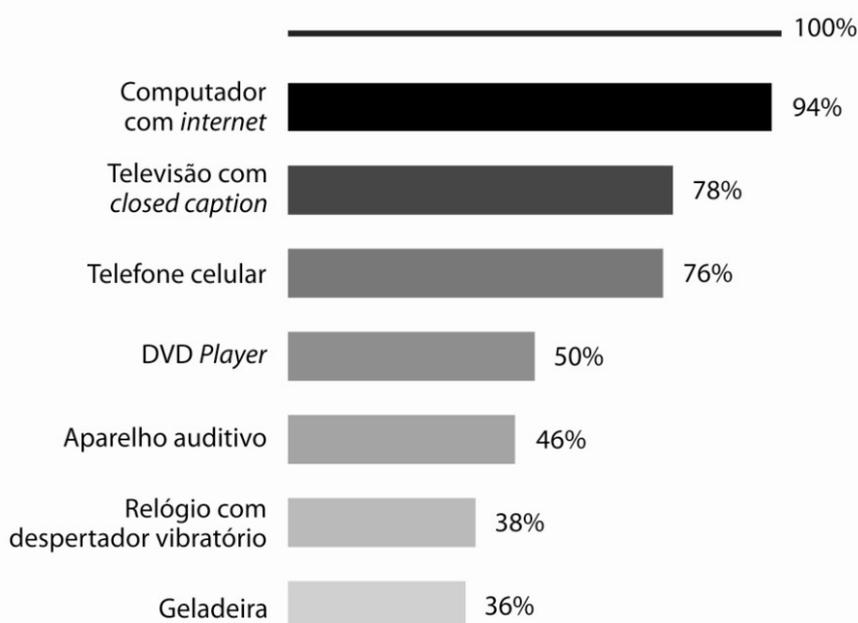


Gráfico 1 - Produtos eletroeletrônicos considerados mais importantes no cotidiano dos participantes da pesquisa com questionário

Fonte: Autoria própria.

Percebe-se, aqui, a reincidência na escolha de artefatos relacionados a sistemas de produtos e serviços de comunicação como o computador com internet, telefone celular, televisão com *closed caption* e aparelho auditivo, reforçando a relevância de sistemas e serviços que propiciem e favoreçam a comunicação de pessoas surdas. O TDD ficou em 12º lugar nesta lista, tendo apenas o voto de 12% dos participantes do questionário *online*, o que torna questionável a adequação deste sistema de produto e serviço direcionado especificamente a surdos (as) e deficientes auditivos (as), ou ainda a eficiência e eficácia de sua divulgação.

As respostas de três perguntas relativas a possíveis barreiras na utilização de determinados artefatos, intervenções e sugestões trouxeram questões

⁸⁸ DVD player; Fogão; Freezer; Geladeira; Lava-louças; Máquina de lavar roupa; Microondas; Rádio; Secadora de roupas; Telefone; Televisão; Televisão com *closed caption*; Aparelho Auditivo; Babá eletrônica com aviso luminoso; Computador com internet; Relógio despertador vibratório; TDD; Telefone Celular; Batedeira; Liquidificador; Sanduicheira; Aspirador de pó; Ferro de passar; Ventilador; Secador de cabelo; MP3 Player; Vídeogame.

importantes a serem consideradas no desenvolvimento da pesquisa. O Quadro 11 expõe os principais resultados das referidas questões.

PERGUNTA	SIM	NÃO	Serviços e produtos mencionados
1. Considera algum aparelho eletrônico difícil de usar por falta de elementos visuais (desenhos, avisos luminosos, etc.? Se sim: Qual(is) e por quê?	50%	50%	<ul style="list-style-type: none"> • Indisponibilidade, em lojas comerciais, de campanha luminosa • Falta de interfone de prédio adaptado • Falta de atendimento especializado em hotéis, aeroportos, ônibus de viagem • Má formulação ou ausência de legendas <i>closed caption</i> • Indisponibilidade de serviços de mensagem mais adequados e serviço de videoconferência a preço acessível • Caixas-eletrônicos de banco inadequados • Ausência de painéis luminosos para sinalização da senha de atendimento em bancos e cartórios • Ausência de aviso luminoso de abrir e fechar portas no metrô • Dificuldade no atendimento em hospitais e consultórios médicos • Ausência de sensor luminoso para carro que avise quando está vindo ambulância ou carro do corpo de bombeiros
2. Já teve que modificar algum eletrônico para facilitar seu uso? Se sim: Qual(is) e por quê?	34%	66%	<ul style="list-style-type: none"> • Dispositivo sinalizador luminoso adaptado em campanha sonora • Utilização de cachorro para identificar campanha tocando • Despertador sonoro transformado em despertador vibratório • Babá-eletrônica luminosa adaptada para emitir sinais vibratórios
3. Já imaginou algum produto / serviço / sistema que gostaria que existisse para facilitar sua vida? Se sim: Qual(is)?	64%	36%	<ul style="list-style-type: none"> • Painéis luminosos para sinalização de senha de atendimento • Serviço de tradutor(a) e intérprete de língua de sinais em todos lugares / Atendimento via mensagem de celular ou internet em restaurantes, centrais de táxi e estabelecimentos públicos • Caderno eletrônico tradutor que transforme escrita em fala e vice-versa / • Minicomputador que traduza Libras para o português e português para Libras • Celular com serviços e aplicativos em Libras / serviço de videoconferência com tarifas baixas para pessoas surdas • Atendimento ao consumidor <i>online</i> • Legendas <i>closed caption</i> em toda programação televisiva • GPS especial para pessoas surdas • Telefone fixo com câmera / com volume alto • Aparelho auditivo à prova de água • Campanha luminosa com câmera

Quadro 11 - Questões relativas a barreiras de uso; adaptações e intervenções e sugestões de melhorias

Fonte: Autoria própria.

Percebeu-se, a partir dos resultados, que a primeira pergunta do Quadro 11 foi menos eficiente na identificação de barreiras de comunicação, possivelmente pela construção da pergunta, que se focalizou na “dificuldade” no uso de aparelhos eletrônicos, enquanto que a terceira pergunta foi mais bem recebida, uma vez que tratou de possíveis soluções e ideias. O pressuposto da dificuldade não deixa de se relacionar com o termo “deficiência”, enquanto que a ideia de diferença está vinculada às diferentes habilidades dos indivíduos, constituindo, portanto, diferentes maneiras de expressão. Assim, há que se considerar possíveis conotações e denotações na interpretação dos termos.

Já nesta etapa da pesquisa de campo, foi possível identificar diversas barreiras de comunicação no dia-a-dia de pessoas surdas, o que resulta na inacessibilidade a uma série de produtos e serviços. Evidencia-se que muitas das barreiras e soluções sugeridas envolvem prestação de serviços e não apenas produtos de maneira isolada, como, por exemplo, disponibilidade de tradutores(as) e intérpretes de sinais, planos de celular com tarifas reduzidas para serviços de mensagem e videoconferência, atendimento adequado em hospitais, restaurantes, dentre outros estabelecimentos.

A ausência de dispositivos de comunicação descentrados da fala e audição é recorrente e, para muitos dos participantes, poderia ser resolvida com a disponibilização de tradutores(as) e intérpretes da língua de sinais e serviços de mensagens texto; como e-mail, serviços de mensagens instantâneas e mensagem celular.

S8: Um exemplo: no hotel em que eu tava hospedada, quando queria pedir lanche, não tinha como avisar. Precisei trocar a roupa e descer para falar com o porteiro. Que trabalho!

S9: Serviço: Intérprete em todos os lugares, até no hospital (...) gostaria de ter um caderno eletrônico, que tenha um alto falante (microfone), ela [a pessoa] fala, e o caderno traduz escrevendo, ou vice-versa, eu escrevo, e o caderno fala, sempre sonhei com isso, porque sempre carrego um caderno pequeno na bolsa.

S10: Atendimentos *call center on-line*, que possa resolver problemas pela internet. Por exemplo, alguns bancos possuem atendimento *on-line*, mas não fazem nada importante, como liberar um cartão. Já passei por isto, e um amigo se passou por mim, falando ao telefone, como se fosse eu. Portanto, esta medida de falar ao telefone por segurança é completamente falha.

S11: Criar a *call center* exclusivo para surdos. Pode ser SMS⁸⁹, MSN⁹⁰, SKYPE⁹¹, para marcar médico e outras ligações.

Além disso, existe uma carência de recursos luminosos voltados para comunicação de artefatos básicos no dia-a-dia, como campanhas luminosas e dispositivos sinalizadores de senhas de atendimento, sendo que grande parte dos participantes apontou estas como dificuldades frequentes no cotidiano.

S12: Às vezes, eu necessito ir ao cartório para autenticar os documentos, [e,] na maioria das vezes, o local não tem aparelho eletrônico para eu verificar a senha para ser atendida, e os funcionários chamam gritando; como vou ouvi-los? Isto precisa mudar! Eu já conversei com gerente do local, e até hoje não foi resolvido o caso. (grifo da autora).

S13: Eu viajo bastante. Nos ônibus, precisava ter um painel avisando quantos minutos de intervalo e em que cidade estamos. Por exemplo, eu pego ônibus PENHA pra Curitiba, que sempre pára em Lages pro lanche, e eu fico com medo de descer, porque não sei quantos minutos têm a parada. Às vezes os motoristas descem muito rápido e somem. Nos aviões, também seria importante ter isso. (grifo da autora).

Os artefatos que podem ser utilizados por pessoas surdas nem sempre são satisfatórios em termos de usabilidade. Foram apontadas dificuldades principalmente em relação aos serviços de aparelhos celulares, operadoras de telefonia celular e as legendas *closed caption* da televisão.

S11: Celular: recebe mensagem e toca apenas uma vez e não várias vezes até eu perceber que chegou a mensagem.

S14: Celular 3G com teleconferência com custo de tarifa barata facilitaria a comunicação dos surdos.

S15: (...) *closed caption* mal formulada, difícil de acompanhar, **falta tradução simultânea em Libras**, principalmente em programas jornalísticos. (grifo da autora).

S16: Gostaria que a televisão tivesse *closed caption* em todos os programas, filmes, desenhos animados e todos os canais.

⁸⁹ *Short Message Service* (SMS): serviço de mensagens de texto oferecido pelas operadoras de telefonia celular.

⁹⁰ *Microsoft Service Network* (MSN): aplicativo de comunicação por mensagens instantâneas via internet.

⁹¹ Empresa de comunicação, via internet, que oferece a possibilidade de estabelecer conversas por meio de áudio, vídeo e texto.

A inacessibilidade acaba forçando pessoas surdas a procurarem formas alternativas de uso, e, por outro lado, também inibe ou torna impossível a utilização de determinados produtos e serviços. Em certas situações, a pessoa surda recorre a uma pessoa ouvinte para fazer a intermediação, o que pode causar constrangimento e sentimento de dependência.

Os principais pontos identificados nesta etapa foram: a relevância de artefatos voltados à comunicação, o índice expressivo de barreiras de uso, a importância de soluções que envolvam a língua de sinais, recursos luminosos e vibratórios e a necessidade de maior amplitude da acessibilidade e atendimento de requisitos de usabilidade de produtos e serviços para pessoas surdas.

Os resultados do questionário, aplicado entre os meses de março e junho de 2009, contribuíram significativamente para o delineamento e desenvolvimento da dissertação. A partir de seus resultados foi possível perceber questões importantes levantadas pelos participantes, fornecendo subsídios para a elaboração do protocolo de entrevista semiestruturada. As perguntas abertas e semiabertas permitiram buscar, mediante as entrevistas, um maior detalhamento nas respostas, especificidades que possibilitaram a compreensão de fatores importantes a serem considerados no dia-a-dia de pessoas surdas. Durante esta etapa, foi também possível identificar interessados em participar das entrevistas semiestruturadas filmadas, estabelecendo um primeiro contato com parte do grupo de amostragem.

4.1.2 ENTREVISTAS

Os itens, a seguir, têm como objetivo descrever a abordagem metodológica, a população de amostra, especificando também a forma como foram realizadas a coleta e a triangulação dos dados na análise.

4.1.2.1 População de amostra

A pesquisa adota a seleção de amostra intencional, levando-se em consideração pessoas que possam contribuir com o propósito da pesquisa (MOREIRA; CALEFFE, 2006), envolvendo participantes surdos e ouvintes, habitantes da cidade de Curitiba, relacionados direta ou indiretamente com associações e/ou instituições de pessoas surdas.

Adotou-se o tipo de amostragem “bola-de-neve” ou em série, que consiste em questionar informantes-chave a respeito de quem poderia participar da pesquisa, e, a partir desse ponto, como esclarecem Moreira e Caleffe (2006, p. 178), “a bola de neve torna-se maior à medida que o pesquisador acumula novas informações e casos”. A amostragem bola-de-neve é encerrada a partir do momento em que as informações conferidas pelos entrevistados passam a se repetir. O fato de se contar com pessoas já conhecidas no meio pesquisado também contribui para que os (as) participantes se sintam mais confortáveis e seguros (as) para conceder as entrevistas.

Partiu-se, então, de uma amostragem de pessoas surdas usuárias da língua de sinais previamente conhecidas pela autora e associadas à Feneis, sediada em Curitiba, no bairro Rebouças (Figura 63).

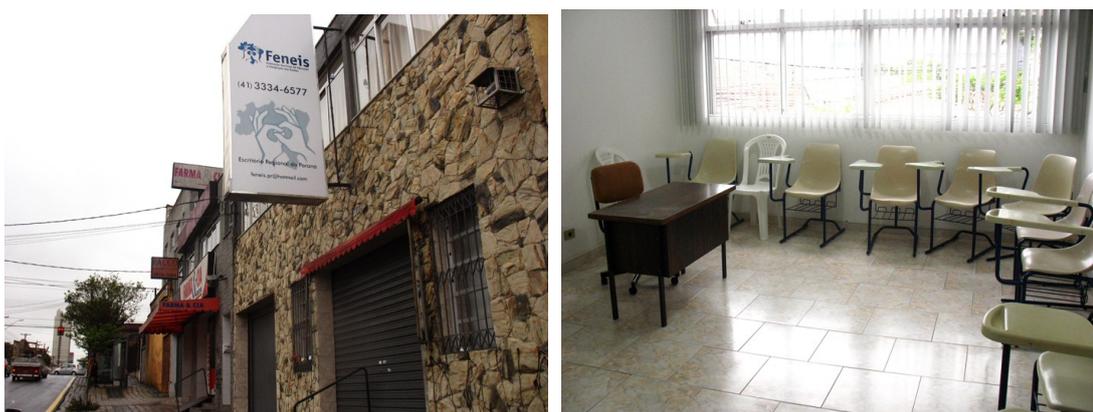


Figura 63 - Sede da Feneis, em Curitiba.

Fonte: Fotos de autoria própria.

4.1.2.2 Protocolo de entrevistas

Foram elaborados dois protocolos de entrevista, sendo um voltado a pessoas surdas (Figura 64), e outro aos familiares ouvintes (Figura 65).

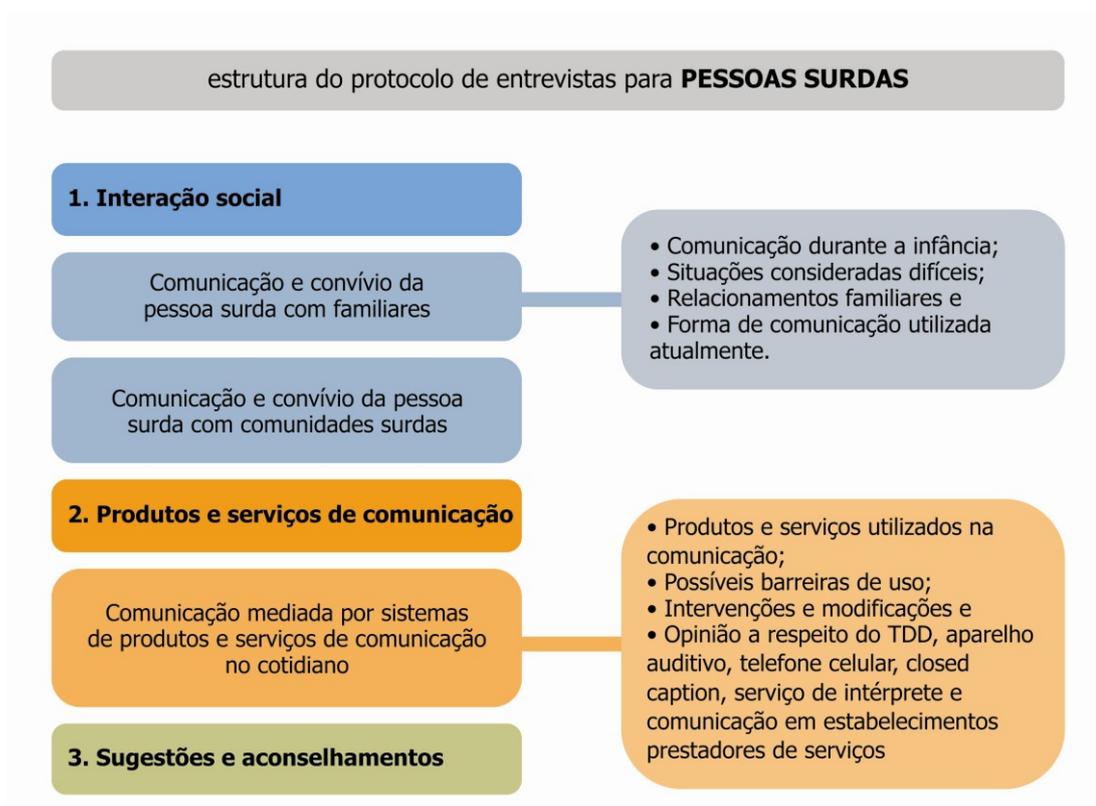


Figura 64 - Estrutura geral do protocolo de entrevistas para pessoas surdas

Fonte: Autoria própria.

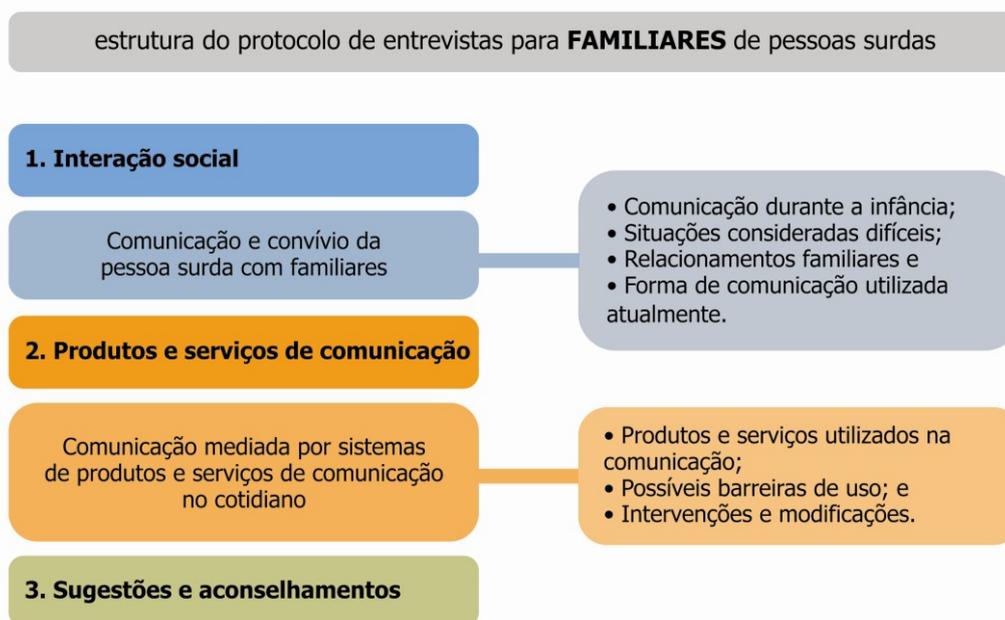


Figura 65 - Estrutura do protocolo de entrevistas para familiares de pessoas surdas

Fonte: Autoria própria.

As perguntas procuraram abranger aspectos relativos a três eixos principais: interações sociais, produtos e serviços de comunicação e sugestões e aconselhamentos.

Os resultados do questionário contribuíram expressivamente na elaboração de questões relativas a possíveis barreiras de uso e comunicação, bem como a intervenções e modificações.

4.1.2.3 Entrevistas semiestruturadas filmadas

A situação da entrevista permite geralmente uma interação social maior, revelando conteúdos que estão contidos no discurso da pessoa entrevistada, na hesitação ou exaltação da fala, no movimento dos olhos e/ou no gestual das mãos, enquanto discursiva e escuta.

Por meio da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em certa sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 91).

Neste caso, o recurso da câmera de vídeo é de grande relevância, uma vez que, majoritariamente, os surdos se comunicam pela Língua de Sinais, de caráter visual-espacial. Além disso, existem gestos e outras formas de expressão não-verbais importantes a serem considerados, auxiliando sobremaneira em sua identificação e análise, além da observação direta, o registro visual das entrevistas. Cabe também destacar que a utilização de imagens – fixas e/ou móveis - como método de pesquisa pode contribuir para a compreensão das dimensões subjetivas que permeiam o grupo pesquisado. Como salienta Bittencourt (1998, p. 198), “a imagem tem contribuído significativamente para a antropologia na documentação de aspectos visuais da cultura cujas características transcendem a capacidade de representação da linguagem escrita” [sic]. Além disso, o registro verbal e visual de entrevistas poderá ser compartilhado posteriormente.

O vídeo não é mais ou menos capaz de captar a “realidade” que qualquer outro meio, pois, como salienta Peixoto (2005, p. 223), um filme pode ter em si muito mais informações do que as imagens revelam, e a sua fabricação, assim “como a elaboração de um livro, traz embutida sua ideologia, consciente ou não”.

Os depoimentos resultam tanto da interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a), quanto da presença da câmera filmadora, que também influencia a dinâmica da entrevista. De acordo com Moreira e Caleffe (2006, p. 200), “a presença da câmera pode alterar o comportamento de modo que os sujeitos não se comportem normalmente”. É, portanto, aconselhável iniciar a entrevista com perguntas menos incômodas e relevantes para a pesquisa, que ajudem no processo de “aquecimento” para o desenvolvimento da entrevista, ou seja, que auxiliem a pessoa a sentir-se confortável diante da câmera, o que nem sempre é um processo simples.

Ressalta-se, também, no desenvolvimento da pesquisa em questão, a presença imprescindível de tradutores(as) e intérpretes de Libras para a realização das entrevistas (Figura 66), por ser esta a primeira língua dos participantes da pesquisa e em vista do conhecimento ainda limitado da mesma pela pesquisadora.

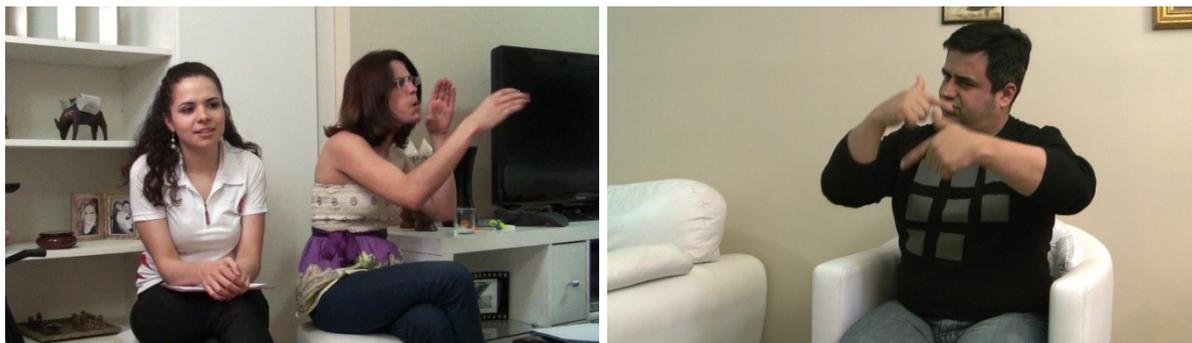


Figura 66 - Pesquisadora, tradutora e intérprete de sinais e entrevistado surdo
Fonte: Foto de Augusto Mosna Simão.

4.1.2.4 Triangulação dos dados

A triangulação dos dados coletados teve como objetivo o intercruzamento das informações coletadas com o marco teórico da dissertação, a fim de uma maior compreensão acerca de como se desenvolve a interação social de pessoas surdas, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação em seu cotidiano, abrangendo diversos pontos de vista acerca do tema.

Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 192), a pesquisa de campo é uma forma de triangulação, já que existe uma variedade de fontes de dados que podem ser coletados de maneiras diferentes, o que permite “adicionar alguma profundidade à análise, aumentar a validade dos dados e consequentemente as análises desses dados”.

Ainda no entender de Moreira e Caleffe (2006, p. 190), “a extração de unidades gerais de significados que se relacionam diretamente aos objetivos da pesquisa envolve a eliminação de muitos dados”. Identificar e eliminar alguns temas que emergiram das entrevistas permitiu ater-se às questões propostas inicialmente, sendo a transcrição um processo relevante e facilitador para o conhecimento detalhado dos dados coletados. Para uma comparação de dados coletados por imagem e som é de grande importância “construir e escrever, falar e sustentar um discurso, dar significado preciso às ideias e aos conceitos, e abstrair, por meio de um trabalho sobre a imagem e o som, a magia que dá sentido as relações sociais” (PEIXOTO, 1998, p. 219).

Assim, todas as entrevistas foram transcritas e os vídeos assistidos repetidas vezes, pois, principalmente porque as transcrições geralmente não transmitem com precisão o que o entrevistado relata; especialmente no caso dos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais, sendo importante perceber as expressões visuais da face, gestos e o olhar do (a) entrevistado (a), que podem revelar "diferenças na entonação de voz e outros aspectos cruciais como pausas, silêncios, ênfases, etc." (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 188). E, a partir da leitura deste material, foi possível identificar diferentes pontos de vista e temáticas recorrentes, bem como convergências e divergências entre os discursos.

Destaca-se que, no processo de transcrição, foi considerada a interpretação e tradução de Libras pelos(as) profissionais que auxiliaram na realização das entrevistas.

4.1.2.5 Perfil dos entrevistados

A amostra selecionada, a partir dos contatos previamente estabelecidos com a Feneis Curitiba conta com vinte e cinco participantes, entre surdos, surdas e familiares ouvintes (Quadro 10).

Nome	Sexo	Idade	Surdo(a) /ouvinte	Profissão	Grupo de surdos
Dagoberto Fagotti	Masc.	54	Surdo	Fazendeiro, estudante de pedagogia	Feneis
Daiane Ferreira	Fem.	23	Surda	Professora de Libras	Feneis
Éden Almeida	Masc.	34	Surdo	Instrutor de Libras	Feneis, ASC, CBS e Graduação Letras/Libras - UFSC
Elias Matias	Masc.	35	Surdo	Auxiliar de Produção	Associação de surdos de Curitiba, Igreja
Elisabeth Gallucci	Fem.	51	Ouvinte	Artesã	Não participa
Elizanete Favaro	Fem.	53	Surda	Pedagoga; Professora de Libras	Feneis
Emanuel Santos	Masc.	8	Ouvinte	Estudante	Feneis
Fabiana Nascimento	Fem.	28	Ouvinte	Tradutora e intérprete de Libras	Igreja

Francieli Moresco	Fem.	37	Surda	Professora de Libras	Igreja, Escola Apás
Glauce Gonçalves	Fem.	26	Surda	Não possui	Associação de surdos de Curitiba, Igreja
Ingeborg Strobel	Fem.	74	Ouvinte	Professora de Tai Chi Chuan	Não participa
Iraci Suzin	Fem.	65	Ouvinte	Coordenadora da Feneis/Curitiba e professora aposentada	Feneis
Jorge Poleski	Masc.	30	Surdo	Técnico bancário	Igreja
Josefa Poleski	Fem.	63	Ouvinte	Professora aposentada	Não participa
Josiane Poleski	Fem.	23	Surda	Analista de RH	Associação dos surdos de São José dos Pinhais
Majori Gallucci	Fem.	24	Surda	Designer	Associação dos surdos de São José dos Pinhais
Marcia Matias	Fem.	40	Surda	Professora de Libras	Associação de surdos de Curitiba, Igreja
Maria Lemos	Fem.	60	Ouvinte	Dona de casa	Não participa
Maurício Fernandes	Masc.	28	Ouvinte	Designer	Não participa
Maurício Santos	Masc.	37	Surdo	Professor	Feneis
Philippe Oliveira	Masc.	24	Surdo	Técnico bancário	Associação dos surdos de São José dos Pinhais
Rosani Santos	Fem.	43	Surda	Professora	Feneis
Valéria Fernandes	Fem.	32	Surda	Professora	Escola de surdos
Vanessa Casali	Fem.	35	Surda	Professora de Libras	Igreja
Washington Nascimento	Masc.	24	Surdo	Operador de máquinas	Igreja

Quadro 12 - Perfil dos participantes

Fonte: Autoria própria.

A Figura 62 apresenta um mapa das relações sociais identificadas entre os participantes:

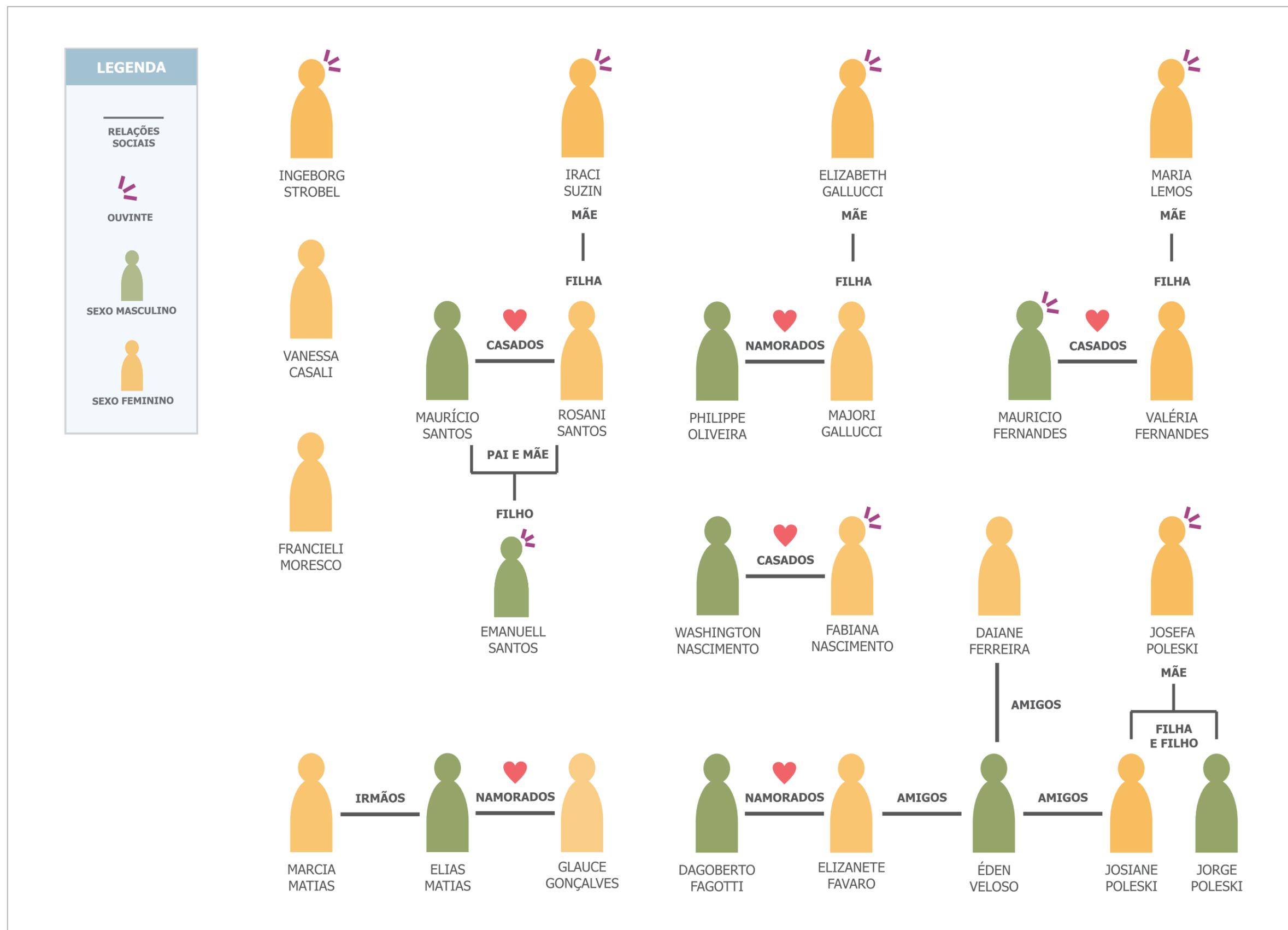


Figura 67 - Mapa das relações sociais entre os participantes
 Fonte: Autoria própria.

Todas as pessoas surdas entrevistadas se comunicam pela língua de sinais, sendo que alguns dominam em maior ou menor grau o português oral. Há pessoas que nasceram surdas e outras que se tornaram surdas, ainda muito pequenas em decorrência de doenças como meningite. Todos participantes da pesquisa são filhos (as) de pais ouvintes, sendo que há casos de irmãos (ãs) surdos (as) em uma mesma família, como é o caso de Josiane e Jorge e, também, Matias e Márcia.

Destacam-se como casos excepcionais entre os participantes da pesquisa, as experiências de Rosani e Valéria. Rosani, surda profunda, possui a síndrome de Usher, transmitida geneticamente e caracterizada por associar surdez e cegueira, havendo variações dos níveis de ambas condições⁹². Atualmente, Rosani enxerga, mas precisa de condições propícias como boa iluminação e que a pessoa sinalize à sua frente e a determinada distância. Valeria é surda pós-linguística⁹³, ou seja, ficou surda aos 15 anos, em decorrência de meningite, sendo que já havia aprendido a língua portuguesa. Por esta condição, Valeria foi a única que dispensou o auxílio de tradutor(a) e intérprete de Libras em sua entrevista. Embora considere que esteja inserida na “cultura ouvinte” e tenha o português como primeira língua, Valeria, que é professora de crianças surdas, utiliza, em sua comunicação, além do português oral, também a língua de sinais. E, atualmente, Valeria cursa uma especialização em língua de sinais.

Ressalta-se que as constatações, a partir da pesquisa de campo, ilustradas pelos gráficos apresentados nos próximos tópicos, não visam a generalizações ou ao estabelecimento de verdades absolutas, mas apresentar um panorama geral acerca das divergências e confluências nas opiniões e vivências dos participantes da pesquisa. Sobretudo, esta discussão tem como objetivo a identificação de barreiras, facilidades e particularidades de uso a respeito da comunicação de

⁹² Segundo SILVA (2002, p. 9) a surdocegueira causada pela síndrome de Usher pode levar a diminuição do campo visual, o que não impede que a pessoa continue se comunicando pela língua de sinais. Para tanto, o interlocutor deve se posicionar em frente à pessoa, distanciando-se cerca de um metro e meio, para que o movimento das mãos seja mais facilmente percebido. Segundo a autora, a forma de comunicação do surdo que ficou cego em decorrência da síndrome de Usher fica a seu critério, sendo que algumas pessoas preferem que as palavras sejam escritas em suas mãos com a ponta dos dedos, outras utilizam o alfabeto manual de sinais, existindo ainda outras possibilidades de comunicação. No Brasil, existem grupos como o Retina Brasil, Associação Brasileira de Surdocegos - ABRASC e Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, que oferecem orientações e campanhas a respeito.

⁹³ Para Sacks (2010) é comum que pessoas surdas pós-linguísticas escutem vozes ao fazer a leitura labial, por exemplo. O autor discorre que a memória auditiva é responsável por este fenômeno neurológico, o que não acontece com pessoas surdas pré-linguísticas, que não possuem “experiências ou imagens auditivas mentais a que possam recorrer”. (SACKS, 2010, p. 138).

peças surdas no cotidiano, que variam conforme os contextos, que são dinâmicos e diversos.

4.1.3 Interação social

Foram cinco mães entrevistadas, todas ouvintes e com diferentes posturas frente à surdez do filho ou da filha. No entanto, ao serem questionadas acerca da primeira reação ao reconhecer que o (a) filho (a) era surdo(a), grande parte das entrevistadas sentiu-se visivelmente emocionada, recordando, em um primeiro momento, a dificuldade de não saber como lidar ou a quem recorrer, a resistência e a decepção dos outros familiares, o que corrobora os resultados obtidos na pesquisa de Gregory (1995) e apontados por Strobel (2008).

Olha, meu filho, eu descobri que ele era surdo no dia do aniversário de um aninho dele. Foi uma coisa muito triste pra mim, porque a gente estava fazendo uma festa grande, [...] e, na hora que eu fui cortar o bolo, que eu chamei ele, [...] ele não olhava, daí eu bati o pé no chão, ele olhou. **Aquilo foi como se jogasse um balde de água fria.** (Josefa, ouvinte, 63 anos, grifo da autora).

[...] a primeira pessoa surda que eu conheci na minha vida foi a minha filha, [...] então você nem percebia que existia surdo. [...] Cheguei no médico em que ela nasceu, que foi o que acompanhou o parto [...]. Mas, enfim, ele não tinha experiência como otorrino. Imagina, há 42 anos atrás, se hoje os médicos estão fazendo barbaridades ainda que a gente tem conhecimento, então imagina numa cidade pequena, há 42 anos atrás. Ele pegou ela e colocou deitadinha na maca e pegou uns ferros e foi atrás dela, bateu aqueles ferros, batia forte e ela continuava, parece que eu estou vendo aquela cena, ela continuava brincando com os pezinhos e não deu bola pra aquelas batidas [...]. No momento, ele virou e disse assim: “Mãe, você tem razão, ela não ouve, ela é surda”. **Eu só sei que, naquela hora, eu não vi mais nada, diz que eu desmaiei, eu demorei pra voltar em si, foi como se o mundo tivesse caído na minha cabeça. Foi muito difícil, muito difícil mesmo.** Aí eu fui pra casa com ela nos braços, eu morava perto do hospital, mas eu fui gritando. Até [me] lembro, depois, eu estudei com um moço que eu encontrei no caminho. Diz que ele olhou pra mim [e disse:] “essa mulher tá louca”. Cheguei em casa e contei pro meu marido. **Todo mundo ficou desesperado. Foi assim, tudo desmoronou.** (Iraci, ouvinte, 65 anos, grifo da autora).

A primeira providência de pais de filhos (as) surdos (as) é geralmente a busca de orientação de médicos e especialistas, seguido da busca de escola especial para surdos. Dentre as entrevistadas, Iraci, Josefa e Elizabeth, que

moravam em outras cidades menores, mudaram-se para Curitiba, especialmente para buscar atendimento especializado.

Josefa e Ingeborg utilizam o oralismo para se comunicar com os filhos surdos e não sabem a língua de sinais. Josefa, especialmente, manifesta resistência e desinteresse em aprendê-la, justificando-se pelo receio de que a sociedade não esteja preparada para a utilização da língua de sinais.

[...] nunca aceitei fazer [curso de Libras], porque eu não queria aprender, simplesmente eu não queria aprender sinais e não quero. Eu quero é a fala, porque a sociedade não está preparada. [...] acho que foi uma das melhores coisas que eu pude fazer por ela. (Josefa, ouvinte, 63 anos).

Já Ingeborg já acredita que muitas coisas mudaram e estão mudando, e, apesar de utilizar o oralismo com sua filha, considera a língua de sinais importante e relata estar aprendendo alguns sinais com o neto também surdo.

Iraci é a mãe mais envolvida com a comunidade surda, sendo que, atualmente, é coordenadora da filial da Feneis, em Curitiba. No entanto, nem sempre foi assim. Iraci, que já era professora quando a filha nasceu, especializou-se no ensino para crianças surdas e utilizava o método oralista, proibindo Rosani de utilizar qualquer comunicação por sinais. Conta, então, como passou a aceitar a língua de sinais; momento que considera transformador e a partir do qual mudou sua postura em relação à surdez da filha, iniciando seu envolvimento com a comunidade surda:

Então, eu sempre fui a favor do oralismo, lutava muito pelo oralismo, batia nas mãos da Rosani, ou, principalmente, o pai: **“Rosani, você não pode fazer isso, quem faz isso é macaco”**, a gente dizia, né? Então, a gente foi bastante duro com ela, sabe? Mas, por falta de conhecimento, [...] a gente demorou muito pra aceitar a língua de sinais. [...] Num dia de natal, eu peguei ela dentro do escritório. Tinha um mapa grande na parede, e ela estava olhando aquele mapa, e eu cheguei pra ela, e ela chorando, olhando aquele mapa, e chorava. E eu disse: “Rosani, porque você está chorando? Você não gostou do presente que a mamãe te deu?” Ela disse: “não, não é isso?” “Mas, então, por que que você está chorando e o que que você está fazendo aqui?” Ela disse assim: **“estou olhando aqui, procurando aonde que é o meu país”**, ela disse, aí ela fez o sinalzinho, **“que o japonês tinha o país dele”** e ela foi falando, **todo mundo tem a sua língua e “eu quero saber aonde que é o meu mundo, [em] que eu posso falar a minha língua”**. Ai, naquela hora, me deu uma coisa tão grande, que eu comecei a chorar e eu abracei a Rosani e disse: “Rosani, qual é a tua língua, explica pra mamãe, o que é que você gosta mais?” Ela disse: “a minha língua tá aqui mamãe [apontando para as mãos], eu quero falar com sinais, aqui é difícil pra mim [apontando para os lábios], eu não consigo colocar pra fora tudo aquilo que eu quero”. Aí, eu abracei a Rosani e disse:

“Rosani, de hoje em diante, você fale como você quiser, a mamãe vai estar do teu lado, vamos lutar pra aquilo que for melhor pra você”. Eu acho que daquela hora, sabe, eu recebi um toque do alto, porque [n]aquela hora houve uma mudança muito grande dentro de mim. (Iraci, ouvinte, 65 anos, grifo da autora).

Há casos mais extremos como o de Elizanete, que, devido à comunicação precária nos primeiros anos de vida, não sabia que a mulher que a visitava na casa de sua avó era, na verdade, sua mãe. Elizanete conta que morava com a avó, e a mãe a ia visitar, mas nunca lhe haviam explicado que era sua mãe, e imaginando que era apenas uma amiga da avó. Foi descobrir quem era sua mãe quando a avó faleceu, quando Elizanete tinha 13 anos, fato que a deixou ressentida durante muitos anos.

Eu, na verdade, estava totalmente alheia a tudo, não sabia o que era escola, não tinha essa informação, não tinha essa ideia, estava totalmente alienada, não tinham me passado antes o que era uma escola. [...] A minha mãe, [de] quem, até então, eu tinha crescido separada, eu não sabia que era a minha mãe, eu pensei “ah, devem ser amigas” [a mãe e a avó]. Depois que eu descobri [...] que aquela era a minha mãe, filha da minha vó, eu fiquei muito revoltada, na época, porque eu pensei assim: “Como, assim, você nunca [...] contou pra mim?”. Todos meus amigos sabiam que ela era filha da minha vó, e eu não sabia, eu fui descobrir isso depois de muito tempo. [...] Então, na verdade, fatos importantes da minha vida, eu só fui descobrir depois, tardiamente. (Elizanete, surda, 53 anos).

Os relatos acerca das interações sociais em associações e grupos de surdos, de modo geral, apresentam este contato como positivo e importante, já que permite conhecer outros surdos adultos, aprender e aprofundar o conhecimento da língua de sinais e vivenciar aspectos da cultura surda.

Ingeborg, mesmo não envolvida diretamente em grupos e associações de surdos, conta que o contato de sua filha com uma associação de surdos foi muito importante para que ela atingisse satisfação em sua vida pessoal, relatando que, embora tenha sido alertada sobre o risco da filha perder o nível de oralidade já conquistado, considerou que, naquele momento, seria necessário para a felicidade da filha, e hoje não se arrepende de ter permitido:

[...] de repente, ela se sentiu muito..., um dia ela chorou muito, mas ela tinha perto de 15 anos e ela dizia assim pra mim: “eu queria ter um amigo, só um amigo”. Aí, aquilo me doeu, que o coração de mãe... Aí, eu pensei: “o que estamos fazendo de errado, que ela se sente tão isolada?” **Ela estava aprendendo coisas do mundo, mas aquela coisa de amizade, de felicidade, de alegria não estava acontecendo na vida dela. Eu liberei, “pode ir”, tinha uma associação de surdos, “vamos, eu te levo lá”.** Ela

foi conhecer amigos surdos que não falavam, só gesticulavam, uma professora [de] lá dizia: “Ing, não faça isso, ela vai desaprender a falar”, porque a Karin sempre foi tida como modelo na linguagem dela, ela tem um vocabulário muito bom e sempre se expressou muito bem, mas eu achei que a felicidade dela, a alegria dela era a principal, e foi, **aí, ela se integrou e deslanchou, foi líder em várias coisas, em várias campanhas, foi muito bom pra ela, e nunca desaprendeu a falar, ela fala pelos cotovelos.** (Ingeborg, ouvinte, 74 anos, grifo da autora).

Gregory (1995) afirma que é comum o aconselhamento por parte de profissionais, de se proibir o contato com a língua de sinais, baseado na crença de que isto prejudicaria o desenvolvimento da língua oral. Este fato não se confirma na experiência de Ingeborg e de sua filha, que, mesmo após aprender a língua de sinais, manteve e até mesmo aprimorou seu desenvolvimento e aprendizado em relação à língua portuguesa. Tal experiência corrobora a afirmação de Sacks (2010, p.38) de que “não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente ocorre o inverso”.

Alguns autores como Guarinello (2007), Sacks (2010) e Skliar (2005) apontam a importância de associar o aprendizado da língua majoritária à língua de sinais, considerada “natural”⁹⁴ aos sujeitos surdos. Ainda acerca desta temática, Kojima e Segala (2008, p. 4) afirmam que o conhecimento da Libras propicia “o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, auxiliando no processo de aprendizado de Línguas Oraís”, servindo de apoio para a leitura, compreensão e produção da língua escrita.

Cabe destacar, a respeito desta discussão, a possibilidade oferecida pelo bilinguismo. Segundo Guarinello (2007, p. 47), estudos têm apontado que o bilinguismo seria a proposta mais adequada para o ensino de crianças surdas, “tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita”. Sacks (2010, p. 38) aponta que, uma vez aprendida a língua de sinais, sendo que uma criança pode ser fluente aos três anos de idade, torna-se possível “livre intercuro de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala”.

Guarinello (2007) exemplifica o caso da Suécia, a partir de 1981, quando o Parlamento instituiu uma lei que estabeleceu o ensino bilíngue para surdos e a

⁹⁴ As línguas de sinais desenvolvem-se “com o passar do tempo pelos membros de uma comunidade surda e são adquiridas mediante exposição à língua”. (GUARINELLO, 2007, p. 46)

aprendizagem da língua sueca passou a apoiar-se “na comparação com as expressões linguísticas da Língua de Sinais Sueca” (p. 47). Esta experiência foi considerada responsável por melhorar a autoestima de crianças surdas, propiciar o desenvolvimento da leitura e da escrita e, principalmente, as mesmas oportunidades oferecidas aos ouvintes.

Dentre os participantes surdos desta pesquisa, é comum o relato da dificuldade em expressar sentimentos e ideias mais profundos antes do uso e conhecimento da língua de sinais, sendo que as vivências antecedentes são marcadas pelo sentimento de angústia a até mesmo de frieza. Em contrapartida, a comunicação entre pessoas surdas é relatada como prazerosa:

[...] ali na comunidade surda eu estou entre iguais. Se estou num grupo de ouvintes, ai meu Deus, [...] você chega ali e não se estabelece uma comunicação. Na comunidade surda é legal, é gostoso. Você com ouvintes não tem, é frio, uma coisa fria. (Maurício Santos, surdo, 37 anos).

Não tem nenhum problema na comunicação [em relação aos grupos de surdos], nenhuma barreira, se comunicam [as pessoas surdas] entre si em comunhão, essa harmonia entre as pessoas e mesmo quando tem alguma atividade você tem o intérprete pra ajudar. (Dagoberto, surdo, 54 anos).

Mesmo no caso das pessoas surdas oralizadas, após a vida adulta, ainda há dificuldades de comunicação entre familiares:

Ninguém pensa, assim, “ah, vamos respeitar porque tem uma mulher surda na família, vamos usar sinais”, não, todo mundo fica falando entre si, ninguém olha pra mim, eles começam a conversar entre eles e eu que tenho que ficar cutucando “o quê ele falou?”, “o quê você tá falando” [...] Eu tento lutar pra que mude de situação, mas não adianta, minha família está bem à parte, bem distante disso [...] Às vezes, tem a hora do café da manhã, eu estou lá tomando o café da manhã, a minha mãe e minha irmã conversam entre elas e o meu cunhado e, quando eu estou tomando café, eu começo a olhar, fazendo leitura labial, e vejo como elas se conversam entre elas e conversam, uma responde a outra nesse diálogo [...] meu genro fala isso pra ela, “você esqueceu? A Elizanete é surda! vocês não vão conversar com ela?”, eu fiquei emocionada, pensei “puxa, a minha mãe e minha irmã não estão nem aí, não estão nem se preocupando” [...] Então ele (genro) começou um curso de sinais pra se comunicar comigo, o meu genro, eu sendo sogra dele, é engraçado, um genro, uma sogra? Ele preocupado comigo? Fiquei pensando, que interessante, pessoas de fora [...] Uma coisa que eu sinto que é muito importante na sociedade ouvinte é [que] precisa conhecer o surdo, precisa ver, perceber quem é o surdo, quem é essa pessoa, essa questão da cidadania. Nós somos todos iguais, temos todos direitos iguais, não há diferença, não há dificuldade, o surdo ama se comunicar, ele ama interagir com os outros, então, é importante, isso o ajuda crescer. Às vezes, o surdo se sente meio prejudicado comparado com o ouvinte, porque o ouvinte tem tantas informações, tantas fontes de conhecimento pra crescer, se desenvolver, e ele fica lá, parado,

estanque. Eu vejo lá, às vezes, o ouvinte da minha família conversando entre eles e eu lá sozinha, isso me deixa tão triste, irritada. Eu fico com vontade de dizer “poxa, me empresta tua voz, me empresta todo teu conhecimento que você tem acesso, divida esse teu conhecimento, esse teu acesso [...]”. (Elizanete, surda, 53 anos).

Às vezes tem gente conversando, aí eu pergunto o que estão falando e falam “nada, nada, nada”, ou então falam alguma coisa em resumo e eu quero saber tudo o que estão falando; “ah, depois eu te conto, depois eu te conto”. Essa é a dificuldade maior. (Valéria, surda, 32 anos).

Por exemplo, sempre, no sábado e domingo, minha mãe me convida pra ir na casa da minha vó, e aí é todo mundo conversando, falando, falando, falando, e eu sozinha, isolada. Pra mim é difícil, eu tenho que ficar chamando minha mãe: “mãe, por favor, me ajuda, interpreta pra mim, eu quero só entender o que estão falando”. (Glauce, surda, 26 anos).

Às vezes, em algumas palavras tem uma barreira na comunicação (com familiares ouvintes), por causa de algumas palavras, tenho sim dificuldades. (Majori, surda, 24 anos).

Da mesma forma que eu cresci, continua nesse mesmo esquema, eu tenho que ficar chamando, eu tenho que ficar pedindo informação, E sempre eles falam pra mim: “ah, daqui há pouco a gente fala” [...]. (Dagoberto, surdo, 54 anos).

Celia (2007, p. 135), a partir de sua experiência com um grupo de adolescentes surdos (as), afirma ser recorrente, dentre os relatos dos participantes, o fato de que apenas um familiar sabe um pouco de língua de sinais, sendo que os demais sabem apenas “gestos simples”, o que acaba dificultando a comunicação. Dentre os participantes surdos (as) da pesquisa da autora, existe interesse em aperfeiçoar o português. Em contrapartida, por parte dos familiares ouvintes, nem sempre existe a intenção de aprender língua de sinais.

Na opinião de Iraci, língua portuguesa e língua de sinais são igualmente importantes na comunicação entre surdos e ouvintes, portanto, mesmo considerando que a Libras deve ser a primeira língua a ser ensinada para crianças surdas, acredita que o uso das duas deve ser mantido:

Mas o que eu quero dizer pra outros pais é que é muito importante todo mundo aprender a língua de sinais, se comunicar com o seu filho em sinais, e também o oralismo, conservar o oralismo, sabe? [...] “ah, porque os surdos estão mudando muito, que eles só querem Libras”, e então, eu digo pra eles: “a Libras é muito importante, é a língua de vocês, então nós vamos aprender a língua de vocês e vocês vão aprender a nossa língua”. Tem que haver uma troca, [...] não podemos ser assim, muito egoístas, eu querer que o surdo só aprenda a minha língua, ou ele que só fale a língua de sinais. Eu acho que deve haver uma troca, eu luto pelas duas línguas. (Iraci, ouvinte, 65 anos)

Francieli conta que sua irmã desempenha papel de grande importância nas relações familiares, sendo a única de sua família que conhece a língua de sinais:

[...] por exemplo, no almoço, estou eu lá comendo, [e,] claro, eu não estou ouvindo nada, [e] minha mãe e meu pai estão lá, conversando, conversando, conversando. Minha irmã fica sentada do meu lado, meu irmão também. Meu irmão não se comunica nada comigo, ele não sabe, não gosta de Libras, já a minha irmã sempre teve interesse, sempre me pedindo pra falar, e eu pergunto pra ela: “o que eles estão falando?” E ela vai e me explica tudo. Pra mim, é muito importante esse interesse, essa curiosidade dela, eu gosto muito... Mesmo minha irmã sendo ouvinte e eu surda, nós somos muito unidas, sempre juntas. Na televisão, por exemplo, se tem uma palavra que eu não conheço, não compreendo, eu pergunto pra ela, ela me explica o significado claramente, minha irmã sempre foi curiosa a respeito dos surdos, da língua de sinais. Eu convidava: “vamos junto bater papo com os surdos?”, E ela: “eu quero, eu quero”, ela gosta muito de interagir com outros surdos, adora Libras, tem muita curiosidade em aprender, pesquisar sobre a língua de sinais, e ela foi melhorando e desenvolvendo cada vez mais esse aprendizado. E, olha que ela é ainda muito jovem, tem somente 10 anos, mas, como eu disse, eu comecei a ensinar língua de sinais pra ela quando ela tinha 3 anos. Agora ela tem 10 anos, mas ela sabe muita coisa, ela aprendeu muito bem. E eu vou ajudá-la, incentivá-la sempre (Francieli, surda, 37 anos).

De acordo com Sá (2006), o contato entre surdos é fundamental nos processos identificatórios da criança surda, que, além de adquirir a língua de sinais, passa também a partilhar de valores da cultura e comunidade surda. Considerando o aprendizado da língua de sinais como consequência do contato e interação entre sujeitos que dominem a língua, os diversos grupos que reúnem pessoas surdas, tradutores(as) e intérpretes e familiares são de grande relevância para o bem-estar do sujeito surdo. Quadros (2009b, p. 217) aponta que, “no Brasil, as associações de surdos sempre mantiveram intercâmbios, possibilitando contatos entre surdos do país inteiro favorecendo a passagem da língua de geração em geração”, muito antes da Libras ser oficializada.

Não apenas as associações de surdos, mas as igrejas também são valorizadas como pontos de encontro, contribuindo com o fortalecimento, aperfeiçoamento e continuidade da língua de sinais brasileira. Na Figura 68, é possível observar os grupos de pessoas surdas mais frequentados pelos participantes, proporcionalmente à frequência com que foram mencionados⁹⁵.

⁹⁵ O recurso conhecido por *tag notes*, lista ponderada ou nuvem de etiquetas vem sendo amplamente utilizado para apresentação e organização de informações em *web sites*. A relevância de cada item que compõe a nuvem é proporcional ao destaque conferido a palavra, em termos de cor e tamanho da fonte (GUEDES; SOUZA, 2008).

**SURDOS (AS): COMUNIDADE (S) SURDA (S)
DA (S) QUAL (AIS) PARTICIPA.***



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 68 - Grupos de surdos (as) mais frequentados, de acordo com a frequência com que foram citados

Fonte: Autoria própria.

As associações de surdos (as) apresentam, em sua maioria, relação com a língua de sinais, configurando um ponto de encontro entre pessoas surdas, oferecendo cursos de Libras, sessões de filmes relacionados à surdez, festas temáticas, dentre outras atividades que objetivam a interação social e cultural de pessoas surdas e ouvintes interessados. A importância da comunicação por meio da língua de sinais, dentro de associações e grupos de pessoas surdas, é também expressada a partir de suas marcas, que frequentemente utilizam representações gráficas de mãos sinalizando (Figura 69).



Figura 69 - Logomarca de associações e grupos de surdos brasileiras

Fonte: Associação de Surdos de Minas Gerais; Sociedade de Surdos de Belo Horizonte; Associação de Surdos de São Paulo; Confederação Brasileira dos Surdos; Associação de Surdos de Pernambuco; Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul.

A respeito dos grupos de surdos nas igrejas, Éden considera que o fato se justifica pela falta de aconselhamento familiar a respeito de dúvidas e questões filosóficas e existenciais, que acabam sendo supridas pela igreja, frequentada não apenas por surdos(as), mas também por tradutores(as) e intérpretes interessados em estabelecer contato direto com a comunidade surda, a fim de aprender e aperfeiçoar a fluência na língua de sinais. O relato de Éden evidencia as muitas lacunas de comunicação entre a pessoa surda e familiares ouvintes:

A igreja é importantíssima, porque, **muitas vezes o surdo não tem os conselhos da família, ele não tem essa base familiar, esses valores morais**, essa educação que ele recebe da família. Então, ele fica perdido. E é na igreja, com o pastor que sabe sinais, um missionário que vai orientar, mostrar o caminho, dizer o que é certo, o que é errado [...] A associação de surdo é importante, o surdo ir pra aprender, encontrar surdos, essa questão do bate-papo, da comunicação, é um ponto de encontro, pra festas, eu acho que são importantes. (Éden, surdo, 34 anos, grifo da autora).

Iraci comenta a importância que a orientação de um pastor amigo da família teve no processo de sua aceitação da Língua de Sinais:

[...] eu conheci o pastor Marcos, não sei se você ouvi falar. Ele está agora aqui em Curitiba e ele trabalhava numa igreja que a Rosani começou a frequentar, a primeira igreja batista daqui e ela ia com um grupo de surdos e conheceu esse pastor e ele conhecia muito bem a língua de sinais. [...] ele passou umas informações pra ela, ela chegou em casa chorava de alegria “Mamãe, é tão gostoso, é tão gostoso conversar em sinais”, ela dizia [...]

ele explicou muita coisa importante pra gente, por isso eu tenho um carinho enorme por ele, sabe? Aí ela marcou [a Rosani] uma entrevista, ele [pastor Marcos] comigo [...] eu fui e ele passou a me explicar que os sinais era a língua dos surdos, que era a primeira língua deles [...] e que a gente não podia exigir deles uma coisa que não era, que primeiro eles tinham que falar a língua deles, a língua dos surdos, que a língua materna que é a língua de sinais, então aquilo foi me tocando, ele me deu uns livros e eu comecei a marcar uma vez por semana e ele foi me passando umas orientações [...] (Iraci, ouvinte, 65 anos).

Historicamente, algumas instituições religiosas tiveram importante papel na comunicação entre surdos e ouvintes. O abade l'Épée, que, segundo Sacks (2010, p. 26), foi provavelmente o primeiro ouvinte a estudar a língua de sinais, interessou-se em aprendê-la, pois não suportava a ideia de que as pessoas surdas vivessem e morressem “sem ser ouvidas em confissão, privadas do Catecismo, das Escrituras, da Palavra de Deus”. O mesmo autor afirma ainda que, a partir da associação entre sinais, figuras e palavras escritas, o abade ensinou seus pupilos surdos a ler, além de fundar, em 1755, a primeira escola para surdos e treinar professores na utilização e ensino da língua de sinais, o que posteriormente originou, na época da morte do abade, em 1789, 21 escolas para surdos na França e na Europa (SACKS, 2010).

A partir do contato e da atenção prestada por l'Épée a pessoas surdas, foram criados sinais que intitulou como “metódicos” e que combinavam a língua de sinais nativa com a gramática francesa, permitindo aos alunos surdos escrever o que lhes era dito, por intermédio de um intérprete que se comunicava por sinais, o que, na opinião do autor, foi “um método tão bem-sucedido que, pela primeira vez, permitiu que alunos surdos comuns lessem e escrevessem em francês e, assim, adquirissem educação” (SACKS, 2010, p. 27).

Segundo Silva (2010), no Brasil, agentes de instituições religiosas, como a Católica, Luterana, Batista e Testemunhas de Jeová, foram responsáveis pelo uso e elaboração de dicionários específicos da língua sinais desde a década de 1960 até o presente, apresentando sinalização específica para alguns sinais de cunho religioso, que variam de acordo com as crenças espirituais de cada instituição. O autor considera, ainda, que luteranos e batistas atuaram no processo de evangelização de pessoas surdas, fazendo uso da Libras de maneira mais contundente, sendo que a igreja católica historicamente prezou pelo ensino da oralidade, embora atualmente também faça uso de sinais. (SILVA, 2010).

Assim, algumas instituições religiosas acabaram promovendo a interação e o encontro entre surdos e ouvintes e a formação de muitos tradutores(as) e intérpretes

de sinais. Este é o caso, por exemplo, de Fabiana (ouvinte e tradutora/intérprete) e Washington (surdo), que se conheceram na Igreja Testemunhas de Jeová, onde Fabiana se interessou pela língua de sinais e, por fim, acabou tornando-se tradutora e intérprete e casando-se com Washington:

Eu tinha vontade de aprender sinais por causa da igreja. Uma vez eu encontrei um surdo, queria ensinar a bíblia pra ele e eu não sabia, [...] eu tive vontade de aprender pra poder ajudar.(Fabiana, ouvinte, 28 anos, grifo da autora).

Outro fator apontado por Silva (2010) no caso específico da igreja Testemunhas de Jeová são as congregações de língua de sinais, em que todos os membros sinalizam, independentemente da condição de ouvir ou não ou da posição hierárquica que ocupam dentro da instituição. Para o autor, para viabilizar esta forma de atividade evangelista específica, “parece ter sido fundamental a produção de suas principais publicações em vídeos em língua de sinais, pois estas ocupam centralidade em suas práticas” (SILVA, 2010, p. 108). Esta característica foi identificada no relato de Washington que não apenas considera interessante materiais religiosos disponíveis em língua de sinais (Figura 70), como sugere que materiais de temáticas diversas sejam produzidos para pessoas surdas, oportunizando as mesmas possibilidades de conhecimento e informação acessível aos ouvintes.

Uma coisa que eu gosto, por exemplo, na igreja, é que é tudo em sinais [...] e agora já foi lançado livros da bíblia em sinais. Então, coisas que eu não sabia de história, da vida das pessoas no passado, agora tem em sinais, eu gosto muito [...] de repente, um DVD em sinais que ensine coisas importantes para saúde, médicos, coisas que os ouvintes tem de anúncios, de propaganda, que tivesse um DVD feito próprio pra surdos, pra termos o mesmo meio de comunicação. (Washington, surdo, 24 anos, grifo da autora).



Figura 70 - DVD's de Conteúdo religioso em Libras de Fabiana e Washington
Fonte: Foto de autoria própria.

A partir do relato de Washington, constata-se a relevância da inclusão da língua de sinais na transmissão de informação e conhecimento, assim como a urgência de que conteúdos diversificados se tornem disponíveis e acessíveis às pessoas surdas. Silva (2010) explica que, para os sujeitos surdos, a língua de sinais desempenha papel similar à língua oral dos ouvintes no seu desenvolvimento cognitivo. A respeito da mesma temática, Sacks (2010, p. 36) afirma que os sujeitos surdos sofrem comumente de privação de informações, pois são, por exemplo, menos expostos ao aprendizado que ocorre de maneira informal, como é o caso do “burburinho de conversas que constitui o pano de fundo da vida cotidiana, à televisão quando não legendada, etc.”, além de passarem, comparativamente aos ouvintes, por conteúdo educacional pobre, pois tanto tempo é investido no ensino da fala, que sobra pouco para a transmissão de “informações, cultura, habilidades complexas ou qualquer outra coisa”.

Segundo Sacks (2010), a privação da comunicação e da utilização de uma língua, seja do sujeito surdo ou ouvinte, pode levar à incapacitação e isolamento social, fazendo com que, de fato, tais pessoas aparentem deficiência mental, de um modo que o autor considera “particularmente cruel, pois a inteligência, embora presente e talvez abundante, fica trancada pelo tempo que dura a ausência de uma língua”. (SACKS, 2010, p. 29).

Cabe lembrar que não é suficiente “a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária” (LARAIA, 2006, p. 46). Desta forma, pessoas surdas,

quando não estimuladas adequadamente, correm o sério risco de tornarem-se permanentemente deficientes, em termos de compreensão da língua e na comunicação, o que, para Sacks (2010), torna a surdez potencialmente grave.

Há outros grupos e associações ligados a atividades culturais e esportivas. Daiane, que participa da Feneis, estudou em escolas oralistas e aprendeu a língua de sinais somente aos 16 anos, é enfática ao expressar sua relação com pessoas surdas:

Agora eu tenho muito contato com surdo, antes eu não tinha, agora eu quero ter contato com surdo até morrer. (Daiane, surda, 23 anos).

Cabe destacar que, com a atual diretriz política de “inclusão”, que insere alunos(as) surdos(as) em turmas de ouvintes, porém, sem o devido preparo e capacitação de docentes, discentes e administrativos para tal, o sujeito surdo está muitas vezes sozinho na sala de aula, entre alunos e professores ouvintes.

Para Sacks (2010), esta forma de integração não é de todo má, uma vez que permite o contato entre surdos e ouvintes, no entanto, conduz ao isolamento e até mesmo ao afastamento do surdo em relação a sua língua e cultura. Sacks (2010) explica que tais ações vem sendo conduzidas sob a égide dos direitos de igualdade de acesso, no entanto, não levam em consideração necessidades e requisitos especiais. Pessoas surdas estão em uma categoria única, são minoria linguística e cultural que “tem necessidade, na verdade o direito, de estar juntos, de ir para a escola juntos, de aprender uma língua que lhes é acessível e de viver na companhia e comunidade de outros como eles”. (SACKS, 2010, p. 184).

Todos participantes que cursaram ensino superior, frequentaram universidades particulares. Marcia, que cursou até o ensino médio, relata que gostaria de se graduar, no entanto, ainda não possui recursos para financiar os custos de uma universidade particular.

Josiane relata algumas experiências negativas com tradutores(as) e intérpretes na universidade, evidenciando a necessidade de melhor organização e preparação do serviço de interpretação de sinais, que envolve questões éticas e muita responsabilidade. Destaca-se, aqui, a importância, evidenciada por ela, das relações de amizade em sala de aula, que, no seu caso, sofreram interferências com a presença do(a) tradutor(a) e intérprete. Josiane sentiu-se isolada e preferiu seguir

as aulas contando somente com a ajuda dos colegas e amigos de classe, dos(as) quais se sentiu afastada na presença do(a) tradutor(a) e intérprete de sinais:

Quando eu fui apresentar o meu TCC, a faculdade pediu pra que eu levasse um intérprete [...] Depois, quando eu fui apresentar, fiquei esperando, o professor preocupado, [porque] o intérprete não tinha chego ainda. [...] **Então, meu TCC começou atrasado, o intérprete não veio, e eu fiquei de fora, e apenas as pessoas do meu grupo que eram ouvintes apresentaram**, porque nenhum professor dominava a língua de sinais. Mas, os professores acabaram compreendendo. Também, no começo da faculdade, foi muito difícil. Eu pedi pra que a faculdade providenciasse um intérprete, e ela não aceitou pagar. Então, lutei muito com isso, e 6 meses depois que eu fui conseguir, mas não valeu a pena, porque eu já estava acostumada com o oralismo [...] Antes, não tinha intérprete, e eu estava sempre com o meu grupo. **Eu tinha um grupo que me ajudava muito, de ouvintes, e, quando chegou o intérprete, o grupo acabou me abandonando.** Eu acho que o meu grupo pensou que o intérprete ia me dar todo suporte que eu precisava, e os meus amigos acabaram me abandonando. **Eu tive problema porque ele faltava, chegava atrasado. Aí, eu disse que não precisava mais de intérprete**, eu ia ficar só com o oralismo. Meus amigos ficaram preocupados, mas eu acabei voltando pro meu grupo, [eles] me ajudaram, foi bem melhor. **Meus amigos foram melhores que o intérprete.** (Josiane, surda, 23 anos, grifo da autora).

Dentre os participantes que frequentaram a universidade, é comum o relato de sentimento de isolamento em sala de aula como é o caso de Majori:

Quando eu comecei a aula no primeiro período, todos estavam interessados [...] nunca tinham visto um aluno surdo, nunca tinham visto intérprete. e então, eles perguntavam os sinais. Depois, eu percebi que eles não tinham mais paciência pra ficar conosco [...] No final, ficou sempre eu e um surdo, eu estudei com um surdo junto na turma e eu percebia que as pessoas não tinham paciência conosco. Então, nos deixavam de lado. Uma ouvinte chamada Ana Claudia [...] ela começou a ter interesse por nós, por mim e pelo Rafael, e, nesse processo todo, nos ajudou muito, mas ela era a única [...] Eu sofri, sofri muito nessa interação toda. Um dia, um professor mandou separar em grupos, e no meu grupo ninguém queria conversar comigo, eles fizeram todo trabalho sozinhos. Eu queria opinar, não deixaram opinar, me ignoraram, [e] eu não gosto disso, eu quero dar minha opinião também, [...] Eu precisei ter muita paciência. [...] Em relação aos professores, [com] alguns eu conseguia me comunicar, porque eles explicavam devagar [...] alguns não. Era difícil, aí eu precisava, preferia a presença do intérprete. Tinha alguns professores que se preocupavam comigo, outros não, deixavam a gente de lado. (Majori, surda, 24 anos).

De maneira geral, as pessoas surdas entrevistadas demonstraram versatilidade ao utilizar meios alternativos para estabelecer comunicação no dia-a-dia. Tanto na família de Éden, quanto de Jorge, as filhas ouvintes acabam desempenhando papel de mediadoras da comunicação em diversos momentos. Jorge, inclusive, afirma que já teve campanha luminosa, mas abriu mão dela, pois

conta com a ajuda da filha e até mesmo do cachorro para avisar quando alguém toca a campainha. Édén destaca ainda a facilidade da filha em se comunicar, seja em Libras, francês ou português com familiares e amigos. Ambos, Jorge e Édén, consideram a comunicação em casa tranquila.

Eu tenho uma filha de 9 anos [...] Nós nos comunicamos em Libras. [...] A minha empregada é surda também, então ela também se comunica em Libras, com a Manom. [...] A mãe dela também fala francês, então a minha filha fala francês também, junto com a mãe. Quando ela vai à escola, ela fala em português. Então, **na verdade, minha filha é trilingue, ela fala três línguas. Eu não tenho problema nenhum de comunicação em casa [...]** **A minha filha me ajuda pra essas ligações, pra marcar consulta com o médico e pra pedir pizza.** Caso a minha filha não esteja em casa, eu entro no *site* e no *site* tem uma pizzaria que você pode pedir pela internet, o motoqueiro chega e traz aqui em casa. Ou, se não tiver este *site* disponível, eu peço pra uma pessoa ouvinte, entrego meu telefone pra ela, por exemplo, pro porteiro e peço: “você pode ligar pra esse número?” E falo o sabor da pizza, é isso. (Édén, surdo, 34 anos, grifo da autora).

Mas, agora, eu tirei [a campainha luminosa], porque minha filha é ouvinte, e também tem o cachorro que me ajuda. Então, os dois me ajudam quando chega alguém. (Jorge, surdo, 30 anos).

Édén (Figura 71) e Jorge (Figura 72) não apresentam dificuldades de comunicação com as filhas ouvintes que, em situações cotidianas, acabam desempenhando o papel de intérpretes de sinais. No entanto, esta mediação não é sempre possível e, na opinião de Édén e Jorge, a presença de profissionais tradutores(as) e intérpretes de sinais é insuficiente para atender a necessidade dos sujeitos surdos, sendo especialmente difícil estabelecer comunicação em hospitais e clínicas médicas.

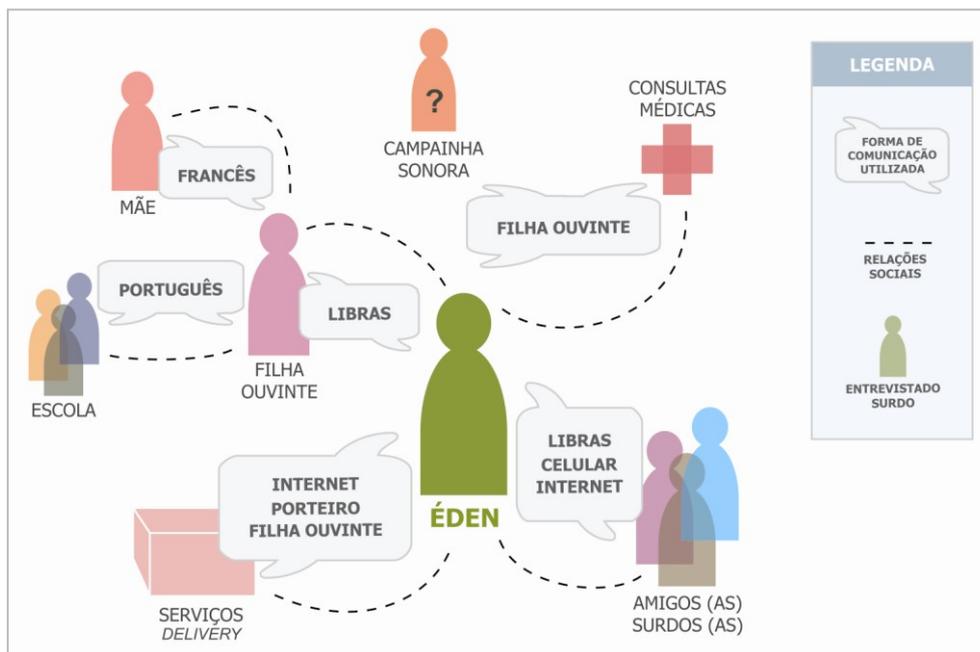


Figura 71 - Esquema de comunicação de Éden

Fonte: Autoria própria.

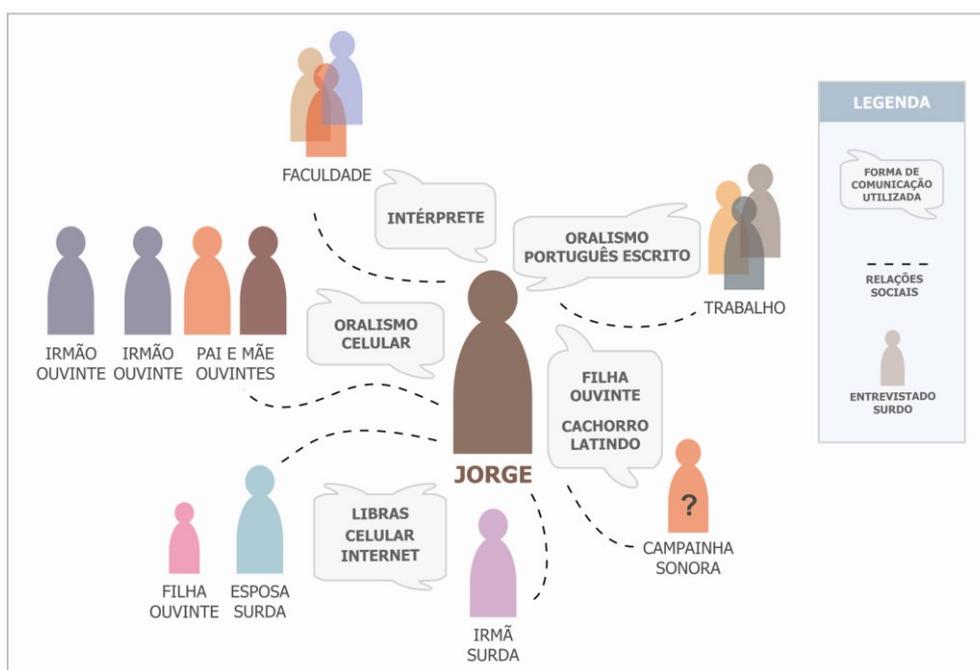


Figura 72 - Esquema de comunicação de Jorge

Fonte: Autoria própria.

Cabe observar que os filhos e filhas ouvintes, além de desempenhar papel importante na comunicação dos pais com outras pessoas, geralmente não apresentam dificuldades em se comunicar pela língua de sinais. Embora não tenha

participado da entrevista filmada, a filha de Jorge, ao ser questionada informalmente sobre qual profissão seguirá no futuro, prontamente respondeu: “intérprete”.

Constata-se, também, que a comunicação predominantemente oralista, com familiares ouvintes, não impede o desenvolvimento e a utilização da língua de sinais com familiares e amigos surdos. Josiane, filha de Josefa, utiliza o oralismo com os pais e no trabalho, mas, ao se comunicar com colegas surdos e ouvintes da especialização e familiares e amigos surdos, utiliza predominantemente a língua de sinais (Figura 73).

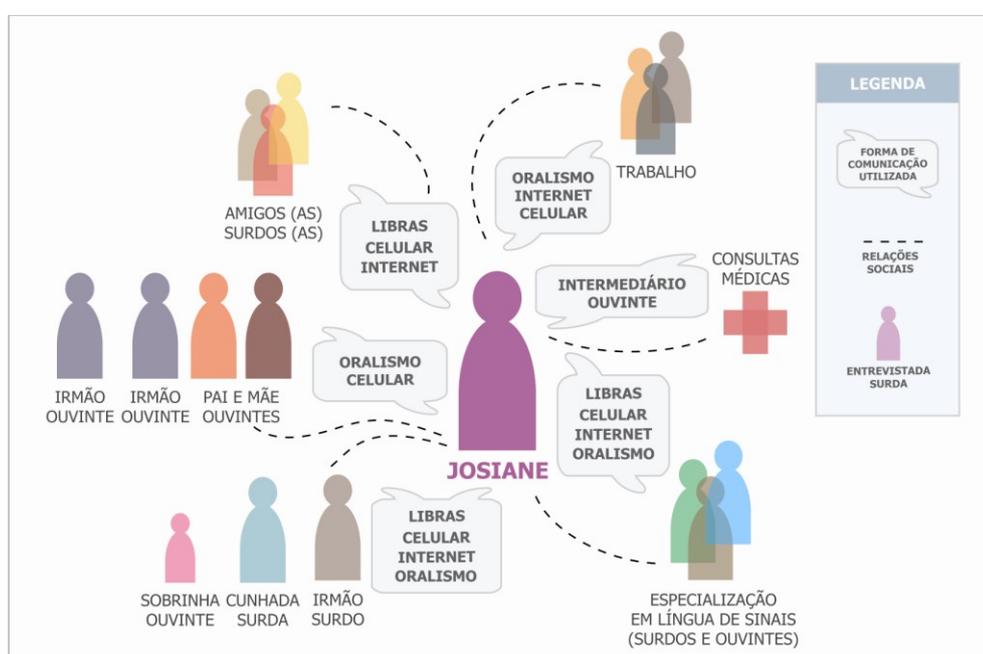


Figura 73 - Esquema de comunicação de Josiane

Fonte: Autoria própria.

Josiane salienta a importância da participação familiar na sua experiência de aprendizado do Português. Considera que, embora sua primeira língua seja o português, o bilinguismo é necessário para a comunicação e interação entre pessoas surdas e sociedade ouvinte.

A insistência no oralismo também está perdendo gradativamente espaço dentro de famílias de pessoas surdas, e, mesmo com o fato de pais ouvintes, em grande parte, não utilizarem a língua de sinais, seus filhos (as) surdos (as) continuam a utilizá-la, evidenciando sua relevância no âmbito das interações sociais.

Embora a maior parte dos participantes ouvintes não utilize a língua de sinais na comunicação com familiares surdos (as), como demonstrado no Gráfico 2,

parte significativa apresenta considerações positivas a seu respeito (Gráfico 3), manifestando interesse em aprendê-la e compreensão acerca da importância que a Libras tem na vida de pessoas surdas.



Gráfico 2 - Percentual de familiares ouvintes que utilizam a língua de sinais
Fonte: Autoria própria.

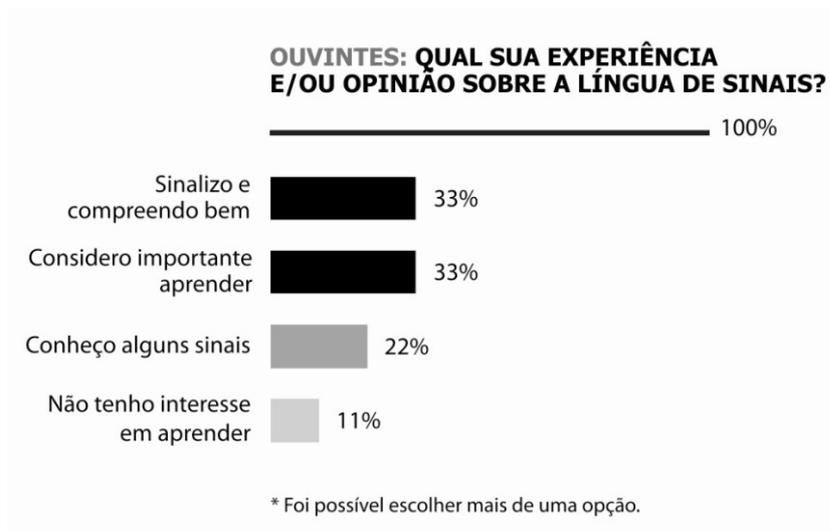


Gráfico 3 - Opiniões de familiares ouvintes acerca da língua de sinais
Fonte: Autoria própria.

Elizabeth, por exemplo, acredita que o ensino da oralidade foi muito importante para sua filha, principalmente porque considera que a sociedade não está pronta para a comunicação por meio da língua de sinais. No entanto, reconhece a diferença que o aprendizado da Libras e o contato com a comunidade surda teve na vida de Majori:

[...] no meio de ouvintes, por mais que ela se esforçasse, por mais que ela saiba fazer a leitura labial, e por mais que as pessoas se esforçassem em se comunicar com ela, **sempre existia um momento em que eu acho que ela ficava meio isolada.** Hoje não, ela sai com os amigos, eles se

entendem [...] a comunidade, acho que é até muito bonito ver eles, eles são muito unidos, muito festeiros [...] acho que acrescentou bastante pra ela. Mas ela consegue também se comunicar com as pessoas, então **ela consegue viver nos dois mundos** [...] Até [há] um tempo atrás, eu era completamente contra os sinais. Hoje, eu acho assim, quando pequeno, oral, e depois os sinais. Acho que tem que ter os dois. **Hoje, eu já sinto isso, porque eu vi o progresso que ela teve com isso** [o uso da língua de sinais] . Mas eu acho que, apesar, o primordial, o que precisa é muito carinho, afeto e amor da família. Isso é muito importante. (Elizabeth, ouvinte, 51 anos, grifo da autora).

Majori, filha de Elizabeth, graduada em design gráfico, conta que os esforços de seus pais na sua educação foram marcantes. A partir de suas experiências na infância, projetou como trabalho de conclusão de curso sete jogos educativos para crianças surdas (Figura 74), que associam Libras, português, matemática, geografia, dentre outras disciplinas, utilizando recursos visuais e língua de sinais:

Eu [me] lembro da minha infância, da minha mãe, dos meus pais, eles faziam todas as brincadeiras, mas eles tinham que anotar no papel, gastavam muito papel, e às vezes não tinha aquele apelo visual bom, né? E eu fiquei imaginando “eu posso criar algo que tenha esse apelo visual, que tenha essa cor, que seja atrativo pra criança surda”, porque surdo gosta muito desse apelo visual [...] muitas crianças surdas não conseguem falar bem, se comunicar, os pais são ouvintes e tem um filho surdo e ficam sem ter reação, sem saber o que fazer com o filho. Foi por isso que eu tive essa ideia de criar esses jogos pra ajudar os pais, com essa interação também. [...] Esse é um projeto elaborado por mim para ajudar as crianças surdas e também ouvintes. É sobre “Cultura surda”. Há uma caixa, tem sete jogos diversificados. (Majori, surda, 24 anos).



Figura 74 - Trabalho de conclusão de curso de Design de Majori - jogos educativos para crianças surdas

Fonte: Foto de autoria própria.

Silva (2010, p.223), a partir de sua pesquisa a respeito da construção da escrita numérica por crianças surdas, afirma que a educação do surdo deve ser pensada de maneira a “oportunizar situações que favoreçam a ação da criança no e com os objetos do meio ambiente, intermediados por sua língua natural”,

considerando, ainda, que a fluência na Libras e o contato com pessoas também fluentes são elementos decisivos no processo de aprendizagem e construção de conceitos.

As famílias desempenham, portanto, papel muito importante no desenvolvimento da pessoa surda, assim como na vida de qualquer indivíduo, e, como se pode constatar, nas experiências relatadas acima, o apoio e a valorização do surdo interferem expressivamente na comunicação do sujeito surdo com o mundo.

As associações e grupos de surdos são, muitas vezes, o primeiro contato da pessoa surda com outros surdos, o que propicia o aprendizado da língua de sinais, interação social e troca de conhecimentos e informações, fundamentais para a evolução do autoconhecimento e a autovalorização dos sujeitos surdos.

4.1.3.1 Barreiras e facilitadores em sistemas de produtos e serviços de comunicação

Artefatos cumprem importante papel, no que diz respeito a estabelecer, manter e modificar relações sociais. (KRIPPENDORFF, 1995).

Dois foram os produtos e serviços mencionados como mais importantes pelos participantes desta fase da pesquisa: o celular e a internet (Figura 75).

SURDO (AS) E OUVINTES: QUAL O MELHOR PRODUTO OU SERVIÇO PARA COMUNICAÇÃO?*



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 75 - Produtos considerados mais importantes para a comunicação, segundo participantes surdos (as) e ouvintes

Fonte: Autoria própria.

A internet foi justificada pelas ferramentas de comunicação de mensagens instantâneas e bate-papo com vídeo, o que permite a utilização, não somente do português escrito, mas também da língua de sinais. Além disso, Éden explica outro motivo pelo qual considera a internet importante; nela é possível ter acesso a informações nem sempre acessíveis em outros meios, como é o caso das corridas de Fórmula 1, que não possuem legenda. Éden, Daiane e Glauce expressam interesse no celular que propicia a realização de videoconferências, já existente em alguns países, mas recente no Brasil.

A internet. A internet é legal pelo **bate-papo, MSN, chat, também videoconferência**, ela é muito importante [...] Eu gosto muito de ver fórmula 1, e a fórmula 1 não tem legenda, só aparecem os carros pra lá e pra cá, e eu não sei o que o narrador fala, não sei o que aconteceu, se foi uma batida e a razão da batida. Mas, na internet, eu sei todas as causas, o porquê que aconteceu tal batida, então, a internet ajuda muito, eu vejo isso. Vejo a sequência na televisão, [e,] na internet, entro pra ver os detalhes, os bastidores, entendo melhor [...] O celular é muito importante, **as mensagens...** Eu já vi, em outros países de primeiro mundo, [que] eles têm um celular que dá pra fazer videoconferência. Aqui no Brasil, ainda não chegou essa tecnologia, [mas,] futuramente vai chegar. **A pessoa se vê, igual [em] uma videoconferência, e dá pra fazer isso pelo celular. Acho que falta isso.** (Éden, surdo, 34 anos, grifo da autora).

A televisão com a legenda é muito importante. Também a campanha luminosa, eu utilizo muito. O celular que tem a pessoa sinalizando na tela [...] porque, muitas vezes, [para] mandar mensagem é muito difícil na língua portuguesa. Também outras tecnologias que envolvam a questão do celular, da internet. Eu ainda tô esperando que criem e vendam outras tecnologias, porque senão o surdo sempre fica na dependência em relação ao ouvinte, [e] é difícil. (Daiane, surda, 23 anos).

Eu acho que o mais importante, o melhor pra comunicação é a *web cam* porque você pode se comunicar em língua de sinais, é a melhor ferramenta. (Glauce, surda, 26 anos).

Ressalta-se, no entanto, que nem todas pessoas surdas possuem acesso à internet, sendo de grande importância a inserção de opções de comunicação alternativas ao áudio das televisões, que permitam o acesso ao conteúdo das emissões por parte de pessoas surdas.

O celular, citado por todas as pessoas entrevistadas, figura em primeiro lugar, dentre os artefatos considerados mais importantes, sendo que as funções de envio de mensagens e despertador são vistas por todos os participantes como as mais importantes. As mães Iraci e Josefa destacam que o aparelho celular veio como solução para um problema enfrentado durante anos com seus filhos: o da comunicação à distância.

Ah, a gente só usa o celular, a mensagem, os torpedos do celular [...] Nossa, eu pensava sempre, que, quando meu filho era pequeno, não tinha, né? Eu pensava, **“meu Deus, o que que vou fazer pra me comunicar com eles, como que vai ser?”**. E, olha, começou com ela, ela me ligava do orelhão, quando ela estava fora, ela me ligava com o cartão ou a cobrar, então, no começo, ligava do orelhão, esperava correr o cartão, aparecia quando eu atendia, ela falava duas vezes a mensagem, e eu entendia e era assim. Primeiro, foi assim, **hoje é o torpedo [...]; não teve coisa melhor.** (Josefa, ouvinte, 63 anos, grifo da autora).

Destaca-se o recurso luminoso do telefone celular de Josiane, modelo que, ao receber mensagens e chamadas telefônicas, acende luzes em verde e vermelho na lateral (Figura 76).



Figura 76 - Celular de Josiane
Fonte: Foto de autoria própria.

Existem várias coisas, vários produtos, mas o celular é o mais importante, porque manda mensagem. [...] **Este é o único modelo que eu vi com sinal luminoso**, e é de quatro anos atrás. Depois disso, nunca mais saiu nenhum outro modelo parecido. (Josiane, surda, 23 anos).

Tal solução pode ser importante tanto para pessoas surdas quanto para ouvintes em ambientes barulhentos, ou que exijam que o telefone celular esteja funcionando em modo silencioso. De acordo com Erlandson (2008), uma estratégia de acessibilidade é justamente fornecer sinais auditivos e visuais, além de considerar não apenas cores, mas também formas, propiciando o uso por pessoas daltônicas, por exemplo.

Semanas após a entrevista, Josiane, em um novo contato, apresentou o aparelho “novo” (Figura 77), bastante satisfeita, demonstrando que não tem a intenção de se desfazer do aparelho nos próximos anos. Já trocou algumas peças e, precavendo-se de uma possível descontinuidade na oferta de peças de reposição no mercado, comprou um conjunto extra de peças de reserva, o que salienta a importância da extensão do ciclo de vida do produto como forma de minimizar as motivações e necessidades de troca de aparelho.



Figura 77 - Telefone celular de Josiane, após mudança dos botões e peças externas
Fonte: Foto de autoria própria.

Este meu celular tinha quatro anos, lembra? Troquei esta e esta peça⁹⁶ e ficou novo. Agora vai durar mais quatro anos! [...] comprei todas as pecinhas juntas em um conjunto, [e] vou comprar mais um pra guardar, porque depois eu não encontro mais. (Josiane, surda, 23 anos).

⁹⁶ Apontando para os botões e estrutura externa.

Há exceções, como no caso de Maria Florinda e Ingeborg, que relataram não se sentirem confortáveis para utilizar o telefone celular, demonstrando a diversidade de opiniões e experiências a respeito dos artefatos:

Eu não gosto, eu nunca gostei de celular, não sei o porquê. Eu não tenho celular. E não tenho nem vontade de [ter] celular, não sei nem mexer muito no dito do celular. Eu não gosto. Simplesmente eu não gosto. Eu até, [n]esses dias, [em] que eu cuido do meu neto, eu vou ter que comprar um, pelo menos pra mim, quando eu saio pra me ligarem, pra me encontrarem, porque, senão, é um sacrifício. Eu odeio, eu simplesmente odeio celular. É uma coisa tão necessária, mas eu odeio. Não sei, eu peguei um trauma de começo, não sei, não sei, que eu odeio celular, odeio, odeio de um jeito que você nem imagina. Por isso, nem me interessa de aprender, nada disso [...] mesma coisa [com] o computador. Não sei nem um pouco mexer no computador, é incrível de saber, né? Mas, não é que eu odeie o computador, mas o celular, eu odeio. Não sei o porquê. (Maria Florinda, ouvinte, 60 anos).

Eu não tenho nem celular com mensagem. Ela [a filha] fala através da irmã, do irmão, muitas vezes com o pai, que eles me passam. Então, eles também têm obrigatoriedade de ter um contato, não fica só contato mãe e filha [...] Não tem sido essa minha intenção, mas eu percebo que, através dessa minha atitude, todos participam da vida dela. [...] Mas, eu mando e-mail pra ela [...] eu digito, e a Evelyn [a irmã] só manda. Mas, eu me comunico pelo e-mail sim. [...] E eu não gosto de computador, eu digito algumas coisas que eu preciso aqui pra aula [de tai chi chuan], mas só, também. [...] Eu acho que é falta de interesse. Não é da minha geração. E eu nunca precisei. (Ingeborg, ouvinte, 74 anos),

O celular é também o aparelho mais utilizado pelas pessoas entrevistadas para despertar pela manhã (Figura 78).

Antigamente, não tinha essas tecnologias de hoje [...] [como] o *vibra-call* do celular, que você pode marcar pra acordar. Eu acordo às sete, então, assim, eu converto, ao invés de colocar o barulho, o som; eu coloco no *vibra call*, [e] ele vibra, e eu acordo na hora certa. (ÉDEN, surdo, 34 anos).

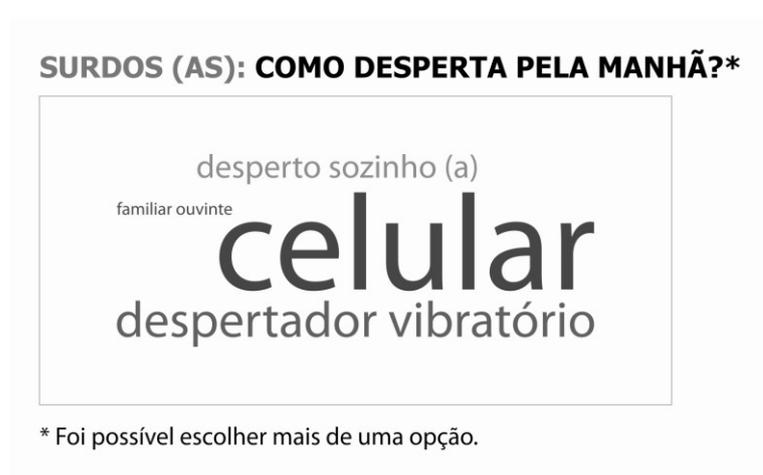


Figura 78 - Maneira como os participantes surdos (as) despertam pela manhã
Fonte: Autoria própria.

Valéria e Washington comentaram que utilizam o relógio despertador vibratório (Figura 79 e Figura 80). Valéria explica que prefere a vibração suave do relógio à do aparelho celular:

Eu acerto a hora dele aqui, aí tem um fiozinho [...] Ele não faz barulho, ele vibra, eu deixo embaixo do travesseiro, e ele faz “brrrr”. Aí, quando eu não preciso levantar, só meu marido que precisa, eu tiro o fio com a parte que vibra e ele apita, fica apitando. Esse aqui foi o meu marido, ele que comprou pra mim, eu não pedi, ele me deu de presente. Antes eu usava só o celular, celular vibra, deixava embaixo do travesseiro [...] Nossa, adoro [o despertador]. Depois que ele me deu, fiquei feliz, porque o celular fazia muito barulho, esse é aquela vibração suave, e eu acordo, acostumei já. É muito bom. (Valéria, surda, 32 anos).



Figura 79 - Relógio despertador vibratório de Valéria
Fonte: Foto de autoria própria.

Considerando o relato de Valéria, a possibilidade de controle da vibração para as funções de despertar e recebimento de mensagem do celular poderia facilitar seu uso, permitindo ajustes de acordo com a preferência do usuário.



Figura 80 - Washington e seu relógio despertador vibratório

Fonte: Foto de autoria própria.

Alguns participantes, embora utilizem o celular para despertar, gostariam de adquirir um relógio despertador vibratório. Maurício, por exemplo, manifestou sua preocupação em relação à saúde, ao dormir próximo ao celular:

[...] médicos divulgaram que é perigoso ficar dormindo com o celular embaixo do travesseiro, que talvez as ondas emitidas pelo celular podem dar câncer, eu quero comprar um aparelho [relógio vibratório] porque não é bom dormir com o celular. (Maurício Santos, surdo, 37 anos).

Vanessa explica como ela e seu marido fizeram uma adaptação no rádio-relógio, utilizando-se das propriedades vibratórias de um aparelho massagador:

Antes, eu e o meu marido, ele sempre atrasava, então, antes, o que acontecia? Quando nós não éramos casados, a minha sogra o chamava pra ir trabalhar. Aí, quando nós [nos] casamos, os dois surdos, a gente teve a dificuldade. Então, a gente pegou um relógio, aquele rádio relógio, colocamos um fiozinho, adaptamos um fiozinho com um aparelho de massagem, ligamos o fio ao relógio e colocamos embaixo do colchão e colocamos o relógio pra despertar. Arrumamos o horário e então, estávamos dormindo, [e,] quando vibrava, sabia que era o horário de levantar. A gente fez essa adaptação do rádio-relógio. (Vanessa, surda, 35 anos).

A respeito do TDD⁹⁷, parte considerável dos participantes nunca utilizou o aparelho ou prefere utilizar outros produtos e serviços como o celular e a internet. Elizanete justifica que poucas pessoas possuem o aparelho, porque a informação não fica clara e o custo é elevado. Diversas barreiras foram identificadas em relação ao uso do TDD (Gráfico 4):

⁹⁷ Telefone específico para surdos, mencionado na p.106.



Gráfico 4 - Opinião dos participantes surdos (as) em relação ao TDD

Fonte: Autoria própria.

Éden, Francieli e Iraci apontam os motivos que justificariam a queda de popularidade e uso do TDD:

Em 1985, quando era novidade, o lançamento do TDD foi importante, mas hoje não é mais preciso. Já está bem ultrapassado, velho. [Com] O TDD você precisa ter um cabo, tem que ter o aparelho, um visor, **aquele visor minúsculo, com aquelas letrinhas difíceis de ler**, e a maioria dos surdos, na hora de digitar, têm dificuldade, trocam alguma letra. Depois, a telefonista, ao ler a mensagem, não entende a mensagem que o surdo escreveu [...] O custo do TDD é muito caro. [...] **O TDD já foi, é obsoleto.** (Éden, surdo, 34 anos, grifo da autora).

Acho muito complicado mandar mensagem pelo TDD, há outras ferramentas mais fáceis. Eu mesma não conheço, nunca usei. (Francieli, surda, 37 anos).

Eu tenho ainda pastas e pastas, solicitando o telefone para surdos. A gente solicitava, [e] eles vinham instalar quando houvesse surdos nas escolas [...] **Então, tem muitos telefones desativados, aparelhagem que custou muito, né? [...] só que hoje está desativado, os surdos querem é o**

celular. Pra eles, olha, o melhor equipamento que tem é o celular. Porque, onde ele está, ele tá ali, ele manda mensagem, ele recebe mensagem, pra mim gente, então, olha, foi a melhor coisa que podiam inventar foram essas ditas mensagens. [...] Eles não querem mais saber de telefone público. (Iraci, ouvinte, 65 anos, grifo da autora).

Valéria é uma das entrevistadas que possui o aparelho de TDD (Figura 81), mas não está o utilizando no momento, embora espere reativá-lo futuramente. Mauricio, seu marido, ouvinte, morava em São Paulo, e os dois utilizavam a central de intermediação telefônica para se comunicar. Valéria ligava para Mauricio do TDD da escola em que trabalha. Mauricio explica que não se sentia completamente à vontade com a intermediação, pois, muitas vezes, era feita por atendente de gênero masculino, o que o deixava constrangido, dependendo da mensagem de Valéria, motivo pelo qual Mauricio prefere a privacidade do uso das mensagens por celular e acredita que planos específicos precisam ser viabilizados para pessoas surdas.

Era meio constrangedor. Às vezes, ela falava “ah, eu te amo”, o atendente ficava meio encabulado de falar, e até eu pra falar pra ele era meio complicado. O celular é melhor, tem mais privacidade, não tem esse problema. (Mauricio Fernandes, ouvinte, 28 anos).



Figura 81 - Valéria e seu TDD
Fonte: Foto de autoria própria.

Uma análise mais profunda a respeito do uso do TDD seria importante para melhor identificar suas barreiras e facilidades, bem como possíveis aperfeiçoamentos, a fim de ampliar seu uso e eficácia, considerando que sua implementação em empresas está previsto por lei. Ao menos entre os participantes da pesquisa, o TDD não apareceu como produto e serviço relevante no dia-a-dia, em confluência com o resultado do questionário, em que o telefone para surdos ficou em 12º lugar, na lista de importância dos respondentes.

No caso da televisão, as preferências entre legenda e janela com tradutor(a) e intérprete de Libras variam (Figura 82), sendo que alguns participantes sugeriram que houvesse as duas opções, já que muitas pessoas surdas se comunicam exclusivamente por língua de sinais, enquanto que outras têm maior facilidade em acompanhar legendas em português:



Figura 82 - Preferência dos participantes surdos (as) em relação a legenda e janela com tradutor(a) e intérprete na televisão

Fonte: A autoria própria.

Dentre as justificativas em relação à preferência por legendas, destaca-se o tamanho considerado “minúsculo” das janelas com tradutor(a) e intérprete de Sinais, que torna impossível acompanhar a sinalização, aliado ao fato de que a maior parte dos programas que oferecem a janela com tradutor(a) e intérprete de língua de sinais são de cunho religioso ou político, e as diferenças regionais da Libras elevam o grau de dificuldade na compreensão dos sinais. Tais razões podem ser identificadas nos depoimentos de Elizanete, Éden, Marcia, Vanessa, Valéria e Francieli:

[...] eu odeio aquele quadrinho, é minúsculo [...] na verdade precisava ser ao contrário, uma TV com a tela grande com a pessoa interpretando [...] o ouvinte está escutando, ele não precisa [...] tinha que ser o inverso. [...] 21% só dos programas tem legenda, são pouquíssimas coisas, quer dizer e o jornal, o filme, a novela e o restante? e os 80%? Cadê a legenda? Quando estiver 100% com legenda aí sim ficará equiparado. (Elizanete, surda, 53 anos).

Um amigo meu, que é surdo, falou assim que naquela semana ele precisava tomar a vacina contra H1N1, eu falei pra ele “ué, eu não sabia, eu preciso tomar?”, “sim, olha, foi divulgado na televisão”, eu falei “ eu não sabia o que era porque o ator apareceu na TV só falando, mas não tinha

intérprete nem legenda” [...] então é isso, precisa ter mais legendas e a janela de intérprete. (Éden, surdo, 34 anos).

Na televisão eu vejo o seguinte, a janela de intérprete é muito pequena, na distancia em que a pessoa fica sentada não é possível enxergar claramente, eu não consigo ver, é muito difícil. Precisava de um tamanho maior, mais adequado, aí sim se poderia ver a interpretação em Libras, do tamanho que está hoje é muito pequeno, não gosto, não consigo ver. (Márcia, surda, 40 anos)

Bom, eu nunca vi intérprete fazendo interpretação de programas que me chamam a atenção. Mas a legenda ela é muito rápida, então a gente não consegue, eu não consigo ler e ver de uma forma clara e assim nós sabemos a dificuldade que temos na língua portuguesa e como a legenda é de uma forma muito rápida...tem programas relacionadas a religião que tem intérpretes, mas jornais, filmes, não tem a presença do intérprete então é bem complicado. Só programa de religião [...] (Vanessa, surda, 35 anos).

Eu não gosto muito daquela intérprete falando na televisão, muito pequenininho, eu olho pra televisão, não dá pra entender o que ele tá falando, não tem como, por isso que eu prefiro legenda. (Valéria, surda, 32 anos).

Eu acho melhor a legenda, eu gosto mais. A janela de intérprete é muita pequena, na distância que você normalmente senta da televisão, não é possível compreender, enxergar direito. Outra coisa é que eu não consigo compreender porque é muito rápida a sinalização. (Francieli, surda, 37 anos)

Portanto, além da inclusão de janelas de tradutor(a) e intérprete e legendas, seria importante adequá-las, em termos de usabilidade, para que pudessem efetivamente promover acessibilidade. Mesmo as legendas, preferência da maior parte dos participantes, têm apresentado barreiras, em termos de usabilidade. Maurício destaca que seria ideal um dispositivo que proporcionasse ao telespectador a possibilidade de aumentar ou diminuir a legenda, de acordo com a sua necessidade, pois considera o tamanho disponível atualmente insuficiente, e, mesmo comprando uma televisão maior, não resolveu esta questão.

Na televisão, [que custou] 1900 reais..., minha televisão tem a legenda, legenda muito pequena, fica muito difícil, [e] fico muito magoado com isso “olha aqui, a legenda é muito pequena, vamos mudar a televisão, pode mudar?”, Não, todas elas não tinham...Essa marca Philips tem uma legenda, mas ela é bem mais cara. Eu paguei mais 1400 reais pra poder trocar de televisão. A legenda pequeninha é difícil, complicado, teria que ter um zoom que aumentasse essa legenda. É pequeno, ok, mas você vai aumentando o zoom, aumenta a letra; seria interessante. Tem que respeitar o surdocego, né? Teria que pensar nisso também. (Mauricio Lima, surdo, 37 anos).

Televisão me deixa triste. Eu comprei uma televisão enorme, ai que legal, mas a legenda embaixo é tão pequeninha, ah, não dá, eu fico muito nervosa, eu sofro pra ler. Eu procurei a marca Philips, a Philips é um

pouquinho maior a legenda, que é bom, mas falta eles aumentarem essa questão da legenda, porque pro surdocego é difícil. (Rosani, surda, 43 anos).

Erlandson (2008) explica que é necessário propiciar que a pessoa aumente ou diminua a força do sinal, assim como é possível aumentar ou diminuir o volume do rádio ou ajustar a quantidade de brilho da televisão, a fim de compensar condições desfavoráveis de som ou luz do ambiente. O Gráfico 5 apresenta as principais barreiras de acessibilidade na televisão, apontadas pelos participantes da pesquisa:

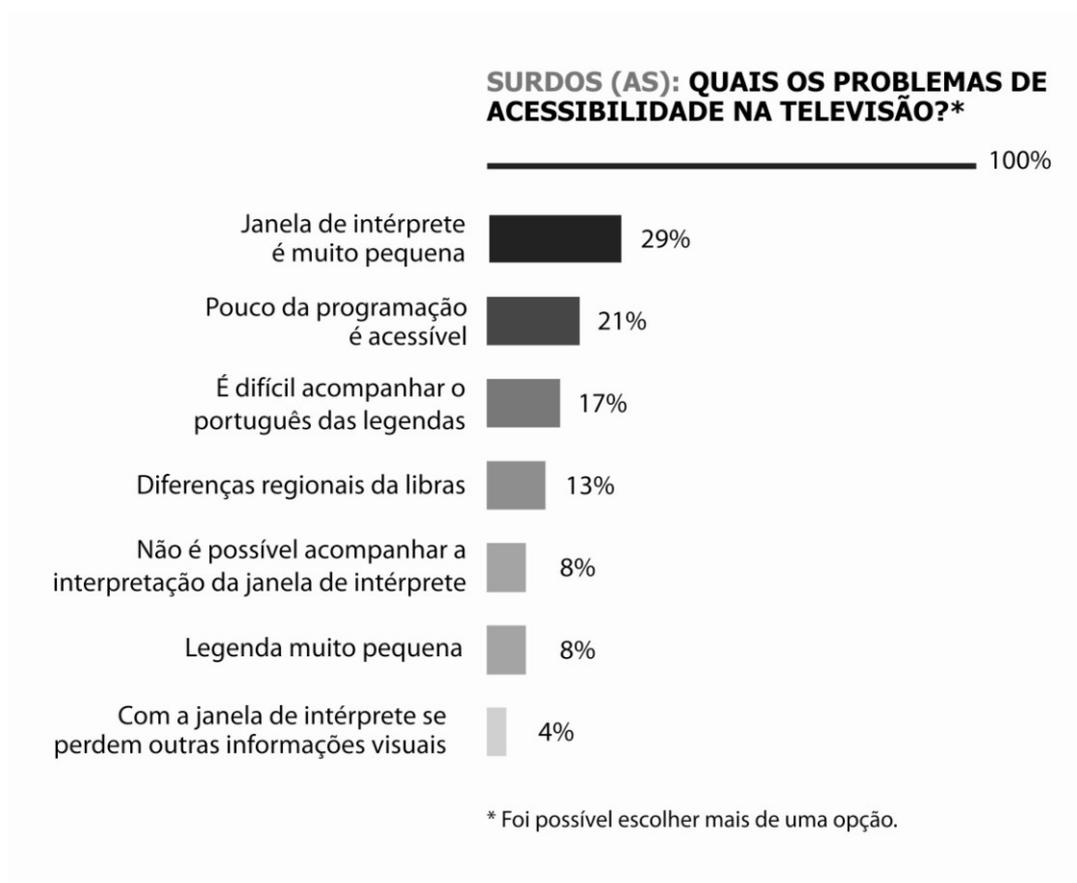


Gráfico 5 - Percentual de barreiras em relação televisão

Fonte: Autoria própria.

Uma dificuldade recorrente, de acordo com depoimentos a respeito do uso das mensagens no celular, serviço do TDD e legendas na televisão, é a dificuldade da pessoa surda em compreender claramente o português escrito, sendo que uma palavra desconhecida em determinada frase pode prejudicar o entendimento da mensagem.

O intérprete é o contato maior com o surdo. A legenda é o contato com o ouvinte. **Algumas palavras a gente entende, mas claramente, não.** Agora sinais eu entendo perfeitamente. (Washington, surdo, 24 anos, grifo da autora).

Alguns dos entrevistados surdos (as) consideram importante o emprego do português escrito em alguns serviços, justamente por auxiliar na ampliação de vocabulário e mesmo no aprendizado do português.

Eu acho melhor a legenda. Porque ajuda pra você aprender vocabulário, [...] no desenvolvimento da leitura, eu prefiro. Eu não gosto, porque assim, essa janelinha do intérprete é muito rápida, e, às vezes, há sinais diferentes de cada estado, tem esse regionalismo, [e,] dependendo do sinal, você não consegue entender a mensagem. Por isso, eu prefiro a legenda. (Majori, surda, 24 anos).

Eu acho melhor a legenda, porque o surdo também precisa aprender o português, então a legenda é sim necessária. (Glauce, surda, 26 anos).

Para Daiane e Éden, por sua vez, seria importante haver o emprego de ambas as opções, pois, assim, seria possível ampliar o acesso a um número maior de pessoas surdas, favorecendo tanto a língua portuguesa, quanto de sinais:

Porque a legenda tem a língua portuguesa, daí eu aprendo [o português] e mais o intérprete. Isso sim é bilinguismo, tem as duas línguas. (Daiane, surda, 23 anos).

Quando você está lá no computador, mandando mensagem ou lendo legenda na televisão, vai ampliando teu vocabulário. (Elizanete, surda).

Eu prefiro que tenha os dois, porque eu não posso pensar só em mim também: “Ah, eu quero a legenda, porque eu gosto da Língua Portuguesa”. **Mas, eu sei que têm surdos que têm dificuldade, limitações com a língua portuguesa. Não tiveram essa mesma base que eu tive com o português na escola, na família... Então, é preciso também ter essa janelinha do intérprete.** Agora, o surdo que tem uma boa compreensão do português usa a legenda. Tinha que ter os dois juntos. (Éden, surdo, 34 anos, grifo da autora).

A dificuldade das pessoas surdas entrevistadas, em relação ao português, corrobora com a afirmação de Guarinello (2007, p. 53), que explica que, atualmente, no Brasil, “muitos surdos são considerados iletrados funcionais”, sendo que a grande maioria não exerce domínio sobre a língua portuguesa.

Pires e Lopes (2007, p. 17) ressaltam que se tem constatado que, mesmo após um tempo de escolaridade, indivíduos surdos brasileiros continuam

“apresentando textos escritos com estruturas sintáticas desviantes da gramática da língua portuguesa”. Os motivos apontados são diversos: ineficiência das metodologias de ensino sistemáticas e repetitivas, às quais muitas crianças surdas são submetidas; falta de comunicação no âmbito familiar, o que prejudica o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança; exercícios e procedimentos mecânicos e descontextualizados, que dificultam a percepção das diferenças entre escrita e fala (GUARINELLO, 2007). No Brasil, a abordagem educacional oralista ainda detém grande força (SÁ, 2006). Maurício relata sua experiência em relação ao português escrito:

Quando eu comecei com a Libras, antes era só a oralidade, e eu sentia muita dificuldade com o português escrito. **Depois que eu comecei a usar Libras o meu português melhorou.** (Mauricio Santos, surdo, 37 anos, grifo da autora).

Eu, por exemplo, aprendi a língua de sinais com certo atraso, eu fui aprender aos 17 anos [...] Eu preferia ter aprendido antes, [d]isso eu senti falta; quanto mais cedo a criança tem essa aquisição da língua de sinais é mais rápido o desenvolvimento dela. (Éden, surdo, 34 anos).

Para Guarinello (2007), a dificuldade de pessoas surdas em perceberem o sentido da escrita como segunda língua justifica-se principalmente pelo emprego sistematizado de metodologias de ensino tradicionais, que não constituem, para sujeitos surdos, práticas linguísticas significativas e, na maior parte dos casos, exclui a língua de sinais. De acordo com Pires e Lopes (2007), no Brasil, a educação bilíngue efetiva é dificultada pela presença de um professor normalmente monolíngue e que será, talvez, intermediado por um(a) tradutor(a) e intérprete de sinais. As autoras explicam ainda que quanto mais cedo a pessoa surda for exposta a sua primeira língua e ao português, melhor seu desenvolvimento da gramática do português escrito. No entanto, somente isto não seria suficiente para resolver as questões que envolvem o ensino de surdos (as) no Brasil, uma vez que o bilinguismo é uma proposta recente no país, e as pesquisas ainda são insuficientes acerca desta temática. Além disso, afirma Guarinello (2007), existem alguns projetos em fase de implementação, mas seus resultados ainda não são conhecidos.

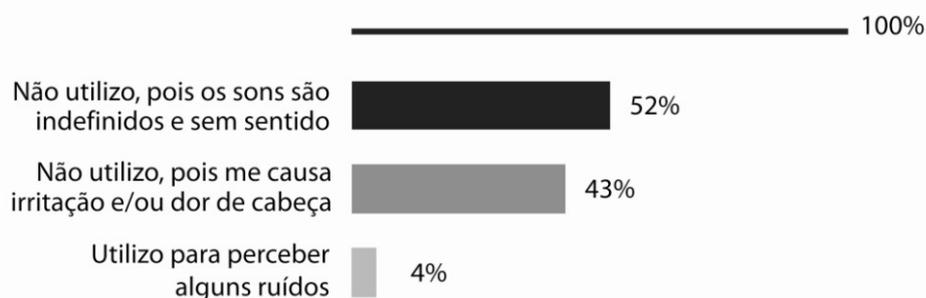
Para Sá (2006, p. 323), não é que “a habilitação fonológica, em termos de oralização, não possa ser uma parte a ser somada, mas certamente não é a básica necessária”.

A respeito da produção escrita de pessoas surdas, Capovilla e Raphael (2008) afirmam que a língua escrita de sinais pode vir a ser tão importante para História dos Surdos quanto a modalidade escrita das línguas orais são para ouvintes, uma vez que possibilitaria o desenvolvimento linguístico pleno dos sujeitos surdos, além da construção de conhecimento a partir de sua primeira língua. Compartilhando postura semelhante, para Stumpf (2005, p. 266), o SignWriting, além de satisfazer critérios que o configuram como sistema de escrita, se apresentaria para a criança surda como “visualmente fonético”, em concordância com suas potencialidades, capaz de auxiliar efetivamente na construção de níveis mais elevados de conhecimento. Conteúdos educacionais, por exemplo, poderiam ser melhor apreendidos pela pessoa surda, se este conhecimento estivesse na escrita de sinais, considerando-se que, para sujeitos surdos, o português é uma segunda língua (FREITAS, 2009). Além disso, trata-se esta de uma língua oral-auditiva, à qual o surdo tem acesso somente à modalidade escrita, tornando esta questão ainda mais complexa. Stumpf (2005) e Freitas (2009) consideram ainda que a utilização do SignWriting teria papel fundamental na emancipação de surdos (as), em relação aos ouvintes, consolidando a língua de sinais.

Discussões e pesquisas acerca da utilização do *SignWriting* ainda são recentes e controversas. No entanto, cabe destacar que estudos correlacionados à surdez devem incluir pesquisadores e participantes surdos (as), a fim de encontrar resultados que tragam, de fato, benefícios à comunidade surda, que historicamente, pouco tem participado de processos de construção de saberes e conhecimentos voltados à surdez.

Embora muitos participantes da pesquisa com questionário pontuem o aparelho auditivo como artefato importante, dentre os entrevistados prevalecem relatos a respeito do desconforto proporcionado pelo seu uso, razão pela qual muitos preferem não utilizá-lo.

SURDOS (AS): QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O APARELHO AUDITIVO?*



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Gráfico 6 - Opinião dos participantes surdos (as) em relação ao aparelho auditivo
 Fonte: Autoria própria.

Dentre as reclamações, inclui-se o incômodo dos ruídos, a indefinição de sons e consequentes dores de cabeça. Josefa conta que gostaria que os filhos usassem o aparelho, mas respeita a decisão que tomaram a respeito:

Eu gostaria que eles usassem, mas eu não consegui. Diziam que não dava certo, reclamavam que fazia ruídos. Talvez, futuramente, a tecnologia crie alguma coisa que se adapte. Agora, o otorrino dela quer que ela faça cirurgia do implante, mas ela não quer nem ouvir falar, ela disse que é uma discriminação. Se ela nasceu surda, ela quer morrer surda. Pra ela, não está faltando nada, porque ela se comunica muito bem. O problema é quando não se comunicam, mas ela se comunica, não quer saber, nem toca mais no assunto. Ele [o otorrino] ainda falou: “é uma pena que ela não quer”; não quer, a gente tem que respeitar. (Josefa, ouvinte, 63 anos, grifo da autora).

Quando eu era pequeno, eu usava aquele aparelho auditivo que vinha com o amplificador para prender na roupa, sabe? **Mas, barulhos altos como o trânsito na rua, pessoas gritando, me davam muita dor de cabeça. Eu ficava nervoso. Aí, eu tirei fora. Prefiro o silêncio.** (Elias, surdo, 35 anos, grifo da autora).

Eu nasci surdo. **Então, não adianta a prótese auditiva, [que] não vai me ajudar em nada, não vai me ajudar a ouvir.** Assim, a voz das pessoas, ela não vai me ajudar a decodificar, ou o som do pássaro, o canto [...]. Quando a pessoa perdeu a audição depois de um tempo, ou é um surdo moderado que tem um resíduo auditivo, sim, é legal usar o aparelho pra treinar, mas tem que ser desde pequeno. Depois de adulto, usar aparelho já não adianta. O surdo escuta o barulho, mas não consegue decodificar, identificar qual é o som. (Éden, surdo, 34 anos, grifo da autora).

O aparelho auditivo me dá muita dor de cabeça, os sons são confusos, dói a cabeça... A pessoa escuta um monte de barulhos sem sentido. Eu não gostava, não me sentia bem, [e] preferi deixar de lado, não uso aparelho. (Márcia, surda, 40 anos).

Dentre os entrevistados, quase sempre o incentivo ao uso do aparelho auditivo procede de familiares ouvintes, e os entrevistados surdos, depois de atingirem certa idade, relatam finalmente sentirem-se à vontade para optar em usá-lo ou não, de acordo com o conforto proporcionado pela prótese. O uso do aparelho auditivo está, muitas vezes, associado à normalização do corpo, ou seja, à tentativa de fazer com que pessoas escutem, o que, no entanto, não acontece no caso de pessoas totalmente surdas. Lopes (2007, p.9) explica que, durante anos, muito tempo se ocupou na produção de tecnologias e tratamentos voltados à surdez como algo a ser corrigido “através de treinamentos orofaciais, protetização, implantes cocleares”, buscando a condição de normalidade a partir da “ciborguização do corpo”. Considera-se que tais tecnologias reforçam perspectivas colonialistas e terapêuticas (SÁ, 2006).

No entanto, há exceções, como no caso de Daiane, que explica que utiliza o aparelho, pois gosta de perceber alguns ruídos, o que não interfere na sua identidade surda:

Na verdade, eu uso o aparelho auditivo no ouvido esquerdo [...] mas, assim, conversa, diálogo entre pessoas, não. Eu uso, sim, pra estar percebendo os ruídos que estão a minha volta. Sobre a voz das pessoas, isso não quero nem saber, não tenho esse acesso. (Daiane, surda, 23 anos).

Quando questionados a respeito de situações em que já sentiram falta de um(a) tradutor(a) e intérprete de Libras, todos os participantes afirmam que costumam sentir a sua falta em diversos locais, sendo comum terem que recorrer a algum familiar ouvinte para intermediar prestações de serviços:

Ah, eu acho difícil! Já tive situações de ir a uma loja, por exemplo, e não conseguir me comunicar. Aí, acabo utilizando papel e caneta, escrevo, aí, a pessoa entende; ficamos trocando papéis. Mas, um curso de língua de sinais é necessário e de intérpretes também [...] Eu trabalho como mecânico na Renault, o meu chefe se comunica comigo por escrita também, e a comunicação é difícil, e não tem nenhum intérprete. É só pelo português escrito e um pouquinho de oralização. [...] Já aconteceu também de não conseguir me comunicar nos correios, e tive que ir buscar minha mãe pra conversar com o atendente. Na hora de pagar a pessoa me deu o troco errado e eu tive que levar minha mãe junto pra conseguir a devolução. (Elias, surdo, 35 anos).

Muitas vezes a acessibilidade esbarra em questões simples como a iluminação, que interfere na comunicação de pessoas surdas, seja pela língua de

sinais ou leitura labial, demonstrando que não apenas produtos e serviços, mas ambientes também precisam ser adequados:

[...] as pessoas têm que se conscientizar é quanto à iluminação. Por exemplo, [...] a Rosani à noite nem sai mais, porque, se vai num barzinho, eles se reúnem num bar, eles não conseguem quase conversar [...] **O visual é tudo pra eles, eles não ouvem, eles têm tudo pela visão, então eles não podem perder os sinais. E a maioria, a maioria não, [em] todos os bares, todos os locais, restaurantes...a iluminação é péssima** [...] Se alguém aqui em Curitiba colocasse um barzinho e colocasse [iluminação] especial para os surdos, ele ia faturar muito. (Iraci, ouvinte, 65 anos).

O apartamento de Rosani é bastante iluminado, e em muitos cômodos a iluminação funciona com um sensor de movimento, o que evita que Rosani tenha que ficar procurando o interruptor (Figura 83).



Figura 83 - Iluminação com sensor de movimento
Fonte: Foto de autoria própria.

Muitos dos entrevistados relataram não possuir campainha luminosa, pois utilizam a movimentação do cachorro para perceber se há alguém no portão ou à porta (Figura 84 e Figura 85).

**SURDOS (AS): COMO FUNCIONA
A CAMPAINHA DA SUA CASA?***



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 84 - Funcionamentos da campainha dos entrevistados surdos (as), de acordo com a frequência com que foram citados

Fonte: Autoria própria.

Na minha, casa não tem campainha luminosa. Quem me ajuda nessa questão é o cachorro. Quando ele vê que tem alguém na rua no portão, o cachorro começa a latir, e eu percebo, vou seguindo ele, e, realmente, tem alguém no portão; é perfeito. (Glauce, surda, 26 anos)



Figura 85 - Washington comandando seu cachorro por sinais

Fonte: Foto de autoria própria.

Embora na casa de Maurício e Rosani exista campainha luminosa (Figura 86), Rosani, que tem o campo visual reduzido, devido a surdocegueira, considera que somente o sinal luminoso já não é mais suficiente. Mesmo para pessoas somente surdas pode haver situações em que não há como perceber os sinais de luz da campainha. Rosani propõe uma solução que utilize recursos vibratórios:

Nos EUA tem um chipzinho que coloca aqui na cintura [...] tocou a campainha, vibra, aqui no Brasil não tem. [...] Pra ele [marido] beleza [...] Ok, agora, no meu caso, preciso de um especial, porque não adianta, pra mim não está mais adiantando a campainha luminosa. [...] Às vezes, você está dormindo profundamente, você não acorda com uma campainha luminosa, [e] seria legal esse aparelhinho aí. (Rosani, surda, 43 anos).

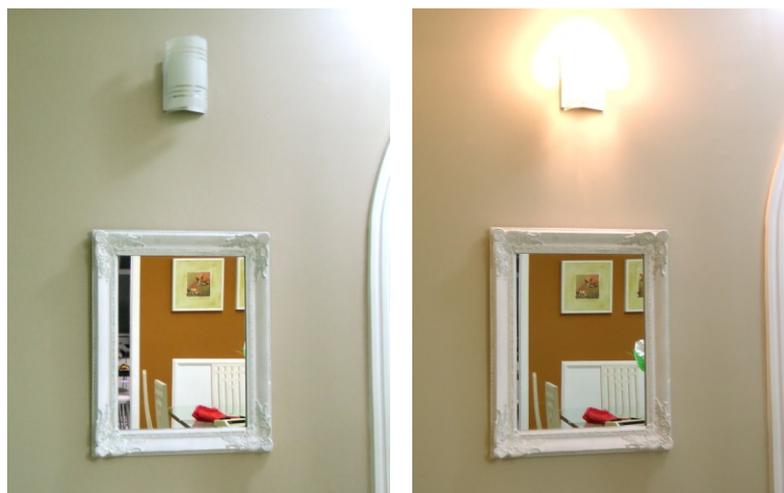


Figura 86 - Campanha luminosa integrada a decoração da casa de Mauricio Santos e Rosani
Fonte: Autoria própria.

Dentre as intervenções realizadas, grande parte refere-se à implementação de campanhas luminosas (Gráfico 7 e Figura 87), sendo que muitos dos entrevistados relataram que há pouca disponibilidade do produto no mercado.

Era bem engraçado até. Eu comprei uma sirene daquelas de carro e liguei na campainha, quando tocava a campainha disparava uma sirene dentro de casa. Então, era engraçado, às vezes assustava, mas funcionava bem. (Mauricio Fernandes, ouvinte, 28 anos).

[...] no interfone do apartamento, quando tocam o interfone, antigamente não tinha essas lâmpadas que ficam piscando quando toca a campainha. Então, eu fiz também uma adaptação. Eu descobri onde que era o relógio e fiz uma adaptação da campainha. Ligamos na lâmpada, e, aí, toda vez que tem visita, que toca o interfone, pisca a luz, e sabemos que tem visita lá embaixo esperando. (Vanessa, surda, 35 anos).

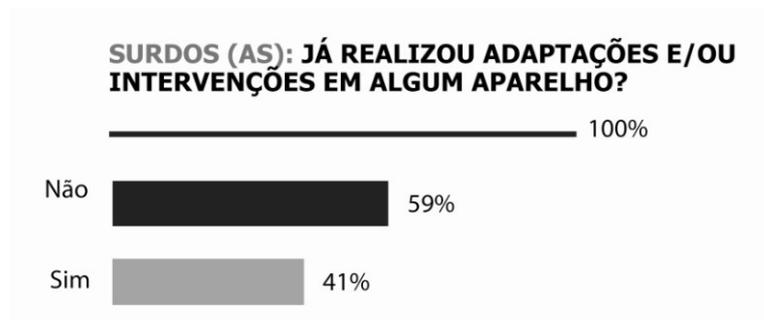


Gráfico 7 - Percentual de surdos (as) que já realizaram intervenções em aparelhos
Fonte: Autoria própria.

SURDOS (AS): ADAPTAÇÕES JÁ REALIZADAS*



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 87 - Aparelhos que já passaram por adaptações, de acordo com a frequência com que foram citados

Fonte: Autoria própria.

Surgiram também sugestões relevantes e experiências bastante particulares como a de Iraci, que conta como o genro resolveu a falta de uma babá eletrônica adequada para o casal de surdos, demonstrando que soluções nem sempre complexas acabam resolvendo problemas relativamente complicados no cotidiano:

Na época em que a Rosani teve um filho, existiam, assim, umas luzes, um aparelhinho que, quando o bebê chora, a luz começa a piscar, mas foi, assim, bastante difícil. [...] Eu tinha uma preocupação muito grande, eu passava quase a noite [toda] sem dormir. [...] Aí, eu comecei a ir na casa deles e dormir, e eu via que o Emanuel chorava, e as luzes acendiam; aquilo parecia uma discoteca no quarto deles. [...] O pai do Emanuel, ele toma Gardenal, aí ele empacota quando vai dormir, [e] pode vir luz, que ele não quer nada. E a Rosani, devido ao problema da visão dela [...], ela não vê. Aí eu vi que não adiantava o Emanuel chorar. Liguei pra São Paulo pra ver se tinha um outro equipamento, liguei pra tudo quanto é lado, [... mas] não conseguimos nada, sabe? E eu muito preocupada. Aí, o Maurício, o pai do Emanuel, nossa, ele disse “Eu vou estudar uma forma.” **E ele pegou aqueles aparelhinhos vibratórios de fazer massagem e ele fez uma adaptação nesse aparelho, sabe? [...] não sei lá como que ele fez, e colocavam debaixo do travesseiro deles, né. Quando o Emanuel chorava, aquilo fazia “brrrrr”, dava assim uma vibração bem forte, e eles pulavam! Nossa, foi um sucesso!** (Iraci, ouvinte, 65 anos, grifo da autora).



Figura 88 - Aparelho de massagem utilizado por Mauricio Lima para adaptar aviso vibratório em babá eletrônica

Fonte: Foto de autoria própria.

Como apontado por Ono (2006, p. 87), “as pessoas têm buscado alternativas de personificação, ainda que por meio de ações próprias, como uma forma de imprimirem nos produtos seus gostos e necessidades próprias; a sua identidade”.

A intervenção e reapropriação de códigos técnicos refletem não só a necessidade de mudanças, mas manifestam interesses e requisitos que muitas vezes são excluídos dos estágios iniciais de concepção de uma inovação tecnológica, artefato ou sistema de produtos e serviços.

No caso dos entrevistados, as alterações demonstram como necessidades recorrentes de pessoas surdas acabam excluídas do desenvolvimento de artefatos cotidianos. Às pessoas surdas, diante das restritas alternativas de produtos que levem em consideração a surdez, a intervenção pessoal acaba sendo uma solução paliativa, que permite o acesso a artefatos como relógios-despertadores, aparelhos musicais, dentre outros. Em relação a possíveis barreiras de comunicação no cotidiano, os ambientes considerados mais complicados pelos entrevistados foram consultórios médicos e hospitais (Figura 89), de maneira que boa parte dos participantes prefere ir acompanhado de algum familiar que possa ajudar explicar o que está sentindo. No entanto, neste caso, a privacidade da consulta médica é prejudicada. Alguns entrevistados relataram que, ao irem sozinhos aos consultórios, a comunicação pelo português escrito nem sempre é possível, pois comumente há dificuldades em compreender a letra do receituário médico.

Já fui várias vezes e o medico na hora da comunicação, as vezes o medico explica muitas palavras técnicas, jargões profissionais de medicina. E

também a letra que tem na receita medica é muito diferente, é uma letra assim ilegível. (Philippe, surdo, 24 anos).

Hospital, no médico é o pior [a comunicação]. Não tem intérprete. Sempre a família tem que ir junto, procura um interprete, tem que pagar o interprete, é complicado. E isso teria que ser responsabilidade do hospital [...] Sobre a saúde como que vai fazer essa discussão com o medico? (Rosani, surda, 43 anos).

Eu tive dificuldade de explicar para o médico aonde estava doendo. O médico perguntava e precisava chamar um intérprete. Daí as vezes o médico pede pra que ele traga um amigo que saiba se comunicar. Eu sozinho é difícil. (Washington, surdo, 24 anos).

O principal pra mim, eu acho que foi o pior que eu não tive intérprete foi no médico, a escrita dele era horrível então eu não consegui entender o que era, o que ele tinha escrito. Então eu acho que médico foi a pior situação pra mim. (Jorge, surdo, 30 anos).

Já fui ao medico sozinho e tive muita dificuldade de me comunicar porque eu não sabia o que ele estava explicando. Tive que ter paciência naquela hora, acabei ignorando, não sabia o que ele falou, fui embora. E eu gostaria que todos os médicos aprendessem sinais pra essa comunicação pra que assim, nós não precisemos ter essa dependência de pai e mãe, a gente possa ir sozinho ao medico. (Majori, surda, 24 anos).

SURDOS (AS): AONDE COSTUMA SENTIR FALTA DE INTÉRPRETE?*



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 89 - Lugares onde participantes surdos (as) costumam sentir falta de intérpretes, de acordo com a frequência com que foram citados

Fonte: Autoria própria.

Chaveiro et al (2009) explicam que é comum haver sentimentos de frustração e insegurança por parte de pacientes surdos, o que acaba por inibir a busca por assistência médica. Os autores apontam, ainda, para consequências mais graves como erros de diagnóstico de doenças e em tratamentos. O português escrito nem sempre é a melhor alternativa de comunicação, mas profissionais que sabem a língua de sinais, ou demonstram esforço em se comunicar, melhoram a qualidade de atendimento (CHAVEIRO et al, 2009).

O guia elaborado pelo Ministério da Saúde, intitulado “A pessoa com deficiência e o sistema único de saúde”, estabelece que “a atenção integral à saúde, destinada à pessoa com deficiência, pressupõe uma assistência específica à sua condição, ou seja, serviços estritamente ligados à sua deficiência, além de assistência a doenças e agravos comuns a qualquer cidadão” (BRASIL, 2007, p. 7). No entanto, o guia parte de uma perspectiva clínica-terapêutica, não mencionando a língua de sinais ou qualquer fator referente à cultura surda, mas definindo a surdez como deficiência, mediante perda auditiva de decibéis, apontando somente procedimentos específicos de reabilitação como o uso de aparelhos auditivos. Embora se compreenda que existem deficientes auditivos que não se identificam com a língua de sinais, é necessário reconhecer que grande parte e de pessoas surdas se comunica desta forma e até mesmo rejeitam tentativas de reestabelecer a audição.

Assim, uma assistência específica adequada incluiria a utilização da língua de sinais durante a consulta médica, seja ela mediante serviço de tradutor(a) e intérprete, ou do conhecimento da língua de sinais pelo próprio profissional, ou, ainda, no caso de surdos oralizados, a comunicação se estabeleceria por meio da leitura labial. Em ambas as situações são necessárias paciência e atenção por parte dos profissionais da saúde, que também podem utilizar recursos visuais como fotografias e ilustrações para facilitar os esclarecimentos.

Outros estabelecimentos também foram citados como de difícil acesso, tais como bancos, hotéis, ônibus – especialmente os de viagem, aeroportos e serviços públicos.

No banco, é muito difícil pra comprar o apartamento, o contrato de aluguel. Tinha que chamar a mãe da Rosani, porque não tinha como, não tinha intérprete. Pra comprar o carro também foi difícil, não tinha uma comunicação, não se estabelecia uma comunicação, não tinha como negociar. (Maurício Santos, surdo, 37 anos).

Fui num curso na cidade, uma cidade, peguei um ônibus pinga-pinga, e o ônibus parava, e eu dormia, acordava. Isso me incomodava, porque eu digitava no celular “onde é essa cidade aqui?”, mostrava pra pessoa ao lado... Legal seria se tivesse uma placa luminosa, informando. É difícil, [estar] só no ônibus. Avião, [é] ótimo. Problema maior [é] dentro do ônibus, [porque] fica chegando em todas as cidades, e você não está localizado onde está. (Mauricio Santos, surdo, 37 anos).

Quando um avião faz escalas, ele para em outros lugares, [e] às vezes você fica assim, “ai, aqui será que é São Paulo, é Fortaleza, onde será que é?” Você não sabe onde o avião parou, tem que perguntar pra alguém do

aeroporto e falar “onde que é esse aqui? Ah, esse é o aeroporto tal, tá certo”. Sempre tem que ficar pedindo pra alguém te indicar, ou você ir pra um outro trecho é muito complicado, [e] eu gostaria que nos aeroportos tivesse, igual tem nos ônibus de Curitiba, os da estação, tudo, um aviso luminoso falando “próximo ponto, próxima parada”, aonde você desce, mas não tem isso. [...] Também, no ônibus, aqueles ônibus de viagem, grandes, quando ele vai dar a ré, ele faz um barulho, ele dá um bip, mas o surdo já não percebe este bip que está alertando pro ônibus dar a ré, [e] pode acontecer algum acidente, algum atropelamento. [Por isso,]precisa ter essa adaptação luminosa. [...] Ah, também o policial lá com o apito, ou o guarda de trânsito quando avisa que vai dar a multa, não tem como o surdo saber [...] Quando chega uma visita aqui [na portaria do prédio], precisa ter algum aviso também luminoso. (Éden, surdo, 34 anos).

Já aconteceu comigo, não só comigo, com outros surdos, que eles foram à prefeitura e não tinha intérprete e precisavam perguntar algumas coisas, tinha uma ficha, um formulário pra responder, e os surdos tinham dificuldade pra falar sobre IPTU, sobre INSS, IOF, o imposto de renda. Aí era preciso, tinha aquele formulário, mas o surdos não sabiam como responder, qual que era o código e como explicar? Precisava de um intérprete pra orientar o surdo. Eu, já comigo, nunca aconteceu isso, nunca tive esse problema. Eu tenho uma facilidade, porque eu conheço bem o português. (Éden, surdo, 34 anos).

Já aconteceu no ônibus de eu querer perguntar em que lugar estávamos, e a pessoa não entendia, [e] aquilo me deixava angustiada, nervosa. Aí, precisava de uma caneta pra escrever, [e] saía pedindo: “por favor, você tem uma caneta pra me emprestar? Por favor, uma caneta”, [e] ninguém tinha uma caneta. Aí, como eu ia me comunicar? É muito complicado. Pro surdo é sempre necessário ter uma caneta e papel no bolso. Aí, no caso de estar no ônibus, precisar indicar um lugar, fazer uma pergunta, pode haver comunicação. (Glauce, surda, 26 anos).

No que tange ao atendimento no comércio, Meira et al (2009) afirmam que a situação de pessoas surdas é até mesmo pior que a de estrangeiros, pois muitas vezes os vendedores se sentem inibidos em atender pessoas surdas, e são comuns problemas relativos a prestação de serviços como bloqueios e desbloqueios de cartões de crédito, serviços de operadoras de celular, dentre outras operações feitas por telefone. Os autores afirmam, ainda, que, para compras que exigem maior interação, pessoas surdas costumam levar amigos e/ou familiares ouvintes para auxiliar no processo de comunicação, o que nem sempre é totalmente favorável, sendo que a situação ideal seria de com intermediação por tradutor(a) e intérprete de sinais. Dentre os entrevistados, é comum o relato de dificuldades em efetuar trocas, reclamações e realizar operações referentes a cartões de débito ou crédito. O telefone celular é citado novamente por alguns participantes, que utilizam o bloco de notas para se comunicar:

[...] Por exemplo, quando eu tô em dúvida sobre algum produto [e] que eu pergunto pra alguém e o vendedor, eu aponto pra ele, e o vendedor, a hora que entende, aí, eu escrevo uma mensagem no celular, digito na parte de texto, e o vendedor entende meu pedido. (Dagoberto, surdo, 54 anos).

Uma vez, eu comprei um produto, um material de impressão. Fui pra casa, instalei, depois começou a apresentar defeito na impressora. Voltei na loja, pedi, falei que estava com problema, com defeito, e ele falou assim: “você precisa ligar pro suporte, suporte técnico”. Aí, eu falei: “mas, como que eu vou ligar pra lá, [se] eu sou surdo”, e ele falou assim: “ não, você procura uma outra pessoa que possa te ajudar”. Aí, eu falei: “tá ok”, [e] fui procurar alguém que estivesse disposto a ligar. Precisava do número do meu CPF, do meu RG, o documento, o comprovante, mas a empresa falou que não aceitava falar com um intermediário, tinha que ser diretamente comigo, porque fui eu o comprador, [e] eu é que deveria falar pelo telefone. Outra coisa que aconteceu, [com] o cartão visa: eu pedi pra trocar o valor do cartão, e disseram assim, que eu precisava desbloquear o cartão e pra eu desbloquear eu tinha que ligar pro banco. Na verdade, não pro banco, [mas] pra Visa. Mas, se eu mesmo ligasse, eles não iam querer aceitar, tinha que ser a minha voz, o meu número, o meu CPF, tinha que ter uma terceira pessoa, e eles falavam assim “não, não é possível”. Como que eu vou fazer pra desbloquear, se eu não posso ligar?”. [E] disseram assim: você tem que ir ao banco, à agência. É muito trabalhoso; tinha que pedir, levar um formulário, comprovar que eu era a pessoa e não um outro, porque eles disseram, assim, que pode acontecer de uma pessoa ligar, enganando que é o proprietário, por isso que eles têm essas medidas; é muito difícil. (Éden, surdo, 34 anos).

Em consultórios médicos e negociações bancárias, a interação é bastante requerida, portanto a presença de tradutor(a) e intérprete de sinais se faz necessária. Em outros estabelecimentos, soluções visuais como painéis luminosos podem auxiliar na comunicação. Zovico (2010e) apresenta uma simples ferramenta (Figura 90) que considerou bastante acessível no atendimento de uma lanchonete da feira-livre central em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul: um aparelho sem fio disponível em cada mesa que se comunica com um painel eletrônico com informações que permitem chamar o garçom e acompanhar a ordem dos atendimentos às mesas.

No dia 29 de dezembro de 2009, eu e um grupo de amigos surdos [...] fomos à feira-livre central na cidade de Campo Grande – MS. Um espaço tradicional na cidade, que recebe um grande número de turistas e também munícipes, funciona no período da noite até de madrugada. Ao chegar em uma das barracas, percebemos uma simples ferramenta que torna o atendimento acessível para os surdos, [com o qual] não é preciso gritar para chamar o garçom, basta apertar o botão de um equipamento sem fio que fica em cima de cada mesa. Ao acioná-lo, aparece o número da mesa que está chamando em um painel eletrônico, [e] o garçom se dirige até a mesa para atender. Além da acessibilidade, é uma boa opção para oferecer um melhor atendimento, [com] mais organização, [e] os clientes não ficam esperando.



Figura 90 - Sistema de atendimento intermediado por painel luminoso

Fonte: Arquivo pessoal de Neivaldo Zovico.

Dificuldades em relação ao trânsito foram recorrentes, sendo que muitos dos entrevistados já estiveram em situações desconfortáveis por não ouvirem o som da ambulância se aproximando, ou alguém que buzina, por exemplo. Grande parte das sugestões dos participantes (Figura 91) concentraram-se em dispositivos para automóveis que pudessem captar o som de sirenes, por exemplo, e transformá-lo em sinais luminosos.

No carro já aconteceu isso comigo, estava eu dirigindo e o sinal ficou verde, eu olhei, percebi que tinha um carro parado e dando ré e eu fiquei assim “ué, por que será que está dando a ré?”, quando fui ver estava vindo uma ambulância e eu tinha me adiantado do carro, quase aconteceu um acidente, quase, então eu pensei, poderia ter um sensor no carro que observasse essas frequências de ambulância, frequência de carro, de viatura que me avisasse que eu já saberia que estaria vindo uma ambulância, eu iria recuar [...] Também, no ônibus, daqueles ônibus de viagem, grandes, quando ele vai dar a ré, ele faz um barulho, ele dá um bip, mas o surdo já não percebe este bip que está alertando pro ônibus dar a ré, e pode acontecer algum acidente, algum atropelamento. Precisa ter essa adaptação luminosa [...] Ah, também, policial lá com o apito, o guarda de trânsito, quando avisa que vai dar a multa, não tem como o surdo saber, depois já foi, não tem nem como ele entrar com recurso, e é assim. (Éden, surdo, 34 anos).

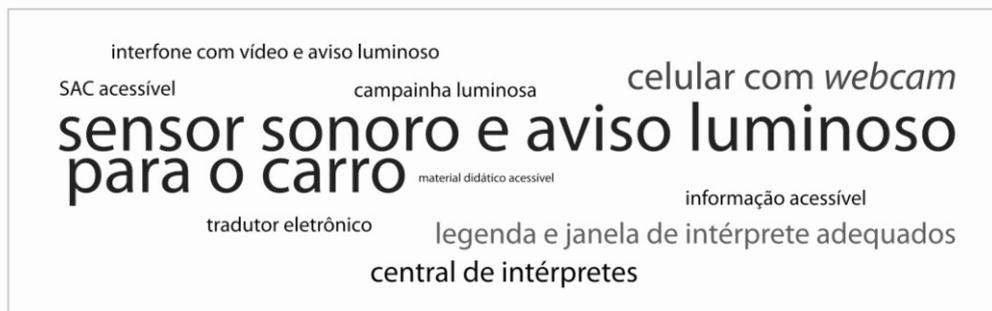
A maioria dos surdos quando estão dirigindo, passa uma ambulância, passa uma sirene, precisava ter um sensor pra avisar. [...] teria que ter essa adaptação, um sinal luminoso “tá vindo uma ambulância, tá vindo uma sirene”, às vezes vem a policia tá chegando perto, todo mundo pára e a gente pára em cima da hora, então tinha que fazer essa adaptação. (Elizanete, surda, 53 anos).

Por exemplo, os surdos precisam inventar uma tecnologia para o carro, já aconteceu comigo de eu estar dirigindo e veio a ambulância, todo mundo desviou, e eu fui pega de surpresa, então precisa ter ou um sensor, ou um aviso luminoso que indique “olha vem uma ambulância. (Majori, surda, 24 anos).

As vezes a pessoa lá atrás está querendo, está querendo desviar, está querendo mudar de faixa e fica buzinando, buzinando, buzinando e berrando com o surdo e o surdo tá lá alheio, sem saber o que acontece.

Então deveria ter um sistema de radar ou algo que indicasse pro surdo. (Philippe, surdo, 24 anos).

SURDOS (AS): SUGESTÕES*



* Foi possível escolher mais de uma opção.

Figura 91 - Principais sugestões de artefatos, de acordo com a frequência com que foram citados

Fonte: A autoria própria.

A respeito de situações envolvendo a segurança dos entrevistados, Washington e Fabiana contam que já houve uma ocasião em que Washington estava sozinho, e um ladrão invadiu a casa, achando que não havia ninguém. Ao jogar uma pedra, que quebrou a janela; Washington não escutou o barulho do vidro se quebrando. Felizmente, o invasor foi embora assim que viu que não estava sozinho. No entanto, Fabiana receia que o incidente possa acontecer outras vezes. Philippe também teme pela sua segurança, em relação à utilização do adesivo que é colado no automóvel para indicar que a pessoa não escuta:

Tem aquele símbolo de surdez pra por no carro, mas eu não gosto. Não é bom, porque o ladrão pode falar assim: “Ópa, esse é carro de surdo, então eu vou roubar!”. Então, é preciso criar uma outra tecnologia. (Philippe, surdo, 24 anos).

Outra sugestão, já citada anteriormente, é a disponibilidade de um aparelho celular que viabilize a comunicação por videoconferência. Nesta, Éden, Elias, Vanessa e Philippe, dentre outros entrevistados, expressaram sua preferência pela comunicação pela Libras, considerando que, pelo português escrito, nem sempre a mensagem fica clara.

Eu gostaria muito que existisse esse telefone [com função de videoconferência] e fosse possível se comunicar por Libras. Ai, haveria essa troca, essa comunicação fluente. É uma tecnologia necessária para os

surdos. No Brasil, ainda não tem, [enquanto que] em outros países isso já existe. Isso precisa ser trazido pro Brasil, [para] que possa ser adquirido. (Elias, surdo, 35 anos).

Elizanete e Dagoberto contam que compraram um aparelho celular com videoconferência para se comunicar, mas ainda precisam ir até a loja para ajustar algumas configurações técnicas, e, por enquanto, estão utilizando somente mensagens de texto.

Os relatos acima propiciam entender alguns fatores importantes a serem considerados no desenvolvimento e uso de sistemas e serviços de comunicação por pessoas surdas. Embora existam alternativas, estas nem sempre são suficientemente adequadas. Recursos visuais e vibratórios, por exemplo, poderiam resolver boa parte dos problemas de acessibilidade enfrentados por pessoas surdas no dia-a-dia.

A participação de surdos (as) e familiares ouvintes foi fundamental e enriquecedor no desenvolvimento e para os resultados da pesquisa, ampliando consideravelmente o entendimento a respeito do contexto social e cultural em questão. Como colocado por Ono (2006, p. 90), é necessário considerar “a herança cultural dos indivíduos e sociedades, suas transformações e inter-relações”, bem como adotar uma postura “aberta às contribuições do mundo, que possam ser absorvidas pelas culturas locais na construção de um caminho próprio”.

O capítulo a seguir sintetiza as principais barreiras identificadas nas entrevistas, bem como propostas potenciais de acessibilidade com base nas sugestões dos participantes e estratégias propostas por autores referenciados na revisão bibliográfica.

5 SUGESTÕES DE MELHORIAS EM SISTEMAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMUNICAÇÃO

A inclusão da língua de sinais e do(a) tradutor(a) e intérprete da língua de sinais se apresentam como possibilidades de se promoverem soluções eficientes, assim como recursos luminosos, visuais, vibratórios e olfativos, que se encontram, em boa parte dos artefatos disponíveis, centrados na audição. Mostram-se também importantes, conforme salientam os relatos dos entrevistados, o treinamento de profissionais que trabalham em estabelecimentos públicos ou privados prestadores de serviços, bem como a ampliação da acessibilidade em escolas e universidades, serviços relacionados à segurança pública e, especialmente, relacionados à saúde.

O Quadro 13 apresenta as 15 principais sugestões de produtos e serviços identificadas nos relatos dos(as) entrevistados(as), em ordem decrescente em relação à frequência com que foram citadas, proporcionando uma ideia geral acerca de necessidades específicas relatadas pelos participantes:

NECESSIDADES E SUGESTÕES DOS(AS) PARTICIPANTES	
1	Disponibilidade em programas televisivos de janela de tradutor(a) e intérprete de Libras e legenda mais adequadas
2	Presença de tradutores(as) intérpretes em consultórios médicos, hospitais, bancos e prestação de serviço público
3	Sensor sonoro e aviso vibratório e/ou luminoso para automóvel
4	Celular com <i>web cam</i> para videoconferência
5	Serviço de atendimento ao consumidos adequado em Libras ou português na modalidade escrita
6	Empresas prestadoras de serviços de tradução / interpretação de Libras
7	Painéis com informações luminosas e de texto em aeroportos, rodoviárias, bancos, ônibus, aviões, dentre outros estabelecimentos
8	Babá eletrônica com aviso vibratório
9	Interfone para apartamento com aviso luminoso e vídeo
10	Disponibilidade de campainha e dispositivos de segurança com aviso luminoso e/ou vibratório
11	Disponibilidade de informações a respeito de diferentes temáticas em Libras
12	Materiais didáticos em Libras
13	Tradutor eletrônico de Libras/Português
14	Melhor iluminação em bares e restaurantes
15	Pacote de mensagens SMS específico para pessoas surdas e familiares que se comunicam entre si exclusivamente por mensagens de texto

Quadro 13 - Principais sugestões de artefatos identificados nos relatos dos(as) entrevistados(as)

Fonte: Autoria própria.

A partir das informações coletadas na pesquisa de campo, entrevistas e revisão bibliográfica, destacando-se estratégias propostas pelo Centro de Design Universal (2002); CASSIM ET AL (2007); ERLANDSON (2008) e PULLIN (2009), sugerem-se algumas possibilidades de promoção de acessibilidade para pessoas surdas (Quadro 14):

SISTEMA/ SERVIÇO	BARREIRAS CITADAS NAS ENTREVISTAS	SUGESTÕES
Aeroportos	<ul style="list-style-type: none"> • Informações orais nem sempre são disponibilizados por outros meios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Treinamento dos funcionários sobre como atender pessoas surdas, conhecimento básico da língua de sinais; • Monitor especial devidamente sinalizado com o símbolo de acessibilidade, com dimensões mais amplas e letras maiores disponibilizando informações.
Automóveis	<ul style="list-style-type: none"> • Não há como saber se pessoas estão buzinando, ou uma ambulância ou carro policial está se aproximando. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensor sonoro e sinalizador de luz para o aviso de sirenes de ambulâncias ou carros da polícia, por exemplo; • Divulgação mediante folders informativos ou anúncios na televisão sobre o símbolo internacional da surdez; • Treinamento e curso de Libras para profissionais ligados à fiscalização de trânsito; • Sensor sonoro e sinalizador de luz para o aviso do som de buzinas.
Babá eletrônica	<ul style="list-style-type: none"> • Poucas babás eletrônicas possuem sinalizador vibratório. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar sinalizador luminoso e vibratório portátil.
Banheiros públicos	<ul style="list-style-type: none"> • Não é possível saber se o banheiro está ocupado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sinal luminoso externo que indique se o banheiro está ocupado.
Bares, cafés e restaurantes	<ul style="list-style-type: none"> • Má iluminação dos ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de pelo menos uma parte do ambiente bem iluminada para a viabilidade de comunicação entre pessoas surdas, seja por língua de sinais ou leitura labial; • Painéis eletrônicos luminosos; • Cardápio especial com imagens (fixas e/ou móveis), além de descrição (textual e/ou audiovisual), de todos os pratos servidos.

Campainha	<ul style="list-style-type: none"> • Pouca disponibilidade em artefatos 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de instruções sobre como adaptar campainha sonora para o modo luminoso; • Peças que permitam adaptações nas campainhas existentes; • As campainhas de modo geral devem, preferencialmente, informar também a quem está chamando que a campainha está funcionando, através de sinais luminosos, por exemplo.
Dispositivos de segurança	<ul style="list-style-type: none"> • Alarmes de invasão domiciliar e incêndio estritamente sonoros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar sinais visuais, vibratórios e olfativos⁹⁸.
Escolas e universidades	<ul style="list-style-type: none"> • Em algumas situações, pessoas surdas sentem-se isoladas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo e oferta de capacitação em língua de sinais para alunos(as), funcionários docentes e administrativos; • Concursos de ideias para implementação de medidas de acessibilidade; • Seminários e palestras relativos à surdez, que incluam, quando possível, relatos de pessoas surdas; • Ensino de língua de sinais desde o início do ensino fundamental.
Estabelecimentos comerciais	<ul style="list-style-type: none"> • Não há tradutores(as) e intérpretes de Libras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de tradutores(as) e intérpretes de Libras para o atendimento de pessoas surdas; • Treinamento dos funcionários sobre como atender pessoas surdas; • Aulas de Libras; • Possibilidade de acesso ao SAC por mensagem instantânea ou por mensagem celular.

⁹⁸ No Japão, a professora Makoto Imai, em parceria com a Seems, empresa fabricante de perfumes, criou um alarme de incêndio que libera odor de wasabi ao detectar fumaça. Além de ser útil para pessoas surdas e deficientes auditivas, espera-se destiná-lo a idosos(as) e ambientes barulhentos. Outra empresa japonesa chamada *Air Water Safety Service* também desenvolveu um alarme de incêndios que emite odor de raiz forte.

Hotéis	<ul style="list-style-type: none"> • Não há como se comunicar com a recepção diretamente dos dormitórios 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de quarto especial com serviço de atendimento remoto via <i>chat online</i>, relógio despertador vibratório e campainha luminosa.
Hospitais e consultórios médicos	<ul style="list-style-type: none"> • Não há tradutores(as) e intérpretes de Libras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de tradutores(as) e intérpretes de Libras para o atendimento de pessoas surdas; • Capacitação dos funcionários sobre como atender pessoas surdas; • Aulas de Libras; • Implementação de sistema de serviço de intermediação remota por videoconferência.
Manuais de instruções / Bulas de remédios	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em compreender o português escrito claramente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Versão em língua de sinais; • Utilização de imagens (fixas e/ou móveis*) que ilustrem visualmente o uso do produto. <p><i>* Por exemplo, com recursos audiovisuais, fotográficos, de ilustração, "realidade aumentada", dentre outros.</i></p>
Ônibus	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em saber em que ponto a viagem se encontra; • Dificuldade em saber a quantidade de tempo disponível para parada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todos avisos orais devem ser disponibilizados em monitores e/ou visores luminosos.
Palestras / eventos	<ul style="list-style-type: none"> • Comumente, não há tradutores(as) e intérpretes de Libras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de tradutores(as) e intérpretes sempre que houver surdos (as) inscritos (as)
Relógio despertador vibratório	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade restrita 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de relógios despertadores vibratórios; • Possibilidade de controle de recursos vibratórios e luminoso,s no que diz respeito à intensidade; • Disponibilidade de acessórios que permitam a adaptação de relógios despertadores convencionais.

Serviços de tradutor(a) e intérprete	<ul style="list-style-type: none"> • Inexistência de tradutores(as) e intérpretes em diversos estabelecimentos públicos e privados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empresas prestadoras de serviços de tradução / interpretação de Libras para pessoas físicas e jurídicas, instituições públicas e privadas, que poderiam atuar presencial e remotamente.
Serviço público (prefeitura, delegacia, etc.) /	<ul style="list-style-type: none"> • Não há tradutores(as) e intérpretes de Libras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de tradutor(a) e intérprete de Libras para o atendimento de pessoas surdas; • Treinamento dos funcionários sobre como atender pessoas surdas; • Capacitação em Libras; • Implementação de sistema de serviço de intermediação remota por videoconferência.
Táxi	<ul style="list-style-type: none"> • Há somente a possibilidade de chamadas orais para pedido de táxi. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de pedido de táxi por SMS, <i>e-mail</i> ou <i>chat</i>.
Telefone celular	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em compreender o português escrito claramente. • Visor e teclas pequenos; • Inexistência de planos especiais 	<ul style="list-style-type: none"> • Visores e teclas maiores para facilitar o uso do serviço de mensagens; • Sinal luminoso emitido das teclas quando pressionadas; • Sinal vibratório e luminoso de recebimento de SMS contínuo, assim como funcionam as chamadas sonoras; • Aprimoramento de recursos vibratórios, permitindo que o usuário possa controlar a intensidade de vibração, de acordo com a sua necessidade; • Pacote de mensagens de texto para pessoas surdas com valores reduzidos; • Possibilidade de acesso ao SAC por mensagem instantânea, <i>e-mail</i> ou SMS; • Compatibilidade com uso de aparelhos auditivos; • Políticas públicas que subsidiem o serviço de videoconferência.

Televisão	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em compreender o português escrito claramente; • Indisponibilidade de legendas ocultas em boa parte da programação e inadequação das legendas existentes; • Indisponibilidade da janela com tradutor(a) e intérprete de Libras e inadequação das existentes; • Necessidade de tradutores(as) e intérpretes locais (devido as variações regionais da língua de sinais). 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilidade de legendas ocultas e janela com tradutor(a) e intérprete de Libras em toda programação possível; • Disponibilidade de legendas ocultas e janela com tradutor(a) e intérprete de Libras em informativos publicitário e políticos; • Disponibilidade de janelas com tradutor(a) e intérprete de Libras com profissionais locais da região para qual o programa está sendo transmitido; • Disponibilidade de tradutor(a) e intérprete de Libras junto ao apresentador de telejornal; • A elaboração das legendas deve considerar a dificuldade de parte significativa de pessoas surdas em compreender o português claramente; • Opção de aumentar ou diminuir a legenda.
-----------	---	--

Quadro 14 - Sugestões de acessibilidade para produtos e serviços voltados a pessoas surdas⁹⁹

Fonte: Autoria própria.

Destaca-se que as propostas de acessibilidade apresentadas no Quadro 14 não foram avaliadas em termos de aplicabilidade e usabilidade, considerando a limitação de tempo do Mestrado.

O telefone celular se apresenta como possibilidade de integrar alguns dos sistemas propostos acima. Por exemplo, se o aparelho celular tivesse um sensor sonoro capaz de identificar diferentes sons como os de buzina, campainha ou sirene de ambulância, poderia disparar um alerta vibratório associado à mensagem luminosa ou de texto, informando o som identificado. Considerando a alta frequência com que foi citado pelos participantes, confirma-se como artefato de grande relevância no cotidiano de pessoas surdas.

⁹⁹ É importante que os produtos e serviços listados acima estejam devidamente sinalizados com o símbolo internacional da surdez, conforme a norma 9050 da ABNT, referenciada no subcapítulo 3.4.1 (p. 135).

Materiais didáticos desenvolvidos especificamente para pessoas surdas, para quaisquer disciplinas, são de extrema importância, considerando que elas se apropriam do conhecimento sobretudo pelo canal visual, mediante a língua de sinais e recursos visuais.

Considera-se que nem todas as estratégias de acessibilidade são simples de implementar, motivo pelo qual políticas públicas que subsidiem parte dos serviços, assim como já acontece no caso dos telefones públicos para surdos, são, em muitos casos, imprescindíveis para que tais medidas tornem-se viáveis. Ao mesmo tempo, é importante que empresas, estabelecimentos públicos, condomínios residenciais e, principalmente, hospitais e consultórios médicos também se responsabilizem por questões relativas à acessibilidade.

É, portanto, de grande relevância, o apoio e incentivo do governo na formação de tradutores(as) e intérpretes de Libras, ainda em número insuficiente para atender a atual demanda, que deve crescer com a inclusão gradativa de pessoas surdas em escolas, universidades e mercado de trabalho.

Cabe lembrar que tais transformações precisam estar acompanhadas de mudanças a respeito de como as pessoas ouvintes, familiares ou não de pessoas surdas, percebem a surdez. Para tanto, políticas públicas que garantam, por exemplo, aos pais de crianças surdas um determinado tempo livre do trabalho para dedicarem-se ao estudo da língua de sinais, podem funcionar como forma de apoio e incentivo. O ensino da Libras e, conseqüentemente, de aspectos referentes à cultura surda, poderia ser inserido no currículo do ensino fundamental, de maneira que as pessoas passassem a conhecer a língua de sinais desde cedo, o que, a longo prazo, poderia, inclusive, aumentar consideravelmente o número pessoas interessadas na profissão de tradutor(a) e intérprete de sinais¹⁰⁰.

É importante também que os meios de comunicação estejam bem informados ao tratar de temáticas relativas à surdez, de forma a não reforçar conceitos ouvintistas e etnocêntricos, não apenas em relação a pessoas surdas, mas a qualquer forma de diferença.

Promover acessibilidade e igualdade de direitos é um processo que envolve diversos fatores. Embora a presente dissertação não focalize a inclusão de pessoas

¹⁰⁰ O Projeto de Lei (PLS14/07), elaborado pelo senador Cristovam Buarque prevê a alteração da Lei n. 9.394, de 1996, dispondo sobre a obrigatoriedade do ensino da Libras na educação infantil e no ensino fundamental. O projeto encontra-se em trâmite no senado federal.

surdas especificamente em escolas, universidades ou no mercado de trabalho, ressalta-se que, a partir das informações recolhidas durante a pesquisa, constata-se a importância de que, nos referidos ambientes, seja possível a comunicação entre surdos evitando seu isolamento. A promoção de cursos de língua de sinais e seminários relativos à surdez também podem contribuir para ampliar a receptividade e participação de funcionários (docentes e administrativos) e alunos ouvintes no processo de inclusão, como mencionado por Erlandson (2008). Considera-se que romper “barreiras de mentalidade” é tão importante quanto vencer “barreiras físicas”.

Destaca-se novamente que medidas de acessibilidade podem vir a ser vantajosas para surdos e ouvintes, pois todas as pessoas experienciam diferentes níveis de visão e audição ao longo do dia, dependendo dos contextos em que se encontram, e da vida.

Assim, a língua de sinais pode ser de grande valia também para ouvintes, possibilitando a comunicação à distância, em ambientes barulhentos, no caso de perda auditiva, dentre outras situações cotidianas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar como se desenvolve a interação social de pessoas surdas em seu cotidiano, mediada por sistemas de produtos e serviços de comunicação, identificando possíveis dificuldades / facilidades, intervenções e/ou particularidades de usos.

Considerou-se, em todas as fases da pesquisa, o caráter diverso, complexo e dinâmico das relações e interações sociais, assim como das culturas e identidades dos sujeitos, tendo sido crucial para alcançar os objetivos propostos inicialmente o envolvimento de pessoas surdas, familiares e tradutores(as) e intérpretes da língua de sinais, que contribuíram expressivamente na construção dos resultados da pesquisa.

As narrativas de surdos e familiares foram enriquecedoras na construção do conteúdo da dissertação. Os relatos, especialmente de pessoas surdas, evidenciam as diversas barreiras de acessibilidade existentes no cotidiano, denunciando as muitas lacunas a serem preenchidas, em termos de direitos igualitários e recursos que promovam relações sociais mais justas, acesso satisfatório à informação e à comunicação no cotidiano.

Os familiares ouvintes, ao representarem, em certa medida, a perspectiva ouvinte, em sua comunicação com pessoas surdas, permitiram a identificação de como a percepção e construção social negativa da surdez caracterizam-se, também, como uma enorme barreira na comunicação.

Dentre os familiares ouvintes, manifestaram-se, em diversos momentos das entrevistas da pesquisa de campo, sentimentos de preocupação, insegurança e superproteção, que, aliados à falta de esclarecimentos em relação à surdez, acabam recaindo em escolhas que não raro prejudicam o desenvolvimento de seus filhos (as).

A insegurança dos pais e condutas decorrentes relacionam-se, possivelmente, com a desconfiança quanto à capacidade de autonomia do filho (a). Constata-se, também, que a sociedade, de maneira geral, não está suficientemente preparada para interagir de forma adequada com pessoas surdas. É comum a justificativa entre os familiares de que, embora aceitem a surdez, temem pela não aceitação da sociedade ouvinte.

Acredita-se que essas ideias e condutas negativas a respeito da surdez estão vinculadas, em grande medida, à falta de representações positivas a seu respeito, bem como à falta de conhecimento da sociedade, sobretudo por parte de educadores e profissionais da saúde, comumente os primeiros a orientar pais ouvintes de crianças surdas.

Quando houve a oportunidade de participação de pais na pesquisa de campo, nenhum dos contatados quis se manifestar. Evidenciou-se que, normalmente, são as mães que costumam tomar para si atribuições voltadas à educação e cuidados especiais com os filhos surdos, além do fato de que foram as mães, na maior parte dos depoimentos, que constataram a surdez do (a) filho (a). O motivo pelo qual isto ocorre não foi identificado mais precisamente, uma vez que não era este o objetivo desta pesquisa. Porém, sugerem-se a questões de gênero concernentes à divisão de atribuições e responsabilidades na família, que também dizem respeito a ouvintes, não estando vinculadas especificamente à surdez. Certamente, esta questão mereceria uma pesquisa mais aprofundada para que fossem identificadas razões mais claras a respeito.

Uma vez constatada a surdez em uma família ouvinte, a questão comumente é tratada na perspectiva clínica-terapêutica, orientada por profissionais da fonoaudiologia e clínica geral.

A não consideração de questões culturais referentes à surdez, por parte de profissionais da saúde, parece ser fator de grande influência nas decisões de familiares ouvintes, com consequências, historicamente, graves. Em vista disto, seria de grande relevância que médicos e fonoaudiólogos tomassem consciência de outros fatores inter-relacionados à surdez, que não os biológicos. O guia intitulado “A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde”, do Ministério da Saúde, poderia, por exemplo, incluir informações sobre a língua de sinais, associações como a Feneis, dentre outras.

Não houve a oportunidade, durante a pesquisa, de desenvolvimento de uma investigação comparativa, abordando filhos surdos de pais surdos, filhos surdos de pais ouvintes e pais surdos com filhos ouvintes, o que poderia contribuir para um melhor entendimento acerca da percepção da surdez, comunicação e interação social entre pais (ouvintes e surdos) e filhos (ouvintes e surdos), além de outras relações sociais.

Nos discursos das mães e filhos, o carinho, o apoio e a valorização parecem ser fatores preponderantes para a construção da autoestima e emancipação do sujeito surdo.

Especialmente no caso dos familiares, as entrevistas ocorreram com a presença de mais de um deles como, por exemplo, mãe e filha, marido e esposa, e especificamente no caso do casal Fabiana (ouvinte) e Washington (surdo), Fabiana auxiliou na interpretação e tradução do depoimento de Washington. Desta forma, em algumas ocasiões, um familiar acabava fazendo alusão ao depoimento do outro, da mesma maneira, também foram apresentadas diferentes perspectivas e experiências entre os relatos.

É possível que, a respeito de algumas questões, participantes surdos tenham se sentido mais inibidos na presença de pais ouvintes. Embora estas não tenham sido as condições ideais de entrevista, poucas interferências das outras pessoas presentes durante as entrevistas foram percebidas.

A entrevista semiestruturada e a condução descontraída das perguntas auxiliaram nas situações em que alguns participantes tiveram mais dificuldades de se sentirem à vontade frente à câmera de vídeo, além de permitir maior aprofundamento da temática em questão.

No decorrer da pesquisa, mediante os resultados parciais das entrevistas, percebeu-se que o questionário semiaberto e o protocolo de entrevista semiestruturado poderiam ser melhor formulados, abordando questões mais específicas, que se mostraram relevantes nos depoimentos como, por exemplo, acerca da utilização de diferentes ferramentas de comunicação disponíveis na internet e dispositivos e serviços de segurança.

Alguns ajustes foram realizados a partir das primeiras entrevistas, evitando uma reestruturação maior para não comprometer a interpretação e tabulação dos dados.

Algumas pessoas que foram convidadas a responder o questionário *online* comentaram achá-lo muito extenso, e, de fato, este poderia ser reduzido a questões mais pontuais, o que facilitaria a interpretação dos dados. Por outro lado, a participação foi relativamente grande, o que possivelmente tenha sido motivado pela inserção das questões em Libras.

A presença de tradutor(a) e intérprete de sinais na entrevistas foi fundamental para a expressão de questões mais profundas por parte dos(as)

participantes surdos(as), e os relatos, de maneira geral, aconteceram de forma espontânea, o que se deve, em parte, ao protocolo de entrevistas semiestruturado, que promoveu a interação pesquisadora / pesquisados(as).

As filmagens facilitaram o processo de transcrição das entrevistas, uma vez que as imagens podiam ser consultadas sempre que havia alguma dúvida em relação ao áudio.

Algumas informações foram prestadas de maneira mais informal, em geral, depois que a câmera era desligada, e a conversa se estendia por mais alguns minutos, enquanto imagens dos objetos eram fotografadas.

Pela imprescindibilidade da presença de tradutor(a) e intérprete de sinais, houve certa dificuldade em conciliar as disponibilidades de todos envolvidos na entrevistas. Para viabilizá-las e facilitar o processo, muitas entrevistas foram realizadas em locais de melhor acesso aos participantes e tradutores(as) e intérpretes de Libras, tais como ambientes de trabalho e a sede da Feneis.

Em algumas ocasiões, a presença de ruídos e a iluminação insuficiente dos ambientes prejudicaram a qualidade do som e imagens, mas sem maiores comprometimentos quanto ao conteúdo da pesquisa.

Como foram poucas as ocasiões em que foi possível realizar as entrevistas na casa dos participantes, muitas foram as situações em que a pesquisadora não teve acesso aos artefatos mencionados para que fossem fotografados.

Não foi o objetivo específico desta pesquisa, mas constatou-se, nos relatos, que ainda existem diversas lacunas em relação à inserção escolar, universitária e no mercado de trabalho, provável consequência de um processo ainda recente de promoção da inclusão no Brasil, existindo ainda muitas dúvidas e controvérsias em relação aos procedimentos que lhe seriam adequados, bem como no que tange ao bilinguismo.

Tais questões merecem estudos mais aprofundados para a identificação de possíveis alternativas para melhorias. Considerando-se que cada vez mais pessoas surdas têm se inserido e participado na esfera educacional e de trabalho, cabe lembrar que decisões a respeito desta temática devem ser conduzidas com a participação de pesquisadores(as) e sujeitos surdos, que, a partir de suas próprias experiências, podem auxiliar a propor soluções efetivamente adequadas.

Evidencia-se a importância de se considerar o uso da língua de sinais em todas as fases da pesquisa, desde a revisão bibliográfica até a pesquisa de campo.

Vale ressaltar que as pessoas surdas se mostraram muito receptivas tanto ao questionário bilíngue, quanto às entrevistas auxiliadas pelos tradutores(as) e intérpretes de Libras que participaram da pesquisa.

A revista da Feneis foi de grande relevância para a pesquisa, por constituir uma fonte relevante de informações relativas à comunidade surda, retratando temáticas culturais, políticas, educacionais e pedagógicas, referentes à acessibilidade e inclusão, além de publicidade de produtos e serviços de comunicação para surdos. As reportagens consultadas aproximaram a pesquisadora do contexto de pessoas surdas no Brasil e trouxeram questionamentos pertinentes à pesquisa como, por exemplo, a baixa quantidade de programas televisivos acessíveis e as questões acerca do bilinguismo, inclusão educacional e no mercado de trabalho, assuntos, muitas vezes, tratados de maneira crítica pela revista, sob o ponto de vista de pessoas surdas.

As políticas públicas apresentam-se como imprescindíveis, na medida em que reconhecem social e legalmente as necessidades específicas das pessoas surdas. No entanto, pessoas surdas também precisam estar envolvidas neste processo, para que não haja retrocessos e distorções, a exemplo do sistema inclusivo atual em que, frequentemente, o sujeito surdo se encontra isolado em sala de aula, auxiliado somente pela intermédio do profissional tradutor(a) e intérprete de sinais a partir de metodologias de ensino voltadas para ouvintes. Espera-se que a inclusão proposta pelas leis seja capaz de promover emancipação, bem-estar e qualidade de vida.

A conscientização da sociedade acerca dos direitos das pessoas surdas, da língua de sinais e de fatores culturais da comunidade surda também são importantes, considerando-se que mudanças políticas necessitam estar acompanhadas de transformações de consciências e condutas.

Discursos veiculados a respeito da surdez sob perspectivas oralistas, ouvintistas e clínica-terapêuticas não raro têm reforçado a produção de tecnologias normativas e excludentes, não contemplando satisfatoriamente as necessidades efetivas de pessoas surdas. Foi possível perceber que, historicamente, soluções direcionadas à surdez, em termos de produtos e serviços, têm sido desenvolvidas a partir de certas orientações clínicas que trouxeram graves consequências ao desenvolvimento psicológico, social e cognitivo de diversos sujeitos surdos como por

exemplo, o uso de próteses auditivas, o desaconselhamento em relação ao aprendizado da língua de sinais e a focalização no aprendizado da oralidade.

É urgente que esta postura seja reavaliada e que novos caminhos sejam tomados, respeitando-se a língua de sinais, as identidades, culturas surdas, anseios e necessidades dos sujeitos surdos. Para tanto, um maior aprofundamento e a participação efetiva de pessoas surdas se fazem necessários no processo de desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços de comunicação. Para que ocorram transformações, é necessária a compreensão de fatores culturais e sociais relativos à surdez, ampliando seu entendimento, a partir da perspectiva da diferença, propiciando a reinterpretação do sentido de “normalidade”, comumente disseminado na sociedade.

Embora relativamente difícil, em um primeiro momento, a interação entre surdos e ouvintes é importante para que barreiras sociais sejam rompidas, as relações ampliadas e as experiências enriquecidas. Relações sociais entre pessoas diferentes (valendo lembrar que todas são), como é o caso de surdos e ouvintes, podem levar os sujeitos envolvidos a transcenderem sentidos estereotipados do que é considerado “normal”, a cruzarem fronteiras e a colocarem-se dentro de novas perspectivas.

Pessoas surdas têm se inserido gradativamente em diferentes esferas da vida social, participando e coordenando pesquisas a respeito da surdez, defendendo e lutando para que políticas públicas promovam a igualdade de oportunidades.

A língua de sinais brasileira já é legalmente reconhecida e leis que preveem questões relativas à acessibilidade vem se consolidando. No entanto, ainda existem muitos fatores pendentes, e é importante o envolvimento e a conscientização de familiares, educadores, profissionais da saúde, empresários, dentre outros, que possam contribuir para que avanços do âmbito político se consolidem. Produtos e sistemas de serviços de comunicação tornam-se importantes instrumentos para promoção de acessibilidade e inclusão, integrando a construção do conhecimento, da cultura e das identidades dos indivíduos. E o contato com diferentes pessoas surdas, com diversas experiências e opiniões acerca do tema em questão, salientou a importância do envolvimento dos sujeitos no processo de pesquisa e desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços inclusivos, enriquecendo os resultados apresentados nesta dissertação. As experiências cotidianas relatadas pelos participantes foram imensamente valiosas e trouxeram novas perspectivas e

olhares sobre a surdez e o desenvolvimento de sistemas de produtos e serviços que tenham como objetivo promover acessibilidade.

Os resultados da pesquisa podem contribuir também com empresas e órgãos oficiais que tenham interesse em promover acessibilidade, considerando-se que, mediante a pesquisa de campo, constatou-se que parte expressiva do atendimento em estabelecimentos públicos e privados, meios de comunicação, dentre outros sistemas de produtos e serviços, não se encontram satisfatoriamente acessíveis às pessoas surdas, restringindo-se, em grande parte, ao mundo “ouvinte”.

Pretende-se editar e legendar o material das filmagens para a divulgação dos depoimentos por meio de suportes como DVD e/ou internet, em parceria com a Feneis de Curitiba, objetivando-se a divulgação da língua de sinais, de questões de acessibilidade e comunicação, relações familiares, cultura e identidades surdas, dentre outras, na comunidade surda e ouvinte, em instituições de ensino, empresas, dentre outros estabelecimentos interessados. Para tanto, sempre que possível, foram utilizados equipamentos de iluminação durante as filmagens, tomando o devido cuidado em relação à composição e enquadramento dos planos, prevendo a inserção de legendas. Além disso, ao longo das entrevistas, foi solicitado assinatura do Termo de Livre e Esclarecido (Apêndice D). Todos os entrevistados aceitaram prontamente participar desta ideia, concordando que podem contribuir para alguns esclarecimentos a respeito da surdez.

Não foi possível, em vista da limitação de tempo do Mestrado, avaliar a aplicabilidade e usabilidade das estratégias propostas, sugerindo-se, para tanto, o desenvolvimento de pesquisas mais abrangentes, objetivando investigações mais aprofundadas a respeito das questões discutidas nesta dissertação.

Por mais que existam questões de ordem coletiva interferindo na produção e consumo de sistemas de artefatos e serviços, evidenciam-se, a partir dos discursos dos participantes da pesquisa, as particularidades que envolvem seus usos, a diversidade cultural e linguística, as diferentes experiências dos sujeitos e a necessidade de transformações que promovam relações mais justas e igualitárias.

Recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas similares junto a pessoas inseridas em contextos socioculturais diversos. Propõe-se ainda a busca pela compreensão em maior profundidade de experiências pessoais e particulares dos participantes, além de fatores sociais, identitários, culturais, linguísticos, econômicos

e políticos; o que possibilitaria melhor entendimento acerca da complexidade de fatores que envolvem pessoas e artefatos.

Esta pesquisa reforçou para a autora a importância de inserir diferentes grupos sociais no desenvolvimento de produtos e serviços, de se considerar a diversidade cultural e de identidades, bem como diferentes contextos sociais, propiciando o surgimento de soluções que promovam emancipação e bem-estar dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

AFRICA. Disponível em: <<http://www.africa.com.br/>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papyrus, 1990.

ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE MINAS GERAIS – ASSM. Disponível: <<http://www.asmg.org.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DE PERNAMBUCO – ASP. Disponível em: <<http://www.asspe.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE SÃO PAULO - ASSP. Disponível em: <<http://assp.sur10.net/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAZZO, Walter; LINSINGEN, Irlan Von; TEIXEIRA, Luiz T. V. Os estudos CTS. In **Introdução aos Estudos CTS** (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Espanha: OEI, 2003.

BITTENCOURT; Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. **Desafios da imagem**. Campinas: Papyrus, 1998.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. Lei 8.160, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8160.htm>>. Acesso em: 15 de out. 2010.

BRASIL. Decreto 3.298 de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/d3298.htm>>. Acesso em: 03 maio 2010.

BRASIL. Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=231344>>. Acesso em: 03 maio 2010.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua de Sinais – Libras – e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>>. Acesso em: 03 maio 2010.

BRASIL. Decreto Federal nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas <de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>>. Acesso em: 25 de maio de 2010.

BRASIL. Decreto Federal 5626/2005. Regulamenta a Lei 10.436/2002 que oficializa a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 03 maio 2010.

BRASIL. A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2. ed. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2007.16p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0327_M.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2011.

BRASIL. Lei Federal 12.319/2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 05 dez. 2010.

BRAVA. Disponível em: <<http://www.bravaautonomia.com.br/fonefacil/>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

BURKEY, John M. **Overcoming hearing aids fear: the road to better hearing**. New Jersey: Rutgers University Press, 2003.

CADJEAN, Nancy. **Baby sign language: the illustrated and easy-to-use guide**. Naperville: Sourcebooks, 2007.

CAMPANHA NACIONAL DA SAÚDE AUDITIVA. Disponível em: <http://www.saudeauditiva.org.br/novo_site/>. Acesso em 27 out. 2009.

CAPOVILLA, Fernando Cesar et al. A escrita visual direta de sinais *SignWriting* e seu lugar na educação da criança surda. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo. Volume II: Sinais de M a Z.

CAPOVILLA, Fernando Cesar; SUTTON Valerie. Como ler e escrever os sinais de Libras: a escrita visual direta de sinais *SignWriting*. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue**. São Paulo: EDUSP, 2010. Volume I: Sinais de A a H.

CARVALHO, Marília Gomes. Tecnologia e Sociedade. In: BASTOS, João Augusto S. L. A.; FARACO, Carlos Alberto; CARVALHO, Marília Gomes; QUELUZ, Gilson Leandro (Org.). **Tecnologia & Interação**. Curitiba: CEFET/PR, 1998.

CASSIM, Julia et al. Why inclusive design? In: COLEMAN, Roger et al. **Design for inclusivity: a practical guide to accessible, innovative and user-centered design**. England: Glower, 2007.

CBN EM LIBRAS. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/vezdavoiz/home.htm>. Acesso em: 4 jan. 2011.

CELIA, Luciana dos Santos. Aprendizagem da segunda língua. Experiências vivenciadas em grupo, com adolescentes surdos. In: DANESI, Marlene Canarim. **O admirável mundos dos surdos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CENSO 2010. Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

CENTER FOR UNIVERSAL DESIGN. **Principles of Universal Design**, 2002. Disponível em: <<http://www.ncsu.edu/www/ncsu/design/sod5/cud/>>. Acesso em 25 ago. 2010.

CHAVEIRO, Neuma; PORTO, Celmo Celeno; BARBOSA, Maria Alves. Relação do paciente surdo com o médico. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.**, São Paulo, v. 75, n. 1, Fev. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992009000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jan. 2011. Doi: 10.1590/S0034-72992009000100023.

CLARO. Disponível em: www.claro.com.br. Acesso em: 5 jul. 2010.

COELHO, Luiz Antonio L (org). **Conceitos-chave em design**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008.

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/>>. Acesso em: 29 set. 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURDOS – CBS. Disponível em: <<http://www.cbsurdos.org.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

COOPER, Rachel. Design for Social Responsibility Series. In: COLEMAN, Roger et al. **Design for inclusivity**: a practical guide to accessible, innovative and user-centered design. England: Glower, 2007.

CPL – Centro de produção de legendas. Disponível em: <<http://www.cplcc.com.br/>>. Acesso em: 24 maio 2010.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DALEBOUT, Susan. **The Praeger guide to hearing and hearing loss**: assessment, treatment, and prevention. EUA: Praeger Publishers, 2009.

DALCIN, Gladis. Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. In: QUADROS, Ronice Muller. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In: _____. **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEAFNESS IN DISGUISE. Disponível em: <<http://beckerexhibits.wustl.edu/did/index.htm>>. Acesso em: 23 set. 2009.

DENIS, Rafael. Design, cultura material e fetichismo dos objetos. **Revista Arcos**. Design, cultura material e visualidade, v. I, número único, Rio de Janeiro, p. 14-39, out. 1998.

DETRAN-SP. Disponível em: <<http://www.detran.sp.gov.br/surdez/surdez.asp>>. Acesso em: 8 dez. 2010.

DORZIAT, Ana. **Deficiente auditivo e surdo: reflexões sobre as concepções subjacentes ao uso dos termos** (1999). Disponível em: <www.nre.seed.pr.gov.br/londrina/arquivos/.../6encontrogesurdezdeein.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2009.

DREI MARC. Disponível em: <<http://www.dreimarc.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

DUPOR ART. Disponível em: <http://www.deafart.org/Biographies/Susan_Dupor/susan_dupor.html>. Acesso em: 25 out. 2010.

ECS - Escola para crianças surdas de Rio Branco. **Casa adaptada ao bebê surdo e seus familiares**. Disponível em: <<http://www.ecs.org.br/site/default.aspx>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

EDGAR, Andrew e SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z**. São Paulo: Contexto, 2003.

Enciclopédia Barsa. **Volume 14: Rosas, Guerra das/Tcherepnin**. Rio de Janeiro – São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil, 1995.

ERLANDSON, Rober F. **Universal and accessible design for products, services, and processes**. USA: CRC, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Ed. *online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<http://www.autenticaeditora.com.br/autentica/41>> Acesso em: 30 dez. 2010.

FANDI MENG DESIGN. Disponível em: <<http://www.fandimeng.com/neirong/work1.html>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEENBERG, Andrew. Technology and freedom. In: **Alternative modernity**. the technical turn in philosophy and social theory. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

FELIPE, Tanya A. e MONTEIRO, Myrna S. **Libras em contexto**. Livro do Professor/instrutor - Curso Básico. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2001.

Feneis – FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/revistafeneis.asp>. Acesso em: 18 abr. 2009

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Integração social & surdez**. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FREITAS, Luiz Carlos Barros de. **A internet e a educação a distância dos surdos no Brasil**: uma experiência de integração em um meio excludente. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio), Rio de Janeiro, 2009.

GAGF. Disponível em: <<http://www.graphicartistsguild.org/resources/disability-access-symbols/>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

GEEMARC. CL8200. Disponível em: <<http://www.geemarc.com/eng/product/prodspec.asp?id=222>>. Acesso em: 31 jul. 2010.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

GIL, Marta (coord.). **O que as empresas podem fazer pela inclusão das pessoas com deficiência**. São Paulo : Instituto Ethos, 2002.

GREGORY, Susan. **Deaf children and their families**. Great Britain: Cambridge University Press, 1995.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Ed. Plexus, 2007.

GUEDES, R. de M.; SOUZA, R. R. Navegando entre nuvens de etiquetas: uma proposta de utilização da tag cloud em catálogos eletrônicos de bibliotecas. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 2-13, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3186/2334>>. Acesso em: 18 fev. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. por Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HEARING AID MUSEUM. Disponível em: <<http://www.hearingaidmuseum.com>>. Acesso em: 23 set. 2009.

HEAR THE WORLD. Disponível em: <<http://www.hear-the-world.com>> Acesso em: 25 out. 2010.

HERSH, Marion A. et al. **Assistive Technology Hearing-impaired, Deaf and Deafblind**. London: Springer-Verlag, 2003.

HESKETT, John. **Design**. São Paulo: Ática, 2008.

HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **Cinderal surda**. 2. Ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2010.

INEP. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 14 maio 2010.

JADE FILMS AND ENTERTAINMENT. Disponível em: <<http://www.jadefilm.com/vmpcampaign/musicaccessibility.html>>. Acesso em: 28 set. 2009.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomas Tadeu (org.), **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autentica, 2004.

JONES, Lesley; PULLEN, Gloria. Cultural differences: Deaf and hearing researchers working together. In: **Disability, handicap and society**, vol. 7, n. 2, pp. 189 – 196, mar. 1992 .

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. In: **Literatura, letramento e práticas educacionais**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

KASPER, C. P. **Aspectos do desvio de função**. Campinas, outubro de 2004. Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/cteme/Pierre_ATP.pdf>. Acesso em: 10 out. 2008.

KASPER, C. P. O uso como invenção. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN**. 4. 2007, Rio de Janeiro. Anais . Brasil: ANPED, 2007. 1 CD-ROM.

KOJIMA, Catarina Kiguti; SEGALA, Sueli Ramalho. **Libras: Língua Brasileira de Sinais. A imagem do pensamento (Volume 1)**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

KOLLER. Disponível em: <<http://www.koller.com.br/novosite/produtos-para-surdos.html>>. Acesso em: 15 set 2009.

KRIPPENDORFF, Klaus. On the Essential Contexts of Artifacts or on the Proposition that “Design Is Making Sense (of Things)”. In: MARGOLIN, Victor; BUCHANAN, Richard (org.). **The idea of design: a design issues reader**. Cambridge: The MIT Press, 1996

KRUCKEN, Lia. **Design e território**. Valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LANE, Harlan. **The wild boy of Aveyron**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude et al. Raça e história. In: **Raça e ciência**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial**: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: E. Blucher, 2001.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MACKENZIE, Donald; WAJCMAN, Judy. Introductory essay and general issues. In: **The social shaping of technology**. Buckingham: Open University Press, 1996.

MARTÍN BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Histórias das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2007.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo**: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Notícias. Brasília: MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1622&catid=216. Acesso em: 02 abr. 2010.

MEDEIROS, N. L.; GIANINI, E.; GOMES, M. J.; BATISTA, W. B. Desenvolvimento de brinquedos pedagógicos para crianças surdas. In: **Anais do 3º Congresso Internacional de Pesquisa em Design**. Rio de Janeiro, 12 a 15 de outubro de 2005.

MEIRA, P., AMARO, L. & ALMEIDA, C. Ouvindo a voz do mercado: O varejo e os clientes portadores de deficiência auditiva. In: **Revista gestão organizacional**, v. 2, n.1, 2009, pp. 77-86. Disponível em: < <http://apps.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/issue/view/63>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

MELLO, Nádia. Qualidade no atendimento bancário ao surdo. **Revista da Feneis**, n. 29, 2006.

MELLO, Nádia. Fiocruz: Além da porta de emprego, a visão do profissional surdo. **Revista da Feneis**, n. 31, 2007.

MODERN MECHANIX. Disponível em: <<http://blog.modernmechanix.com>>. Acesso em: 28 set. 2009.

MOREIRA, Herivelto. Pesquisa educacional: reflexões sobre os paradigmas de pesquisa. In: FINGER, Almeri et al. **Educação: caminhos e perspectivas**. Curitiba: Champagnat, 1995.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em: <<http://beckerexhibits.wustl.edu/did/19thcent/part2.htm>>. Acesso em: 28 set. 2009; <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh-2008-001.htm>>. Acesso em: 12 maio 2010.

MYKLEBUST, Helmer R. **The psychology of deafness**. New York: Grune & Stratton, 1964.

MY SMART HANDS. Disponível em: <http://mysmarthands.com/Site/Baby_Sign_Language.html>. Acesso em: 18 nov. 2010.

NBR-9050 (ABNT). Disponível em: <http://www.mpdft.gov.br/sicorde/abnt.htm>. Acesso em: 23 nov. 2010.

NBR-15599 (ABNT). Disponível em: <http://www.mpdft.gov.br/sicorde/abnt.htm>. Acesso em: 23 nov. 2010.

NC-UFPR. Núcleo de concursos da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://www.nc.ufpr.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

NOKIA ACCESSIBILITY. Disponível em: < <http://www.nokiaaccessibility.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

NOKIA USA. Disponível em: < <http://www.nokiausa.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

OI. Disponível em: <<http://www.oi.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

ONO, Maristela Mitsuko. **Design e cultura**: sintonia essencial. Curitiba: Edição da Autora, 2006.

ONO, Maristela M. Design industrial e diversidade cultural. In: GITAHY, M. L. C.; LIRA, J. T. C. de (Orgs.) **Tempo, cidade e arquitetura**. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007. (Arquiteses, 1)

OROZCO, Guillermo Gómez. Diante da televisão: Entrevista concedida a Girardi Júnior e Sá Martino. **Communicare**: revista de pesquisa / Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero. v. 7, p. 13-18, (2007). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2009.

PADDEN, Carol A., HUMPHRIES, Tom L. **Deaf in America**: voices from a culture. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.

PADDEN, Carol A., HUMPHRIES, Tom L. **Inside deaf culture**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Caleidoscópio e imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. **Desafios da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PERLIN, Gladis. As diferentes identidades surdas. **Revista da Feneis**, n. 23, São Paulo, 2004.

PERLIN, Gládis T. T. Identidades surdas In: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PEN CLUBE PORTUGUÊS. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Disponível em: <<http://penclube.no.sapo.pt/>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

PHISICK MEDICAL ANTIQUES. Disponível em: <<http://www.phisick.com/zent.htm#hearing>>. Acesso em: 23 set. 2009.

PINCH, Trevor; BIJKER, Wiebe. The social construction of facts and artifacts: or how the Sociology of Science and the Sociology of Technology might benefit each other. In: Bijker, Wiebe, Hughes Thomas & Pinch, Trevor (Eds) **The social constructivism of technological systems**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1997.

PIRES, Lilian Coelho; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. A aquisição da flexão em português escrito por sinalizantes surdos: uma reflexão inicial sobre educação bilíngüe. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira. **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

PREECE, Jennifer. **A guide to usability: human factors in computing** . Harlow, England: Addison-Wesley; 1993.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=37216>. Acesso em: 10 maio 2010.

PULLIN, Graham. **Design Meets Disability**. Cambridge: MIT Press, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília : MEC/ SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira. **Bilinguismo dos surdos**: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de et al. **Exame ProLibras**. Florianópolis: 2009a.

QUADROS, Ronice Muller de . **Políticas lingüísticas e bilingüismo na educação de surdos brasileiros**. In: Ana M. Carvalho. (Org.). Lingüística luso-brasileira. 1 ed. Madrid: IBEROAMERICANA EDITORIAL VERVUERT, 2009b, v. 2, p. 215-235

RAMALHO, Sueli. Entrevista concedida no programa "Entrevista Imprevista", em 31 de outubro de 2007. São Paulo: TV Record, 2007. Disponível em: <<http://www.ciartésilencio.com/static.php?page=imprensa>>. Acesso em: 08 maio 2010.

REVISTA DA FENEIS, n. 9, São Paulo, 2001.

REVISTA DA FENEIS, n. 10, São Paulo, 2001.

REVISTA DA FENEIS, n. 14, São Paulo, 2002.

REVISTA DA FENEIS n. 21, São Paulo, 2004

REVISTA DA FENEIS, n. 23, São Paulo, 2004.

REVISTA DA FENEIS, n. 24, São Paulo, 2005.

REVISTA DA FENEIS, n. 25, São Paulo, 2005.

REVISTA DA FENEIS, n. 26, São Paulo, 2005.

REVISTA DA FENEIS, n. 27, São Paulo, 2006.

REVISTA DA FENEIS, n. 28, São Paulo, 2006.

REVISTA DA FENEIS, n. 29, São Paulo, 2006.

REVISTA DA FENEIS, n. 30, São Paulo, 2006.

REVISTA DA FENEIS, n. 31, São Paulo, 2007.

REVISTA DA FENEIS, n. 32, São Paulo, 2007.

REVISTA DA FENEIS, n. 35, São Paulo, 2008.

REVISTA DA FENEIS, n. 36, São Paulo, 2008.

REVISTA REAÇÃO. Disponível em: < <http://www.revistareacao.com.br>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

REVISTA SENTIDOS. Disponível em: <<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=13462&codtipo=1&subcat=46&canal=ligado>>. Acesso em: 16 fev. 2011.

RIBEIRO, Aline. Um mundo para todo mundo. Revista **Istoé**, São Paulo, p. 104-105, jun. 2010.

ROBSON, Gary D. **The closed captioning handbook**. Massachusetts: Focal Press, 2004.

ROCHA, Everardo P. G. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

RYBENÁ. Disponível em: <<http://www.Rybená.org.br>>. Acesso em: 19 set. 2009

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação dos surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das letras; 2010.

SALWAY, Andrew. A corpus-based analysis of audio description. CINTAS, Jorge Diaz; ORERO, Pilar; REMAEL, Aline. **Media for all**. Amsterdam: Rodopi B.V., 2007.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Design e cultura: os artefatos como mediadores de valores e práticas sociais. In: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro (org.). **Design & Cultura**. Curitiba: Editora Sol, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação**. Um vocabulário crítico. Ed. *online*. Belo Horizonte: Autentica, 2000b. Disponível em: <<http://www.autenticaeditora.com.br/autentica/311>> Acesso em: 30 dez. 2010.

SILVA, Ana Maria de Barros. Mais informações sobre Surdocegueira. **Revista da Feneis**, n. 14, abril/jun. 2002.

SILVA, César Augusto da. **Entre a deficiência e a cultura: Análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 2010a. 194 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13102010-144632/en.php>. Acesso em: 10 jan. 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodernir; ROSA, Fabiano. **Rapunzel surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVESTRE, Núria. Educação e aquisição da linguagem oral por parte de alunos surdos. In: ARANTES, Valéria Amorim (org). **Educação de surdos**. São Paulo: Summus, 2007.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOCIEDADE DOS SURDOS DE BELO HORIZONTE (SSBH). Disponível em: <<http://www.ssbh.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

SOCIEDADE DOS SURDOS DO RIO GRANDE DO SUL (SSRS). Disponível: <<http://www.ssrs.org.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Linguísticos da Libras**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting***: língua de sinais no papel e no computador. 2005. 330f. Tese (Doutorado em informática na educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/5429>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

SULP. Disponível em: < <http://sulp-surdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com/>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

TIM. Disponível em: <<http://www.tim.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

TOEG, Peter. Hearing Aids. In: LIM, Kyung-Sun (ed.). **How products are made**. Detroit: Gale Research, 1996.

UNESCO PORTUGAL. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Disponível em: <http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=14> Acesso em: 12 jul. 2010.

VELOSO, Éden; FILHO, Valdeci Maia. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba, 2009.

VEZ DA VOZ. TeleLibras. Disponível em: <<http://www.vezdavoiz.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

VIALE. Disponível em: <http://www.viale.net>. Acesso em: 2 jan. 2011.

VIVO. Disponível em: <<http://www.vivo.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

WHIRPOOL. Disponível em: <http://www.whirlpool.com/content.jsp?sectionId=718>. Acesso em: 25 nov. 2010.

WIDEX. Disponível em:
<<http://campaign.widex.com/flashcampaign/passion/pt/passionSite.html?lang=pt>>.
Acesso em: 10 set. 2009.

WIKLUND, Michael E.. **Usability in practice**: how companies develop user-friendly products . Boston: AP Professional, 1994.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

WINNER, Langdom. Do artifacts have politics? In: MACKENZI, Donald; WAJCMAN, Judy. **The social shaping of technology**. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZOVICO, Neivaldo. Símbolo Internacional de Surdez. Que símbolo é esse? **Revista Reação**, n. 64, set./out. 2008.

XALINGO BRINQUEDOS. Disponível em:
<<http://www.xalingo.com.br/2010/brinquedos/>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

ZOVICO, Neivaldo. Acessibilidade na propaganda eleitoral deixa Surdos insatisfeitos. **Revista Reação**, n. 74, p. 40, maio/jun. 2010a.

ZOVICO, Neivaldo. Lula, Filho do Brasil"...Mas e os Surdos??. **Revista Reação**, n. 76, p. 35, set./out. 2010b.

ZOVICO, Neivaldo. O surdo e a sua comunicação com o mundo. **Revista Reação**, n. 75, p. 30, jul./ago. 2010c.

ZOVICO, Neivaldo. SMS do celular. Para facilitar a comunicação, os surdos preferem mensagens...**Revista Reação**, n. 73, p. 30, mar./abril 2010d.

ZOVICO, Neivaldo. Atendimento visual na lanchonete. 2010e. Disponível em:
<<http://acessibilidadeparasurdos.blogspot.com/2010/02/atendimento-visual-no-lanchonete.html>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

ENTREVISTAS (em ordem cronológica)

ALMEIDA, Éden Veloso. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 27 de maio de 2010. Tradução e interpretação: Ana Paula Almeida.

CASALI, Vanessa. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 15 de dezembro de 2010. Tradução e interpretação: Lindamir Oliveira.

FAGOTTI, Dagoberto Rocha. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 1 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Ana Paula Almeida.

FAVARO, Elizanete. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 1 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Ana Paula Almeida.

FERNANDES, Mauricio. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 8 de setembro de 2010.

FERNANDES, Valéria Maria Lemos. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 8 de setembro de 2010.

FERREIRA, Daiane. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 25 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

GALLUCCI, Elisabeth Coelho de Carvalho. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 29 de setembro de 2010.

GALLUCCI, Majori C. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 29 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Ana Paula Almeida.

GONÇALVES, Glauce Alfredo. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 08 de junho de 2010. Tradução e interpretação: Zorildo Alves Pinheiro.

LEMOS, Maria Florinda. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 8 de setembro de 2010.

MATIAS, Elias França. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 08 de junho de 2010. Tradução e interpretação: Zorildo Alves Pinheiro.

MATIAS, Marcia. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 08 de junho de 2010. Tradução e interpretação: Zorildo Alves Pinheiro.

MORESCO, Francieli Fernanda Huff. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 28 de maio de 2010. Tradução e interpretação: Zorildo Alves Pinheiro.

NASCIMENTO, Fabiana S. dos Santos do. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 26 de setembro de 2010.

NASCIMENTO, Washington Gouvêa do. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 26 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Fabiana S. dos Santos do Nascimento.

OLIVEIRA, Philippe Corrales. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 29 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Ana Paula Almeida.

POLESKI, Josefa. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 10 de junho de 2010.

POLESKI, Jorge Daniel. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 17 de junho de 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

POLESKI, Josiane M. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 17 de junho de 2010. Tradução e interpretação: Michelle Bernardi.

SANTOS, Emanuell Suzin. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 12 de setembro de 2010.

SANTOS, Maurício Lima dos. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 12 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Eva Egevardt.

SANTOS, Rosani Suzin. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 12 de setembro de 2010. Tradução e interpretação: Eva Egevardt.

STROBEL, Ingeborg. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 25 de maio de 2010.

SUZIN, Iraci Elzinha Bampi. Entrevista concedida a Ana Claudia Camila Veiga de França. Curitiba, 14 de maio de 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário

Questionário: para surdos (as) e deficientes auditivos (as)

INSTRUÇÕES:

A) Para que é esta pesquisa?

Olá! Meu nome é Ana Claudia França e minha pesquisa de mestrado, que está sendo realizada no departamento de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), está focalizada na área de surdez e tecnologia.

Sua colaboração é muito importante para identificar as necessidades de surdos (as) e deficientes auditivos (as) no dia-a-dia.

***Em Libras:** <http://www.youtube.com/watch?v=WjMjm8quM2k>

B) Perguntas em Libras:

- Pergunta 1: <http://www.youtube.com/watch?v=x02gKFQtklg>
 Pergunta 2: <http://www.youtube.com/watch?v=zRd0dSquVsk>
 Pergunta 3: <http://www.youtube.com/watch?v=vxyyUWWMGH6Q>
 Pergunta 4: <http://www.youtube.com/watch?v=fBuB5eOggZM>
 Pergunta 5: <http://www.youtube.com/watch?v=pkpjiKO5zks>
 Pergunta 6: <http://www.youtube.com/watch?v=Smi-KAoIVWI>
 Pergunta 7: http://www.youtube.com/watch?v=cdVz0Q7_YpM
 Pergunta 8: <http://www.youtube.com/watch?v=z7USoT5H8fY>
 Pergunta 9: <http://www.youtube.com/watch?v=YZHqhp5DP6o>
 Pergunta 10: <http://www.youtube.com/watch?v=aIqya2xEYJ0>
 Pergunta 11: <http://www.youtube.com/watch?v=6D4aISA9tRk>
 Pergunta 12: <http://www.youtube.com/watch?v=NLb3wsZCwU>
 Pergunta 13: <http://www.youtube.com/watch?v=t0TTINmoqJQ>
 Pergunta 14: <http://www.youtube.com/watch?v=qBtAISfP5sU>
 Pergunta 15: <http://www.youtube.com/watch?v=dgQHch14qEA>
 Pergunta 16: <http://www.youtube.com/watch?v=RHWr0T1KWQw>
 Pergunta 17: <http://www.youtube.com/watch?v=Q1wWjwltruU>
 Pergunta 18: <http://www.youtube.com/watch?v=CeRKYfqU0MA>
 Pergunta 19: <http://www.youtube.com/watch?v=bXOIUumqwQ4>
 Pergunta 20: <http://www.youtube.com/watch?v=VDIzAXuKmbM>
 Pergunta 21: http://www.youtube.com/watch?v=Vw7n_SvHh0U

C) Como enviar minha resposta?

Ao terminar de responder, clique em *SUBMIT*¹⁰¹ e confirme os avisos de segurança (que eventualmente podem aparecer).

***Em Libras:** <http://www.youtube.com/watch?v=pu1YADROR1Y>

D) Problemas?

Caso tenha dificuldades em visualizar este questionário, respondê-lo ou enviá-lo, envie um e-mail para anaclaudia.cvf@gmail.com.

***Em Libras:** <http://www.youtube.com/watch?v=OxaApi8BXtY>

Muito Obrigada!

Mestranda: Ana Claudia França
 Orientadora: Maristela Mitsuko Ono

¹⁰¹ Foi necessário utilizar este termo, pois o serviço online *Google Docs*, utilizado nesta etapa da pesquisa para gerar e enviar o questionário incluindo perguntas abertas, fechadas ou semiabertas; ainda não é disponibilizado em Português, sendo que itens preestabelecidos do questionário como o botão de submissão e envio "Submit" se encontram somente em Inglês.

Agradecimentos especiais à tradutora e intérprete de Libras Eva Egevardt que possibilitou a elaboração deste questionário BILÍNGUE.

1. Nome

2. Cidade

3. Estado

4. Sexo (Obs: Other = outro)¹⁰²

- Feminino
- Masculino
- Other:

5. Idade

- Menos de 18
- 20 a 24 anos
- 25 a 39 anos
- 40 a 59 anos
- 60 anos ou mais

6. Profissão

7. Rendimento mensal (Salário mínimo atual = R\$ 510,00)

- Menos de 1 salário mínimo (menos de R\$510)
- 1 a 2 salários mínimos (R\$510 a R\$1020)
- 2 a 3 salários mínimos (R\$1020 a R\$1530)
- 3 a 5 salários mínimos (R\$1530 a R\$2550)
- 5 a 10 salários mínimos (R\$ 2550 a R\$5100)
- 10 a 20 salários mínimos (R\$5100 a R\$10.200)
- Mais de 20 salários mínimos (mais de R\$10.200)
- Sem rendimento
- Sem declaração

8. Escolaridade

- Analfabeto (a)
- Fundamental Completo
- Fundamental Incompleto
- Médio Completo
- Médio Incompleto
- Graduação Completa
- Graduação Incompleta
- Mestrado Completo
- Mestrado Incompleto
- Doutorado Completo
- Doutorado Incompleto

¹⁰² Foi necessário incluir esta observação, pois o serviço online *Google Docs*, utilizado nesta etapa da pesquisa para gerar e enviar o questionário incluindo perguntas abertas, fechadas ou semiabertas; ainda não é disponibilizado em Português, sendo que itens preestabelecidos do questionário como a opção de resposta “Outro (s)” se encontram somente em Inglês.

9. Você é:

- Surdo (a)
- Surdo (a) / oralizado (a)
- Deiciente auditivo (a)
- Deiciente auditivo (a) / oralizado (a)

10. Estado civil (Obs: Other = outro)

- Solteiro/a
- Casado/a
- Divorciado/a
- Other:

11. Seus familiares são

- Surdos (as)
- Ouvintes
- Surdos (as) e ouvintes
- Other:

12. Mora com:

- Sozinho
- Surdos (as)
- Ouvintes
- Surdos (as) e ouvintes

13. Tem amigos:

- Surdos (as)
- Ouvintes
- Surdos (as) e ouvintes

14. Participa de alguma associação ou grupo de surdos (as) e/ou deficientes auditivos (as)? Você pode escolher uma ou mais opções (Obs: Other = outro)

- Não participo
- Associação dos Surdos de Curitiba (ASC)
- Associação de Pais e Amigos de Surdos (APÁS)
- Confederação Brasileira de Surdos (CBS)
- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis)
- Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)
- Curso de Pós-Graduação em: Libras/Língua portuguesa (Instituto Paranaense de Ensino)
- Graduação Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- Associação dos deficientes auditivos, pais, amigos e usuários de implante coclear (ADAP)
- Associação dos Deficientes Auditivos - Visuais (ADAVIDA)
- Surdos usuários da língua portuguesa (SULP)
- Igreja (s)
- Other:

15. Marque 5 produtos eletrônicos mais importantes para sua vida (Obs: Other = outro)

- DVD player
- Fogão
- Freezer
- Geladeira

- Lava-louças
- Máquina de lavar roupa
- Microondas
- Rádio
- Secadora de roupas
- Telefone
- Televisão
- Televisão com close caption
- Aparelho Auditivo
- Babá eletrônica com aviso luminoso
- Computador com internet
- Relógio despertador vibratório
- TDD
- Telefone Celular
- Batedeira
- Liquidificador
- Sanduicheira
- Aspirador de pó
- Ferro de passar
- Ventilador
- Secador de cabelo
- Other:

16. Costuma ter mais contato com eletrônicos:

- EM CASA. Exemplo: Microondas, televisão, alarme do carro, etc.
- FORA DE CASA. Exemplo: Aeroporto (painel de vôo), banco (painel de senha), Painel do Ônibus, etc.

17. Você utiliza que tipo de transporte na cidade? * (Obs: Other = Outro)

- Ônibus
- Carro particular
- Táxi
- Bicicleta
- Other:

18. Considera algum aparelho eletrônico difícil de usar por falta de elementos visuais (desenhos, avisos luminosos, etc.)

- Sim
- Não

Se sim: Qual(is) e por quê?

19. Já teve que modificar algum eletrônico para facilitar seu uso?

- Sim
- Não

Se sim: Qual(is) e por quê?

20. Já imaginou algum produto / serviço / sistema que gostaria que existisse para facilitar sua vida?

- Sim

- Não

Se sim: Qual(is)?

21. Aceitaria participar de uma entrevista filmada? *

- Sim
- Não

Se sim: Precisaria ou gostaria da presença de um tradutor(a) e intérprete de Libras?

- Sim
- Não

Se aceita participar da entrevista filmada, por favor, deixe seu contato (e-mail ou celular):

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com surdos e surdas

- Por favor, seu nome e sinal.

Perguntas relacionadas à **interação social**

COMUNICAÇÃO E CONVÍVIO DA PESSOA SURDA COM FAMILIARES

- Como foi a comunicação / relacionamento com sua família na infância?
- Você se lembra como era a comunicação entre vocês nos primeiros anos de vida? Se sim: Poderia me contar como era?
- Você sente dificuldades de comunicação com a sua família atualmente? Se sim: Poderia dizer por quê?
- O que considera importante para os familiares ouvintes de uma pessoa surda saber?
- Possui filhos? Surdos (as) e/ou ouvinte(s)? Se sim: poderia explicar como é sua comunicação com eles (as)?

COMUNICAÇÃO E CONVÍVIO DA PESSOA SURDA COM NÃO-FAMILIARES

- Você participa de alguma comunidade surda (igreja, associação, etc.)? Como foi/é sua experiência nessa comunidade surda?

Perguntas relacionadas à **comunicação no cotidiano**

- Qual produto e/ou serviço considera mais importante para sua comunicação no dia-a-dia?
- Como costuma se comunicar com amigos (as) e familiares quando distantes?
- Considera algum aparelho eletrônico difícil de usar por falta de características / funções adequadas ao uso por pessoas surdas? Se sim: Poderia citar qual (ais)? Que características / funções faltam nesse(s) aparelho(s) eletrônico(s)?

INTERVENÇÕES

- Já teve que adaptar / modificar algum aparelho eletrônico para facilitar seu uso? Se sim: Qual(ais) aparelho eletrônico(s)? Que adaptação(ões) foi(ram) feita(s)? (pedir para mostrar, fotografar e filmar, se possível, em uso)

RELÓGIO DESPERTADOR VIBRATÓRIO

- Como costuma despertar de manhã?

CAMPAINHA

- Como funciona a campainha/interfone da sua casa/prédio? Já teve que realizar alguma adaptação / modificação nesse aparelho? Se sim: Qual adaptação / modificação?

TDD

- Você conhece o TDD/TS – telefone para surdos? Se sim: Qual sua opinião sobre esse aparelho ?
- Já usou o 142 – Central Intermediação Surdo Ouvinte ? Se sim: O que achou o atendimento desse serviço ?

APARELHO AUDITIVO

- Qual sua opinião sobre aparelhos auditivos? Tem alguma sugestão para melhoria / modificação

dos aparelhos auditivos?

TRADUTOR(A) E INTÉRPRETE

- Você já se comunicou com outras pessoas com o auxílio de uma pessoa tradutora e intérprete de sinais? Se sim: Qual sua opinião sobre o trabalho do(a) tradutor(a) e intérprete de sinais?
- Em que situações você costuma sentir mais falta da presença de uma pessoa tradutora e intérprete de sinais?

TELEVISÃO

- Você costuma assistir televisão? Se sim: Que programas você assiste?
- Você considera a televisão como meio de comunicação satisfatório para pessoas surdas?
- Prefere programas de televisão com legendas ou janela com tradutor(a) e intérprete de Libras?

CONSUMO

- Como costuma comunicar-se ao fazer compras?
- Já teve algum problema de comunicação ao fazer compras? Se sim: Poderia exemplificar?

TRANSPORTE

- Que meio de transporte costuma utilizar mais? Por qual motivo? Sente dificuldade de comunicação para pessoas surdas nesse tipo de transporte? Se sim: Qual(is) dificuldade(s)?

AMBIENTES EXTERNOS

- Qual a sua opinião sobre a comunicação para pessoas surdas em ambientes públicos como, por exemplo, aeroportos, rodoviárias, bancos, postos de saúde, hospitais, escolas, universidades, lanchonetes, restaurantes, cinemas, etc.?

PREFERÊNCIAS

- Em sua opinião qual o melhor produto / serviço / sistema de comunicação que existe para comunicação dos surdos?
- O que considera mais importante para sua comunicação no dia-a-dia? Por quê?

sugestões

- Já imaginou algum produto / serviço / sistema que poderia facilitar a comunicação das pessoas surdas no dia a dia? Se sim: Poderia explicar como seria?
- Gostaria de comentar / relatar mais alguma coisa?

APÊNDICE C- Roteiro de entrevista para familiares ouvintes

Perguntas introdutórias
<ul style="list-style-type: none"> • Por favor, seu nome e sinal.
Perguntas relacionadas à família
<p>COMUNICAÇÃO E CONVÍVIO DA PESSOA SURDA COM FAMILIARES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você reagiu quando soube que seu (sua) filho (a) / irmão (ã) era surdo (a)? • Como era a comunicação entre vocês nos primeiros anos de vida? • Você enfrentou situações difíceis durante este período da infância de seu filho(a) / irmão(ã), pelo fato dele(a) ser surdo? Se sim: Poderia relatar exemplos dessas situações? • Como é a comunicação entre vocês hoje? • O que considera importante para as pessoas ouvintes da família de uma pessoa surda conhecerem, para conviver melhor com ela? • Como geralmente as pessoas ouvintes e seu(sua) filho(a) / irmão(ã) era surdo(a) se comunicam nas reuniões familiares? • Há parentes seus que saibam se comunicar em Libras? Se sim: Poderia dizer quais?
Perguntas relacionadas à comunicação de pessoas surdas
<ul style="list-style-type: none"> • Existe algum produto/sistema/serviço utilizado para a comunicação? Qual? • Você encontra alguma dificuldade maior no uso desse(s) produto(s)/ sistema(s)/ serviço(s)? Se sim: Poderia relatar qual (is)? • Já houve necessidade de realizar intervenções ou modificações em aparelhos eletroeletrônicos por falta de dispositivos adequados para pessoas surdas (exemplificar se a pessoa tiver dificuldade: avisos luminosos ou elementos visuais)?
sugestões
<ul style="list-style-type: none"> • Já imaginou algum produto / serviço / sistema que gostaria que existisse para facilitar sua vida e de seu (sua) filho (a)/ irmão (ã) surdo(a)? • Em sua opinião, o que falta para melhorar a comunicação dos surdos (as) no dia a dia?

APÊNDICE D - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, voluntariamente e gratuitamente a *Ana Claudia Camila Veiga de França*, CPF 008.521.629-10, residente na Rua Emílio Cornelsen, 570, Bairro Ahú, Curitiba, Paraná, a utilizar a minha voz, imagem e informações transmitidas em entrevistas e visitas realizadas no dia _____ de 2010 em materiais impressos e mídias digitais, de cunho artístico e/ou científico, sem limitação de tempo ou número de utilizações / exibições, podendo licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, seus direitos sobre o mesmo, não cabendo a mim direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Curitiba, _____ de 2010.

Dados do entrevistado:

Nome: _____

Endereço: _____

RG: _____

CPF: _____

E-mail: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE E – Slides da apresentação

Para visualizar os *slides* da apresentação, consulte o CD-ROM em anexo.